



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Mateus Dias Santana

Uma abordagem linguístico-discursiva da junção na escrita infantil

São José do Rio Preto
2022

Mateus Dias Santana

Uma abordagem linguístico-discursiva da junção na escrita infantil

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lúcia Regiane Lopes-Damasio

São José do Rio Preto
2022

S232a Santana, Mateus Dias
Uma abordagem linguístico-discursiva da junção na escrita infantil /
Mateus Dias Santana. -- São José do Rio Preto, 2022
194 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto
de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Lúcia Regiane Lopes-Damasio

1. Letras. 2. Linguística. 3. Heterogeneidade da escrita. 4. Tradição
discursiva. 5. Mecanismos de junção. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Mateus Dias Santana

Uma abordagem linguístico-discursiva da junção na escrita infantil

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Titulares

Prof^a. Dr^a. Lúcia Regiane Lopes-Damasio

UNESP – Câmpus de Assis

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cristiane Carneiro Capristano

UEM – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho

UNESP – Câmpus de Marília

Suplentes

Prof^a. Dr^a. Fernanda Correa Silveira Galli

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Geovana Carina Neris Soncin Santos

UNESP – Câmpus de Marília

São José do Rio Preto

30 de maio de 2022

À minha mãe Celeste e ao meu professor e mestre de vida A. München (*In memoriam*) com quem aprendi le langage de l'amour et de la vie, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Celeste, por ter sido a minha fortaleza nos momentos difíceis, por ter me ensinado a lutar e superar cada obstáculo que a vida me apresentou. Obrigado mãe, por ser a minha grande admiração e por me proporcionar muitos ensinamentos.

Ao meu pai, Edenilson, por nossas conversas, por me incentivar aos estudos desde muito cedo e por ser luz no meu caminho.

À professora Lúcia, minha orientadora e amiga, por quem eu tenho muita honra de ter sido orientando. Obrigado professora, por todos os ensinamentos acadêmicos e de vida, por me inspirar e me fazer apaixonar pela Linguística, especialmente em suas aulas de Aquisição da Linguagem e nas reuniões de orientação.

À minha prima, Thaís, por sempre me escutar, pelas nossas conversas, desabafos, por compartilharmos ideias e por todo apoio desde o período da minha graduação até a finalização do mestrado.

Ao meu namorado, Élisson, por todo apoio, amor e escuta do meu processo acadêmico. Agradeço por ter sido presente em todos os momentos e por compartilharmos projetos de vida. Agradeço também o apoio e o carinho de sua família.

Aos professores Lourenço e Cristiane, pelas preciosas leituras e pelas enriquecedoras contribuições realizadas neste trabalho, que contribuíram também para a minha formação científica. Agradeço imensamente à profa. Cristiane por ter debatido o meu trabalho no SELin e pelas aulas de Aquisição da Escrita na UEM.

Às professoras Fernanda e Geovana, por terem participado deste processo.

À professora e amiga Maria de Fátima, carinhosamente Fah, por ter me apresentado a sua paixão pela Aquisição da Linguagem no Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, em 2016, na UNESP de Assis, que me deixou encantado pela pesquisa em Linguística.

Aos meus amigos e amigas que me acompanharam durante o meu período acadêmico de graduação e/ou pós-graduação: Alain, Amanda, Ana Teresa, Brigitte, Camila López (Mme López), Daniela Callipo (Mme Callipo), Diego, dona Nena, dona Isolda, Gláubia, Grazi, Henrique, Jaque, Joyce, Karina, Larissa, Léo, Letícia, Maria, Mirlene, Norma, Paloma, Simony e Tatiane. Agradeço pelos incentivos, desabafos, tristezas, risadas e felicidades compartilhadas.

Aos professores de Linguística da UNESP de Assis, por ter me ensinado os primeiros passos nos Estudos Linguísticos e por ter me guiado para esse caminhar de pesquisa e aos professores de Linguística da UNESP de Rio Preto, por toda formação acadêmica e científica na área dos Estudos Linguísticos.

Ao IBILCE e à FCL por terem me proporcionado muito aprendizado e conhecimento de forma que mudou a minha visão de mundo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço pelo financiamento da minha pesquisa.

“[...] Je n'ai pas rêvé cet héroïsme. Je l'ai choisi. On est ce qu'on veut”.
Jean-Paul Sartre (1947, p. 90)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo geral realizar uma análise linguístico-discursiva de mecanismos de junção (MJs) na *comparação* entre as tradições discursivas (TDs) *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por sujeitos regularmente matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental II, e é direcionada aos linguistas e aos professores de português. Nesse sentido, se justifica por colaborar com a área dos estudos linguísticos e com a construção de um quadro científico relacionado à escrita infantil, buscando entender a articulação de aspectos gramaticais e textual-discursivos. Fundamenta-se no conceito de escrita constitutivamente heterogênea (CORRÊA, 1997), associado a uma concepção dialógica de texto, a partir do conceito de TDs (KABATEK, 2006), e ao modelo funcionalista de junção (RAIBLE, 2001). O objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (i) descrever e analisar os MJs, em textos pertencentes às TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa; (ii) buscar rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços do oral/falado e letrado/escrito, a partir de relações entre o funcionamento dos MJs e os eixos da gênese da escrita e do código escrito institucionalizado; e (iii) relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs analisadas, numa abordagem desse funcionamento como práticas resultantes da dialogia com já falado/ouvido e escrito/lido (eixo 3). O *corpus* é composto por 26 textos *narrativos* e 26 *argumentativos* e a metodologia apresenta uma análise qualitativo-quantitativa, com levantamento das frequências *token* e *type* (BYBEE, 2003) dos MJs. Os resultados alcançados, conforme o objetivo específico (i), mostraram que a arquitetura paratática prevalece nas duas TDs, apontando o que é fixo nessas tradições, e que as relações de *adição*, *causa*, *tempo posterior* e *contraste* foram as mais frequentes, nos textos analisados. Em relação ao objetivo específico (ii), os sujeitos circulam pelos eixos 1 e 2, com frequência superior, nas duas TDs, para o eixo 1, numa escrita que se constitui a partir do imaginário dos sujeitos sobre o (seu) modo escrito de enunciar, o que se marca, na superfície do texto, com maior repetibilidade, a partir da *justaposição* e *e*, atuando como gestos que apontam para o contexto de enunciação. Ao eixo 2, vinculam-se MJs em forma de paralelismo sintático, dentro de listagem fechada e convencional, e em espaços configurados por maior dependência tático-semântica. Em relação ao objetivo específico (iii), no eixo 3, as TDs complexas narrativa e argumentativa se constituem, composicionalmente, mediante mesclas com diferentes TDs, por meio da dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido. Dessa forma, esta pesquisa ilustra a simultaneidade dos três eixos, tomados em articulação teórico-metodológica com o conceito de TD, à luz da observação dos MJs num enfoque linguístico-discursivo.

Palavras-chave: Heterogeneidade da Escrita. Tradição Discursiva. Junção.

ABSTRACT

This research has the general objective of performing a linguistic-discourse analysis of joining mechanisms (JMs) in the *comparison* between *narrative* and *argumentative* discourse traditions (DTs), produced by subjects regularly enrolled in the 7th grade of Middle School, and is aimed at linguists and Portuguese professors. In this sense, it is justified for collaborating with the area of linguistic studies and with the construction of a scientific framework related to children's writing, seeking to understand the articulation of grammatical and textual-discursive aspects. It is based on the concept of constitutively heterogeneous writing (CORRÊA, 1997), associated with a dialogic conception of text, from the concept of DTs (KABATEK, 2006), and the functionalist model of joining (RAIBLE, 2001). The general objective unfolds in the following specific objectives: (i) to describe and analyze the JMs, in texts belonging to *narrative* and *argumentative* DTs, in the written mode of enunciation, from the semantic relations and the interdependence existing between the component portions of the complex sentence; (ii) to search for traces of the relation between the behavior of the join and the heterogeneity of writing, by means of oral/spoken and literate/written traces, based on relations between the functioning of the JMs and the axes of the genesis of writing and the institutionalized written code; and (iii) to relate the functioning of the JMs to the characteristics of the DTs analyzed, in an approach of this functioning as practices resulting from the dialogic with already spoken/heard and written/read (axis 3). The *corpus* is composed of 26 *narrative* and 26 *argumentative* texts and the methodology presents a qualitative-quantitative analysis, with a survey of *token* and *type* frequencies (BYBEE, 2003) of the JMs. The results achieved, according to specific objective (i), showed that the paratactic architecture prevails in both DTs, pointing out what is fixed in these traditions, and that the relations of *addition*, *cause*, *posterior time* and *contrast* were the most frequent in the texts analyzed. In relation to the specific objective (ii), the subjects circulate through axes 1 and 2, with higher frequency, in both DTs, for axis 1, in a writing that is constituted from the imaginary of the subjects about (their) written way of enunciating, which is marked, on the surface of the text, with greater repeatability, from the *juxtaposition* and *and*, acting as gestures that point to the context of enunciation. To axis 2, MJs are linked in the form of syntactic parallelism, within a closed and conventional list, and in spaces configured by greater tactical-semantic dependence. In relation to specific objective (iii), in axis 3, the narrative and argumentative complex DTs are compositionally constituted by means of blends with different DTs, through the dialog with what is already spoken/heard and written/read. Thus, this research illustrates the simultaneity of the three axes, taken in theoretical-methodological articulation with the concept of DT, in the light of the observation of the JMs in a linguistic-discursive approach.

Keywords: Heterogeneity of Writing. Discursive Tradition. Junction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ESQUEMAS

Esquema 1: Fala e escrita no <i>continuum</i> dos gêneros textuais	33
Esquema 2: Distribuição dos gêneros textuais no <i>continuum</i> fala e escrita	34
Esquema 3: A oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva	35
Esquema 4: Tradição Discursiva	54
Esquema 5: Evocação	57
Esquema 6: Tradição textual e história da língua	65
Esquema 7: Tradição discursiva e gramaticalização	66
Esquema 8: <i>Continua</i> parataxe, hipotaxe e subordinação	76
Esquema 9: <i>Junktion</i> segundo Raible (1992)	78
Esquema 10: Macroestrutura do universo semântico das relações oracionais segundo Kortmann (1997)	81
Esquema 11: Critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção	83
Esquema 12: Cruzamento dos eixos tático e semântico segundo Raible (1992)	99
Esquema 13: Análise dos mecanismos de junção segundo critério bidimensional	99

GRÁFICOS

Gráfico 1: Eixo vertical – arquitetura tática em TDs narrativa e argumentativa	105
Gráfico 2: Eixo horizontal – escala de sentidos nas TDs narrativa e argumentativa	110
Gráfico 3: Trânsitos semânticos na TD narrativa	120
Gráfico 4: Trânsitos semânticos na TD argumentativa	120
Gráfico 5: MJs e os eixos 1 e 2	132
Gráfico 6: MJs e Eixo 1 na TD narrativa	133
Gráfico 7: MJs e Eixo 1 na TD argumentativa	133
Gráfico 8: MJs e Eixo 2 na TD narrativa	145
Gráfico 9: MJs e Eixo 2 na TD argumentativa	145
Gráfico 10: Proposta “Rompimento Amoroso”	157
Gráfico 11: Proposta “Vivências de mal entendido”	162
Gráfico 12: Proposta “Carta argumentativa”	166
Gráfico 13: Proposta “Uma grande conquista”	171
Gráfico 14: Composicionalidade das TDs narrativa e argumentativa	176

QUADROS

Quadro 1: Concepção dicotômica	26
Quadro 2: Características da visão culturalista	28
Quadro 3: Características estanques da visão variacionista	29
Quadro 4: Características da visão interacionista	30
Quadro 5: Distribuição de quatro gêneros textuais segundo o meio de produção e a concepção discursiva	36
Quadro 6: Estrutura geral da linguagem segundo Coseriu (1980)	51
Quadro 7: Modelo de combinação de orações, adaptado de Halliday (1985)	75
Quadro 8: Esquema simplificado do eixo tático – graus de integração	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLG Curso de Linguística Geral

EF Ensino Fundamental

GPEL Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Linguagem”

GR Gramaticalização

GT Gramática Tradicional

MJ Mecanismo de Junção

SMS Serviço de Mensagens Curtas

SN Sintagma Nominal

TD Tradição Discursiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Apresentação: contexto e vínculo	13
1.2 Proposta e objetivos do trabalho	16
1.3 Organização do trabalho	18
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1 CAPÍTULO 1 – HETEROGENEIDADE DA ESCRITA	22
1.1 Primeiras palavras	22
1.2 A relação entre oralidade e letramento e entre fala e escrita	23
1.2.1 Perspectiva da dicotomia radical	25
1.2.2 A perspectiva fenomenológica de caráter culturalista	27
1.2.3 A perspectiva variacionista	28
1.2.4 A perspectiva interacional	30
1.2.4.1 Aspectos relevantes da perspectiva interacionista para a observação da relação entre fala e escrita	32
1.3 A escrita constitutivamente heterogênea	37
1.3.1 Eixos metodológicos	43
1.4 Em suma	46
2 CAPÍTULO 2 – TRADIÇÕES DISCURSIVAS	48
2.1 Primeiras palavras	48
2.2 O conceito de Tradição Discursiva	48
2.3 Repetição e evocação	56
2.4 TD e gênero discursivo	60
2.5 Aplicação dos estudos das TDs	64
2.5.1 TD e gramática histórica	65
2.5.2 TD e aquisição da escrita	67
2.6 Em suma	68
3 CAPÍTULO 3 – MECANISMOS DE JUNÇÃO	70
3.1 Primeiras palavras	70
3.2 A perspectiva funcionalista em paralelo com o modelo da gramática tradicional	71
3.3 Mecanismos de junção sob a perspectiva funcionalista	80
3.4 Mecanismos de junção, tradições discursivas e escrita infantil	83

3.5 Em suma	87
PARTE II – UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	89
1 MATERIAL E METODOLOGIA	90
1.1 Primeiras palavras	90
1.2 Material: o texto escrito e suas condições de produção	90
1.3 Metodologia: um olhar para os dados de escrita	98
PARTE III – APRESENTAÇÃO DA ABORDAGEM E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	102
Apresentação	103
1 CAPÍTULO 1 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS MJs NAS TDs NARRATIVA E ARGUMENTATIVA	104
1.1 Primeiras palavras	104
1.2 MJs e(m) TDs narrativa e argumentativa	104
1.2.1 MJs em trânsitos semânticos	119
1.3 Discussão dos resultados	124
1.4 Sistematização	128
2 CAPÍTULO 2 – MJs E A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA	131
2.1 Primeiras palavras	131
2.2 Relações entre MJs e heterogeneidade da escrita	131
2.2.1 Os MJs e a gênese da escrita	132
2.2.2 Os MJs e o código escrito institucionalizado	144
2.3 Discussão dos resultados	151
2.4 Sistematização	153
3 CAPÍTULO 3 – MJs E AS TDs NARRATIVA E ARGUMENTATIVA	155
3.1 Primeiras palavras	155
3.2 Análise das TDs narrativa e argumentativa: da proposta de produção à composicionalidade dos textos	155
3.3 Discussão dos resultados	175
3.4 Sistematização	180
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	188

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação: contexto e vínculo

Esta pesquisa propõe um estudo comparativo¹ das tradições discursivas (TDs) *narrativa* e *argumentativa* a partir do funcionamento linguístico-discursivo dos mecanismos de junção (MJs), com intuito de descrever e analisar a junção, em textos pertencentes a essas TDs, nos domínios tático, semântico e pragmático-discursivo. Destaca-se, de forma genérica, que o domínio tático refere-se à sintaxe, dividida em parataxe (correspondente à coordenação e à oposição na Gramática Tradicional) e hipotaxe (correspondente às orações relativas não restritivas, orações interligadas por relações circunstanciais e orações de fala reportada na Gramática Tradicional); o semântico refere-se aos significados/sentidos das relações entre orações (adição, alternância, modo, comparação, causa, tempo, condição, contraste e concessão); e o pragmático-discursivo refere-se à observação do contexto enunciativo na análise das TDs narrativa e argumentativa.²

Esta pesquisa é direcionada a todos aqueles que se interessam pela escrita infantil: de um modo específico, interessa aos linguistas, e, de um modo geral, aos professores de língua portuguesa. Busca contribuir com os estudos da área em que se insere, na Linguística, a partir de resultados de descrições e análises do fenômeno da junção, no âmbito da escrita infantil, em contexto de escolarização formal, assim como mediante resultados de descrições e análises das TDs focalizadas, no âmbito da aquisição da escrita. Por fim, busca contribuir com os estudos voltados à construção de um espaço de articulação desses resultados, numa perspectiva linguístico-discursiva, direcionada pelo entendimento da escrita como constitutivamente heterogênea.

Para os professores que não tiveram, em sua formação acadêmica, contato com diferentes perspectivas de abordagem da relação fala e escrita, sobretudo com a possibilidade de entender suas aproximações e afastamentos teórico-metodológicos, este trabalho realiza um panorama geral acerca dessas diferentes perspectivas, numa versão da história proposta por Marcuschi (1997), para que se possa entender o percurso, nele realizado, e a escolha da fundamentação teórica que se firma no entendimento da escrita como constitutivamente heterogênea, de acordo com a proposta de Corrêa (1997).³ Nesse espaço, o presente trabalho

¹ Este trabalho realiza-se no âmbito do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL/CNPq processo 400183/2009-9), coordenado pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon.

² O entendimento teórico e metodológico relativo a cada um desses domínios será explicitado ao longo das Partes I e II desta dissertação.

³ Segundo Feres e Coelho (2021), professores de língua portuguesa apresentam um descompasso entre os conteúdos abordados em sala de aula e o ideal de desenvolvimento de diferentes atividades com textos, pois não

propõe-se a mostrar que há pontos teórico-metodológicos que podem ser revistos, na proposta de Marcuschi (1997), a partir da proposta da escrita constitutivamente heterogênea que busca relacionar o linguístico ao discursivo, de modo que Corrêa (1997) mostrará uma ruptura em relação ao entendimento de escrita daquele autor, descartando a escrita enquanto objeto e apresentando-a na relação sujeito e linguagem, conforme será exposto no Capítulo 1 da Parte I desta dissertação.

Sob esse viés, Cunha e Tavares (2016, p. 13) afirmam que algumas perspectivas linguísticas contemporânea têm se direcionado para a análise de fenômenos que emergem do uso da língua no cotidiano, mas dificilmente os resultados têm chegado ao professor dos níveis fundamental e médio, o que poderia contribuir para que o ensino de língua portuguesa considerasse o funcionamento da língua em situação de comunicação ao invés de reproduzir noções da Gramática Tradicional⁴. Para as autoras, alguns aspectos que a Gramática Tradicional aborda e que precisam ser revistos são: classes de palavras e funções sintáticas são apresentadas uma a uma, ou seja, são isoladas como se não contribuíssem todas concomitantemente para a construção do discurso e não interagissem entre si; os tópicos gramaticais são observados no âmbito de orações isoladas, o que faz com que não se abordem as relações de sentido, de forma não reduzida à oração, mas indo além do todo como um todo.

Diante disso, dois passos importantes a serem seguidos para ajudar o professor e o linguista, conforme Cunha e Tavares (2016), são: (i) um conhecimento amplo para o professor e para o linguista a respeito da estrutura e do funcionamento da língua, em que eles possam entender sobre o seu objeto de estudo, não somente se fundamentando em estudos linguísticos de diferentes perspectivas, porém buscando refletir sobre e observar, por si mesmos, os fenômenos linguísticos do dia a dia – no caso do professor, com intuito de estimular o aluno a também observá-los; e (ii) entender que os aspectos formais, semânticos e discursivos de uma língua precisam ser articulados numa abordagem linguístico-discursiva.

Para tanto, a escolha do conceito de TD fundamenta-se no fato de permitir lidar com diferentes estruturas linguísticas (como, por exemplo, construções textuais, atos de fala, tipos

contaram, em sua formação profissional, com uma fundamentação teórica que os afastasse da dicotomia entre “erro” e “acerto”. De modo geral, esse descompasso é resultado da imposição dos currículos que perpetuam uma prática escolar, repleta de regras, sem espaço para a reflexão sobre a linguagem. Nesse contexto, os autores afirmam que os trabalhos de Marcuschi (2012, 2008, 2004, 2002, dentre outros) se destacam, na Linguística Textual, no Brasil, por apresentarem, para o ensino de língua portuguesa, reflexões que suscitam, até o presente momento, renovação diária do pensamento sobre o que é o texto, seus processos de construção e como ensiná-lo, uma vez que se propõem a relacionar questões discursivas e as conjugar à materialidade linguístico-textual, numa prática fundamentada nas teorias sociointeracionistas.

⁴ Gramática Tradicional se refere “ao conjunto de conceitos e categorias derivados dos estudos gramaticais de tradição greco-latina que, há alguns séculos, geração após geração, vêm sendo transmitidos nas escolas de modo degenerado, fragmentário, dogmático, prescritivo e irrefletido” (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 13-14).

textuais e gêneros discursivos), a fim de respaldar um trabalho voltado tanto à materialidade linguística do texto quanto a questões discursivas. Assim, pretende-se colaborar com a construção de um quadro mais geral, no qual se procura entender a articulação entre aspectos gramaticais e textual-discursivos na escrita infantil, conforme os trabalhos que foram e vem sendo desenvolvidos nessa área (LOPES-DAMASIO, 2019a/b, 2018, 2017, 2014; ALVARES, 2020; BAVARESCO, 2019; TAURA, 2019; RODRIGUES, 2018; SILVA, 2016; BRITO, 2014), em que se busca entender como as TDs se caracterizam em termos de dialogismo, no que diz respeito ao funcionamento dos MJs; como esse funcionamento mostra a circulação dos sujeitos pelas práticas de escrita; e como se dá a mescla entre diferentes TDs.

A escolha da proposta de Corrêa (2008, 2004, 1997), acerca do entendimento da escrita como constitutivamente heterogênea, fundamenta a adoção, nesta pesquisa, dos conceitos de fala e escrita como modos de enunciação, considerando o fato de que a escrita nunca se realiza sem a representação de um outro/leitor/destinatário. A relação entre TD e escrita constitutivamente heterogênea fundamenta-se, por sua vez, na presença do dialogismo em toda a linguagem, conforme será especificado na seção 2.2. *O conceito de Tradição Discursiva* do Capítulo 2 - Parte I. É a partir desse caráter de réplica da linguagem que se busca associar, nesta pesquisa, o conceito de TD, mediante a proposta de Kabatek (2006), e a heterogeneidade da escrita, conforme a proposta de Corrêa (2004, 1997), na linha de outros trabalhos que também se fundamentam no diálogo entre essas teorias (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2011a/b; LOPES-DAMASIO, 2020, 2019a/b, 2017, 2016, 2014; LOPES-DAMASIO; SILVA, 2018) e de acordo com os deslocamentos teóricos necessários a esse fim.

Na linha proposta por Kabatek (2006), a junção é tomada como fenômeno para a apreensão de TDs, numa abordagem quantitativa e qualitativa dos MJs, que conjuga sua distribuição no texto e sua relação morfosintática e semântica. Diante dessa proposta inicial, no espaço teórico fundamentado na articulação entre TD e heterogeneidade da escrita, tais mecanismos passam a ser observados por meio de uma relação entre o linguístico e o discursivo, sendo tomados como *rastros* – identificados diante de seu funcionamento – da circulação do sujeito pela escrita constitutivamente heterogênea (LOPES-DAMASIO, 2019b).

Contudo, a opção pela junção, segundo Longhin-Thomazi (2011b, p. 236), na observação do modo escrito de enunciação, é referente a três fatores fundamentais: (i) os juntores são itens funcionais – significação interna – da gramática da língua, que possivelmente tendem a maiores dificuldades de aquisição do que os itens lexicais; (ii) a junção é um fenômeno que possibilita descobrir as faces morfosintática e semântica dos textos; e (iii) a junção é de importância singular para a compreensão das TDs.

1.2 Proposta e objetivos do trabalho

A presente pesquisa tematiza, no centro da investigação, a relação entre os estudos das TDs e dos MJs, em contexto do modo escrito de enunciação. De forma inédita, propõe um estudo comparativo entre as TDs *narrativa* e *argumentativa*, em textos produzidos por sujeitos do 7º ano do segundo ciclo do Ensino Fundamental II público.

O ineditismo da presente proposta justifica-se em relação às TDs focalizadas, numa abordagem comparativa – resultados de estudos anteriores (cf. LOPES-DAMASIO, 2022, 2020, 2019a/b; ALVARES, 2020; TAURA, 2019; ÁLVARES, 2020; BAVARESCO, 2019; RODRIGUES, 2018; SILVA, 2016) apontam que o escrevente circula por várias TDs antes de inserir-se no modo escrito de enunciação e, desse modo, ter um olhar direcionado para o entendimento das relações entre TDs é essencial para a compreensão acerca dos modos de enunciação desses sujeitos por práticas de escrita. Com isso, a presente pesquisa propõe um estudo comparativo de TDs narrativa e argumentativa, ainda não realizado, de modo a colaborar com a construção de um quadro científico relacionado à escrita infantil, em que se busca entender a articulação de seus aspectos gramaticais e textual-discursivos.

Sob esse tema, propõe-se, portanto, uma análise fundamentada na articulação entre os conceitos de TD – que considera os aspectos do universo textual e das relações entre o sujeito e a linguagem –, heterogeneidade da escrita – que estabelece uma relação dialógica entre fala/escrita, enquanto fatos linguísticos, e oralidade/letramento, enquanto práticas sociais – em correlação com os processos de junção – que concretizam quaisquer técnicas para juntar porções textuais de maneira variável por meio dos domínios tático, semântico e pragmático-discursivo –, na linha de Lopes-Damasio (2020, 2019a/b, 2018, 2017) e Longhin-Thomazi (2011a/b). Assim, a relação entre os conceitos de TD, MJs e escrita constitutivamente heterogênea configura uma abordagem linguístico-discursiva das TDs narrativa e argumentativa no modo de enunciação escrito.

Nessa direção, esta pesquisa está direcionada pelas seguintes perguntas e hipóteses:

Pergunta (1): qual o funcionamento tático-semântico dos MJs nas TDs *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por alunos regularmente matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental II, e de que modo esse funcionamento revela-se sintomático das tradições investigadas?

Hipótese (1): relacionada à possibilidade de os elementos juntivos serem tomados como “sintomáticos” de diferentes TDs (cf. KABATEK, 2008, 2006, 2005, 2004): de acordo com essa hipótese, a noção de constituição de TDs, em contexto de aquisição de TDs do modo

escrito de enunciação, pode ser pautada pelo funcionamento dos MJs, tomados como possíveis índices de TDs e de mescla⁵ de TDs;

Pergunta (2): Quais as relações entre as TDs analisadas e questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento, enquanto fatos linguísticos – fala e escrita – e práticas sociais – oralidade e letramento?

Hipótese (2): relacionada à heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA, 1997; 2004): o escrevente, em seu processo de escrita, circula por um imaginário sobre a escrita em suas diferentes manifestações e variedades. Esse imaginário é particularizado pelas situações específicas e concretas de uso da língua, de acordo com a tradição, e se estende aos diferentes e instáveis modos de conceber a relação escrita/mundo e escrita/fala. Sendo assim, esta hipótese é a de que a circulação do escrevente pelos três eixos que determinam o modo heterogêneo de constituição da escrita (o da gênese da escrita, o do código escrito institucionalizado e o da relação com o já falado/escrito, conforme fundamentação teórica que será apresentada no Capítulo 1 - Parte I desta dissertação) pode indiciar, em intrínseca relação aos MJs empregados, as (mesclas de) TDs;

Pergunta 3: O que os resultados descritivo-analíticos do funcionamento dos MJs podem mostrar acerca dessas tradições (narrativa e argumentativa) em correlação com as relações entre o sujeito e a linguagem a partir da (sua) imagem⁶ do modo escrito de enunciação?

Hipótese 3: relacionada às condições de produção das TDs (LOPES-DAMASIO, 2018, 2019a/b): as condições de produção somam-se às propriedades constitutivas das TDs, como presentes no processo de constituição dos fatos discursivos. Portanto, a terceira hipótese é a de que as condições de produção de TDs distintas são determinantes na circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita e, conseqüentemente, no funcionamento dos elementos juntivos no âmbito textual.

A fim de responder a essas perguntas, direcionadas pelas hipóteses, o objetivo geral da pesquisa é realizar uma análise linguístico-discursiva de MJs no âmbito da *comparação* entre

⁵ Mescla de TD refere-se a uma TD que compõe/constitui outra TD, por isso, denominada TD complexa. Por exemplo, a TD conto de fada constitui-se pela TD “Era uma vez”, caracterizada como uma construção linguística, pela TD diálogo, caracterizada por atos de fala que caracterizam discursos direto e indireto, entre outras possibilidades, conforme o Capítulo 2, seção 2.3., p. 54, em que será realizada a apresentação teórica, mais aprofundada, da composicionalidade das TDs. Aqui, vale destacar que as TDs narrativa e argumentativa, serão focalizadas, neste trabalho, enquanto TDs complexas.

⁶ A imagem do modo escrito de enunciação refere-se à representação social (da escrita), entendida como “noções prefiguradas que, em certa medida, comandam as práticas sociais (e de escrita), mas também como o modo pelo qual essas práticas cunham, não menos concretamente, os seus produtos materiais e simbólicos” (CORRÊA, 2004, p. XIX). Em outras palavras, o imaginário sobre a escrita, conforme Corrêa (2004), é entendido tanto como o produto das imagens socialmente construídas sobre ela, isto é, as representações sociais da escrita, bem como o processo de construção no interior das diferentes práticas sociais.

as TDs *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por sujeitos regularmente matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental II. Esse objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- (1) descrever e analisar os MJs, em textos pertencentes às TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, na perspectiva de Halliday (1985) e Raible (2001);
- (2) buscar rastros⁷ da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços do oral/falado e letrado/escrito, a partir de relações entre o funcionamento dos MJs (cf. resultados do objetivo (1)) e os eixos da gênese da escrita e do código escrito institucionalizado, na perspectiva de Corrêa (1997).
- (3) relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, numa abordagem desse funcionamento como práticas resultantes da dialogia com já falado/ouvido e escrito/lido, a partir de relações com o eixo 3 de Corrêa (1997).

1.3 Organização do trabalho

Este trabalho está organizado em três PARTES, além desta Introdução e das Considerações finais, a saber, PARTE I: Pressupostos teóricos, PARTE II: Universo de investigação e procedimentos metodológicos e PARTE III: Análise e discussão dos dados.

A PARTE I, Pressupostos teóricos, é composta por três Capítulos. No primeiro Capítulo, denominado *Heterogeneidade da Escrita*, apresenta-se a perspectiva de escrita constitutivamente heterogênea, entendida enquanto modo de enunciação, conforme a proposta de Corrêa (2007, 2006, 1997). Nessa direção, antes de apresentar a concepção da heterogeneidade da escrita, é feito um panorama geral das diferentes perspectivas sobre a relação entre fala e escrita, a partir do trabalho de Marcuschi (1997), com a breve exposição das perspectivas da dicotomia radical, fenomenológica de caráter culturalista, variacionista e interacional. A construção desse percurso, voltado ao professor de língua portuguesa, subsidia a discussão de alguns aspectos relevantes para a observação da relação entre fala e escrita, tal como se assume neste trabalho. Esse panorama geral tem por objetivo mostrar o estado do conhecimento científico acerca das relações entre fala e escrita e localizar a proposta de Corrêa (1997). No entanto, vale ressaltar que não há uma ideia de desenvolvimento da proposta de Marcuschi (1997) até chegar à

⁷ Os rastros são entendidos, conforme Lopes-Damasio (2019b), como pistas da circulação dos sujeitos por (sua) imagem de escrita, que se configura, em espaços de junção, a partir da observação linguístico-discursiva da movimentação dos sujeitos.

proposta de Corrêa (1997), pois o último autor traz a discussão da escrita para o campo da relação sujeito/linguagem e faz uma ruptura em relação à concepção de escrita enquanto objeto. Após essa revisão bibliográfica, apresenta-se, com a profundidade necessária, o modo heterogêneo de constituição da escrita, em que os aspectos mais importantes são expostos, numa discussão teórica, baseada em trabalhos de diferentes autores. Em seguida, apresentam-se os três eixos que orientam a circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita, conforme Corrêa (1997).

No Capítulo 2, denominado *Tradições discursivas*, parte-se de uma revisão bibliográfica que leva à conceitualização das TDs, a partir da apresentação: dos postulados de Coseriu (1979), fundamentados em uma perspectiva de língua histórica e concreta, em contraste com os estudos de Saussure (CLG, 1916); da origem do conceito de TD, conforme a proposta de Kabatek (2006); dos traços de repetição e evocação que definem uma TD; da distinção entre TD e gênero discursivo; e, por fim, das aplicações dos estudos de TDs, primeiramente, na gramática histórica, respaldando-se na perspectiva diacrônica, inaugurada por Kabatek (2012, 2008, 2006, 2005, 2004), e, em seguida, nos estudos da escrita infantil, em um recorte sincrônico, inaugurado em trabalhos realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Linguagem” (LOPES-DAMASIO, 2020, 2019a, 2019b, 2018, 2017, 2014; LONGHIN-THOMAZI, 2014, 2011a, 2011b).

No Capítulo 3, denominado *Mecanismos de junção*, apresenta-se a perspectiva funcionalista e sua forma de analisar os MJs, por meio das possibilidades de realização da estrutura sintática e das relações semânticas. Em vista disso, é apresentado um panorama geral das propostas funcionalistas, sempre em contraste com a abordagem tradicional de gramática, no que concerne ao modo como cada uma delas compreende e caracteriza os MJs (BALLY, 1965; HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001; CARVALHO, 2004; LONGHIN-THOMAZI, 2004, 2011a; LOPES-DAMASIO, 2011). Em seguida, são apresentados os processos sintáticos e semânticos relacionados à articulação de orações, de acordo com a perspectiva funcionalista, e o entendimento de junção, conforme Raible (2001). Por fim, apresenta-se a noção de junção em correlação ao paradigma das TDs, retomando a hipótese de Kabatek (2006), de que os MJs são elementos sintomáticos na identificação de TDs, e, em seguida, no âmbito dos estudos da escrita infantil, é realizado um recorte sincrônico, mediante os trabalhos de Longhin-Thomazi (2014, 2011a, 2011b) e Lopes-Damasio (2020, 2019a, 2019b, 2018, 2017, 2016, 2014), em que os MJs são tomados como *rastros* da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciar.

Na PARTE II, *Universo de investigação e procedimentos metodológicos*, são apresentados o *corpus* e a metodologia de análise dos dados. Para a apresentação do *corpus*, são mostradas a organização da coleta do material escrito, as propostas de produção textual que a condicionaram e as referências das ocorrências que foram usadas para identificar os textos analisados. Em relação ao método de análise, apresentam-se as etapas que organizam a conjugação das abordagens quantitativa e qualitativa.

A PARTE III, *Análise e discussão dos resultados*, é composta por três Capítulos: no primeiro Capítulo, *Descrição e análise dos MJs nas TDs narrativa e argumentativa*, apresentam-se os resultados da descrição e análise dos MJs nas TDs focalizadas, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, conforme o objetivo específico (i); no segundo Capítulo, *MJs e heterogeneidade da escrita*, apresentam-se os rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito, conforme o objetivo específico (ii), mostrando, especificamente, os rastros da circulação dos sujeitos por dois eixos – o primeiro, da gênese da escrita, e o segundo, do código escrito institucionalizado – propostos por Corrêa (1997); no terceiro Capítulo, *MJs e as TDs narrativa e argumentativa*, apresenta-se uma análise dessas TDs a partir da proposta de produção textual em relação à composicionalidade das tradições, mostrando especificamente os rastros, representados pelos MJs nos espaços de junção que ocupam, da circulação dos sujeitos pelo terceiro eixo proposto por Corrêa (1997) – o da dialogia com o já falado/ouvido escrito/lido, conforme o objetivo específico (iii).

PARTE I
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1

HETEROGENEIDADE DA ESCRITA

1.1 Primeiras palavras

Neste capítulo, serão discutidos os pressupostos teóricos fundamentais para o escopo desta pesquisa, relacionados à perspectiva adotada acerca da concepção de escrita constitutivamente heterogênea e entendida enquanto modo de enunciação. Respalhando-se nos trabalhos desenvolvidos por Corrêa (2007, 2006, 2004, 1997), o modo heterogêneo de constituição da escrita está fundamentado “na existência sócio-histórica da linguagem, a partir da qual pode-se pensar o cruzamento das práticas orais/faladas e letradas/escritas” (CORRÊA, 1997, p. 404), de modo que pode ser observado por meio de três eixos metodológicos, propostos pelo autor, que orientam a circulação do escrevente.

No que concerne à ideia de competência comunicativa, é interessante reconhecer a relação histórica entre sujeito e linguagem, presente na heterogeneidade das várias culturas e, especialmente, nas suas práticas faladas e/ou escritas. Com esse intuito, e pensando no texto escrito, Corrêa (1997, p. 35) expõe que “é importante que estabeleçamos um consenso a partir da ideia de que o texto varia de acordo com o grau de convivência entre o oral/falado e o letrado/escrito, convivência que se ancora nas representações que o sujeito faz de sua própria prática lingüística”.

No entanto, antes de apresentar a concepção da heterogeneidade da escrita, na seção 2.2, será feito um panorama geral das diferentes perspectivas sobre a relação entre fala e escrita, a partir do trabalho de Marcuschi (1997), denominadas como perspectiva da dicotomia radical, perspectiva fenomenológica de caráter culturalista, perspectiva variacionista e perspectiva interacional, e, também, serão discutidos aspectos relevantes para a observação da relação entre fala e escrita. Por um lado, essas diferentes perspectivas são aquelas que resultam de uma versão da história das relações entre fala e escrita, aquela apresentada sob o olhar teórico de Marcuschi (1997). Por outro, a versão da história aqui apresentada não deve permitir que se entenda uma noção de desenvolvimento entre as perspectivas expostas, até a proposta de Corrêa (1997), já que se trata do resgate de uma ruptura, proposta/realiza por Corrêa, em relação às demais perspectivas. Além de mostrar o estado atual do conhecimento científico acerca das relações entre fala e escrita, esse panorama deve cumprir o objetivo de guiar e localizar o leitor, especialmente o professor de língua portuguesa, nesse quadro geral, de modo a conduzi-lo por aquilo que pode ser reconhecível

como pressupostos teóricos de sua prática docente⁸ até suas relações com a proposta de Corrêa (1997). Essa proposta será discutida, com profundidade, na seção 1.3, em que os aspectos mais importantes sobre a concepção do modo heterogêneo de constituição da escrita serão expostos, numa discussão teórica, baseada em trabalhos de diferentes autores, com o intuito de consubstanciar a apresentação da proposta em que se fundamenta a presente pesquisa. Em seguida, na subseção 1.3.1, serão apresentados os três eixos que orientam a circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita, conforme Corrêa (1997).

1.2 A relação entre oralidade e letramento e entre fala e escrita

Em um ensaio, publicado em 1997, Marcuschi parte da hipótese de que não é possível analisar as relações entre “língua falada e língua escrita”⁹, centrando-se somente no código linguístico. Nessa direção, propõe a distinção entre *oralidade* e *letramento* como práticas sociais e *fala* e *escrita* como modalidades de uso, de modo que observa a primeira a partir da realidade sociocomunicativa e, a segunda, a partir de fatores linguísticos. Desse modo, apresenta também diferentes perspectivas que abordam essa relação e recusa a visão dicotômica¹⁰ e simplista sobre a questão, já que ambas as práticas – orais e letradas –, se relacionam num *continuum* de usos e gêneros textuais (MARCUSCHI, 1997, p. 136).

Segundo Marcuschi (1997), a *oralidade* seria compreendida como uma prática social que se apresenta sob uma diversidade de gêneros textuais, de modo que podem ir desde o mais informal (diálogo familiar, cotidiano) até o mais formal (exposições acadêmicas, sermão)¹¹, além de estar inserida em vários contextos de uso.

⁸ Portanto, objetiva-se contribuir para que o docente de língua portuguesa possa estabelecer, de forma crítica, relações entre as diferentes propostas teóricas e os efeitos dessas relações no contexto do ensino de língua materna, especialmente no tocante aos conceitos de fala e escrita.

⁹ Esta formulação retrata o posicionamento de Marcuschi (1997), uma vez que deixa indícios de sua concepção *ainda* dicotômica de fala e escrita – apesar de, explicitamente, rechaçar esse posicionamento em sua discussão. Isso pode ser afirmado uma vez que, em sua formulação, o autor refere-se à existência de duas “línguas”, uma falada e outra escrita.

¹⁰ Embora Marcuschi (1997) afirme um distanciamento total de uma visão dicotômica, seu trabalho deixa sinais de uma dicotomização que, apesar de não ser mais radical, ainda se mantém, de forma didática ou metodológica, conforme destaca Corrêa (1997). Para além da própria denominação “língua falada” e “língua escrita”, que, por si só, evidencia tal dicotomização, também as noções de fala e escrita defendidas por Marcuschi (1997), de acordo com Corrêa (2008, p. 77-78), “definem-se fundamentalmente, por referência às bases semióticas da fala (o som) e da escrita (traço gráfico) e essa diferença entre materiais semióticos tem servido indevidamente para validar a oposição radical entre práticas faladas e escritas”, de modo que parece considerar o aspecto da base semiótica como se fosse o único relevante. Outros aspectos ligados a essa consideração serão apresentados na subseção 1.2.4, em que se expõe a perspectiva assumida por Marcuschi para o tratamento das relações entre fala e escrita.

¹¹ O que Marcuschi afirma em relação aos gêneros pode ser pensado, correlativamente, também em relação às TDs, com a necessidade de se especificar que o fato de uma TD ser realizada em práticas orais, mais ou menos formais, não deve redundar no entendimento de que ela esteja mais ou menos sob a *influência* ou *interferência* da fala, uma vez que o encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas, conforme Capristano (2010, p. 177)

O *letramento* é entendido como o uso da escrita, na sociedade, podendo ir desde uma apropriação mínima da escrita, como, por exemplo, o indivíduo que é analfabeto, porém tem noção do valor do dinheiro, sabe o ônibus correto que deve pegar, consegue diferenciar as mercadorias pelas marcas, apesar de não escrever cartas e/ou ler jornais. Assim, o autor afirma que há uma diferença entre letramento e alfabetização, mas que é possível, eventualmente, relacioná-los.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 21-22), o letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, compreendendo, assim, um conjunto de práticas. Já a alfabetização pode ocorrer, como de fato ocorreu historicamente, à margem da instituição escolar, porém é sempre um aprendizado conforme o ensino e que está no domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever que acontece na instituição escolar.

Tfouni (1994), que defende uma concepção discursiva de letramento e que se opõe a trabalhos que o apresentam como sinônimo de alfabetização, aponta que o letramento é um processo mais amplo do que a alfabetização, de natureza sócio-histórica, e que está intrinsicamente associado à existência e influência de um código escrito. Assim, conforme Tfouni (1994, p. 58), assumir o letramento como processo sócio-histórico significa mostrar que “o discurso oral do analfabeto pode estar perpassado por características do discurso escrito, ou seja: que a função-autor não é prerrogativa possível apenas para aqueles que aprendem a ler e escrever, mas, antes, [...] é um discurso letrado”, de modo que, por ser sócio e historicamente constituído, assim como os outros discursos são, pode também ser acessível àqueles que não dominam o código escrito. Portanto, Tfouni (1994), assim como Marcuschi (2010), compreende o letramento como um processo de natureza social e histórica, em que a escrita impacta na sociedade, e não como um sinônimo de alfabetização. No entanto, apesar de ambos os autores mostrarem o letramento como uma prática social e histórica, Tfouni (1994, p. 61) afirma que “[...] a dimensão histórica do letramento só se dará se o sujeito ocupar uma posição tal no interdiscurso que lhe possibilite organizar o intra-discurso (oral ou escrito) que está produzindo, de forma a produzir um texto”. Em outras palavras, a autora se difere de Marcuschi (2010) ao tratar do letramento sob um viés interdiscursivo, na linha da análise do discurso pêcheutiana.

A *fala*, de acordo com Marcuschi (1997), é considerada como uma forma de produção textual-discursiva, baseada no som, que não precisa de uma tecnologia e possui aparato

destaca, com base em Corrêa (2004, p. 34), não marcaria uma suposta intervenção e/ou interferência danosa da fala na escrita, mas, pelo contrário, esse encontro seria constitutivo do modo de enunciação escrito.

disponível no próprio corpo do ser humano, além de ser adquirida, naturalmente, em contextos informais do cotidiano. Já a *escrita*, ao contrário, é adquirida, com maior frequência, em contextos formais, tais como as instituições de ensino, e necessita de uma tecnologia própria, desenvolvida a partir do traço gráfico. Marcuschi (1997, p. 126) aponta que ela “seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala¹², um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades”.

De modo geral, mediante essas considerações gerais, Marcuschi (1997) apresenta diferentes perspectivas que se ocupam das relações entre fala e escrita, até expor sua proposta, atentando-se para algumas questões, aqui explicitadas. Essas perspectivas serão discutidas nas subseções seguintes.

1.2.1 Perspectiva da dicotomia radical

A primeira perspectiva, apontada por Marcuschi (1997) como a de grande tradição entre os linguistas, propõe analisar as relações entre duas modalidades de uso da língua (fala x escrita) e observa principalmente que há diferenças discriminadas numa perspectiva dicotômica. Diante disso, Marcuschi (1997) apresenta alguns autores da seguinte forma: (i) aqueles que representam as dicotomias mais polarizadas e uma visão restrita: Bernstein (1971), Labov (1972), Halliday (1985) (na primeira fase), Ochs-Kennan (1979); (ii) aqueles que observaram as relações entre a fala e a escrita dentro de um *continuum*, seja tipológico ou da realidade social: Chafe (1982, 1984, 1985), Tannen (1982, 1985), Gumperz (1982), Biber (1986), Blanche-Benveniste (1990), Halliday/Hasan (1985).

Seguindo nesse viés, de acordo com Marcuschi (1997), o conjunto de autores representantes das dicotomias mais polarizadas e os que percebem as relações entre fala/escrita dentro de um *continuum*, abrangem, de maneira geral, uma análise voltada para o código e se mantêm na imanência do fato linguístico. Essa perspectiva deu origem ao prescritivismo e à norma linguística, em sua forma rigorosa e restritiva, conforme foi observada pelos gramáticos, de acordo com as seguintes dicotomias:

¹² Para uma discussão aprofundada sobre a concepção de escrita como representação dos sons da fala e, também, a naturalização da continuidade da escrita em relação à oralidade, ver Lemos (1998, dentre outros).

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redudante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não-normalizada	Normalizada
Fragmentária	Completa

Quadro 1: Concepção dicotômica (MARCUSCHI, 2003, p. 27)

Segundo Marcuschi (1997), essas dicotomias têm origem em uma observação fundada na natureza das condições empíricas de uso da língua, de modo que envolvem planejamento e verbalização, e não são características dos textos produzidos ou mesmo da *fala* ou da *escrita*. Por essa razão, o autor salienta a existência de análises distorcidas do próprio fenômeno textual.

Ao observar as diferenças entre fala e escrita através da base dicotômica, Koch (1997, p. 33, destaques da autora) afirma que:

O texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “pôr a nu” o próprio processo da sua construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções, modificar o plano previamente traçado, no texto falado, planejamento e verbalização correm simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho.

De modo geral, Koch (1997, p. 33) considera que “a escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto, dinâmica”. Para exemplificar, a autora cita o trabalho de Halliday (1985, p. 74), em que capta bem essa diferença através da metáfora do quadro e do filme. O texto é visto pelo leitor de maneira sinóptica, ou seja, existe diante de uma página, e por trás dele é que se vê um quadro. No entanto, no caso do ouvinte, o texto é exposto de forma dinâmica, coreográfica, isto é, através de uma viagem pelo ar, existindo, assim, por trás dele um filme.

Nessa mesma direção, Marcuschi (2008) destaca, ao fazer referência ao Quadro 1, que nem todas as características nele apresentadas são exclusivas de uma ou de outra das duas modalidades (fala e escrita), mas que foram construídas num parâmetro ideal de escrita, e de uma forma de ver a fala através das lentes desse ideal de escrita, a partir de uma gramática projetada para ele. Desse modo, resultou em uma visão preconceituosa da fala, em que é

definida como descontínua, pouco organizada, rudimentar e sem qualquer planejamento e, de forma também distorcida, em uma visão idealista da escrita¹³.

Segundo Marcuschi (2008), um aspecto que seria próprio da fala, em um paradigma caracterizado como *tipicamente falado*, e que pode ser exemplificado pela conversação face-a-face espontânea, seria sua natureza interacional, que é relativamente não planejável de antemão, isto é, ela precisa ser planejada e replanejada conforme cada novo *lance* do jogo da linguagem.

Por fim, Marcuschi (1997) compreende que esta perspectiva da dicotomia radical, embora apresente bons resultados no que concerne à descrição estritamente empírica¹⁴, manifesta grande insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos. Por essa razão, o autor aponta também que é uma tendência restritiva e que a própria ideia de regras, associadas a dicotomias estanques, na separação entre forma e conteúdo, e entre língua e uso, por ela proposta, é exageradamente rígida, uma vez que uma de suas conclusões é a que requer, para a fala, um menor grau de complexidade e, para a escrita, um grau de complexidade maior. De resto, considera-se uma opção que “conduz a seleções aparentemente fundadas em algum valor intrínseco aos signos linguísticos, mas na realidade, as decisões fundam-se em critérios e mecanismos sócio-culturais não explícitos” (MARCUSCHI, 1997, p. 128).

1.2.2 A perspectiva fenomenológica de caráter culturalista

Essa segunda perspectiva tem o intuito de analisar a natureza das práticas da oralidade *versus* escrita, e apresentar análises principalmente de cunho cognitivo, antropológico ou social, de modo a produzir o desenvolvimento de uma fenomenologia da escrita e seus efeitos na forma de produção do conhecimento. Nesse sentido, Marcuschi (1997) chama esse paradigma de *visão culturalista* e ressalta sua baixa adequação para a análise de aspectos linguísticos, por se firmar como perspectiva epistemológica que busca identificar as variações operadas nas sociedades com sistema de escrita.

¹³ Segundo Corrêa (2015), a escrita como modo de enunciação inclui, como parte da apreensão do já falado/escrito, a presença do sujeito, uma vez que a relação entre o falado e o escrito passa a ganhar a dinâmica das relações e das práticas sociais. Assim, as relações e as práticas sociais de natureza falada ou escrita, “cruzam-se para produzir não mais um código homogeneamente constituído em função da normalização de uma variedade como padrão, mas a escrita no discurso, efetivamente submetida às condições de sua produção atual e, portanto, heterogeneamente constituída no que se refere à presença do falado no escrito” (CORRÊA, 2015, p. 134).

¹⁴ É importante ressaltar que, no presente trabalho, diferentemente da avaliação realizada por Marcuschi acerca da perspectiva da dicotomia radical, entende-se que é muito difícil separar aspectos dialógicos e discursivos de uma análise que focalize a descrição empírica da linguagem.

Em suma, segundo Marcuschi (1997), as principais características da visão culturalista são:

cultura oral	<i>versus</i>	cultura letrada
pensamento concreto	<i>versus</i>	pensamento abstrato
raciocínio indutivo	<i>versus</i>	raciocínio dedutivo
atividade artesanal	<i>versus</i>	atividade tecnológica
cultivo da tradição	<i>versus</i>	inovação constante
ritualismo	<i>versus</i>	analiticidade

Quadro 2: Características da visão culturalista (MARCUSCHI, 1997, p. 129)

Biber (1988, apud MARCUSCHI, 1997, p. 129, destaques do autor), que observa criticamente esta perspectiva, inicia seu estudo sobre as relações entre fala e escrita e considera que a inserção da escrita no mundo teve “um efeito notável e correspondeu à transição do ‘mito’ para a ‘história’ se nos apoiamos na realidade dos documentos”. Foi a escrita que possibilitou, segundo Biber, tornar a língua um objeto de estudo sistemático. Assim, a partir da escrita, começa a institucionalização, de forma rigorosa, do ensino formal da língua com o intuito essencial de toda formação individual para lidar com as exigências das sociedades consideradas letradas.

Aprofundando-se um pouco mais nessa perspectiva culturalista da escrita, Marcuschi (1997) faz referência ao trabalho de Gnerre (1985), que observa, nos autores que defendem esse mesmo posicionamento, problemas que podem ser sintetizados em três pontos: *etnocentrismo*, *supervalorização da escrita* e o seu *tratamento globalizante*. O primeiro, relativo ao etnocentrismo, refere-se à prática de olhar para as culturas alienígenas através da própria cultura. O segundo, relativo à supervalorização da escrita, principalmente a escrita alfabética, refere-se a uma posição de supremacia das culturas com escrita ou até mesmo dos grupos que apresentam o domínio da escrita numa sociedade desigualmente desenvolvida. O terceiro, relativo ao tratamento globalizante da escrita, diz respeito à desatenção para o fato de que não há *sociedades letradas*, mas *grupos de letrados*, elites que mantêm o poder social também por meio de seu domínio da escrita, já que as sociedades não são homogêneas e têm diferenças internas, como, por exemplo, a própria *sociedade brasileira* que não é homogênea em relação ao letramento.

1.2.3 A perspectiva variacionista

Essa perspectiva tem o intuito de tratar o papel da escrita e da fala a partir do ponto de vista dos processos educacionais, apresentando propostas sobre o tratamento da variação na

relação entre padrão e não-padrão linguístico, nos contextos de ensino formal. Marcuschi (1997, p. 131) afirma que “aqui se situam os modelos teóricos preocupados com o que vem se denominando *currículo bidialetal*, por exemplo”, ou seja, estudos que tentam detectar as mudanças dos usos da língua em sua forma dialetal.

Nesse paradigma, não se fazem distinções dicotômicas ou caracterizações estanques, mas se busca observar regularidades e variações. Assim, é possível perceber a distinção entre:

- língua padrão	- variedades não-padrão
- língua culta	- língua coloquial
- norma padrão	- normas não-padrão

Quadro 3: Características estanques da visão variacionista (MARCUSCHI, 1997, p. 131)

Segundo Marcuschi (1997), há alguns autores, no Brasil, que seguem a perspectiva variacionista: Bortoni (1992, 1995), Kleiman (1995) e, em uma concepção um pouco mais diversificada, porém dentro do mesmo âmbito, também, Soares (1986). Embora o autor afirme que se identifica com essa perspectiva, ainda não a considera como resolvida, de modo que ressalta os trabalhos de sociolinguistas, como Trudgill (1975) e Labov (1972), que mostram a impossibilidade de um desempenho *bidialetal*. Por fim, Marcuschi (1997) retoma o trabalho de Bernstein (1971), para dizer que é possível o domínio do dialeto padrão na atividade de escrita, permanecendo no dialeto não-padrão no desempenho oral.

As relações entre fala e escrita dizem respeito, para Marcuschi (1997), a questões referentes ao uso da língua. Por consequência, destaca que a variação ocorre tanto na fala como na escrita, o que deveria evitar, assim, o equívoco de reconhecer a língua escrita como o padrão da língua, ou seja, não seria possível reconhecer a escrita como equivalente à língua padrão. Contudo, o autor considera que a fala e a escrita não são propriamente dois *dialetos*, mas duas modalidades de uso da língua, e que, portanto, quando o aluno domina a escrita, torna-se *bimodal*. Dessa maneira, torna-se fluente em dois modos de uso da língua (fala e escrita) e não em dois dialetos.

Por fim, o mais importante a respeito dessa perspectiva é que ela, pela primeira vez, considerando as demais perspectivas expostas até aqui, deixa de fazer dicotomizações estanques, valorizando uma preocupação com regularidades e variações. No entanto, ainda assim, levando em consideração os pontos extremos destacados no Quadro 3, é mantida uma dicotomização metodológica, no âmbito da variação. Segundo Marcuschi (2010), é notável

também, nessa perspectiva, o fato de ela observar as variedades linguísticas distintas, destacando que todas as variedades estão submetidas a algum tipo de norma, porém como nem todas as normas podem ser padrão, sempre haverá uma ou outra que deixará de ser tida como *norma padrão*. Um outro ponto, conforme o autor, é o de que é possível, na linha de Stubbs (1986), ver as relações entre fala e escrita como uma questão de variação linguística (aspecto amplamente admitido hoje), em contextos educacionais, já que as línguas não são homogêneas sob o ponto de vista de seu uso e as relações de fala e escrita concernem às questões de uso da língua.

1.2.4 A perspectiva interacional

Marcuschi (1997, p. 132) inicia sua apresentação da perspectiva interacional, aquela em que se insere seu próprio trabalho, qualificando-a como uma série de postulados um tanto desconexos,¹⁵ cujo intuito é abordar as relações entre fala e escrita dentro de um *continuum* textual. O autor define-a como sendo uma *visão interacionista* e afirma que sua fundamentação central se respalda na percepção da relação dialógica, no uso da língua, das estratégias linguísticas, das funções interacionais, do envolvimento, da situacionalidade e, por último, da formulaicidade, conforme o seguinte quadro:¹⁶

relação dialógica no uso da língua
estratégias linguísticas
funções interacionais
envolvimento e situacionalidade
formulaicidade

Quadro 4: Características da visão interacionista (MARCUSCHI, 1997, p. 132)

Para Marcuschi (1997), esse modelo apresenta, com maior sistematicidade, a língua enquanto fenômeno dinâmico e, concomitantemente, estereotipado, mas, ainda assim, apresenta baixo potencial explicativo e descritivo no que concerne a aspectos sintáticos e

¹⁵ Vale lembrar que o autor faz essa afirmação sobre a própria proposta teórico-metodológica que seu trabalho ajuda a construir, à luz, especialmente, de estudos realizados por Koch e Oesterreicher (2007), de modo a sinalizar seu estágio ainda incipiente.

¹⁶ É importante destacar, aqui, que Marcuschi (1997) apresenta as principais percepções de cada perspectiva em Quadros, construídos a partir de *duas* colunas. No entanto, diante da perspectiva interacionista, o autor deixa de lado as duas colunas, com aspectos distintos, e passa a apresentar um único bloco de percepções. Assim, é possível perceber o avanço da teoria em direção a um abandono, mesmo que parcial, das concepções que dicotomizam a fala e a escrita.

fonológicos da língua. Por isso, se concebida na fusão com a visão variacionista, seria possível alcançar, segundo o autor, resultados mais adequados, do ponto de vista empírico e teórico. Dessa forma, o autor compreende que:

Talvez seja esse o caminho mais sensato no tratamento das correlações entre formas linguísticas (dimensão linguística), contextualidade (dimensão funcional) e interação (dimensão interpessoal) no tratamento das semelhanças e diferenças entre fala e escrita nas atividades de formulação textual-discursiva. Nesta visão interacional cabem análises de grande relevância que se dedicam a perceber as diversidades das formas textuais produzidas em coautoria (conversações) e formas textuais em autoria (monólogos), que até certo ponto determinam as preferências básicas numa das perspectivas da relação fala e escrita. Além disso, tem-se, aqui, a possibilidade de tratar os fenômenos de compreensão na interação verbal e na interação com o texto escrito, de maneira a detectar especificidades na própria atividade de construção dos sentidos (MARCUSCHI, 1997, p. 132- 133).

Essa perspectiva, como é possível observar, encontra-se numa linha discursiva e interpretativa. Contudo, as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita, propostas por ela, não se referem a algo consensual, nem mesmo como objeto de análise. Marcuschi (1997, p. 133) refere-se a “fenômenos de fala e escrita enquanto relação entre fatos linguísticos (relação fala x escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade *versus* letramento)”. Nessa direção, o autor considera que as relações entre fala e escrita não ocorrem de maneira clara, nem linear, uma vez que apresentam um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Além disso, também não há como postular polaridades estritas e dicotomias estanques. Embora o autor afirme que dicotomias estanques não sirvam para explicar fatos de fala/escrita e oralidade/letramento, tomados enquanto fatos linguísticos e práticas sociais, e postule a pertinência do *continuum* entre essas modalidades, pode-se perceber que, em alguns pontos de seu texto, ainda se refere a esses fatos e a essas práticas numa oposição, o que é “traduzido”, no texto, pelo uso de *versus*. Nessa linha, têm-se indícios do que será denominado, por Corrêa (1997), de dicotomização metodológica ou didática das relações entre fala e escrita/oralidade e letramento, conforme será apresentado com mais detalhes na sequência deste Capítulo.

De modo geral, no recorte temporal da produção de seu ensaio, Marcuschi (1997) ressalta que aqueles que se dedicavam aos estudos da relação entre fala e escrita quase sempre se voltavam ao *texto falado* e poucas vezes observavam a escrita, porém as análises eram, muitas vezes, realizadas sob a ótica da escrita. Por outro lado, as afirmações feitas sobre a escrita respaldavam-se na gramática codificada e não no fenômeno textual-discursivo da

escrita. Dessa forma, em síntese, segundo Marcuschi (1997, p. 133), naquele contexto histórico, o que conhecíamos não eram nem as características da fala como tal, nem as características da escrita como tal. Em outras palavras, *o que conhecíamos eram as características de um sistema normativo da língua*.

Contemporaneamente, vários estudos voltados para fala/oralidade e para escrita/letramento não se pautam mais por essas diretrizes (a de olhar a fala a partir da escrita e a escrita a partir do prescritivismo gramatical). Nesse quadro, insere-se o presente trabalho, que focaliza questões de escrita, numa fundamentação teórica dessa forma atualizada.

A fim de expor as bases teóricas aqui adotadas, serão abordados, na subseção 1.2.4.1, aspectos da perspectiva textual-interativa, assumida por Marcuschi como uma forma de se afastar das práticas que o autor afirmou serem recorrentes nos estudos de fala e escrita, a saber: as características da fala e da escrita como modalidades do uso da língua, o *continuum* tipológico em que se encontram os diferentes tipos de textos e as concepções e o funcionamento de língua de acordo com a proposta de Marcuschi (1997). Na seção 1.3, serão apresentados os pontos básicos para o entendimento da escrita constitutivamente heterogênea, tal como o seu distanciamento da dicotomização, seja a radical, seja a metodológica, as características que indiciam a escrita heterogênea e as principais proposições que sustentam a maneira particular de compreender o funcionamento dessa escrita, conforme Corrêa (1997). Por fim, na subseção 1.3.1., serão abordados os três eixos de circulação imaginária do escrevente, proposto por esse autor.

1.2.4.1 Aspectos relevantes da perspectiva interacionista para a observação da relação entre fala e escrita

Para Marcuschi (1997), a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete a *organização da sociedade*, uma vez que mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Para o autor, trata-se de uma funcionalidade, em geral, mais identificável na fala. Por esse motivo é possível encontrar muitos correlatos entre variação sociolinguística e variação sociocultural. Dessa forma, percebe-se ainda a postulação da separação entre fala e escrita.

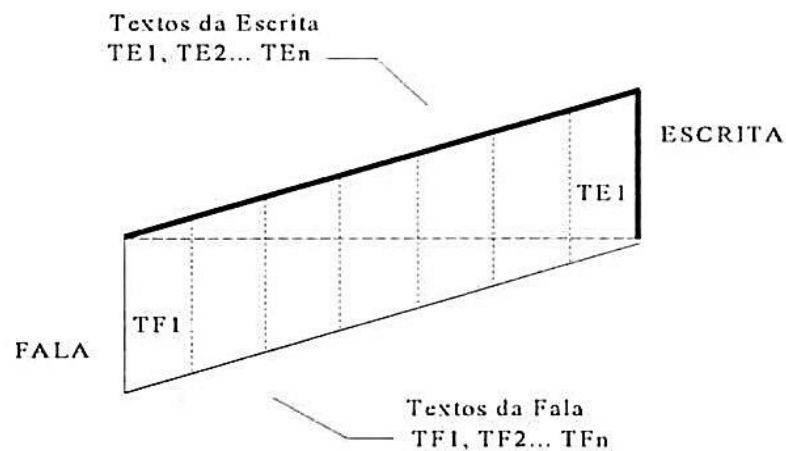
Marcuschi (1997) faz uma observação sobre a própria visão comparativa entre fala e escrita e afirma que, quando se olha para a escrita, é possível ter a sensação de se estar contemplando algo *naturalmente* claro e definido, no sentido de que se trata de um fenômeno, que, se não é homogêneo, ao menos, mostra-se bastante estável e com pouca variação. Para o autor, o contrário acontece com a consciência espontânea construída sobre a fala, que se

mostra variada, já que, curiosamente, não vem à mente a fala padrão. Por conseguinte, o autor afirma que fala e escrita são intuitivamente construídas como *tipos ideais*, provindos de origens opostas e que não correspondem a nenhuma realidade, a não ser que as identifiquemos com um fenômeno que as realize.

Diante da hipótese defendida, Marcuschi (1997, p. 136, destaques, em itálico, do autor) considera que:

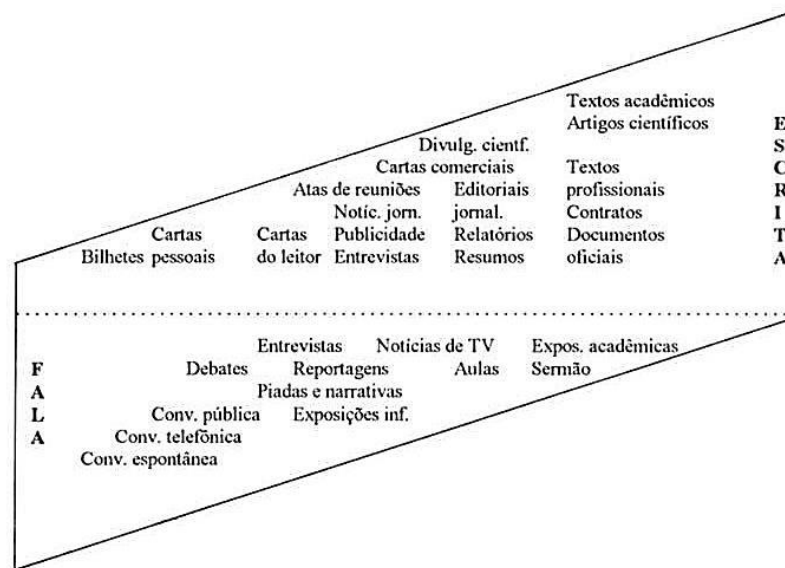
As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Em consequência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear.

Diante dessas diferenças, o autor mostra, em um gráfico, que fala e escrita ocorrem através de *dois contínuos*: (i) na linha de vários tipos de textos (TF1, TF2...TFn e TE1, TE2...TEn); e (ii) na linha das características específicas de cada modalidade. Assim, é possível visualizar, de forma mais clara, essa proposta no Esquema 1:



Esquema 1: Fala e escrita no *continuum* dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 1997, p. 136)

Em um segundo Esquema, Marcuschi insere os gêneros textuais, distribuindo-os nesse *continuum*:

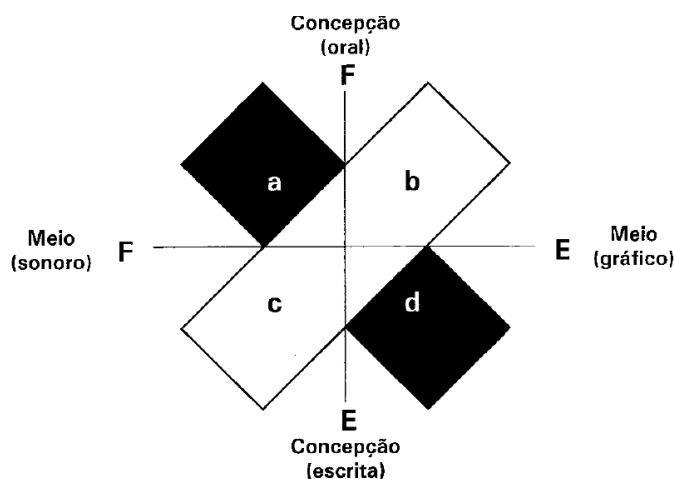


Esquema 2: Distribuição dos gêneros textuais no *continuum* fala e escrita (MARCUSCHI, 1997, p. 137)

Diante do Esquema 1, Marcuschi (1997) afirma que um determinado texto falado, como, por exemplo, uma conversa espontânea, seria o *TF1* e poderia ser representado como o *protótipo* dessa modalidade e que, por isso, não seria possível compará-lo ao *TE1*, definido como o protótipo da escrita. Um exemplo de *TE1* são os textos acadêmicos. Dessa forma, o autor considera, a partir dessa hipótese, que “o *contínuo* tipológico distingue e correlaciona os textos de cada modalidade quanto às estratégias de formulação textual que determinam o *contínuo* das características que distinguem as variações das estruturas e tanto a fala como a escrita se dão num *contínuo* de variações” (MARCUSCHI, 1997, p. 137, grifos do autor).

O Esquema 2, que complementa o anterior, com a inserção de exemplos relativos aos gêneros textuais que podem ser distribuídos ao longo do *continuum*, caracteriza as práticas orais e letradas, nas modalidades falada e escrita. Nesse Esquema 2, quando se compara uma carta pessoal (escrita), em estilo descontraído, com uma narrativa espontânea (falada), de acordo com Marcuschi (1997), haverá menos diferenças do que quando se compara uma narrativa (falada) e um texto acadêmico (escrito). Também o contrário se sustentaria, ou seja, uma conferência universitária (falada) bem preparada terá uma relação mais próxima com determinados gêneros de textos escritos. Assim, o autor cita como exemplo o equívoco de autores que acreditam que a fala é *dialogada* e a escrita é *monologada*, o que os leva a confundir uma das diversas maneiras de textualização da fala com a modalidade de uso da língua.

Nessa mesma direção, o Esquema 3 também representa os gêneros, na relação fala e escrita, considerando as condições de produção (concepção) e a recepção falada e escrita (aspecto medial – gráfico ou fônico):



Esquema 3: A oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva (MARCUSCHI, 2010, p. 39)

O Esquema 3 mostra, em (a), o domínio do tipicamente falado (oralidade) quanto ao meio e quanto à concepção. Já a sua contraparte seria o domínio (c), que corresponde ao tipicamente escrito. Por outro lado, tanto (b) como (d) seriam os domínios mistos de modalidades. A *concepção* concerne ao modo como o texto foi concebido originalmente e o *meio* concerne ao modo de recepção, à sua base semiótica. Assim, a *concepção* direciona para a natureza do meio em que o texto será originalmente expresso ou exteriorizado. É dessa forma que, por exemplo, um poema declamado não se torna uma linguagem falada no ato da declamação e sim um texto escrito oralizado, pois sua concepção foi no formato escrito.

Com fundamento nessa consideração, o *som* deixa de ser uma condição suficiente para a definição de *fala* e torna-se apenas uma condição necessária da *oralidade*, sem a qual não existiria. Da mesma forma, o traço gráfico deixa de ser condição suficiente para a definição de *escrita* que se realiza em um feixe de materiais significantes (CORRÊA, 1997)¹⁷. O Quadro 5 exemplifica a correlação entre concepção e meio, na correlação com os gêneros, de acordo com a proposta de Marcuschi:

¹⁷ Corrêa (1997) discute, ao considerar fala e escrita como modos de enunciação relacionados às práticas sociais, que, limitar a escrita a seu material significante (gráfico-visual) e/ou sua base semiótica, é olhar para escrita como produto, pois seu caráter heterogêneo é apresentado a partir de outras dimensões que constituem o processo de sua produção. Essa discussão será aprofundada, na seção 1.3, sobre a escrita constitutivamente heterogênea.

Gênero textual	Meio		Concepção	
	Sonoro	Gráfico	Falada	Escrita
Conversação espontânea [a]	X		X	
Texto científico [c]		X		X
Noticiário de TV [d]	X			X
Entrevista publicada Veja [b]		X	X	

Quadro 5: Distribuição de quatro gêneros textuais segundo o meio de produção e a concepção discursiva (MARCUSCHI, 2010, p. 40)

A partir dessa consideração, compreende-se que tanto a fala como a escrita estão dentro de um *continuum de variações*, isto é, *fala e escrita variam*. Desse modo, essa comparação considera, como critério central de análise, a inserção dos gêneros textuais nesse *continuum*, com o objetivo de abandonar as dicotomias estritas¹⁸.

Diante desse *continuum* tipológico em que se encontram os diferentes tipos/gêneros de textos, Koch & Oesterreicher (1990, apud KOCH, 1997, p. 32) apresentam a utilização do oral ou escrito de acordo com o critério da proximidade/distância¹⁹. Koch (1997, p. 31) compreende fala e escrita como duas modalidades de uso da língua, assim como Marchuschi (1997), em que cada uma delas possui características próprias, ou seja, a escrita não se constitui mera transcrição da fala, mesmo tendo o mesmo sistema linguístico. Portanto, para os autores, fala e escrita têm características próprias e não devem ser observadas de forma dicotômica, estanque.

O bom resultado da aplicabilidade dessa proposta, segundo Marcuschi (1997), depende também das concepções de língua e de funcionamento dessa língua. Nesse caso, o autor parte da noção de:

funcionamento da língua como fruto também das *condições de produção*, ou seja, da atividade de produtores/receptores de textos situados em contextos reais e submetidos a decisões que seguem estratégias nem sempre dependentes apenas do

¹⁸ Apesar do objetivo de se afastar das dicotomias estritas ou radicais, a proposta defendida por Marcuschi (1997) não consegue se afastar, totalmente, da dicotomização, uma vez que se preservam, nos pólos extremos do *continuum*, o que pode ser compreendido como o tipicamente/prototipicamente falado, de um lado, e escrito, de outro, o que, de acordo com o autor, abrigaria os gêneros que preservariam as principais distinções, como, por exemplo, um artigo científico e uma conversação espontânea.

¹⁹ Destaca-se, aqui, que na proposta do *continuum tipológico de gêneros textuais* é possível observar a relação entre os trabalhos de Koch e Oesterreicher (2007) e de Marcuschi (1997, 2001), uma vez que, conforme Lopes-Damasio (2019a), se localizam, no *continuum*, os referidos pontos intermediários entre os extremos do suposto como típico oral, por um lado, e do suposto como típico escrito, por outro. Outro fator é que as bases semióticas exercem o papel de relevância para a constituição desse *continuum*, mesmo estando ligadas a outros fatores, vinculados a saberes sociais. Assim, “[p]ara os autores, trata-se de noções solidárias que devem ser avaliadas a partir do meio de realização (fônico ou gráfico) e da concepção de texto oral e texto escrita, que pode se dar num ‘continuo de intermináveis formas intermediárias’”, conforme Lopes-Damasio (2019a, p. 92) aponta ao ressaltar o trabalho de Kabatek (2002, p. 42).

que se convencionou chamar de *sistema lingüístico*. Daí a necessidade de se adotar um componente funcional para analisar a relação fala x escrita enquanto modalidades de uso (MARCUSCHI, 1997, p. 138, grifos do autor).

A concepção de *sistema*, segundo Marcuschi (1997), não deveria ter mais do que a ideia central de estrutura virtual, isto é, um constructo abstrato e teórico, fundamentado em um objeto da teoria e não como fato empírico. O autor considera, também, que a *língua* se concretiza principalmente como heterogeneidade e variação, e não como um sistema abstrato e único.

Contudo, quando há o emprego da palavra *língua*, Marcuschi (1997) não se refere a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, bem como também não se refere às relações linguísticas imanentes. Pelo contrário, sua concepção de língua propõe um fenômeno *heterogêneo* (no sentido de múltiplas formas de manifestação), *variável* (em seu sentido dinâmico e suscetível a mudanças), *histórico* e *social* (oriundo de práticas sociais e históricas), *indeterminado* por meio do aspecto semântico e sintático (na condição de produção) e que se mostra em situações de uso real como *texto* e *discurso*. Portanto, apesar de heterogeneidade e indeterminação acharem-se na base da concepção de língua pressuposta em Marcuschi, o entendimento da relação fala e escrita é ainda distinto daquele proposto por Corrêa (1997), conforme se apresenta na sequência.

1.3 A escrita constitutivamente heterogênea

Os estudos sobre o modo heterogêneo de constituição da escrita, na proposta de Corrêa (1997), mostram uma reflexão que dialoga criticamente com a proposição de Marcuschi (1995) sobre as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita, que, segundo o autor, são “fenômenos de fala e escrita enquanto relação entre fatos linguísticos (relação fala x escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade x letramento)” (MARCUSCHI, 1995, apud CORRÊA, 1997, p. 18). Consequentemente, leva-se a assumir o falado e o escrito como práticas sociais vinculadas à oralidade e ao letramento. Portanto, Corrêa (1997) rompe com a proposta de Marcuschi (1995) e se afasta dela, pois traz à tona a discussão da escrita para o campo da relação sujeito/linguagem.

O modo heterogêneo de constituição da escrita, apresentado por Corrêa (1997, p. 87-88):

[...] é, pois, uma particularização, para o domínio da escrita, do encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas, considerada, ao mesmo tempo, a dialogia com o já

falado/ouvido e com o já escrito/lido. Esse encontro, que está presente nas duas modalidades, embora registrado localmente, regulado pelas instituições; tipicamente particular, é, no entanto, historicizado. Desse modo, em determinados momentos do processo de escrita e de acordo com as circunstâncias em que se pratica a textualização, os escreventes expõem esse movimento de maneira privilegiada.

Assim, a heterogeneidade constitutiva da escrita resulta, portanto, do encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas. Segundo Chacon (2005, p. 79, grifo do autor), “esse encontro caracteriza, para este autor [Corrêa], a heterogeneidade *da* escrita (e não a heterogeneidade *na* escrita)”. Por conseguinte, a heterogeneidade é compreendida como constitutiva da escrita e não algo exterior que a compõe como uma marca pontual e acessória. Desse modo, o autor aponta que:

[...] ao mesmo tempo em que a relação entre o falado e o escrito deixa de ser vista como uma questão de interferência, *fato que traria, implícita, a consideração de ambas as modalidades como puras* (CORRÊA, 1997, p. 86), a heterogeneidade constitutiva da escrita é explicada pela relação que o sujeito mantém com a linguagem, em seus diferentes modos de enunciação (CHACON, 2005, p. 79, grifos do autor).

Portanto, é nessa perspectiva que Corrêa (1997) vislumbra o encontro entre as *práticas sociais* do oral/letrado e os *atos linguísticos* do falado/escrito, e analisa, em sua tese, textos de vestibulandos, defendendo a ideia de um modo heterogêneo de constituição da escrita, observável a partir de três eixos de circulação, identificáveis em qualquer tipo de texto escrito. Assim, o autor cria a hipótese de que, em diferentes graus e com diversas possibilidades de adequação ao gênero produzido, essa circulação está sempre marcada.

A utilização da proposta de Corrêa (1997), nesta pesquisa, tem como fundamento tomar fala e escrita como modos de enunciação²⁰, ressaltando o fato de que a escrita nunca se realiza sem a representação de um outro/leitor/destinatário, o que a aproxima do modo escrito de enunciação da fala, uma vez que, além da presença física dos falantes, leva em consideração sua representação, conforme aponta Corrêa (2008, 2004).

A concepção de escrita heterogênea, assumida na presente pesquisa, afasta-se da dicotomização radical, isto é, de visões “fundamentadas numa dicotomia entre fala e escrita e distancia-se, ainda, daquela proposta por Koch e Oesterreicher (2007), seguidos, no Brasil,

²⁰ Corrêa (2013, p. 490) assume que o caráter processual e histórico da escrita é marcado no termo *modo*, enquanto *modalidade* só permite entender a escrita como código alfabético, em uma perspectiva estática. Com esse intuito, compreende-se, segundo o autor, que o uso do termo *modo* seja necessário para explicitar a semântica dos modos de atualização da língua heterogeneamente constituídos, diante da escrita, e, concomitantemente, para abandonar todo entendimento dicotômico por vezes associado ao termo *modalidade* na literatura.

por Marcuschi (1997, 2001), conhecida como *dicotomização metodológica da relação fala/escrita*” (LOPES-DAMASIO, 2019a, p. 92, grifo da autora).

Corrêa (1997) afasta-se da dicotomia metodológica, apresentada por Marcuschi (1994b, 1995), a partir de Koch e Oesterreicher (2007), para propor não uma compartimentação de gêneros em um *continuum*, mas um modo heterogêneo de constituição da escrita, aproximando-se, assim, das ideias de Street (1994) e Chacon (1996). Nesse sentido, cria uma metodologia fundamentada em três eixos de representação da escrita, pelos quais os escreventes circulam em sua prática textual escrita.

Diante das características que indiciam a escrita heterogênea, Corrêa (2008, p. 77 - 78, grifos do autor) afirma:

[...] [descarto] a noção de escrita como modo de apresentação da língua, por meio da qual se passou a opor, de forma bastante imprecisa, *língua falada e língua escrita*. Descarto, ainda, a noção de escrita como modalidade. Tal como são conhecidas e utilizadas, as modalidades oral e escrita definem-se, fundamentalmente, por referência às bases semióticas da fala (o som) e da escrita (o traço gráfico) e essa diferença entre materiais semióticos tem servido indevidamente para validar a oposição radical entre práticas faladas e escritas, como se, nelas, o aspecto da base semiótica fosse o único relevante.

Para sistematizar a discussão realizada até aqui, recorre-se a Capristano (2010, p. 176) que apresenta as principais proposições que sustentam a maneira particular de compreender o funcionamento da escrita heterogênea nos trabalhos de Corrêa (2008, 2007, 2006, 2004, dentre outros). A primeira refere-se à fala e à escrita vistas como modos de enunciação que se relacionam às práticas de oralidade e de letramento, ou seja, fala e escrita são consideradas, ao mesmo tempo, como fatos linguísticos e como práticas sociais. Com essa delimitação, a autora aponta que Corrêa questiona a visão de que a escrita poderia ser reduzida a seu material significante e/ou a sua base semiótica e posiciona-se no intuito de entendê-la em seu processo de produção. Dessa forma, recusa a visão puramente formal da escrita, isto é, aquela que observa a escrita como um produto acabado, para tratá-la como um modo particular de enunciação.

Em relação à segunda proposição, Capristano (2010, p. 176) destaca que “marcas de fatos ligados à enunciação oral presentes em enunciados escritos constituem indícios do modo heterogêneo de constituição da escrita”. Diferentemente dos trabalhos que buscam defender uma dicotomia radical entre o falado e o escrito e daqueles que adotam a dicotomização apenas como recurso metodológico, Corrêa defende que a heterogeneidade é uma

característica *da* escrita (constitutiva e interior a ela) e não uma característica que se marcaria *na* escrita.

A terceira proposição, segundo Capristano (2010), refere-se à escrita vista em seu processo de produção. Destaca-se o fato de ter a escrita como *processo* e não como *produto*, uma vez que o caráter heterogêneo da escrita não se restringe ao *material significativa*, mas a outras dimensões que constituem o processo de sua produção. Assim, “na avaliação, no exame e/ou na análise de fatos linguísticos escritos, a atenção volta-se prioritariamente para aquilo que, no produto escrito, aponta para o seu processo de constituição” (CAPRISTANO, 2010, p. 177).

O *material significativa* presente na escrita, segundo Corrêa (1997), pode aproximar o falado do escrito e servir como argumento para a recusa da dicotomia entre essas duas modalidades. Para argumentar nesse sentido, o autor se respalda em Luria (1988) que aponta que a criança apresenta desde cedo uma tendência à *diferenciação rítmica* quando escreve palavras ou frases curtas e linhas longas, com bastante quantidade de rabiscos, ou frases longas.

De acordo com Corrêa (1997, p. 68, grifo meu), “o papel do gesto como um dos elementos não-verbais co-atuantes na enunciação pela escrita está ligado a outros *materiais significantes*, como os sinais gráficos de pontuação e as marcas fônico-acústicas aos padrões rítmico-entonacionais”. Para isso, o autor, constata que o feixe de *materiais significantes* faz parte do modo pelo qual a escrita se processa e, que, por sua vez, o caráter integrador do ritmo da escrita – conforme ressaltado no trabalho de Chacon (1996) – compõe o fluxo discursivo como movimento entre o que é considerado *produto* e o que é considerado *processo* na atividade verbal, se levada em consideração a atividade do sujeito que produz linguagem.

Segundo Chacon (2005), ao reconhecer os vínculos entre os dois modos de enunciação da língua na escrita e, muito provavelmente, por supor que, na escrita, esses dois modos seriam uma representação direta ou de transparência, a criança procura orientar a produção de sua escrita através de características da língua que, possivelmente, seriam identificadas em seu modo de enunciação oral. Para o autor, “é o caso do ritmo, que, já estruturado na língua, marca-se na oralidade, por exemplo, por meio de contrastes entre sílabas acentuadas e não-acentuadas” (CHACON, 2005, p. 81).

Segundo Corrêa (1997), esse conceito denominado de *ritmo da escrita*, proposto por Abaurre (1991), foi analisado por Chacon (1996), que “toma os sinais de pontuação como ponto de partida de observação do ritmo da escrita e, [...] assume a ideia de uma

descontinuidade/continuidade resultante da alternância que caracteriza o ritmo da linguagem como um dos traços do ritmo da escrita” (CORRÊA, 1997, p. 67).

Corrêa (1997, p. 28), citando o trabalho de Abaurre (1991), considera que a autora “ao reclamar maior atenção para o fenômeno do ritmo da ‘língua falada’, bem como do ‘ritmo que se apresenta no texto escrito’, afirma que o próprio gesto rítmico com o qual o texto foi produzido se ‘congela’ em signos gráficos sobre uma página em branco”. Para Corrêa, essa metáfora tenta registrar a materialização linguística do processo de produção da escrita e pode ser estendida para o papel do ritmo da escrita no que diz respeito a organizar o heterogêneo da linguagem.

O ritmo da escrita não deve ser, segundo Corrêa (1997), considerado como uma pura forma, mas a impressão de um gesto de alcance multidimensional – ao mesmo tempo fonológico, sintático, semântico-pragmático e enunciativo – marcado, por parte do sujeito, no momento de sua enunciação pela escrita. O autor aponta que a escrita se realiza por um modo heterogêneo de constituição caracterizado por representações do escrevente, de sintaxes próprias e tipos particulares de enunciação. Dessa forma, a especificidade da enunciação escrita é compreendida como processo pelo qual se nota, em sua constituição heterogênea, a relação do sujeito com a linguagem.

Segundo Capristano (2010), a quarta proposição, na proposta de Corrêa (2004), é a circulação dialógica do escrevente e/ou a imagem que o escrevente faz da escrita, como parte de um imaginário socialmente partilhado. Quando valoriza a representação que o escrevente faz da (sua) escrita, do interlocutor e de si mesmo, de acordo com Corrêa (2004), o autor busca apreender uma representação adquirida do grupo do qual ele faz parte e, não, uma representação que o escrevente faria individualmente.

De acordo com Capristano (2010), a defesa do modo heterogêneo de constituição da escrita, a partir, principalmente, dessa última proposição, ocorre em duas vias distintas e interligadas: (i) a escrita heterogênea indiciada pela representação que se encontra no registro da atividade discursiva do escrevente; e (ii) a heterogeneidade da escrita que possibilita essa mesma representação, justificada pela presença do modo heterogêneo de constituição da escrita já nas práticas sociais das quais participam os escreventes, tanto escolarizadas quanto não-escolarizadas. Desse modo, a escrita é concebida em sua produção e também em sua recepção, que, segundo a autora, corresponde à escrita com que os escreventes entram em contato, seja nas práticas escolarizadas ou não, mas tendo a mesma natureza heterogênea.

Sobre a heterogeneidade mais própria da escrita infantil, Capristano (2010, p. 178) considera que “não pode ser interpretada apenas como um movimento transitório dos

escreventes em direção à escrita padrão (homogênea, ou não-heterogênea) ou, ainda, como tentativas malsucedidas de adequação às convenções que caracterizam essa escrita”, ou seja, movimentos ou tentativas que, em último caso, mostrariam apenas um conhecimento que, ainda, estaria para se formar. Para a autora, a heterogeneidade que marca a escrita, de maneira mais específica, a escrita infantil, é constituída pela caracterização inequívoca da relação sujeito/linguagem, portanto, é um indício da circulação do escrevente por práticas orais/letradas, em termos de usos da escrita em geral.

Para a identificação da heterogeneidade que constitui a escrita inicial, Capristano (2010) apresenta duas formas: (i) atentar-se para essa heterogeneidade de modo a examinar, em um mesmo enunciado, os fatos linguísticos que marcariam as diferentes formas de circulação do escrevente pelos modos de enunciação, o já falado e o já escrito; (ii) examinar um único fato linguístico, que estaria marcando as diferentes formas de circulação do escrevente pelos modos de enunciação falado e escrito. Nesse caso, conforme a autora aponta, seriam destacados os fatos linguísticos que constituiriam efeito de entrelaçamentos entre falado/escrito.²¹

Segundo Capristano (2010), esse modo de circulação por práticas orais/letradas não é considerado único dos enunciados infantis, como bem afirma Corrêa, em seus trabalhos; porém é parte constitutiva da escrita como um todo, quando observada através das representações que o sujeito faz da (sua) escrita. A autora cita, como exemplo, as ocorrências de segmentação não-convencional, retiradas dos textos produzidos por crianças em aquisição da escrita. As segmentações como *soquero* (só quero) e *quenamora* (quer namorar) permitem identificar os traços de um imaginário infantil sobre a escrita vinculado, principalmente, ao imaginário que se encontra nas práticas sociais (orais e letradas) em que as crianças estão inseridas. Desse modo, “considerar a heterogeneidade da escrita permite [...] avaliar aspectos da ‘fala’ que, em geral, estão na base da segmentação gráfica feita pela criança não como uma intervenção danosa da fala na escrita, mas, sim, como constitutiva e determinante dela” (CAPRISTANO, 2013, p. 674, grifo da autora).

Nessa mesma direção, Lopes-Damasio (2019b, p. 166 - 167), em seus estudos sobre os MJs na aquisição da escrita, mostra, no âmbito da junção, que usos de “justaposição”, “e”, “ai”, “e também”, entre outros, relacionam-se com o eixo da gênese da escrita de Corrêa (1997), ao mesmo tempo que usos de “que”, em TDs religiosas, relacionam-se ao eixo do

²¹ Destaca-se que a presente pesquisa está alinhada a esse modo de examinar/identificar indícios da heterogeneidade na escrita infantil, quando se volta, especificamente, para o fato linguístico da junção, uma vez que busca identificar rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito, conforme a proposta de Corrêa (1997).

código institucionalizado. Dessa forma, assim como as segmentações, e também outros aspectos, como a ortografia e a pontuação, as junções permitem identificar traços de um imaginário infantil sobre a escrita, vinculado às práticas sociais em que as crianças estão inseridas.²²

1.3.1 Eixos metodológicos

Nesta seção, apresentam-se, de acordo com Corrêa (1997), os três eixos metodológicos que orientam a circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita: o primeiro se refere à suposta gênese da escrita, em que o escrevente, ao tentar apropriar-se da escrita, procura representar termo a termo a fala²³; o segundo eixo caracteriza-se como a apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado, inverso à concepção da escrita em sua suposta gênese, em que o escrevente reproduz o que imagina ser um modo autônomo de representar a oralidade; e o terceiro eixo caracteriza-se pela relação que o texto mantém com o já falado/ouvido, além de com o já escrito/lido. É através dessa relação que o escrevente se coloca em contato com todas as produções escritas em geral e, também, com todas as produções faladas, em práticas discursivas letradas e orais.

No que concerne à abrangência da circulação imaginária do escrevente, Corrêa (1997, p. 21) defende que:

Nenhum texto escrito se caracteriza por apenas um desses três eixos de representação. É nesse sentido que buscamos as marcas linguísticas da conjunção entre oral/letrado e falado/escrito – ou, como preferimos, entre o oral/falado e o letrado/escrito – tomados enquanto práticas sociais. Acreditamos, portanto, que a investigação do produto escrito permite observar marcas deixadas pela conjunção dessas práticas, [...] permite flagrar a presença do oral/falado no letrado/escrito.

A enunciação pela escrita, segundo Corrêa (1997), faz com que o escrevente tenha várias limitações simultâneas relacionadas aos seus próprios questionamentos sobre essa sua prática. Essas limitações podem ser interpretadas como um jogo de aceitação e recusa: em um primeiro momento, a escrita é aceita pelo escrevente como convenção exaustiva, mas ela se

²² É nesse mesmo viés que, no presente trabalho, busca-se observar a relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito, na comparação entre as TDs narrativa e argumentativa.

²³ Destaca-se que, de acordo com Chacon (2021, p. 4), fala e escrita são caracterizadas como um ato enunciativo cuja materialidade linguística resulta da inserção do falante em determinada(s) prática(s) de oralidade e letramento, enquanto prática(s) discursiva(s). Portanto, fala e escrita são constitutivamente heterogêneas, uma vez que “se mostram atravessadas, ou constituídas, simultaneamente por características de enunciados produzidos em múltiplas práticas de oralidade e de letramento, que se interpenetram tanto nos atos de fala quanto nos de escrita” (CHACON, 2021, p. 5).

recusa a sê-lo, desde o oral/falado, em sua individuação histórica por novas intervenções; em um segundo momento, o escrevente a aceita como possível alçamento do indivíduo aos discursos estabelecidos pelas instituições, porém ela se recusa a sê-lo, ao jogar com variedades de registro invariantes (o formal e o informal); e, em um terceiro momento, “o escrevente tende a aceitá-la como ato inaugural, mas ela se recusa a sê-lo, no sentido em que é ligada ao já escrito (falado)/lido(ouvido) e, portanto, sujeita à emergência incontrolável da heterogeneidade típica das práticas sociais” (CORRÊA, 1997, p. 92).

O tratamento que é apresentado ao modo heterogêneo de constituição da escrita é feito por meio de uma descrição empírica dos textos, de forma que são vistos como produtos da língua em uso no discurso. Esse tratamento tem como intuito buscar, ao mesmo tempo, pressupostos relacionados a um outro aspecto da discursivização, ou seja, “o modo de assunção do discurso pelo escrevente, consideradas as representações que ele faz sobre esse seu papel, sobre a oralidade e sobre a escrita, bem como a mobilidade que adquire em função de sua divisão enunciativa” (CORRÊA, 1997, p. 98).

A peculiaridade do tipo de tratamento que é proposto, de acordo com Corrêa (1997), situa-se no sentido de enfrentar a prática de textualização não como uma única *produção textual*, no que diz respeito a um produtor de texto que, como gênese do dizer, se coloca antes do próprio texto. Segundo o autor, com essa digressão, o intuito é, portanto, apresentar a ideia de que o sujeito-escrevente e seu texto se desenvolvem no processo de textualização.

No que concerne ao primeiro eixo (o imaginário da escrita em sua suposta gênese) e ao segundo eixo (o imaginário da escrita como código institucionalizado), de acordo com Corrêa (1997), há grande variedade de marcas linguísticas no ato de apropriação da escrita. Esse processo de se apropriar da escrita é visto como regulado por um imaginário através das diversas dimensões da língua, incluindo-se as marcas de natureza sintática e lexical, e também as marcas de organização textual e recursos argumentativos, em que estão intrinsecamente associados os mecanismos de junção, foco da investigação realizada neste trabalho. Além disso, também as marcas ortográficas, principalmente aquelas relacionadas à dimensão da escrita da língua, que “denunciam a tentativa de alçamento do escrevente na direção da imagem que faz da *escrita culta formal*” (CORRÊA, 1997, p. 172, grifos do autor).

Segundo Corrêa (1997), o eixo da representação da escrita como código institucionalizado reproduz, no que concerne ao encontro que o escrevente realiza entre o oral/falado e o letrado/escrito, uma visão de língua escolarizada. Nessa visão, considera-se a escrita como autônoma, no sentido de que as marcas do oral/falado seriam, se fossem

reconhecidas, identificadas como desvios do instituído e, assim, deveriam ser tidas como lhes sendo totalmente exteriores.

Dessa forma, longe de compreender e participar do processo de escrever, Corrêa (1997) aponta que o aluno acaba lidando com os efeitos que acredita atingir por meio de rituais enunciativos, de lugares-comuns e esquemas textuais. Para tanto, os textos são trazidos sempre como produtos acabados²⁴ que resultam em um subproduto uniformizado e sem *valor de troca*. Dessa forma, em termos teóricos, as implicações da consideração do código institucionalizado, em síntese:

[...] permitem observar: (a) a identificação entre escrita e língua e a consequente uniformização da língua; (b) a relação entre escrita e planificação; (c) a presença do produto escrito no próprio processo de escrever e a consequente homogeneização do sujeito; e (d) a não-percepção, por parte do escrevente, da *relevância social* da escrita como efeito do restrito espaço de participação que o escrevente tem no desenvolvimento de sua escrita. (CORRÊA, 1997, p. 286, grifo do autor).

Refletindo sobre a definição do modo heterogêneo de constituição da escrita, Corrêa (1997) aponta para a alternância entre os recursos definidos no primeiro eixo de circulação do escrevente e, em contrapartida, os recursos do segundo eixo. Para o autor, diferentemente dos recursos argumentativos relacionados à representação que o escrevente faz da gênese da (sua) escrita – em que existe uma preocupação em acumular dados, argumentos e fatos em estruturas que os justapõem (por exemplo, as enumerações) ou que direcionam diretamente o interlocutor (por exemplo, as perguntas) – “a busca de recursos argumentativos ligados à representação que o escrevente faz do código escrito institucionalizado se caracteriza pela tentativa de tratamento analítico desses dados, fatos e argumentos” (CORRÊA, 1997, p. 321).

O terceiro eixo, o da dialogia com o já falado/escrito na circulação imaginária do escrevente, segundo Corrêa (1997), tem por intuito ecoar o fato de que os textos, em geral, podem ser considerados como produto do já-dito²⁵. Por essa razão, é possível relacionar essa consideração com a visão “*do discurso como produto do interdiscurso*” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27, apud CORRÊA, 1997, p. 339, destaques do autor). Assim, é nessa concepção que há o objetivo – no diálogo que o escrevente realiza com o que representa como sua

²⁴ No sentido do uso de recursos gráficos apenas como reprodução técnica e sem exploração das propriedades específicas desses recursos (como, por exemplo, seu caráter de reversão, pressuposto na ideia de rascunho), aspecto fundamental da homogeneização da produção, conforme Corrêa (1997, p. 29) aponta em Câmara Jr. (1972) quando fala da escrita adulta (cf. CORRÊA, 1997, p. 285-286).

²⁵ Com isso, de acordo com Corrêa (1997), a escrita não se mostra como um dado absoluto, pois o uso que se faz dela é sempre em função de uma posição relativa quanto ao já falado/ouvido e o já escrito/lido, o que, neste trabalho, na linha de Lopes-Damasio (2019a/b, 2016), será tomado em intrínseca associação ao conceito de TD.

exterioridade – de encontrar as relações intertextuais marcadas pelo escrevente por meio da relação com o já falado/ouvido e já escrito/lido. É através dessas marcas, apontadas pela heterogeneidade, que “o próprio escrevente negocia com a heterogeneidade que lhe é constitutiva” (CORRÊA, 1997, p. 340).

No processo de textualização pela escrita, Corrêa (1997) ressalta que a escrita do escrevente é identificada através da relação com o processo do vivido, isto é, com o mundo, ou ainda através da relação com o processo de elaboração verbal, isto é, com o falado, conforme o papel atribuído ao seu interlocutor. Para compreender o papel do interlocutor quanto ao mecanismo assumido pelo escrevente, o autor cita Bakhtin (1979), que considera que o escrevente está no movimento flutuante de dois processos: o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo que têm um auditório social próprio. Assim, é nessa relação entre a textualização, o vivido e o falado, sujeito à mediação do interlocutor representado, que Corrêa (1997) aponta ser fácil identificar o universo dialógico da linguagem atuando na constituição da escrita.

Segundo Corrêa (1997), os três movimentos sobre o imaginário da escrita, ou, conforme foram descritos, os três eixos de circulação imaginária do escrevente, selecionados como lugares para a análise da relação sujeito/linguagem, apontam que o modo heterogêneo de constituição da escrita é, a partir da relação sujeito/linguagem, a materialização textual do processo de escrita do escrevente.

1.4 Em suma

Este Capítulo, inicialmente, discutiu as diferentes perspectivas da relação entre *fala* e *escrita*, fundamentadas no ensaio de Marcuschi (1997), de modo a ilustrar a motivação do autor ao chamar a atenção para a falta de consenso teórico-metodológico sobre as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita. Em seguida, foi adotada a concepção de escrita constitutivamente heterogênea, fundamentada nos trabalhos desenvolvidos por Corrêa (2015, 2008, 2007, 2006, 1997) em coerência com os estudos de Capristano (2013, 2010) e Chacon (2005). Para tanto, Corrêa defende uma visão dialógica da relação entre fala e escrita, contrariando a ideia de que ambas estão mediadas em um *continuum* tipológico ou em qualquer tipo de dicotomia.

Em função disso, destacou-se que, no processo da escrita, o escrevente circula por um imaginário sobre a língua diante dos modos de conceber a relação escrita/mundo e escrita/fala, socialmente partilhada. Por conseguinte, na concepção dialógica da linguagem chamou-se atenção para as relações intergenéricas, assumidas, neste trabalho, no domínio das

TDs, como relações entre o *já-dito* e um *projeto de dizer*. Dessa forma, a composição de uma TD se dá na circulação do escrevente por outras TDs, conforme o que Kabatek (2006) chama de princípio de composicionalidade sintagmática e paradigmática e conforme será explicitado no Capítulo 2.

Foram discutidas, também, as principais proposições que sustentam a maneira particular de compreender o funcionamento da escrita heterogênea nos trabalhos de Corrêa (2008, 2007, 2006, 2004, dentre outros), a saber: (i) fala e escrita vistas como modos de enunciação que se relacionam às práticas de oralidade e de letramento; (ii) as marcas de fatos ligados à enunciação oral presentes em enunciados escritos; (iii) a escrita vista em seu processo de produção; e (iv) a circulação dialógica do escrevente e/ou a imagem que o escrevente faz da escrita, vista como parte de um imaginário socialmente partilhado e, aqui, conforme será destacado, sob o escopo do aparato conceitual das TDs.

Por fim, em articulação com o Capítulo 2, destaca-se que a escrita, na proposta de Corrêa (1997), não se mostra como um dado absoluto, uma vez que seu uso é sempre em função de uma posição relativa quanto ao já falado/ouvido e o já escrito/lido, em que o escrevente circula por um imaginário sobre a língua nas diversas variações, um imaginário que se amplia diante dos modos de conceber a relação escrita/mundo e escrita/fala nas maneiras tradicionais de dizer ou de escrever socialmente compartilhada. Portanto, é diante desse caráter de réplica da linguagem como dialógica que se associa a heterogeneidade da escrita ao conceito de TD, de acordo com a proposta de Kabatek (2006), que será apresentada no próximo Capítulo (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2011b; LOPES-DAMASIO, 2020, 2019a/b, 2017, 2016, 2014; LOPES-DAMASIO; SILVA, 2018).

CAPÍTULO 2

TRADIÇÕES DISCURSIVAS

2.1 Primeiras palavras

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos relacionados ao conceito de TD. Para essa introdução, é necessária, primeiramente, a apresentação dos postulados de Coseriu (1979), que fundamentam uma perspectiva de língua histórica e concreta, em contraste com aquela subjacente aos estudos de Saussure (CLG, 1916).

Respaldando-se nas dicotomias sincronia/diacronia e língua/fala, a abordagem estruturalista saussuriana se distingue dos estudos na perspectiva histórica ou diacrônica, pois, de acordo com Saussure, a língua é considerada como um sistema que precisa ser estudado por meio de suas relações internas, sobretudo ao postular uma concepção de língua abstrata e tendo, como suas características intrínsecas, a unicidade e a homogeneidade. Desse modo, o conceito de língua de Coseriu difere do de Saussure, de forma que a “língua” se situa em um momento ulterior de análise da linguagem como fenômeno concreto e corresponde melhor à linguística histórica que à teórica” (COSERIU, 1952/1962, p. 15, apud KABATEK, 2008, p. 8).

O conceito de TD, de acordo com Kabatek (2006), é proposto a partir dos níveis coserianos do falar, conforme será apresentado neste Capítulo. Para tanto, diante desse modo de conceber a linguagem, a história é considerada como parte constitutiva da língua. Sendo assim, mesmo que o analista opte por um recorte sincrônico, também nele estará presente a historicidade da língua.

A partir dessas considerações sobre o conceito de linguagem e de língua de Coseriu, a seção 2.2, deste Capítulo, tratará da origem do conceito de TD. Em seguida, a seção 2.3 tratará dos traços de *repetição e evocação* que definem uma TD e que serão a base para a compreensão da distinção entre *TD e gênero discursivo*, discutida na seção 2.4. A seção 2.5 será dividida em duas subseções e discutirá, de forma breve, determinadas aplicações do estudo de TD, primeiramente, na gramática histórica, respaldando-se na perspectiva diacrônica, inaugurada por Kabatek (2012, 2008, 2006, 2005, 2004), e, logo após, nos estudos da escrita infantil, em um recorte sincrônico, inaugurados em trabalhos realizados no âmbito do GPEL (LOPES-DAMASIO, 2020, 2019a, 2019b, 2018, 2017, 2014; LONGHINTHOMAZI, 2014, 2011a, 2011b).

2.2 O conceito de Tradição Discursiva

O conceito de TD surge na década de 80, nos estudos da Linguística Histórica Românica, realizados pela Filologia Pragmática alemã. O termo *Diskurstradition*, proposto, em 1997, por Peter Koch, “para dar uma expressão conceitual à fundamentação histórica dos gêneros textuais” (ASCHENBERG, 2002, p. 157, apud ZAVAM, 2009, p. 66), deve sua inspiração seminal ao legado teórico de Coseriu para a interpretação da linguagem humana. Segundo Lopes-Damasio e Silva (2018, p. 725), ao citar Coseriu (1982), o conceito de TD respalda-se na teoria da linguagem coseriana, em que a linguagem não é vista como um *produto*, mas como *atividade*, e na recuperação de um diálogo com o pensamento aristotélico de Humboldt, de modo que se assume que a linguagem não tem um caráter acabado. Portanto, é definida como uma atividade humana universal, estabelecida por normas historicamente determinadas. Assim, conforme Silva (2011), o conceito de TD origina-se do desenvolvimento dos estudos da Linguística Textual e da Romanística alemã, através de uma concepção que tem por intuito aliar história, sociedade e linguagem.

Buscando estabelecer um diálogo entre a proposta de Corrêa, abordada no Capítulo anterior, e o conceito de TD, em relação ao entendimento de linguagem e texto, apresenta-se que Corrêa (2008, 2004, dentre outros), conforme Capristano aponta (2010, p. 177), também olha para a escrita como *processo* e não como *produto*, mas, nesse seu olhar, focaliza o caráter heterogêneo da escrita, que não se restringe ao *material signifiante*, mas engloba outras dimensões que constituem o processo de sua produção. Corrêa (2004) assume que o sujeito-escrevente e seu texto se constituem no processo de textualização a partir do modo escrito de enunciação e não por meio de normas dadas historicamente. Além disso, o autor adota a ideia de texto na consideração da linguagem como *acontecimento* e não adequação, e a de processo de textualização, reconhecido como “acontecimento”, não acabado senão na relação entre falante/ouvinte, autor/leitor.

Segundo Longhin (2014), a motivação do conceito de TD ocorreu a partir: (i) da identificação de que é sempre por meio de textos que o uso da linguagem, nas diversas esferas sociais, faz-se presente; e (ii) das discussões, ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, em torno de questões no âmbito da sociolinguística e da pragmática, em conformidade a uma emergente linguística do texto.

Nesse sentido, os trabalhos desenvolvidos por Schieben-Lange (1983, 1993, apud LONGHIN, 2014, p. 16), discípula de Coseriu, em Tübingen, contribuíram, de maneira muito

significativa, para a construção do conceito de TD, uma vez que a autora conseguiu diferenciar a história do *texto* e a história das *línguas*.²⁶

Os romanistas alemães, inspirados nos postulados de Coseriu, apresentam, como essencial, a distinção coseriana entre os três níveis do falar, com intuito de abordar qualquer questão sobre a linguagem. Segundo Silva (2011), respaldando-se no trabalho de Coseriu (1987), o primeiro nível da linguagem, denominado *universal*, diz respeito à capacidade inata que os seres humanos têm de falar e a todas as atividades da linguagem que usam estratégias comunicativas concernentes à contextualização, argumentação, narração, referenciação, entre outras. O segundo nível, denominado *histórico*, corresponde à língua com suas especificidades, isto é, aos idiomas particulares, e também apresenta a distinção entre os domínios das TDs e das línguas históricas. Finalmente, o terceiro nível, denominado *atual* ou *individual*, corresponde à materialização da língua, em enunciados e textos, ou seja, “às atualizações de discursos, falado ou escrito, produzidos por um sujeito ou uma instituição dentro de uma comunidade” (SILVA, 2011, p. 92). É nessa direção que Kabatek (2006, p. 506) explana:

[...] o nível universal do *falar em geral* [...] é comum a todos os seres humanos e anterior à diferenciação babélica das línguas; aqui se encontra o dispositivo geral do homem para falar, para comunicar-se por meio de signos linguísticos que designam o mundo da experiência. O segundo nível é o histórico, das *línguas* como sistemas de significação historicamente dados, atualizados, no terceiro nível, em *textos* ou discursos concretos [...]. Os três níveis estão concomitantes quando se fala e unicamente se podem derivar a partir de atos concretos, já que não se pode falar “universalmente” sem falar uma língua e sem produzir textos (KABATEK, 2006, p. 506).

Lopes-Damasio (2020, p. 140) faz duas ressalvas a respeito desses níveis, tendo como intuito viabilizar as relações teóricas com o entendimento de escrita constitutivamente heterogênea, conforme foi apresentada na proposta de Corrêa (2004), no Capítulo 1 desta dissertação: “[a] primeira diz respeito ao nível *histórico* e depende do reconhecimento de que só existe história no nível *atual*, assim como do de que ela só existe porque o ato linguístico nunca é individual. A segunda diz respeito ao nível *atual* [...] [em que] esse nível deve estar subjacente à ideia de sujeito da linguagem não como indivíduo, mas como *individação*”²⁷.

²⁶ Desde o século XIX, a história das línguas era vista como objeto de reflexão, principalmente com os comparatistas e, logo após, os neogramáticos. Já a história dos textos, produzidos dentro de uma comunidade, era vista de forma inédita.

²⁷ Segundo Lopes-Damasio (2020), o sujeito, visto como individuação dialógica, constitui-se em sua relação com a linguagem, considerada como espaço de interação e tomada como atividade. A concepção de sujeito, apontada pela autora, refere-se à proposta de Corrêa (2004), em que não se assume o sujeito da linguagem como

Dessa forma, é possível sintetizar os três níveis conforme o Quadro 6:

Pontos de vista Níveis	Atividade	Saber	Produto
nível universal	falar em geral	saber elocucional	totalidade do “falado”
nível histórico	língua concreta	saber idiomático	(língua abstrata)
nível individual	discurso	saber expressivo	“texto”

Quadro 6: Estrutura geral da linguagem segundo Coseriu (1980, apud ZAVAM, 2009)

Apesar de o Quadro 6 conseguir sistematizar as áreas principais da investigação linguística, além de evitar confusões entre níveis de análise distintos, Koch (2008, p. 54, apud LOPES-DAMASIO, 2011, p. 57) questiona: o que significa o *saber expressivo*? A partir do entendimento sobre o nível *atual/individual* do discurso, não seria adequado assinalar a ele um *tipo de saber*, pois, como ressalta Koch, o lugar em que se aplica o saber linguístico é o discurso. Assim, o autor compreende que cada discurso pode ser único e o saber implica a possibilidade de reprodução, portanto, *saber* e *discurso* seriam incompatíveis.

Lopes-Damasio (2011), ao destacar o trabalho de Koch (2008), afirma que aquilo a que Coseriu se refere como *saber expressivo* é uma categoria teórica extremamente importante e distinta do *saber idiomático*, pois engloba a capacidade do falante de produzir textos de acordo com tradições e modelos históricos. Nessa direção, o domínio das TDs é introduzido no nível *histórico*, uma vez que se distingue das línguas históricas particulares. Um exemplo é o editorial, que pode ser visto, enquanto tradição, em diferentes línguas humanas. Assim, a autora aponta também que Koch (2008) elege ainda o aspecto da regra para esclarecer o estado de discurso: “no nível *universal*, elas correspondem às regras *elocucionárias*, no nível da *língua histórica*, às regras *idiomáticas*, e às regras do domínio das TDs, o autor denomina *discursivas*” (LOPES-DAMASIO, 2011, p. 58, destaques da autora).

Dessa forma, diante dos níveis coserianos, Koch (2008, apud LOPES-DAMASIO, 2014, p. 1373) apresenta o domínio das TDs, que faz parte do *histórico*, mas se distingue das línguas históricas particulares. Essa modificação demanda, portanto, uma ampliação do conceito de historicidade, possibilitando a distinção de uma historicidade particular da língua e das TDs.

indivíduo, uma vez que não é a singularidade factual, circunscrita a si mesma, que enuncia, e, ao mesmo tempo, não se rejeita integralmente a noção de sujeito assujeitado. Dessa forma, “trata-se da presença do outro como constitutiva do sujeito, neste estudo marcada pelas ideias de heterogeneidade e de representação, as quais, no sentido em que as utilizo, dão pistas da divisão enunciativa do sujeito e das formas discursivas que identificam o sujeito a grupos” (CORRÊA, 2004, p. 16).

Segundo Kabatek (2005), é importante definir o próprio conceito de historicidade, sendo necessário resgatar o debate no qual se buscava a definição de historicidade na teoria da linguagem de Eugenio Coseriu, um debate anterior à ideia das TDs e no qual se abordavam os atos de fala. Nessa discussão sobre a questão da historicidade dos atos de fala, Coseriu (1979) chama atenção para o entendimento de historicidade por meio de três conceitos distintos: (i) historicidade linguística *strictu senso*, isto é, a historicidade da língua dada; (ii) historicidade como tradição de determinados textos ou de determinadas formas textuais; e (iii) historicidade genética, no sentido de uma “pertença à história”.

Segundo Kabatek (2005), o primeiro conceito de historicidade trata a língua como particular, correspondendo à história de uma comunidade internalizada no indivíduo. Para tanto, ela é considerada como uma forma primária do ser comunitário e o princípio para outras tradições culturais, “pois tudo que ali é criado deve ser denominado por meio da linguagem e é transmitido como conhecimento por meio da linguagem” (COSERIU, 1978, p. 121, apud KABATEK, 2005, p. 162). Assim, na aquisição da linguagem, conforme aponta Kabatek (2005), o indivíduo falante incorpora uma língua particular, uma vez que ele consegue recriá-la dentro de si como *técnica* aberta, a qual lhe dá, como possibilidade, a ação linguística criativa.

O segundo conceito de historicidade trata de todas as manifestações culturais repetíveis, principalmente as linguísticas. É possível dizer que, aqui, se refere, segundo Kabatek (2005, p. 162), “às tradições de uma comunidade, da recorrência na criação de objetos culturais, da possibilidade de se referir a fatos culturais anteriores”, e, até mesmo, evocados em aspectos novos por causa da similaridade funcional ou formal ou por harmonia parcial.

Por fim, o terceiro conceito de historicidade corresponde aos acontecimentos individuais, irrepetíveis e particulares, no sentido do texto como indivíduo, em que “um texto em particular não tem uma história, ele é produto respectivamente individual da ação comunicativa”, conforme Kabatek (2005, p. 163) ressalta ao citar Schlien-Lange (1983, p. 138). Em outras palavras, Kabatek (2005) considera que cada texto se apresenta de forma única e é identificado como acontecimento em determinado lugar historicamente. Segundo Kabatek (2005, p. 164), esse conceito de *historicidade* poderia ser excluído no que concerne à tradição linguística e textual, mas ele está, porém, no cerne da pesquisa filológica tradicional, “e, sobretudo, porque características funcionais ou formais de um texto individual servem como exemplo para outros textos e um determinado texto é, por esse motivo, uma parte da tradição”.

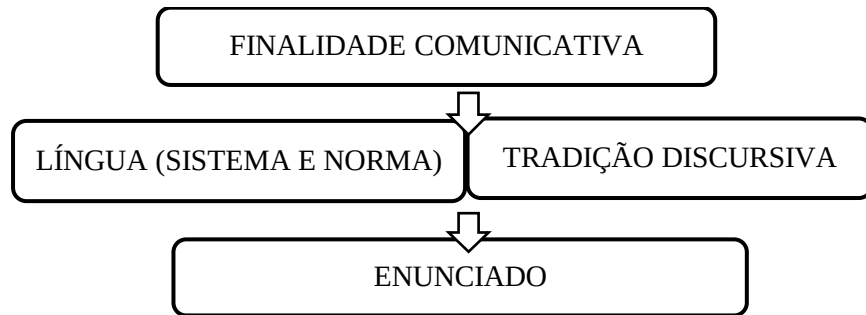
De acordo com Kabatek (2005), em vários trabalhos, buscou-se definir o lugar de inserção das TDs no que concerne à diferenciação entre os três níveis coserianos, uma vez que essa inserção não tem sido feita de maneira idêntica por todos os autores. Nessa direção, Kabatek (2005) questiona se é necessário manter a diferenciação entre uma historicidade primária, da língua, e uma historicidade secundária, das tradições textuais. Nesse momento, o autor considera que uma fala que não está ligada com determinadas tradições de textos não pode existir de forma alguma. Na realidade, trata-se de refletir se, no ato de falar, o vínculo com algumas tradições textuais é dado primariamente e interiorizado no indivíduo da mesma maneira que o vínculo com uma língua. Assim, tal questão não pode ser respondida completamente, porém pode-se pensar em duas direções:

Primeiramente, existe uma diferença fundamental entre a tradição internalizada da língua particular, cuja particularidade mais chamativa é precisamente que para o sujeito falante ela esteja dissociada da tradição, e ela liberte o indivíduo da tradição já que, como técnica, como sistema funcional, é um instrumento de liberdade; é um mecanismo de fala que possibilita a criação livre de enunciados que não são necessariamente repetições de quaisquer realizações anteriormente feitas. Em segundo lugar, existe uma diferença qualitativa entre o fato de os falantes falarem uma língua particular e o fato de se servirem das tradições textuais. Um texto (inclusive um texto linguisticamente misto) é sempre inerente a uma língua determinada; ele não pode ser “um pouco” ou “muito” português, alemão etc. (KABATEK, 2005, p. 164, destaques do autor).

Segundo Lopes-Damasio (2014, p. 1373), fundamentando em Koch (2008), as TDs podem ter finalidades fundamentais, como, por exemplo, um *bom dia*, que se materializa como um ato de fala, e também finalidades mais complexas, características de determinadas culturas, como as TDs mediadas pela escrita. Nessa concepção, em uma abordagem geral, é possível compreender a TD como modos tradicionais de dizer/escrever, que podem abranger desde fórmulas simples até um gênero complexo.

Segundo Koch e Oesterreicher (1994, apud KABATEK, 2005, p. 589), o nível histórico se distingue em dois campos: o das TDs, isto é, os gêneros, as tendências estilísticas, as formas conversacionais; e o de cada uma das línguas históricas particulares. Em razão disso, a fala poderia ser considerada uma atividade universal cuja prática passaria por um duplo filtro de tradição, a partir do qual os signos são selecionados, conforme: (i) uma ordem adequada às regras sintáticas de uma língua particular, isto é, segundo um *sistema* e com a

realização comum de uma determinada *norma*²⁸, portanto, a finalidade do ato comunicativo seria sempre alinhada adequadamente à organização linguística; e (ii) uma ordem textual que atualizasse alguma(s) TD(s), o que é possível de ser observado no Esquema 4:



Esquema 4: Tradição Discursiva

De acordo com Silva (2011, p. 93), *sistema* e *norma* não podem ser considerados como elementos sociais singulares que influenciam na produção discursiva, levando em conta que elementos coercivos, advindos da vida em sociedade, especialmente no que diz respeito às instituições, atuam de maneira decisiva na regulação de práticas discursivas.

Segundo Kabatek (2006), para entender melhor o Esquema 4, é possível pensar em um encontro entre duas pessoas, na rua, pela manhã, de modo que a intenção ou finalidade comunicativa será a de expressar uma *saudação*. Essa finalidade não é reconhecida somente no acervo lexical e gramatical do português, no sentido de que produz “enunciados corretos como “‘emito uma saudação para você’ ou semelhantes, senão que digo ‘bom dia’ segundo uma tradição estabelecida além das regras da língua – às vezes até contrária às regras atuais da mesma” (KABATEK, 2006, p. 508). Assim, uma colocação adjetival como *dia bom* no sentido de expressão elíptica de *desejo-lhe um dia bom*, provavelmente seria menos marcada, conforme Kabatek (2006) ressalta no trabalho de Callou et al. (2003, p. 11-35) acerca da posição do adjetivo em português, ainda assim, por se tratar de uma TD, é dessa forma, mais marcada, que a saudação é realizada na língua portuguesa.

²⁸ Segundo Coseriu (1979, p. 50), o *sistema* trata de possibilidades, de coordenadas que mostram os caminhos abertos e fechados de uma fala compreensível em determinada comunidade. Já a *norma* é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente, de modo que concerne ao que *já se disse* e *tradicionalmente se diz* na comunidade considerada. A *norma* de uma língua representa, pois, seu equilíbrio externo (social/regional) e também as realizações que são permitidas pelo *sistema*. Portanto, “*língua* é igual a *sistema e norma*”.

Ainda nesse sentido, além dos atos de fala essenciais, como a *saudação*, o *agradecimento*, a *promessa*, para Kabatek (2006), as TDs podem estar relacionadas a finalidades mais complexas e próprias de algumas culturas, tais como, por exemplo, as TDs mediadas pela escrita, restritas às culturas com escrita, e, dentro delas, as TDs ligadas a algumas instituições, como aquelas também caracterizadas como gêneros jurídicos. Em um primeiro momento, o autor compreende as TDs como modos tradicionais de dizer, indo desde uma fórmula simples até um gênero ou uma forma literária complexa.

Sob essa fundamentação, Oesterreicher (1997, apud LOPES-DAMASIO, 2014, p. 1373) apresenta a definição de TD como moldes normativos, convencionalizados, que fazem a transmissão de um sentido, perante aspectos linguísticos, em sua produção e recepção. Nessa mesma linha, Kabatek (2006, p. 512) apresenta a seguinte definição:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

O termo TD, dessa forma, é definido, por Kabatek (2006), de modo também generalizante, abarcando todos os elementos históricos relacionáveis com um texto. Por esse motivo, o autor persiste no fato de que o conceito não diz respeito a um sinônimo de *gênero*, *tipo textual* etc., mas a uma noção que engloba todo tipo de tradição do falar/escrever que evoca uma forma textual estabelecida ou determinados elementos linguísticos empregados e, também, subgêneros ou tradições dentro de um mesmo gênero.

É importante, portanto, ressaltar a compreensão do conceito de acordo com toda sua generalidade, destacando o fato de que diz respeito a todos os tipos de tradição de textos, não unicamente às complexas. É nessa perspectiva que o emprego de uma forma de tratamento, por exemplo, como *vossa excelência*, no discurso parlamentar, mesmo diante de palavras injuriosas para destratar um opositor, seria uma TD, devido ao fato de evocar um discurso que unifica os políticos como pertencentes a um mesmo grupo cultural (LOPES, 2012, p.22).

Por fim, de acordo com a definição de TD, apresentada aqui, serão discutidos e exemplificados esclarecimentos necessários para a compreensão do conceito proposto por Kabatek (2006), nas subseções seguintes, em que se abordarão a forma como a TD se constitui, a partir do que o autor chama de *repetição* e *evocação*; a configuração de uma TD;

o fato de uma TD ser considerada uma forma textual ou uma combinação de elementos, ou seja, aquilo que está intrinsecamente relacionado com a sua característica composicional; a relação e a diferença entre TD e gênero; a aplicação do conceito de TD na gramática histórica, no âmbito diacrônico, e na aquisição da escrita, sincronicamente.

2.3 Repetição e evocação

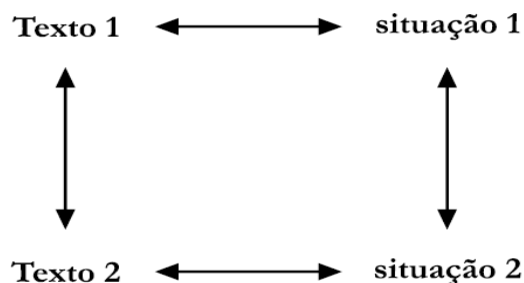
Segundo Kabatek (2004, p. 253-254), uma TD pode se constituir a partir de qualquer elemento significável, formal ou de conteúdo, uma vez que constrói uma ligação – denominada como *evocação* – entre *atualização* e *tradições textuais*. Dessa forma, “a relação de tradição de uma TD tem então duas faces, a TD propriamente dita e a constelação discursiva que a evoca” (KABATEK, 2006, p. 511). A repetição de algo, em uma relação temporal, compreende a repetição total do texto, como, por exemplo, da fórmula *bom dia*, de partes desse texto, de seu conteúdo, de seus aspectos formais, ou de uma mistura dessas opções anteriores. Ou seja, para Kabatek (2006), também pode ser considerada apenas a repetição parcial ou ainda a ausência total de repetição concreta e presença exclusiva da repetição de uma forma textual. A título de exemplificação, dois sonetos estão ligados por uma tradição, mesmo que não haja, entre eles, nenhum elemento concreto em comum, além de sua forma.

Para Kabatek (2006), nem todas as repetições são consideradas TDs, mesmo que uma TD implique sempre a repetição de algo no tempo. Além de considerar os diversos traços que se aproximam da definição de TD, o autor propõe uma série de condições para definir a natureza da repetição atrelada às TDs. A primeira é que uma TD precisa ser *discursiva*. Assim, o autor exclui todas as repetições não linguísticas, o que deixa ver, nesse contexto, seu entendimento de “discurso” como “língua em funcionamento”. Por exemplo, duas árvores da mesma espécie são geneticamente unidas e evidenciam, dessa forma, um tipo de repetição, que pode evocar uma tradição; porém, não dizem respeito a uma TD.

A segunda condição, para Kabatek (2006), é que nem toda a repetição discursiva, ou seja, de elementos linguísticos, forma uma TD. Para exemplificar, o autor ressalta o trabalho de Heinemann (2000, p. 11) e afirma que palavras como *a*, *segunda*, *é*, *que*, entre outras, se repetem várias vezes na língua portuguesa em diversas circunstâncias; porém, não são capazes de formar uma TD por si só. Nesse sentido, é possível ter tradições constituídas de uma só palavra, por exemplo, a saudação *oi*; porém, as tradições mais complexas, por exemplo, a tradição do *ensaio científico*, só torna possível a inserção de um texto em uma TD quando há uma combinação particular de uma série de formas. Portanto, é necessário que introduza na

definição essa possibilidade inerente da repetição, uma vez que é fundamental para a composição de uma TD, pois “nem toda repetição de um elemento linguístico forma uma TD, mas a formação de uma TD exige a repetição de algo” (KABATEK, 2006, p. 510).

Diante disso, as repetições estão intimamente relacionadas às TDs, por meio daquilo que Kabatek (2006) chama de *evocação*. Para o autor, a *saudação* seria um exemplo de texto evocado por uma determinada situação concreta que se repete: essa situação evoca outras, nas quais se pronuncia a mesma sequência de palavras. Por conseguinte, também pode haver tradições evocadas por um canal ou meio de comunicação, como, por exemplo, o celular, o telegrama, o SMS (Serviço de Mensagens Curtas)²⁹, da mesma forma que os fenômenos naturais e as tradições culturais podem evocar uma TD, como, por exemplo, “os anoiteceres evocam a poesia dos anoiteceres, que pode corresponder a uma tradição de letras ou de comentários metamusicais” (KABATEK, 2006, p. 511). Assim, de acordo com o autor, o Esquema 5, seguinte, mostra as duas faces da relação de tradição de uma TD: a TD propriamente dita e a constelação discursiva que a evoca, de modo que o eixo horizontal configura a evocação e o eixo vertical a repetição, prioritariamente considerando-se o tempo entre os textos que se repetem, num espaço de evocação:



Esquema 5: Evocação (KABATEK, 2006, p. 511)

Nesse Esquema, conforme Kabatek (2006), é possível observar a concomitância de dois aspectos definidores de uma TD, uma vez que contribuem para completar o quadrado também na ausência de um dos quatro elementos. Por exemplo, pode-se analisar que “se o encontro pela rua evoca a saudação, esta evocação funciona independentemente de se a saudação é pronunciada ou não. Mas o ‘não-saudar’ terá então uma função particular, e a pessoa não saudada perguntará talvez se aconteceu alguma coisa entre os dois que provocou tal silêncio” (KABATEK, 2006, p. 511).

²⁹ Termo do inglês Short Message Service.

O silêncio tem, pois, significado em relação a uma TD evocada, porém não enunciada. Por outro viés, o contrário também seria possível, ou seja, pronunciar uma saudação fora do contexto correspondente a evocar determinada situação e indagar-se pelo sentido desse enunciado em relação à situação em que foi realizado. Diante disso, a TD apresenta, assim, valor de signo e é identificada através de signos metatextuais como a *saudação*, a *carta*, o *soneto* etc.

A título de exemplificação, Lopes (2008, p. 22) destaca o emprego, no português brasileiro, da forma de tratamento “senhor/senhora para uma pessoa mais velha e desconhecida com que não se tem nenhum tipo de intimidade”. Segundo Lopes-Damasio (2014), esse emprego se dá também, em determinadas culturas, para o tratamento de sujeitos conhecidos que, por serem mais velhos, são vistos com respeito, mesmo por aqueles com quem há intimidade. Para a autora, conforme a perspectiva adotada, essas estratégias são evocadas por recorrências de situações concretas; o momento evoca outros encontros, em situações parecidas, em que se manifestam as mesmas estratégias.

De acordo com Kabatek (2006), a origem da existência das TDs é tomada como um fato linguístico universal: falar/escrever não é somente falar/escrever algo a determinado sujeito, seguindo as regras de uma língua (seu sistema e norma), mas, também, falar/escrever algo conforme uma dada tradição textual, que diz como fazê-lo. Além disso, essa perspectiva tem origem na economia da atuação humana, conforme pode ser observado no trabalho de Kabatek (2004, p. 252-253).

No que concerne à linguagem como objeto, Kabatek (2005) aponta que os textos têm uma ligação de tradição com outros textos, fundamentada, conforme já exposto, pela recorrência de alguma finalidade textual ou de algum conteúdo e/ou pela recorrência de determinados traços formais. Para tanto, a repetição de formas textuais dá-se em uma escala contínua a partir de marcações de tradição mínimas, ou seja, uma dada denominação textual ou alguma fórmula em um texto ainda não fixado, passando, assim, a uma completa fixidez do texto. Um exemplo seria o *romance*, que, “por conta dessa denominação, estabelece uma relação com uma tradição literária particular, mas também pode distanciar-se dessa mesma tradição em quase todos os elementos” (KABATEK, 2005, p. 163).

Nesse sentido, Kabatek (2005) destaca a diferença entre a carta e a fórmula de juramento, partindo de uma análise de suas fórmulas de início e de desfecho. A carta ilustra um grau mínimo de fixidez, porque, embora tenha uma fixidez, nessas suas porções – inicial e final –, concomitantemente, é livre nas outras partes do texto. Já a fórmula de juramento, na qual sempre são pronunciadas as mesmas palavras, demonstra o grau máximo de fixidez.

Nessa direção, o autor expõe que, na escala de fixidez, outras duas escalas podem ser diferenciadas, a saber: o grau de fixidez de partes formalmente determináveis, isto é, *título, sinopse, introdução*, entre outros; e o grau de fixidez da realização linguística particular das mesmas partes. Dessa forma, é possível considerar que:

Um texto pode ter um vínculo de tradição dentro de uma *comunidade textual*, determinável à base de critérios textuais-formais, e por outro lado, também com uma determinada comunidade linguística. Estes dois tipos de vínculos não são idênticos e no máximo podem corresponder-se causalmente. Dessa forma, uma fórmula introdutória como *Era uma vez* situa um texto dentro de uma comunidade cultural como conto infantil e dispõe-no em relação com outros textos, que começam com *Es war einmal, Once upon a time, Il était une fois* ou *Érase una vez*; ao mesmo tempo, ela estabelece uma relação com uma outra forma linguística particular desse tipo textual, o conto de fada em língua portuguesa (WILHELM, 2001, p. 469, apud KABATEK, 2005, p. 163, grifo do autor).

Segundo Kabatek (2006), o fato de uma TD poder ser considerada como uma forma textual ou uma combinação de elementos, uma vez que não é um texto que se repete sempre da mesma maneira, está em conformidade com a sua característica composicional, mediante as *composicionalidades paradigmática e sintagmática*, que o configuram enquanto TD. A *composicionalidade paradigmática* trata da referência simultânea a diversas TDs em um único texto. Já a *composicionalidade sintagmática*, para Lopes-Damasio (2016), ressaltando Kabatek (2006), trata da propriedade de diferenciação, na linearidade de uma TD complexa, de outras TDs que a compõem. Portanto, é a maneira como, na materialidade do texto, a *composicionalidade paradigmática* se manifesta.

O romance *Ulisses* pode exemplificar a *composicionalidade* das TDs, segundo Kabatek (2006), pois se mostra como um texto heterogêneo, constituído por diversos textos diferentes, ou seja, se mostra como uma TD complexa, constituída por uma sucessão de diferentes TDs, como, por exemplo, a carta, num diálogo paradigmático entre TDs, que *sintagmaticamente* ocorrem nos determinados espaços de junção, na materialidade linguística do texto. Assim, na linha de Lopes-Damasio (2022, 2020, 2019b, 2016)³⁰, a

³⁰ Em seu estudo sobre o movimento linguístico-discursivo na aquisição da escrita, Lopes-Damasio (2019b, p. 159) apresenta diferentes mesclas de TDs, em aquisição da escrita, ao analisar textos produzidos por crianças a partir de cinco propostas, denominadas P (01) Conhecimentos prévios sobre a audição, P (02) Relato da palestra sobre audição, P (03) Carta para Renata 01, P (04) Carta para Renata 02 e P (05) O rato do campo e o rato da cidade, são elas: na P (01), a TD complexa foi a resposta e apresentou mesclas com as TDs resposta, explicativa, listagem e injuntiva; na P (02), a TD complexa foi o relato e apresentou mesclas com as TDs relato, listagem e explicativa; na P (03), a TD complexa foi a carta e apresentou mesclas com as TDs relato e explicativa; na P (04), a TD complexa foi a carta-resposta e apresentou mesclas com as TDs carta, listagem, opinião,

composicionalidade das TDs é caracterizada por TDs que se mesclam, na materialidade do texto, e que se mesclam numa réplica dialógica com outras tradições de dizer/escrever.

2.4 TD e gênero discursivo

O termo *tradição discursiva*, no âmbito da comunidade científica, principalmente na linguística histórica, segundo Kabatek (2012, p. 579), apresenta várias explicações correspondentes a um mesmo fenômeno. A primeira delas, nas concepções linguísticas do século XX, trata da questão da própria *tradição*, que ficou excluída, trazendo-a para um lugar, nos estudos linguísticos, em que tivesse relevância. A segunda refere-se às partes do termo composto *discurso e tradição*, em que:

[...] a expressão *tradição* estará estreitamente relacionada à *historicidade*, no sentido de abarcar textos e fórmulas/expressões que caracterizam gêneros institucionalizados e atos de fala fundamentais; mas estará relacionada, da mesma forma, à *experiência*, no sentido do já sabido dessas relações. Por sua vez, a expressão *discursiva* estará relacionada não só à qualificação das tradições como *linguísticas*, a fim de abarcar todo tipo de tradição do falar/escrever, conforme Kabatek (2005), mas também à qualificação das tradições como *acontecimento*, que guarda, a cada nova realização, uma novidade que se dá no modo como se realiza aquela prática (cf. LOPES-DAMASIO; SILVA, 2018, p. 726).

Já na terceira, é necessário falar sobre a busca de paradigmas novos e de inovação terminológica, referentes à história das ciências.

Refletindo, ainda, sobre o conceito de TDs, Kabatek (2012, p. 580) ressalta que “é um fato que a linguagem humana sempre aparece em forma de uma língua histórica particular, quer dizer, em forma de uma mesma estrutura historicamente determinada”. As línguas, dessa forma, são passadas por gerações, e essa transmissão, de acordo com o autor, é um universo linguístico. Por consequência, considera, também, que, no momento em que o indivíduo tem o domínio de uma determinada língua, ele passa a ser colaborador dinâmico na criação da história dessa língua, ou seja, ele pertence a essa história.

De acordo com Kabatek (2012), o termo TDs situa-se como axioma teórico, com respeito a todas as tradições concretas vindas anteriormente como fenômenos empíricos, sobretudo as suas generalizações e tipificações. Diante disso, as TDs abrangem, por definição, todas as formas concretas de tradição, por exemplo, a tradição de uma saudação, da introdução de um artigo, do modo de citar ou de estruturá-lo. Por fim, também as tradições particulares de grupos ou de instituições, como no caso da tradição dos parlamentares

injunção/pedido e explicativa; e na P (05), a TD complexa foi a fábula/narrativa e apresentou mesclas com as TDs fábula/narrativa e diálogo.

conservadores franceses diante de seus adversários progressistas, em que se busca preservar valores sociais. Desse modo, “o termo também inclui fenômenos que se referem às formas além das formas tradicionais da gramática de uma língua identificadas como tais pela linguística repetidamente: formas textuais, tipos textuais, gêneros textuais” (KABATEK, 2012, p. 582).

De modo geral, o conceito de TD também está ligado aos fenômenos que concernem às formas linguísticas, especialmente àquelas tradicionais da gramática de uma língua, tais como as formas textuais, os tipos textuais e os gêneros textuais. Diante de todos esses termos, para Kabatek (2012), o termo gênero é considerado o mais complexo, uma vez que dispõe de uma tradição mais longa e é terminologizado em diversas teorias.

Nesse viés, a finalidade do conceito de *gênero* proposto por Bakhtin (1989), conforme Kabatek (2012) aponta, foi a de considerar a complexidade das tradições literárias, porém, inicialmente com o ponto de partida nos gêneros *primários*, referindo-se também a uma tradição em seu sentido teórico amplo. Assim, Kabatek (2012, p. 583) afirma que “a crítica feita por Bakhtin ao estruturalismo pode bem ser considerada precursora da ideia das TDs, mas sem ter desenvolvido uma aplicação ampla com todas as consequências implicadas”.

Pelo que foi exposto até aqui e segundo Zavam (2009), com base na proposta de Kabatek (2006) sobre o conceito de TD, é possível estabelecer uma relação com a teoria de Bakhtin (2000), prestando atenção no aspecto dialógico da linguagem e no fato de um gênero não surgir de um espaço vazio, mas, sim, de um diálogo já formado com outros gêneros constituídos. Para tanto, a autora traz à tona também a consideração de Kabatek (2003) sobre o funcionamento da TD como um *intertexto*, no sentido estrito do texto que se repete.

Trazendo essa relação para o âmbito daquelas propostas por Corrêa (2006), também fundamentado na perspectiva dialógica da linguagem, destaca-se o aspecto das *relações intergenéricas* (cf. BAKHTIN, 1992), sobre as quais, salientam-se dois pontos, conforme Lopes-Damasio (2016): (i) a concepção dialógica da proposta de Corrêa (1997) apresenta aspectos correlacionados, neste trabalho, com as TDs, uma vez que, no processo da escrita, o escrevente circula por um imaginário sobre a língua nas diversas variações, um imaginário que se amplia diante dos modos de conceber a relação escrita/mundo e escrita/fala, socialmente partilhada, nas maneiras tradicionais de dizer ou de escrever; e (ii) as relações intergenéricas são assumidas, neste trabalho, no domínio das TDs, como relações entre o *já-dito* e um *projeto de dizer*. Assim, a composição de uma TD é resultado da circulação do escrevente por outras TDs, em correlação com o que Kabatek (2006) chama de princípio de

composicionalidade sintagmática e paradigmática e, portanto, em correlação com as mesclas de TDs.

Nessa direção, Zavam (2009), ressaltando o trabalho de Bakhtin (2005), que aponta que um gênero sempre recorda o seu passado, relaciona essa sua afirmação com os dois traços definidores das TDs, evocação e repetição, conforme Kabatek (2006). Assim, uma TD, ao evocar, recorda o passado, que se concretiza no presente e se repete de maneira inevitável, senão em sua totalidade, pelo menos em partes.

Segundo Kabatek (2006, p. 515, grifo do autor), “quando se estuda a história de uma língua, o que se estuda não é a língua [...] senão *textos* de diferentes épocas, textos que parecem representativos dos respectivos estados de língua”. Nessa mesma direção, Zavam ressalta que Bakhtin (2000) também mostrou que o estudo dos gêneros é a melhor maneira de entender a natureza das unidades da língua. Assim, falar sobre gêneros do discurso, relacionando-os à história das línguas, é, pois, como bem aponta Zavam (2009, p. 82), “discutir a história das tradições discursivas, considerando as transformações linguísticas não só no plano da forma ou do conteúdo, mas também no plano da língua”.

Apesar dessa relação entre o conceito de TD e o de gênero do discurso, Kabatek (2006) afirma que ambos não são sinônimos. Uma distinção, entre esses termos, é o fato de que, como afirma o autor, as TDs abarcam não só as finalidades comunicativas complexas, como, por exemplo, os textos jurídicos, porém também os “atos de fala fundamentais, como a saudação, o agradecimento, a promessa” (KABATEK, 2006, p. 509).

Zavam (2009, p. 83), buscando fazer essa distinção, recorda que Bakhtin (2000, p. 309-310) considera os enunciados constituídos por uma só palavra como “um gênero do discurso valorativo que expressa o elogio, o encorajamento, o entusiasmo, a reprovação, a injúria: ‘ótimo!’, ‘Ânimo!’, ‘Bravíssimo!’, ‘Que horror!’, ‘Burro!’ etc.”, no entanto, são os gêneros *mais complexos* que acabam, frequentemente, sendo reconhecidos como tais, pelos próprios usuários dessa teoria. Esse aspecto torna-se ainda mais forte quando pensado na aplicação dessa concepção ao ensino. Dificilmente um *ato de fala*, como, por exemplo, *BEM!*, é tratado/denominado/reconhecido como gênero do discurso, nos materiais didáticos, apesar de o ser na literatura especializada (cf. VALOSHINOV; BAKHTIN (1976 [1926])).

Em vista disso, em defesa dessa distinção conceitual apontada por Kabatek (2006), apresenta-se o fato de que uma TD não está relacionada somente aos enunciados (gêneros) complexos e que pode englobar, dentro dela, outras TDs, além também de poder fazer referência a uma determinada forma textual ou a determinados elementos linguísticos. Um exemplo disso seria a forma *Era uma vez*, que é compreendida como uma TD, ou seja, uma

forma de dizer que se repete dentro da TD conto de fadas. Portanto, o conceito de TD refere-se a um nível geral, indo além do conceito de gênero discursivo, não só porque inclui os tipos de texto (narrativo, descritivo, injuntivo, dissertativo e/ou argumentativo), porém também porque todo gênero é uma TD, mas nem toda TD é um gênero, conforme aponta Kabatek (2012, p. 587). Nessa direção, Zavam (2009) ressalta que Kabatek tem como intuito esclarecer que uma TD pode ser tanto um modo de dizer já convencionalizado e tradicional (no sentido daquilo que se transmite), na mesma linha dos exemplos já citados, quanto uma forma textual em sua totalidade. Nesse intuito, o conceito de TD, de acordo com Kabatek (2006), abarca um sentido amplo e não um sinônimo de tipo textual ou gênero discursivo, uma vez que engloba todo tipo de tradições do falar identificáveis, também subgêneros ou tradições dentro do mesmo gênero.

Outros dois exemplos interessantes são: um particularmente da cultura brasileira e outro do contexto pandêmico. De acordo com Zavam (2009, p. 83), quando um parlamentar começa seu discurso, dizendo: *Companheiros e companheiras*, esse vocativo refere-se a uma TD dentro de outra, ou seja, o discurso político, que, por si mesmo, já mostra um modo de enunciar que se repete socialmente e que aponta, inclusive, para determinações de ordem ideológica, em que faz um diálogo típico de determinada visão política. No entanto, no caso da forma canônica *Era uma vez* que inicia os contos de fadas, essa possível interdiscursividade não ocorre, pois “não dialoga com uma ideologia, mas sim com outros textos. Portanto, o conceito de tradição discursiva não deve, necessariamente, ser associado ao de interdiscursividade ainda que relações discursivas possam ser estabelecidas entre essas duas instâncias” (ZAVAM, 2009, p. 83-84).³¹ Já o segundo exemplo, apresentado por Kabatek (2020), trata-se de uma associação ao contexto pandêmico³², quando, na TD *e-mail*, cria-se uma nova TD, em que se inaugura o e-mail, perguntando se o interlocutor está bem, por meio de tradições como *espero que este e-mail o encontre bem*. Em outras palavras, nesse exemplo, recupera-se a relação com a TD *carta*, que faz parte da tradição do século XVIII, conforme

³¹ Ainda sobre ideologia nas TDs, mas numa direção distinta da de Zavam (2009), conforme apresentada, consideram-se Valoshinov e Bakhtin (1976 [1926]) que afirmam que “qualquer que seja a espécie, o enunciado concreto, sempre une os participantes da situação comum como *co-participantes* que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira igual” (VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1976 [1926], p. 8, grifo dos autores). Consequentemente, o enunciado depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência, o que dá a este material expressão ideológica e depois desenvolvimento ideológico comuns. Assim, a situação extraverbal se integra ao enunciado como parte constitutiva da estrutura de sua significação, de modo que o enunciado concreto é composto por duas partes, a saber: (i) a percebida ou realizada em palavras; e (ii) a presumida.

³² O contexto pandêmico se refere à pandemia de COVID-19, uma doença respiratória aguda provocada pelo SARS- Cov-2, identificada, pela primeira vez, em dezembro 2019, na cidade de Wuhan na China. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou oficialmente a pandemia de COVID-19 que se estende até a atualidade.

apontado pelo autor, com a TD *e-mail*, no século XXI, uma vez que a nova TD toma espaço na seção do e-mail correspondente à saudação e/ou captação de benevolência, herdada da TD *carta*. Atualiza-se, assim, um de seus aspectos composicionais, de acordo com o contexto, em que traz, por meio da expressão *espero que este e-mail o encontre bem*, uma novidade em relação à situação pandêmica, cujo efeito de sentido inédito extrapola a repetição e a evocação, associadas às relações diacrônicas com a TD *carta*, e alinha-se às condições de produção do texto, enquanto acontecimento discursivo. Dessa forma, a emergência da expressão aqui destacada, no contexto pandêmico, não teria o mesmo valor (efeito de sentido) da emergência da mesma expressão em práticas antigas de composição da TD *carta*.

Diante disso, compreende-se que, para Zavam (2009) na linha de Kabatek (2006), há algumas TDs sem ideologia a partir da distinção entre intertextualidade e interdiscursividade. No entanto, na presente pesquisa, que segue a linha dos trabalhos de Lopes-Damasio (2022, 2020, 2019a/b, 2017, 2016), considera-se que a TD é definida enquanto “acontecimento” discursivo, no sentido de que “[a] aquisição de uma TD requer, ao mesmo tempo, um diálogo retrospectivo e prospectivo, com o que se repete em relação ao *já-dito* e a um *projeto de dizer*, com estatuto de fonte histórica e discursiva (naquilo que há de novidade em cada acontecimento discursivo)”, conforme Lopes-Damasio (2016, p. 298, destaques da autora).

Contudo, a escolha do conceito de TD, nesta pesquisa, refere-se à sua amplitude, uma vez que permite lidar com estruturas linguísticas diferentes, tais como as construções textuais, os atos de fala, os tipos textuais e gêneros discursivos.³³ O termo TD permite, também, trabalhar com o traço de interdiscursividade que se soma ao de repetibilidade textual, ou seja, àquilo que se repete em outros textos e com relações discursivas que estabelecem um diálogo com outros textos nas práticas resultantes da dialogia com já falado/ouvido e escrito/lido, conforme a proposta de Corrêa (1997).

2.5 Aplicação dos estudos das TDs

Em trabalhos realizados por Kabatek (2006) sobre a aplicação das TDs, em sua metodologia, o autor parte de estudos diacrônicos com intuito de expor, de forma precisa, as evoluções da língua e dos processos de mudança linguística. No entanto, conforme Lopes-Damasio (2017, 2016) e Longhin-Thomazi (2011a/b), o conceito de TD também pode ser aplicado em estudos que não sejam somente de natureza diacrônica. Para tanto, as autoras comprovam essa aplicação (estudo sincrônico) quando relacionam o conceito de TD e a

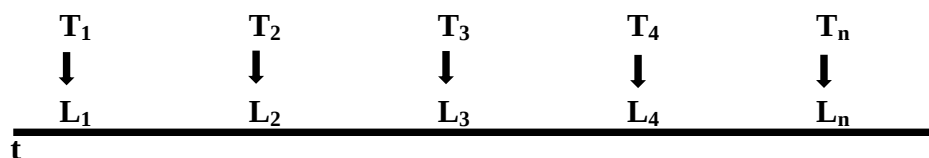
³³ *Era uma vez* e *Companheiros e Companheiras* são TDs, porém não são classificadas como gêneros do discurso, enquanto conto de fadas e discurso de político são TDs e gêneros discursivos.

aquisição da escrita. Segundo Lopes-Damasio (2011), o que conduz a esse caminho é a concepção de língua, histórica e concreta, de Coseriu (1979), que engloba a história mesmo no recorte sincrônico, tendo em vista que a história é constitutiva da língua. Dessa forma, tal como já se apontou anteriormente, esta será a perspectiva assumida na fundamentação teórica sobre a qual se dará o desenvolvimento deste trabalho.

Diante disso, será realizada, nas próximas duas subseções, uma breve apresentação da aplicação dos estudos das TDs no que concerne à gramática histórica, na subseção 2.5.1 *TD e gramática histórica*, relativa à aplicação do conceito no âmbito diacrônico, e, na subseção 2.5.2 *TD e aquisição da escrita*, relativa à aplicação desse conceito nos estudos voltados à aquisição da escrita, portanto, no âmbito sincrônico.

2.5.1 TD e gramática histórica

Kabatek (2006) aponta que o estudo das TDs apresenta diversas aplicações, uma das quais – e a primeira delas – corresponde à relação com a gramática histórica, que tem por objetivo chegar a uma proposta que possibilite que sejam vistos, com mais rigor, as evoluções da língua e os processos de mudança linguística. Considera-se, dessa forma, que, muitas vezes, a língua evolui em um processo unilinear e que o historiador da língua tem como intuito reconstruir uma espécie de *diacronia ideal*, como se a evolução da língua se desse numa linha. No entanto, para o autor, o estudo da história de uma língua não leva em conta exclusivamente a língua em si, mas “*textos* de diferentes épocas, textos que parecem representativos dos respectivos estados de língua (*états de langue* na terminologia de Saussure)” (KABATEK, 2006, p. 515, destaque do autor), conforme pode ser observado no Esquema 6:



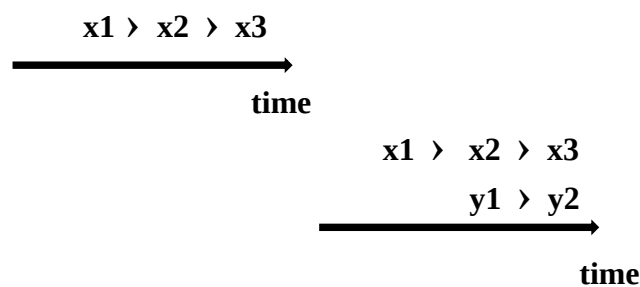
Esquema 6: Tradição textual e história da língua

De acordo com Kabatek (2006), diferentes textos são selecionados para a construção de uma sucessão linguística histórica em diversos períodos da história. No entanto, esse ponto de vista pode ser considerado um problema, ao se assumir que as diferentes TDs podem condicionar o emprego de meios linguísticos adequados e que, exatamente por isso, pode ocorrer uma variação desses meios conforme a TD. Uma possibilidade apontada, de acordo

com o autor, para que não ocorram os desvios causados pelas diferentes tradições de textos, é fundamentar o estudo histórico unicamente em uma única TD. No entanto, dessa forma, não se estudaria a história da língua, senão a história dessa TD. Outra solução seria, segundo o autor, misturar textos de diversas tradições para ter um *corpus equilibrado*, conforme as exigências do desenho de *corpora representativos*. Assim, alguns linguistas acreditam que o problema se liga à quantidade e que o trabalho com grandes *corpora* possa torná-lo menor.

Kabatek (2006) afirma que a solução para o problema da coexistência de diferentes TDs, na diacronia da língua, seria apenas a realização de um estudo diacrônico, que, para reconstituir a história dessa língua, partisse de várias tradições, de forma a não se limitar a uma única TD, mantendo, necessariamente, a diferenciação entre elas. Para o autor, essa diferenciação seria “uma história da língua menos monolítica que permitir[ia] saber em quais TD uma inovação é criada, como se difunde ao longo das TD, e também onde há TD resistentes às inovações, TD que preservam elementos que em outras TD não se usam mais” (KABATEK, 2006, p. 516).

Segundo Kabatek (2020), é possível relacionar as TDs com os diferentes tipos de evolução da língua por meio da perspectiva da gramaticalização (GR). Nesse sentido, conforme mostra o Esquema 7, há um certo elemento que se modifica de uma forma em uma determinada TD no tempo, e de outra forma, em outra TD, no mesmo recorte temporal:



Esquema 7: Tradição discursiva e gramaticalização

Portanto, de acordo com Kabatek (2006), em vários estudos de gramática histórica, vêm sendo introduzidas diferenciações textuais do tipo: *língua escrita/falada*; *textos literários/não literários*, *textos científicos*, *poéticos*, *jurídicos*, dentre outras. Nessa direção, a distinção entre/de TDs fortalece esse entendimento de língua como uma entidade não monolítica, que se desenvolve, no decorrer do tempo, mas como um conjunto de variedades e de TDs com evoluções internas potencialmente diferentes. A inovação, de modo geral, ocorre

em um determinado texto, um texto que esteja vinculado a uma TD, e pode ser generalizada, em uma dada tradição, porém pode não ser considerada geral, na língua.

2.5.2 TD e aquisição da escrita

Ao resgatar o tratamento teórico-metodológico da noção de TD, que engloba o conceito veiculado por Kabatek (2006) e garante a sua adequação em um estudo direcionado à aquisição da escrita, Lopes-Damasio (2019b) pressupõe que a criança, antes mesmo de estar inserida na escrita, domina várias TDs, principalmente as que se materializam na fala e circulam em práticas discursivas orais. A autora, ao ressaltar o trabalho de Mayrink-Sabinson (1998), defende que as práticas discursivas orais têm um papel essencial na significação do texto escrito, para que ele passe a ter sentido como objeto para a criança, uma vez que:

[...] essas práticas orais, em tradições textuais, estão na origem das relações que se estabelecem entre a criança e o texto (no seu modo escrito de enunciação), por meio das quais o texto deixa seu estado de opacidade de *coisa* e se transforma em objeto significante – porque dotado de significado – para esse sujeito (LOPES-DAMASIO, 2019b, p. 154, destaque da autora).

Longhin-Thomazi (2011a), direcionando-se pela concepção de linguagem e pelo modelo de produção verbal, fundamentados na obra de Coseriu (1979) e refinados nos trabalhos de Koch (1997) e de Oesterreicher (1997), assume que, para a produção de enunciados escritos, a criança lida concomitantemente com dois conjuntos de regras: as regras idiomáticas, aquelas que estão no domínio da língua histórica particular, isto é, seu sistema e sua norma; e as regras discursivas³⁴, aquelas que estão no domínio das TDs, isto é, que abarcam atos de fala, gêneros, tipos textuais, estilos, formas literárias, relacionadas aos modos de dizer tradicionais que organizam a produção e a recepção dos discursos³⁵. Dessa forma, “os enunciados dos textos infantis podem ser tomados como registro do grau de envolvimento da criança tanto com as regras do sistema como com as da tradição” (LONGHIN-THOMAZI, 2011a, p. 222-223).

Antes de sua inserção nas práticas formais de letramento, Longhin-Thomazi (2011a) acredita que a criança já circula por TDs típicas da oralidade, uma oralidade que é sempre atravessada, em maior ou menor grau, por letramentos, a depender de sua vivência. Logo, quando a criança chega à escola, ela também já é letrada. Assim, a perspectiva de letramento adotada pela autora vai além do contexto educacional e equivale a um processo mais

³⁴ Regras discursivas são entendidas aqui no âmbito das práticas sociais orais/letradas.

³⁵ Discurso é compreendido como interdiscurso, isto é, um diálogo discursivo com outros textos.

abrangente, de natureza sócio-histórica, direcionado às práticas de leitura e de escrita. Essa visão de letramento, como ressalta Longhin-Thomazi (2011a), se compatibiliza com a de Street (2006), a qual engloba a relação de interação social entre indivíduos e considera sua participação ativa em um mundo de sociedades e culturas variadas e, também, está relacionada com o conceito TD que condiciona o uso de determinadas construções linguísticas, conforme apontado pela autora, na linha dos trabalhos de Kabatek (2006), Koch (1997) e de Oesterreicher (1997).

Portanto, para Longhin-Thomazi (2011a, p. 223), em acordo com a concepção de Street (2006), no âmbito da antropologia, as práticas de letramento são “modos variados e complexos de representar os significados de ler e escrever, em diferentes contextos sociais, em meio a relações de poder e ideologia. São, para o autor, práticas constitutivas de identidade dos indivíduos, associadas a papéis sociais assumidos ou recusados”.

2.6 Em suma

Este Capítulo tratou de discussões importantes, associadas ao entendimento do conceito de TD: a teoria da linguagem coseriana, organizada a partir dos três níveis, *universal*, *histórico* e *atual* ou *individual*, de modo que o domínio das TDs encontra-se no nível *histórico*; e a questão da historicidade dos atos de fala que pode ser vista por três conceitos distintos (historicidade linguística *strictu sensu*, historicidade como tradição de determinados textos ou de determinadas formas textuais e historicidade genética). Dessa forma, fundamentando-se nos pressupostos de Coseriu, especialmente em sua concepção de língua concreta, considerou-se a história como parte constitutiva da língua, mesmo sob um viés sincrônico, o que garante a viabilidade de um trabalho como este, voltado ao estudo de textos de escrita infantil em uma perspectiva sincrônica, sob tal escopo teórico.

Nessa direção, foi discutida a proposta de acomodação do conceito de TD no nível histórico, de acordo com a distinção entre o que é língua, enquanto sistema – possibilidades que mostram os caminhos linguísticos abertos e fechados em determinada comunidade – e norma – um sistema de realizações habituais, consagradas social e culturalmente, de modo que concerne ao que *já se disse* e *tradicionalmente se diz* na comunidade considerada. Dessa forma, compreendeu-se que, no ato de falar/escrever, o vínculo com algumas tradições textuais é dado primariamente e interiorizado no indivíduo da mesma maneira que o seu vínculo com a língua (materna).

A intrínseca associação entre a teoria da linguagem coseriana, organizada a partir dos três níveis linguísticos, e a proposta de acomodação do conceito de TD no nível histórico garantem o entendimento de língua histórica independentemente do recorte do analista.

Conforme os critérios de definição de TD: (i) a *repetição* e a *evocação*, representados por dois eixos que se entrecruzam, ou, em outras palavras, por duas faces da relação de tradição de um texto; e (ii) as *composicionalidades* das TDs: *paradigmática* que trata da referência simultânea a diversas TDs em um único texto e *sintagmática* que corresponde à propriedade capaz de identificar, na linearidade de uma TD complexa, a forma como as TDs que a compõem se combinam/juntam, torna-se possível o reconhecimento do modo como as TDs se comportam e se formam textualmente.

Este Capítulo apresentou também uma discussão que partiu do conceito de TD apontado por Kabatek (2006), uma vez que esse termo é definido de modo generalizante por abarcar todos os elementos históricos relacionáveis com um texto, englobando uma gama de fenômenos. Assim, uma TD não se trata de um sinônimo de *gênero*, *tipo textual* etc., mas de uma noção geral que engloba todo tipo de tradição do falar/escrever e também subgêneros ou tradições dentro de um mesmo gênero.

Por fim, em articulação com as concepções de escrita heterogênea e de TD, serão apresentados, no próximo capítulo, os principais aspectos do conceito de junção, através do critério bidimensional, que articula sintaxe à construção dos sentidos no processo de textualização.

CAPÍTULO 3

MECANISMOS DE JUNÇÃO

3.1 Primeiras palavras

Este Capítulo faz uma explanação sobre a abordagem funcionalista e sua forma de analisar e compreender os MJs, por meio de suas possibilidades de realização na estrutura sintática e das relações semânticas. O Capítulo tem por objetivo apresentar a importância dessa perspectiva, nos estudos dos MJs, que compreende a captação da fluidez do funcionamento da língua concreta e fazer uma relação entre o funcionalismo e a abordagem das TDs, conforme a proposta de Kabatek (2006), para justificar a escolha desse lugar teórico para a análise dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho.

Na seção 3.2, será apresentado um panorama geral das propostas funcionalista e tradicional no que concerne ao modo como cada uma delas compreende e caracteriza os MJs. Esse panorama é necessário também para a explicação da adoção da perspectiva funcionalista como modelo teórico-metodológico assumido neste trabalho. Nessa direção, o foco maior na apresentação da abordagem funcionalista foi realizado a partir dos estudos de Bally (1965), Halliday (1985), Raible (2001), Carvalho (2004), Longhin-Thomazi (2004; 2011b) e Lopes-Damasio (2011).

Na seção 3.3, serão apresentados os processos sintáticos e semânticos³⁶ relacionados à articulação de orações, de acordo com a perspectiva funcionalista, e o entendimento de junção que designa uma dimensão universal da linguagem e permite a sistematização das diferentes técnicas linguísticas usadas para *juntar/combinar* elementos proposicionais, conforme a proposta de Raible (2001). Diante disso, esse critério de análise da junção de orações possibilitará um entendimento mais amplo do processo de junção do que aquele proposto pela tradição gramatical.

Por fim, na seção 3.4, explica-se a noção de junção em correlação ao paradigma das TDs, retomando a hipótese de Kabatek (2006), de que são elementos sintomáticos na identificação de TDs. Em seguida, no âmbito dos estudos da escrita infantil, será realizado um recorte sincrônico, mediante os trabalhos de Longhin-Thomazi (2014, 2011b) e Lopes-Damasio (2019a, 2019b, 2018, 2017, 2016, 2014), em que os MJs serão tomados como *rastros* da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciar, com o intuito de apresentar considerações necessárias para a construção de um espaço de observação teórico-

³⁶ De acordo com a proposta de Kortmann (1997), que realiza um estudo tipológico sobre a GR de jutores em línguas europeias.

metodológico coerente com a fundamentação teórica acerca da noção de escrita eleita para este trabalho.

3.2 A perspectiva funcionalista em paralelo com o modelo da gramática tradicional

Um dos principais representantes do modelo funcionalista de análise de sentenças complexas e textos, de acordo com Longhin-Thomazi (2004), foi Charles Bally (1965). Em sua obra *Linguistique Générale et Linguistique Française*, Bally (1965) propõe um estudo das orações compostas que difere do da Gramática Tradicional (GT) – limitada aos conceitos de coordenação e subordinação –, por meio de um modelo de análise, fundado em critérios semânticos dos enunciados e que ocorre em termos de bipartição entre *tema* e *propósito*, de modo que pode ser aplicável em qualquer segmento de comunicação. O tema é definido como o ponto de partida ao qual é acrescentado o propósito, que traz a informação mais importante para a comunicação e, por isso, é definido como o segmento que contém maior relevância semântica. Dessa forma, o caráter particular da proposta de Bally (1965), conforme ressalta Longhin-Thomazi (2004, p. 323), “já aparece na própria noção de oração, que é desvinculada da representação, a que estamos acostumados, que estabelece uma distinção sintática entre sujeito e predicado gramaticais”.

Os enunciados, nessa proposta, são analisados mediante o aspecto semântico-pragmático, de modo que ganham relevância as noções de pausa e entonação ao explicar os processos pelos quais as combinações de orações são feitas no que diz respeito ao sentido que delas emerge. Para tanto, Longhin-Thomazi (2004, p. 323) aponta que a oração, na concepção de Bally (1965), é definida como “um ato de enunciação completo, que se presta a uma caracterização tipicamente funcional”.

A originalidade na perspectiva de Bally (1965), segundo Longhin-Thomazi (2004), não se dá apenas no fato de estabelecer um mecanismo informacional para explicar a combinação de enunciações (ou orações), mas também na busca de aplicar esse mecanismo em duas etapas: (i) dentro do enunciado e (ii) entre enunciados. Desse modo, as enunciações simples – de termos – e as complexas – de orações – são passíveis de segmentação em tema/propósito e evidenciam que, de acordo com o grau crescente de entrelaçamento semântico, as enunciações são distribuídas por três tipos: *coordenação*, *segmentação* e *soldadura*.

Segundo Longhin-Thomazi (2004), Bally (1965) compreende que os segmentos unidos por *coordenação* apresentam unificação incipiente; por *segmentação*, apresentam

unificação relativa; e, por *soldadura*, apresentam uma unificação completa, em um único ato de enunciação através de uma única intenção. Os traços que permitem identificar a coordenação são os contornos entoacionais autônomos das enunciações envolvidas e também a pausa, representada, na escrita, por ponto ou vírgula. A segmentação separa as enunciações em uma pausa mais breve que aquela da coordenação. No entanto, diferentemente das duas primeiras, na soldadura, não há pausas ou entoações contrastantes, bem como não há uma separação absoluta entre tema e propósito, que são deduzidos do contexto.

Bally (1965) se separa da dicotomia da GT, uma vez que sua perspectiva, além de ser tripartida, tem por intuito o semântico-pragmático e apresenta uma visão mais geral da junção em sua relação com o texto/discurso. Portanto, não se trata de um acréscimo a uma classificação do modelo tradicional, mas de um novo modelo de análise, fundamentado em critérios que possibilitam a percepção das ambiguidades e lacunas no que se refere à dicotomia coordenação/subordinação.

De acordo com Longhin-Thomazi (2004), a *coordenação* semântica, conforme a proposta de Bally (1965), precisa preencher duas condições prévias: dados os segmentos C_1 e C_2 , eles serão coordenados se: (i) C_1 constituir um ato de enunciação completo que funciona de maneira independente; e (ii) C_2 construir o propósito de C_1 . Para exemplificar, é possível observar as seguintes enunciações:

(01) Faz frio. Não sairemos.

Faz frio (e a propósito do fato de que faz frio, acrescento:) não sairemos.

(02) Não sairemos. Faz frio.

Não sairemos (e a propósito desse fato, acrescento:) faz frio.

Em (01), há dois atos de enunciação completos, de modo que o segundo (*não sairemos*) é visto como propósito do primeiro (*faz frio*). A ordem inversa, em (02), também apresenta a mesma regra. Diante disso, Longhin-Thomazi (2004, p. 326), ao ressaltar Bally (1965), aponta que “os contornos entoacionais autônomos de cada enunciação envolvida e a existência de uma pausa considerável separando-as funcionam como pistas que permitem reconhecer a coordenação”.³⁷

Nessa mesma direção, a simples justaposição de dois enunciados, em Bally (1965), de acordo com Longhin-Thomazi (2004), não é o suficiente para que elas se tornem coordenadas (*Paulo chegou! Passe-me o pão!), porém é necessário que ocorra entre si, ainda que

³⁷ Bally refere-se à “enunciados”, quando faz menção a “atos de enunciação” e a “enunciação”, em “os contornos entoacionais de cada *enunciação*”.

implicitamente, uma relação lógica, compreendida como a relação de sentido que comprova a combinação dos dois enunciados. Conforme os exemplos (01) e (02), mesmo sem nenhuma marca formal, é possível inferir, respectivamente, as relações de consequência e causa: a enunciação *faz frio* tem como consequência *não sairemos*; ou, de outra maneira, *não sairemos* tem como causa a enunciação *faz frio*.³⁸

De acordo com Longhin-Thomazi (2004), a *segmentação* é resultado da condensação parcial de dois enunciados coordenados, em que, sendo a *soldadura* imperfeita, é possível separar as duas partes, mantendo as funções de tema e de propósito. Distingue-se da *coordenação*, entre outros fatores, devido a ter uma interdependência maior dos enunciados e “por ‘deslocar’ um elemento para fora da oração, sob a forma de vocativo, expressão adverbial deslocada e frase parentética ou intercalada” (LONGHIN-THOMAZI, 2004, p. 328, destaque da autora). Em outras palavras, há uma diferença no valor sintático do primeiro segmento: em que aparece na *coordenada* como autônomo e na *segmentada* como um elemento subordinado (*quando chove, permaneço em casa* ou *se desobedece, é punido*).

Segundo Longhin-Thomazi (2004), a *soldadura* é apresentada como uma unificação completa de duas orações em um ato de enunciação, correspondendo a uma única intenção, sem pausas ou entoações contrastantes. A *soldadura*, em sua forma mais simples (*esse homem é inocente*), não permite uma separação clara, a partir de signos linguísticos, entre tema e propósito, devido à entoação coerente que caracteriza a oração em sua totalidade. Já para a *soldadura* complexa (*eu afirmo que esse homem é inocente*), o propósito também pode ser de qualquer elemento, uma vez que depende só do contexto. Desse modo, o reconhecimento do propósito, na *soldadura*, ocorre no nível discursivo-pragmático e não no nível sintático-semântico.

A proposta de Bally (1965), conforme aponta Longhin-Thomazi (2004), apresentou contribuições muito importantes para os estudos linguísticos, uma vez que, além de se distanciar das representações gramaticais vigentes em sua época, levou em consideração os aspectos semântico-pragmáticos da combinação de orações e focalizou os aspectos da fala (em termos de entoação e pausas), fatores importantes num momento em que a escrita – numa concepção distinta daquela adotada neste trabalho – era mais estudada pelos pesquisadores da linguagem. Dessa forma, a adoção do modelo de Bally (1965) foi fundamental para rever a

³⁸ Destaca-se que, em ambos os casos, trata-se do macrossistema semântico de causa, conforme Kortmann (1997): (i) “[porque] Faz frio (causa) não sairemos (efeito)”; (ii) “Não sairemos (efeito) [porque] faz frio (causa)”.

oposição das conjunções, em coordenativas ou subordinativas, nas classificações estanques da tradição bipartida.

No âmbito da combinação de orações, Halliday (1985) também põe em xeque a dicotomia entre coordenação e subordinação e apresenta, de acordo com Carvalho (2004), uma proposta de investigação das sentenças complexas em dois eixos: o tático e o lógico-semântico, constituindo, assim, uma gramática funcional com o intuito de observar o texto e os usos efetivos da língua. É nesse sentido que Halliday (1985), conforme Santos (2014), apresenta a multifuncionalidade da língua, ao desempenhar simultaneamente três metafunções básicas, a saber: a produção de significados *ideacionais*, *interpessoais* e *textuais*. Os significados *ideacionais* correspondem à experiência no mundo sócio-físico, ou seja, trata da representação da experiência de mundo na linguagem. Os significados *interpessoais* correspondem às relações sociais entre os sujeitos e as atitudes expressas por eles na linguagem. Por fim, os significados *textuais* correspondem à organização da informação enquanto mensagem, ou seja, é por meio dessa função que as unidades linguísticas são contextualizadas. Essas metafunções, portanto, atuam em conjunto e interagem na construção do texto, conferindo-lhe, assim, um caráter multifuncional.

Em relação às sentenças complexas, de acordo com Carvalho (2004), Halliday (1985) apresenta que o eixo tático está relacionado com a interdependência entre elementos (tais como palavras, sintagmas ou cláusulas), de modo que se divide em parataxe (relação entre elementos de igual estatuto) e hipotaxe (relação entre elementos de diferente estatuto). A parataxe refere-se à coordenação, citação (por exemplo, os casos de discursos diretos e indiretos livres) e aposição; e a hipotaxe, às cláusulas relativas não restritivas, cláusulas de fala reportada (por exemplo, o chamado discurso indireto) e cláusulas interligadas por relações circunstanciais. Nas estruturas paratáticas e hipotáticas figuram dois tipos de orações: (i) as primárias, isto é, a primeira de uma construção paratática e a dominante em uma construção hipotática; e (ii) as secundárias, isto é, aquelas que acontecem depois das primárias em uma construção paratática e a(s) dependente(s) em uma construção hipotática.

Contudo, de acordo com Rodrigues (2018, p. 56), esse modelo se difere do da GT, uma vez que apresenta uma proposta fundamentada em critérios sintático-semânticos bem definidos e, também, por não focalizar as relações de constituição³⁹ no mesmo domínio das

³⁹ A *constituição* ocorre nos casos que não correspondem nem à parataxe, nem à hipotaxe, mas dizem respeito ao fato de uma oração entrar no eixo tático de outra, com a função de formar uma oração complexa. Desse modo, o *encaixamento* não é abordado, em Halliday (1985), bem como neste trabalho, pois não representa um mecanismo de relação entre as orações, ou seja, não permite a adoção de um modelo bidimensional de análise dos esquemas de junção.

hipotáticas. Além disso, Halliday (1985) compreende que os enunciados exercem funções comunicativas e que é possível construir estruturas distintas, conforme as intenções subjacentes ao processo comunicacional.

Nessa mesma direção, Carvalho (2014) aponta que, na proposta desse autor, o eixo lógico-semântico trata das relações semântico-funcionais que podem ser observadas entre as cláusulas que integram frases complexas. Desse modo, o eixo lógico-semântico engloba dois tipos de relações, a *expansão* e a *projeção*, que são definidas da seguinte maneira:

A *expansão* de uma oração primária pela secundária pode se dar por: (a) *elaboração* (quando esse último tipo de oração constitui uma paráfrase, um comentário ou uma justificativa, por exemplo); (b) *extensão* (quando a sentença secundária exprime uma adição, uma exceção ou uma alternativa); ou (c) *realce* (quando a sentença secundária indica uma circunstância de lugar, tempo, causa, condição, finalidade etc.). A *projeção* de uma oração primária pela secundária pode gerar uma ideia (construções de significados) ou uma locução (construções de palavras). (CARVALHO, 2004, p. 13, grifo meu).

O Quadro 7, abaixo, mostra os contextos da *expansão*, função que tem mais relação com a proposta desta pesquisa:

		EIXO TÁTICO	
		PARATAXE	HIPOTAXE
E X P A N S Ã O	Elaboração	Exposição: P isto é Q Exemplificação: P por exemplo Q Esclarecimento: P de fato Q	Orações relativas apositivas
	Extensão	Co-ordenação de orações: Adição (positiva e negativa): P e Q; não P nem Q Adversidade: não P mas Q Alternância: P ou Q	Hipotaxe de orações em: Adição: P além de Q Adversidade: P apesar de Q Alternância: se P não Q
	Realce	Co-ordenação de orações com traço circunstancial Tempo: P então Q Espaço: P e aqui/lá Q Modo: P e dessa maneira Q Causa: P e por isso Q Condição: P ou por outro lado Q Concessão: P ainda Q	Orações circunstanciais Tempo: quando P, Q Espaço: P onde Q Modo: P assim como Q Causa: P porque Q Condição: Se P, Q Concessão: P embora Q

Quadro 7: Modelo de combinação de orações, adaptado de Halliday (1985, apud LONGHIN-THOMAZI; LOPES-DAMASIO, 2014, p. 139)

De acordo com Rodrigues (2018), essa proposta é muito eficiente na forma como consegue descrever a combinação das orações, uma vez que dispensa a recorrência a adendos para explicar, por exemplo, enunciados como: *não vou à escola, detesto os professores*, que, de acordo com a GT, corresponderiam a uma coordenada gramatical e uma subordinada psicológica. Já na perspectiva de Halliday, correspondem a uma parataxe em que emerge uma relação semântica causal, cuja oração secundária expande a primária. Desse modo, nessa perspectiva, preocupa-se em observar a língua em uso e os fenômenos que aparecem nas enunciações concretas.

Nessa mesma direção da proposta de Halliday (1985), de acordo com Carvalho (2004), ainda no quadro de referência teórica funcionalista, a proposta de Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993) apresentam contribuições importantes por considerar os processos de articulação de orações como uma tipologização das sentenças complexas mediante um *continuum*⁴⁰ que mostra os níveis de maior ou menor vinculação entre orações. Segundo Lopes-Damasio (2011), a organização da proposta de Hopper e Traugott (1993) cruza duas tradições: a primeira, entre parataxe e hipotaxe, por meio do critério de *dependência*; e a segunda, entre coordenação e subordinação, por meio do critério de *integração*. “Desses dois pares em cruzamento, obtém-se uma escala tripartida (parataxe > hipotaxe > subordinação) que não corresponde, simplesmente, a uma substituição da escala bipartida (coordenação > subordinação), já que ela não é composta por termos discretos” (LOPES-DAMASIO, 2011, p. 77).

Os *continua* abaixo ilustram a proposta de Hopper e Traugott:

	PARATAXE	HIPOTAXE	SUBORDINAÇÃO
Dependência	-	+	+
Encaixamento	-	-	+
	PARATAXE (independência)	HIPOTAXE (interdependência)	SUBORDINAÇÃO (dependência)
núcleo _____			_____ margem
integração mínima _____			_____ integração máxima
ligação explícita máxima _____			_____ ligação explícita mínima

Esquema 8: *Continua* parataxe, hipotaxe e subordinação (LOPES-DAMASIO, 2011, p. 77-78)

⁴⁰A ideia de *continuum*, conforme Longhin-Thomazi (2011b), mostra a continuidade de determinados elementos que estão dentro dos estágios de mudança a que são submetidos, portanto, trata-se de levar em consideração que há fases e transições intermediárias entre os polos extremos de um eixo de mudança. O *continuum*, no âmbito teórico deste trabalho, tem por objetivo mostrar que não há uma divisão estanque entre as categorias ou padrões de usos elencados em cada um de seus pontos.

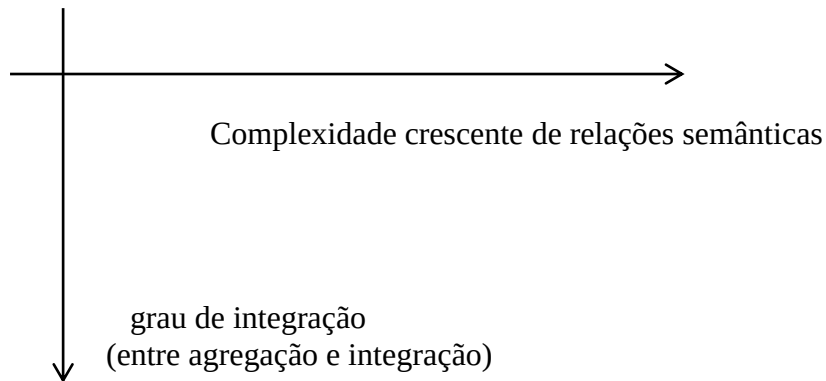
De acordo com Lopes-Damasio (2011), Lehmann (1988) representa, também num *continuum*, a hierarquia existente por meio de dois pontos: (i) nos estudos da sentença, isto é, a coordenação; e (ii) nos estudos da dessentencialização, isto é, a perda do estatuto de sentença, uma vez que a oração não atua mais como sentença e passa a ser constituinte de outra oração, caracterizando, assim, o encaixamento. Entre os polos extremos do *continuum*, de acordo com Lopes-Damasio (2011), há as *orações adverbiais*: hipotáticas e paratáticas com sentido circunstancial de Halliday (1985) e Hopper e Traugott (1993). Desse modo, o *continuum* de Lehmann (1988) representa um rebaixamento, na parataxe, uma vez que se distribuem complexos que vão de um grau maior de autonomia sentencial a um grau menor, e, inversamente, de um grau maior de integração sentencial a um menor⁴¹.

De acordo com Rodrigues (2018), diferentemente da GT, esse modelo fundamenta-se em parâmetros que surgem a partir de estágios, de modo que mostra que a língua não é estanque e os critérios para análise da ligação entre as orações precisam ser extraídos dos usos efetivos em que se observa essa dinâmica. Nessa direção, “entre esses polos das sentenças plenas até a relação de constituinte da sentença dominante, há, por exemplo, as orações *hipotáticas de realce* que ocupam um estatuto intermediário” (RODRIGUES, 2018, p. 59). Com isso, percebe-se o processo de GR e de variação linguística na língua em uso.

De maneira similar, Raible (2001) assume a agregação e a integração como pontos extremos de um *continuum* em que há posições intermediárias, numa hierarquia sintática dentro de enunciados. Para tanto, o autor defende a junção como uma dimensão universal da linguagem que possibilita a sistematização de diferentes técnicas linguísticas. Desse modo, os jutores são analisados na conjugação do eixo tático e do eixo da complexidade crescente das relações semânticas, tais como as de *causalidade*, *consequência*, *condição* etc., passíveis de serem identificadas na relação entre as partes articuladas do enunciado.

Nessa direção, o Esquema 9 representa tanto o eixo vertical, que mostra as técnicas classificadas de acordo com o esquema sintático, como o eixo horizontal, que mostra a escala de complexidade crescente das relações semânticas:

⁴¹ Segundo Carvalho (2004), esse *continuum* de rebaixamento, proposto por Lehmann (1988), apresenta seis parâmetros semântico-sintáticos que são relevantes para o estudo da articulação de orações em qualquer língua e também para a formulação de uma tipologia de frases complexas: (i) rebaixamento hierárquico da oração subordinada; (ii) nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula; (iii) dessentencialização da subordinada; (iv) gramaticalização do verbo principal; (v) entrelaçamento das duas orações; e (vi) explicitude da articulação. Diante disso, ilustra-se, agora a partir da proposta de Lehmann (1988), a justificativa para a escolha teórico-metodológica de, neste trabalho, as orações subordinadas/encaixadas não serem abordadas; por não comporem diretamente o enunciado do ato de fala, ficam, portanto, fora das relações entre sintaxe (parataxe e hipotaxe) e semântica (adição, alternância, comparação, modo, causa, tempo, condição, finalidade, contraste, concessão), exercendo, exclusivamente, funções de argumentos.



Esquema 9: *Junktion* segundo Raible (1992, apud KABATEK, 2006, p. 517)

Sintetizando, segundo Lopes-Damasio (2017), na esteira de Halliday (1985), o sistema de taxa se divide em parataxe e hipotaxe, distinguindo-se nos aspectos gramaticais das unidades envolvidas: (i) quando as duas orações são livres e representam, cada uma, um todo funcional, a construção é definida como paratática e apresenta, mais recorrentemente, ordem fixa; (ii) se, por outro lado, uma oração domina a outra, é considerada dominante e, assim, nuclear, de modo que a outra é vista como dependente e, assim, modificadora, a construção é hipotática e, portanto, há dependência.

Raible (2001) considera igualmente as combinações paratáticas, hipotáticas, e, ainda, as subordinadas, analisando-as como casos de junção, conforme mostra o Quadro 8, em que o aspecto tático é exemplificado de maneira processual:

- | |
|---|
| <p>I. Justaposição sem juntor (<i>João está doente. Não come nada.</i>)</p> <p>II. Relação dêitica com a frase anterior (<i>[...] Por isso, não come nada.</i>)</p> <p>III. Orações explicitamente unidas (<i>[...] pois não come nada.</i>)</p> <p>IV. Subordinação (<i>João está doente porque não come nada.</i>)</p> <p>V. Construções gerundiais ou participiais (<i>[...] não comendo nada.</i>)</p> <p>VI. Grupos preposicionais (<i>Por causa de jejum, João está doente.</i>)</p> <p>VII. Preposições (<i>Por fome, João está doente.</i>)</p> |
|---|

Quadro 8: Esquema simplificado do eixo tático – graus de integração (KABATEK, 2006, p. 518)⁴²

⁴² Kabatek (2006) apresenta um esquema exemplificado, para o português, das orações que Raible (2001, p. 595) estabelece em correlação com os critérios de junção de diferentes línguas (inglês, alemão e francês), conforme é possível observar: (i) *Joan is ill. This is why she remains at home*; (ii) *Joan bleibt zu Hause. Sie ist nämlich Krank*; (iii) *Joan reste chez elle. Car elle est malade*; e (iv) *Joan est malade. C'est pourquoi elle reste chez elle*.

Vale ressaltar que este trabalho, seguindo a tendência de Lopes-Damasio (2019a, 2019b, 2018, 2017, 2014); Bavaresco (2019); Taura (2019); Rodrigues (2018); Silva (2016); Longhin (2014); Longhin-Thomazi (2011b), no âmbito de estudos voltados à aquisição da escrita, dentre outros de natureza funcionalista, na noção de junção proposta por Halliday (1985) e por Raible (2001), analisa as orações I e II como casos de parataxe e as orações III, IV, V, VI e VII como casos de hipotaxe.

Kabatek (2006), na mesma linha de autores funcionalistas cujas propostas já foram apresentadas até aqui, defende que a descrição e análise dos juntores precisam considerar a sua inserção tanto no eixo vertical (o eixo tático), quanto no eixo horizontal (o eixo das relações semânticas), conforme o tipo semântico do nexos que expressam. No eixo vertical, é possível diferenciar juntores, tal como *se* ou *caso* para a condicionalidade, *porque* para a causalidade, *para que* para finalidade, *ainda que* ou *mesmo que* para concessividade etc. Assim, “o objetivo do esquema de junção é oferecer uma classificação dos juntores numa língua, no que cada jutor é localizado com duas coordenadas” (KABATEK, 2006, p. 518).

Contudo, a perspectiva de Raible (2001) se difere da de Halliday (1985) por levar em consideração as orações subordinadas, conforme ressalta Bavaresco (2019, p. 68). Nessa direção, o modelo de junção de Raible (2001) abrange a proposta de Halliday (1985), ao entender que as relações entre os elementos proposicionais ocorrem sempre em termos de (in)dependência dentro de um *continuum* que vai da justaposição – menor dependência – até a nominalização – máxima dependência, seguindo pela subordinação. Assim, este trabalho assume o cruzamento dos aspectos sintáticos com os das relações semânticas. Mais especificamente, toma o eixo sintático, isto é, o vertical, restringindo-o aos processos paratáticos e hipotáticos de combinação de orações, uma vez que se explicita um entendimento *na relação entre as orações* que compõem um complexo, no enunciado/texto, o que configura, por sua vez, o eixo horizontal.

Segundo Lopes-Damasio (2011), Kortmann (1997) afirma que, no eixo horizontal, as relações semânticas mostram que as mais complexas são mais tardias tanto na filogênese (mudança da língua), como na ontogênese (aquisição da linguagem) da língua. No entanto, Lopes-Damasio (2014) apresenta, a partir da descrição e análise dos comportamentos das técnicas de junção em diferentes TDs, especificamente, no contexto de aquisição de TDs, na escrita, que o enfoque nos MJs resulta em casos de parataxe mais recorrentes, embora não exclusivos, e que se mostram associados a uma grande gama de relações de semânticas (*adição neutra, tempo posterior, causa, condição e contraste*, dentre outras). Segundo a

autora, esse resultado mostra a relevância desse tipo de construção e, conseqüentemente, a necessidade de um refinamento da análise das marcas linguísticas que fundamentam as inferências de sentido inerentes a ela. Do mesmo modo, confirma a complexidade dos contextos paratáticos, uma vez que “o modo escrito da enunciação revela-se por meio de tradições de textos que se misturam e que se constituem em um diálogo constante, que ora têm como base semiótica o *som*, ora o *gráfico*” (LOPES-DAMASIO, 2014, p. 1384, grifos da autora).

Na seção 3.3, serão apresentados, com mais detalhes, o significado e o entendimento que será atribuído à funcionalidade semântico-formal dos MJs, no presente trabalho.

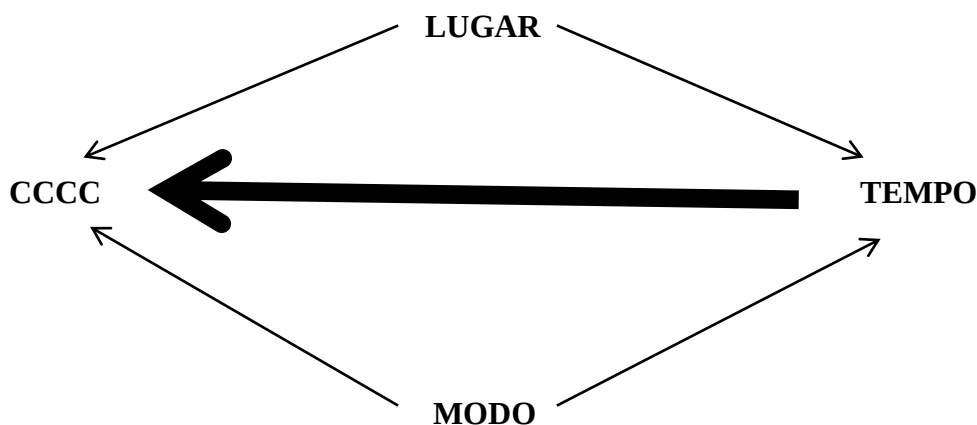
3.3 Mecanismos de junção sob a perspectiva funcionalista

A concepção da junção oracional apresentada na seção anterior possibilitará um entendimento mais amplo do processo de junção do que aquele proposto pela GT. De acordo com Longhin-Thomazi (2011b, p. 224), o modelo de análise funcionalista da junção, baseado na noção de *modificação* de orações (HALLIDAY, 1985; MARTIN et al., 1997), consegue dar conta do fato de que “qualquer relação semântica pode se resolver em diferentes ambientes sintáticos, com arranjos que são tipicamente paratáticos, hipotáticos ou que estão na fronteira indecisa entre parataxe e hipotaxe, o que coloca em questão aspectos da abordagem tradicional”, isto é, em termos de coordenação e subordinação. Outro argumento, segundo a autora, é que a subordinação e a coordenação da GT não conseguem explicar que as relações semânticas, como a adição, podem ocorrer tanto no período subordinado como no coordenado.

Nesse sentido, os jutores serão entendidos, aqui, no âmbito de um modelo funcionalista de junção, fundamentado em um esquema bidimensional, em intrínseca relação com a proposta de Halliday (1985), conforme proposta metodológica de Raible (2001), que relaciona sintaxe e semântica e classifica os processos de junção por meio de cinco fundamentos, a saber: (i) hierarquia sintática, que trata dos graus de dependência e integração entre as unidades; (ii) dinamismo comunicativo, que trata dos diferentes estatutos informacionais que as unidades articuladas podem apresentar; (iii) relações semânticas, que remetem à percepção da relação de complexidade entre as partes; (iv) manutenção da referência, que trata dos procedimentos utilizados para a introdução, manutenção e construção dos referentes no texto; e (v) gênero textual, que trata do reconhecimento de um gênero e seu vocábulo característico.

A análise que se verá neste trabalho se baseia em um modelo funcionalista de linguagem em que a relação entre as orações está pautada na não discretude dos processos e sentidos da junção, com destaque para os fundamentos listados em (i), (iii) e (v)⁴³.

Sob esse mesmo viés, Loghin-Thomazi (2011b) aponta que há diversas relações semânticas e, por haver predisposição derivacional entre elas, é possível ordená-las em função de maior ou menor complexidade, de acordo com a proposta de Kortmann (1997), que realiza um estudo tipológico sobre a GR de juntores em línguas europeias. Segundo a autora, Kortmann (1997) apresenta quatro macro-sistemas semântico-cognitivos, dentro dos quais se subdividem conjuntos de relações com elos de trânsito⁴⁴, que contribuem para o entendimento dos padrões de polissemia, a saber: *tempo*, *modo*, *lugar* e *CCCC* (*causa, condição, contraste e concessão*), conforme o Esquema 10:



Esquema 10: Macroestrutura do universo semântico das relações oracionais segundo Kortmann (1997, apud LOGHIN-THOMAZI, 2011b, p. 225)

Nessa perspectiva, de acordo com Longhin-Thomazi (2011b), Kortmann (1997) busca estender da filogênese para a ontogênese a análise das tendências em mudança semântica, relacionando os juntores, principalmente o desenvolvimento das relações de *CCCC* na linguagem infantil. A autora aponta que Kortmann (1997) fundamenta-se nos trabalhos de Reilly (1986), Bloom et al. (1980) e Bowerman (1986) para considerar que, “assim como na filogênese as direções na mudança semântica sinalizam uma complexidade cognitiva

⁴³ É importante ressaltar que, mesmo reconhecendo o foco principal deste trabalho sobre esses três fundamentos, os demais não serão negligenciados sempre que se mostrarem relevantes para a determinação de uma proposta de interpretação analítica das relações entre taxa, sentido e texto.

⁴⁴ Esses trânsitos são observados a partir do fato de, “[...] [d]o ponto de vista histórico, a mudança semântica [ser] fortemente direcional, pois os caminhos são condicionados pelas relações polissêmicas entre os sistemas semânticos, com vistas ao aumento de complexidade” (LONGHIN-THOMAZI, 2011b, p. 224), que apresenta, pois, afinidades maiores e menores entre as relações semânticas.

crescente, na ontogênese a ordem preferencial de aquisição dos esquemas de junção também segue um gradiente cognitivo similar” (LONGHIN-THOMAZI, 2011b, p. 225).

Diferentemente de Kortmann (1997), que não considera, em sua proposta, as TDs, Lopes-Damasio e Silva (2017) analisam aspectos do sistema de causalidade, em TDs produzidas por sujeitos em aquisição da escrita, e apontam que os dados não mostram uma aquisição de acordo com o aumento da complexidade cognitiva de maneira linear. As autoras associam as TDs com as relações semântico-cognitivas e concluem que esse estudo contribui para que a aquisição da escrita não seja tratada como universal e que o sujeito nela envolvido possa ser visto de forma real, em sua relação com a linguagem, “perpassada pela (sua) imagem da escrita convencionalizada, pela influência do outro e pelas práticas orais e letradas em que está inserido, como também pelas tradições escritas e orais com que está em contato” (LOPES-DAMASIO; SILVA, 2017, p. 131).

Conforme aponta Longhin-Thomazi (2011b), é possível avaliar a complexidade dos trânsitos semânticos à luz de uma ambiguidade que vem da inserção dos juntores em domínios de interpretação. Em vista disso, a autora cita Sweetser (1991), que considera que um mesmo juntor pode estabelecer diversos valores, como, por exemplo, aqueles ligados aos fatos do mundo sociofísico, às etapas de um raciocínio lógico e aos momentos de uma argumentação. Desse modo, a defesa é que há uma unidirecionalidade dos MJs, conforme Kortmann (1997), e que o trânsito unidirecional sustenta a tendência filogenética. Os objetivos deste trabalho, voltado a um universo de investigação relacionado à ontogênese – mais especificamente o seu primeiro objetivo específico – permitirá observar a manutenção ou não desse trânsito unidirecional e, mais do que isso, poderá contribuir com outros trabalhos (cf. LOPES-DAMASIO, 2020; 2019a/b; ALVARES, 2020), que investigam a relação das TDs nesse trânsito.

Contudo, diante das propostas aqui apresentadas, no que concerne ao cruzamento dos eixos tácticos – parataxe e hipotaxe – e à complexidade crescente das relações semânticas, Lopes-Damasio (2014), com base nos estudos tipológicos de Kortmann (1997), apresenta uma escala semântica de complexidade crescente que se adapta à proposta dos juntores, conforme se observa no Esquema 11:

	Adição	Alternância	Modo	Comparação	Tempo simultâneo	Tempo anterior	Tempo posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P												
H												

Esquema 11: Critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção (LOPES-DAMASIO, 2014, p. 1376)

Segundo Lopes-Damasio (2014), na mesma direção já apontada por Longhin-Thomazi (2011b), nesse Esquema, que prevê o cruzamento dos eixos sintático e semântico, uma mesma relação semântica pode reconhecer diferentes possibilidades de expressão táctica. De acordo com esse critério bidimensional e seguindo a perspectiva adotada em Lopes-Damasio (2019a/b, 2018, 2017, 2016, 2014), a análise das relações desempenhadas pelos jutores será utilizada como argumento indicativo da circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita e da dialogia com o já falado-escrito, em contexto determinado sócio-historicamente. Para tanto, a particularidade dessa abordagem refere-se ao fato de enxergar a prática de textualização não como produto textual, “no sentido de que há um produtor de texto que se antecipa ao próprio texto, enquanto fonte/origem do dizer, mas como um processo de textualização em que o sujeito se constitui como escrevente num texto que se constitui numa tradição” (LOPES-DAMASIO, 2017, p. 1046).

Dedica-se a próxima seção à reflexão sobre as implicações entre os usos dos MJs, as TDs e a escrita infantil, de acordo com a concepção de escrita adotada neste trabalho.

3.4 Mecanismos de junção, tradições discursivas e escrita infantil

Os jutores são, de acordo com Kabatek (2006), elementos sintomáticos na identificação de uma TD. De acordo com essa hipótese, neste trabalho, a noção de constituição de TDs, em contexto de aquisição de TDs do modo escrito de enunciação, pauta-se pelo funcionamento dos MJs, tomados como possíveis índices de TDs e de mescla de TDs. Por isso, no presente trabalho, a partir da possibilidade de os MJs se relacionarem às TDs, torna-se importante o conceito de língua concreta e viva de Coseriu (1979) para os resultados que se pretende atingir na descrição dos jutores em contextos determinados. Nessa direção, a

perspectiva funcionalista será fundamental para a descrição dos usos dos MJs que configuram as TDs, uma vez que corroborará a hipótese deste trabalho de que é possível unir TDs e MJs por meio da relação sintomática entre eles (cf. KABATEK, 2004, 2005, 2006, 2008), para, a partir dessa relação, analisar as TDs narrativa e argumentativa à luz de questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento (cf. CORRÊA, 1997, 2004).

Para tanto, a junção de orações é compreendida, tal como visto na seção anterior, de acordo com o cruzamento do eixo tático com o semântico, conforme a proposta de Raible (2001). Somado ao entendimento tático-semântico da junção, para a abordagem de seus aspectos discursivos, acrescenta-se o conceito de *espaço de junção*, que, de acordo com Lopes-Damasio (2020), possibilita analisar as técnicas de junção sem perder de vista o ponto em que ocorrem, mediante um tratamento analítico de natureza linguístico-discursiva. A relação entre *MJs* e *espaço de junção*:

[...] Trata-se de uma observação do contexto linguístico, em que se vincula a ocorrência de uma TD à dimensão sintática da língua, sem, com isso, deixar de se tratar, ainda, de uma observação do contexto enunciativo, no qual a sintaxe assume feições de dimensão de contato entre a virtualidade do sistema e a sua realização, permitindo, dessa forma, a observação das junções como memória de realizações já feitas e não apenas como recursos formais da língua. (LOPES-DAMASIO, 2020, p. 142-143).

Desse modo, “por meio dessa concepção, a abordagem investigativa conjuga aspectos linguístico a discursivos, de modo a reconhecer, na escrita, *rastros* que mostram o movimento do sujeito para a construção dos sentidos no processo de textualização” (LOPES-DAMASIO, 2019b, p. 156, destaque da autora).

A partir disso, Kabatek (2006) aponta que o falar dá-se de modo fundamental na atribuição de signos linguísticos a um universo percebido. Esses signos têm caráter nominal, isto é, aqueles que designam coisas, ou verbal, aqueles que designam ações. Para tanto, essas relações podem:

[...] ficar implícitas ou podem ter representação na superfície textual por meio dos *juntores*: elementos dêiticos, elementos de coordenação ou de subordinação (conjunções), construções absolutas, construções participiais, grupos preposicionais, simples preposições... O esquema de junção oferece uma ordem lógica a esses elementos. (KABATEK, 2006, p. 518, destaque do autor).

Segundo Kabatek (2006), Raible (1992) apresenta uma série de correlações dos parâmetros de junção com outros aspectos importantes, tais como a evolução das línguas, a

aquisição da linguagem, a GR e a relação entre oralidade e escrituralidade. Por consequência, Kabatek (2006) parte de duas observações, em sua aplicação do esquema textual, para determinar a relação entre os juntores que estão em um texto e a TD à qual o texto pertence, de modo que possa afirmar que existe uma correlação entre eles. A primeira propõe que o emprego dos juntores, em uma única sincronia, muda conforme o texto [que se escreva]; e a segunda, que essa variação, levando em consideração uma evolução diacrônica dos juntores, será possivelmente o espelho sincrônico dessa evolução diacrônica. Assim, o autor considera que:

Esta correlação é por um lado qualitativa, quer dizer que em uma TD de finalidade determinada vai aparecer uma série de nexos que correspondem ao conteúdo expresso nesse texto. Mas a possibilidade de distinguir diferentes TD dá-se ainda muito mais quando se introduz um elemento de *quantidade relativa*, contando o número relativo de juntores que aparecem em um texto. Os dois fatores levaram-nos à seguinte hipótese de trabalho: os esquemas de junção de um texto – “juntores” que contêm e frequência relativa – são sintomas para determinar a tradição discursiva a que pertence. (KABATEK, 2006, p. 519, destaque do autor).

Diante disso, Kabatek (2006) cita um de seus estudos, o ponto de partida de sua análise, sobre diferentes textos medievais do espanhol (cf. KABATEK, 2005), e critica pesquisas, em gramática histórica, que assinalam diferenças textuais, tais como língua escrita e falada, textos literários, textos não literários, textos poéticos, textos científicos, textos jurídicos etc. sem levar em consideração o conceito de TD. Essas diferenças, de acordo com o autor, são insuficientes, uma vez que *textos jurídicos*, por exemplo, podem pertencer a TDs distintas. Nesse estudo, Kabatek (2006) observa, nos arranjos de juntores empregados, pelos menos três TDs diversas dentro do gênero jurídico medieval, a saber: a *façanha*, o *texto foral* e o *renascer do direito romano*.

Kabatek (2006) observou que o objetivo das *façanhas*, conforme a enumeração de acontecimentos, era descrever fatos e que essa característica leva a um esquema de junção mais simples, baseado na *adição*. No *texto foral*, que equivale a um modelo prototípico de lei, isto é, a uma lista de frases condicionais como: se *a* fizer *b*, será sancionado em *c*, a relação de junção predominante é a *condicionalidade*. Por fim, os textos do *renascer do direito romano*, caracterizado pela discussão científica das matérias jurídicas, são altamente elaborados e apresentam diversas possibilidades de junção, desde a *adição* até a *concessividade*. Assim, Kabatek (2006) confirmou a hipótese sobre a correlação entre a TD e os tipos de juntores

utilizados, por meio de duas direções: (i) a TD condiciona o emprego de certos juntores; e (i) esses juntores ajudam a caracterizar a TD.

Nessa mesma direção, segundo Longhin-Thomazi (2011b), as formas de junção empregadas nos textos de escrita inicial (infantil) apresentam marcas da experiência que as crianças tiveram até então com tradições da oralidade. Esse fato se dá por mostrar o mecanismo de excelência que é a parataxe, muito característico de enunciações faladas, mas não por se tratar de uma sintaxe simples ou menos rica e, sim, por ser uma composição com base numa forma de diálogo, com encadeamentos que beneficiam a memorização⁴⁵.

De acordo com essa autora, na escrita inicial, mediante as tendências ontogenéticas, predominam juntores de menor complexidade morfológica e de relativa complexidade cognitiva, conforme observado nas TDs narrativa, relato de palestra, relato de procedimento e receita (LONGHIN-THOMAZI, 2011b). Além disso, a escolha por um esquema de junção, em dado momento da aquisição, pode estar relacionada com a “[...] complexidade da construção em jogo, mas também de características funcionais do próprio esquema de junção, que é mais ou é menos adequado a um ‘modo de dizer’” (LONGHIN-THOMAZI, 2011b, p. 237, grifo da autora), ou seja, trata-se de considerar a TD na materialização desses esquemas de junção e conforme o que se está denominando, na esteira de Lopes-Damasio (2020), como *espaços de junção*.

Segundo Lopes-Damasio e Silva (2017), no início da inserção das crianças na aquisição da escrita, a frequência maior de uso da *justaposição* está relacionada às tradições orais a que o escrevente está mais habituado. Para as autoras, a justaposição, vista como recurso comum na oralidade informal, ajusta-se a um gesto que aponta, na fala, para o acompanhamento do interlocutor e, na escrita, para a representação desse interlocutor, de modo a permitir o preenchimento dos vazios deixados pelo sujeito que fala/escreve, com o intuito de que o diálogo (transposto para a escrita) proporcione o esclarecimento das dúvidas relacionadas ao sentido desses espaços. Assim, a criança recorre, estando inserida no novo, nesse caso, na escrita convencional, àquilo que lhe é disponível, nas práticas orais/faladas e ao próprio gesto, que, caracterizado num esquema de junção, mostra a heterogeneidade constitutiva da escrita.

De modo geral, o conceito de aquisição, aqui, se estende, conforme Longhin (2014), aos anos subsequentes à alfabetização propriamente dita e abarca, portanto, a

⁴⁵ Vale ressaltar que as práticas orais e práticas letradas, no presente trabalho, são vistas a partir da relação fala e escrita e, concomitantemente, da dialogia com o já falado/ouvido e com o já escrito/lido, conforme a proposta de Corrêa (1997). Portanto, não ocorrem de maneira isolada.

convencionalização da escrita infantil, de acordo com a imagem de escrita institucionalizada do sujeito que escreve. Nesse sentido, os textos de escrita infantil, segundo Longhin (2014), apresentam a convencionalização nas práticas sociais orais e letradas, constatadas em diversas fontes de saber. Para a autora, as crianças já circulam por TDs típicas do modo de processamento oral, antes da alfabetização escolar, e essas TDs são sempre atravessadas por diferentes letramentos, a depender das vivências das crianças na sociedade.

Nesta proposta de pesquisa, na linha de Lopes-Damasio (2019b), os MJs serão tomados como *rastros* da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciar. Esses *rastros*, para a autora, são identificados diante do funcionamento de técnicas juntivas, configurando-se, assim, em espaços de junção, nos textos, que privilegiam a observação linguístico-discursiva da movimentação do sujeito, quando tomados como aspectos sintomáticos da TD em que o texto se encontra e que, ao mesmo tempo, ajudam a compor, enquanto matéria e produto da linguagem.

Para Lopes-Damasio (2019b), os MJs podem ser tomados como sintomas da escrita-processo e não como categorias linguísticas previamente estabelecidas. Em razão disso, esses *rastros* são identificados por meio da pressuposição de que as características textuais de diferentes TDs podem estabelecer o uso de determinada forma de junção, por predominância, alternância ou exclusão de técnicas específicas. Assim, são analisados fora do espectro de generalizações que conduz, por vezes, a categorias linguísticas prévias aos próprios atos concretos de enunciação.

A escolha do conceito de MJ, nesta pesquisa, na linha proposta por Kabatek (2006), em que a junção é tomada como fenômeno para apreensão de TDs, por meio de uma abordagem quantitativa e qualitativa que conjuga tipos de juntores, distribuição no texto e grau de complexidade morfosintática e semântica, permite enxergar tais mecanismos em uma relação entre o linguístico e o discursivo, se forem tomados como *rastros* da circulação do sujeito pela escrita (LOPES-DAMASIO, 2019b).

3.5 Em suma

Este terceiro Capítulo apresentou um entendimento sobre os MJs, nos estudos funcionalistas, em que são compreendidos, de acordo com Raible (2001), como uma dimensão universal da linguagem que permite sistematizar diferentes técnicas linguísticas usadas para *juntar/combinar* elementos proposicionais. Observou-se que as características dos juntores, analisadas nos eixos tático e semântico, podem configurar as TDs, de acordo com a tese de Kabatek (2006), segundo a qual é possível unir TD e MJ por meio de uma relação

sintomática. Desse modo, essa apresentação mostrou que os MJs podem ser um espaço privilegiado da conjugação entre o falado/oral e o escrito/letrado nos textos produzidos por sujeitos, por exemplo, do 7º ano do Ensino Fundamental II e que, na comparação dos resultados da descrição e análise dos dados das TDs narrativa e argumentativa, será possível sinalizar uma sistematização acerca das características linguístico-discursivas dessas tradições, na escrita infantil, mediante o funcionamento da junção oracional.

Sendo assim, a junção está fundamentada numa perspectiva dialógica, mediante o olhar do sujeito em relação aos outros e a compreensão dos aspectos tradicionais da linguagem de que faz uso. De acordo com Longhin-Thomazi (2011b, p. 224), o modelo de análise de junção funcionalista de *modificação* de orações (HALLIDAY, 1985; MARTIN et al., 1997) consegue dar conta do fato de que toda relação semântica se resolve em ambientes sintáticos diferentes, com arranjos que são tipicamente paratáticos, hipotáticos ou que estão na fronteira indecisa entre parataxe e hipotaxe, o que coloca em evidência, portanto, um distanciamento dessa perspectiva em relação à abordagem tradicional. Desse modo, a autora compreende também que as formas de junção empregadas nos textos de escrita inicial (infantil) apresentam pistas da experiência que as crianças tiveram até então com tradições da oralidade, em intrínseca relação com as tradições letradas.

Por fim, conclui-se que a abordagem funcionalista permite ter uma visão mais ampla dos juntores interoracionais, no que concerne à parataxe (inclusive a justaposição), à hipotaxe e à gradiência da complexidade crescente das relações semânticas. Nessa direção, busca compreender a produção textual, visando questões semântico-pragmáticas e sócio-discursivas, importantes para a descrição de fenômenos de junção, analisados *ad hoc*, dentro da especificidade das TDs em foco, e correlaciona-se com a proposta de Corrêa (1997) sobre a heterogeneidade constitutiva da escrita, uma vez que os MJs são vistos como *rastros* da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciar, configurando-se, portanto, em espaços de junção, nos textos, que privilegiam a observação linguístico-discursiva da movimentação desse sujeito. Além disso, a perspectiva funcionalista se difere daquela tradicional, visto que a segunda compreende o texto numa visão dicotômica entre certo/errado, coordenação/subordinação e não aborda questões extralinguísticas e discursivas.

PARTE II
UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1 MATERIAL E METODOLOGIA

1.1 Primeiras palavras

Esta Parte II tem por objetivo apresentar o *corpus* e os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa. Primeiramente, serão apresentados o universo da investigação, a partir da caracterização do Banco de Dados de Produções Escritas do Ensino Fundamental II (EF II), do qual os textos analisados foram extraídos, a organização da coleta desse material escrito, as propostas de produção textual que a condicionaram e as referências das ocorrências que foram usadas para identificar os textos analisados.⁴⁶ Em seguida, será apresentada a metodologia de análise dos dados.

1.2 Material: o texto escrito e suas condições de produção

O material de análise desta pesquisa foi extraído do Banco de Dados de Produções Escritas do EF II. A produção dos textos abrigados nesse Banco de Dados foi realizada pelo Projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), nos anos de 2008 a 2011, intitulado “Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual no Ensino Fundamental” em parceria com uma escola pública, E.E. Professora Zulmira da Silva Salles, de São José do Rio Preto (SP). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP e os textos manuscritos, digitalizados, em arquivos de imagem JPEG, e transcritos ortograficamente, conforme critérios de digitação, estão disponíveis em arquivo de texto (em formato DOC). Assim, esse projeto de extensão possibilitou a construção da plataforma *on-line* do Banco de Dados, disponível gratuitamente em: (<http://www.gbd.ibilce.unesp.br/redacoes>).

A organização do material escrito coletado e a concepção do sistema de busca de textos foram realizadas pela Professora Doutora Luciani Ester Tenani, docente da UNESP do campus de São José do Rio Preto, por meio do auxílio a projetos de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP (Processos 2009/14848-6 e 2013/14546-5). O sistema apresenta recursos de segurança que garantem o sigilo dos dados dos sujeitos que produziram os textos, de modo que não é possível identificá-los. A execução do sistema de gerenciamento das produções textuais foi feita pelo Grupo de Banco de Dados/UNESP.

As produções textuais foram organizadas, nesse Banco de Dados, da seguinte maneira: (i) cada série foi organizada pelo ano da coleta: 6º em 2008, 7º em 2008 e 2009, 8º em 2008 e

⁴⁶ Compostas por número do texto/escrivente, série, número da Proposta e TD, como, por exemplo, [01/7A/1Narr].

2010 e 9º ano em 2008 e 2011; (ii) propostas elencadas de 1 a 6, com exceção do 7º e 9º ano que foram de 1 a 7; (iii) tema: conto, cordel, relato de experiência, carta pessoal, anúncio publicitário, carta argumentativa, carta pessoal, descrição, artigo de opinião, relato de experiência, relato de expectativas de vida, relato de mudança de vida, enquete, carta de opinião e narrativa de ficção; (iv) tipologia: narrativa, relato, prescritiva, argumentativa, prescritiva/retrato, descrição/retrato e descrição; e (v) gênero do escrevente: masculino e feminino.

A justificativa para a seleção dos textos que constituem o *corpus* desta pesquisa, nesse Banco de Dados, sustenta-se em três pontos:

(i) quanto às TDs focalizadas: o conceito de TD apresenta consequências teóricas, ao reconhecer a natureza distinta das tradições textuais, e, ao mesmo tempo, apresenta consequências metodológicas. No âmbito da Linguística Histórica, mais especificamente nos estudos de mudança linguística, via GR, a adoção desse conceito significa a desconstrução do que se entendia por “diacronia ideal dos textos”. Sobre isso, basta recorrer aos trabalhos de Kabatek (2008, 2006), que mostram que a adoção do conceito representa consequências profundas no modo de concepção dos textos e de organização dos *corpora* desses estudos, de forma que a mudança deixa de ser atribuída à língua, como um todo ideal e homogêneo, e passa a ser atribuída aos textos dessa língua, a partir da análise de *corpora* que considere a comparação entre as mudanças em diferentes TDs. Por sua vez, no âmbito dos estudos voltados à escrita infantil (cf. LOPES-DAMASIO, 2020, 2019a/b, 2017, 2014; ALVARES, 2020; BAVARESCO, 2019; TAURA, 2019; RODRIGUES, 2018; SILVA, 2016), os resultados mostram que a criança circula por várias TDs antes de inserir-se no modo escrito de enunciação e que, portanto, um olhar voltado para o entendimento da natureza das relações entre TDs é fundamental para a busca da compreensão acerca dos modos de circulação desses sujeitos por práticas de escrita. Destarte, reconhece-se, na mesma linha do que se tem feito no viés histórico/diacrônico dos trabalhos que adotam o conceito de TD, a necessidade de organização dos *corpora* e de seus estudos na comparação entre as diferentes características de TDs, como espaços de circulação do sujeito. Sendo assim, conforme explicitado na subseção 1.2 da Introdução desta dissertação, ao alterar a natureza do *corpus* – com focalização na comparação de textos analisados como narrativos e argumentativos –, em relação aos estudos já realizados, no âmbito desse quadro científico relacionado à escrita infantil, a presente pesquisa garante seu ineditismo, e, ao mesmo tempo, a sua colaboração com a construção de um quadro mais geral, no qual se procura entender a articulação entre aspectos gramaticais e textual-discursivos na escrita infantil.

(ii) quanto ao *nível de escolarização* dos sujeitos: na linha do que foi exposto em (i), é garantia de ineditismo da pesquisa, e, ao mesmo tempo, justificativa de sua relevância em relação à sua potencial contribuição para a área em que se insere, a consideração acerca do recorte do nível de escolarização dos sujeitos produtores dos textos que serão analisados. Nessa linha, a proposição de um estudo sobre textos produzidos por sujeitos regularmente matriculados no 7º ano do EF II articula-se ao quadro geral de estudos já realizados e/ou em andamento nessa área. De modo geral, Lopes-Damasio (2020, 2019a/b, 2017, 2014), Silva (2016) e Longhin-Thomazi (2011) focalizaram, em suas investigações, textos dos primeiros anos de escolarização, equivalentes ao período de alfabetização propriamente dito. Taura (2019) voltou-se ao estudo da TD *carta*, com um *corpus* constituído de trocas de cartas entre alunos de 6º ano do EF II. Por sua vez, a proposta de Rodrigues (2018) voltou-se, especificamente, para TDs argumentativas, produzidas por sujeitos do 6º e do 9º anos do EF II.

(iii) quanto ao caráter *comparativo* da investigação: em consonância com o que foi apresentado até aqui – a consideração de que a adoção do paradigma das TDs exige, por consequência, a tomada de posições metodológicas, no que tange à forma de organização dos estudos, fundamentada na observação e análise das distintas TDs –, a presente pesquisa elege o espaço da *comparação* entre duas TDs, a *narrativa* e a *argumentativa*, como lugar para a observação a que se propõe. Para isso, fundamenta-se em resultados apresentados por Alvares (2020), em um estudo, em perspectiva longitudinal, que focalizou textos produzidos pelos mesmos sujeitos, matriculados no 7º e, depois, no 8º ano do EF II, e por Bavaresco (2019), em um estudo de TDs argumentativas produzidas por alunos de duas turmas de 7º anos do EF II. Destaca-se, dessa forma, que, o viés *comparativo* da presente proposta, ao mesmo tempo a distingue dos trabalhos listados e fundamenta-se neles. Em outras palavras, são os resultados desses estudos – voltados especificamente à TD *argumentativa* – que apontam o fato de que a *narração* é impositiva, na relação do sujeito com a linguagem, isto é, que qualquer que seja a tradição discursiva, o narrar será sempre estruturante e, portanto, constitutivo da composicionalidade de qualquer TD, podendo, assim, ser considerado de forma intimamente relacionada também à tradição de argumentar. De acordo com Rodrigues (2018), ao focalizar a TD *argumentativa*, a partir de uma proposta de produção que faz o aluno opinar sobre um tema, não se exclui o aspecto da mescla de TD, subjacente à noção de composicionalidade das TDs. Para tanto, compreende-se, na linha dos autores, que as produções não sejam, exclusivamente, *narrativas* ou *argumentativas*, mas que se apresentem de forma dialógica, conforme proposta de fundamentação teórica exposta neste trabalho. Na linha do que é

sinalizado pelos resultados dos trabalhos citados, é imprescindível que se entenda como cada uma dessas TDs se caracteriza em termos desse dialogismo, no que tange ao funcionamento dos MJs; como esse funcionamento indicia a circulação dos sujeitos pelas práticas de escrita e como se dá a mescla entre as TDs narrativa e argumentativa.

Diante disso, o *corpus* foi construído na seleção de quatro propostas: “Rompimento amoroso”, “Vivências de mal entendido”, “Carta argumentativa” e “Uma grande conquista”.⁴⁷ Os textos produzidos por essas propostas foram analisados – conforme se verá na Parte III desta dissertação – como pertencentes à TD narrativa (“Rompimento amoroso” e “Vivências de mal entendido”), e à TD argumentativa (“Carta argumentativa” e “Uma grande conquista”), de acordo com os exemplos de textos e suas respectivas propostas de (1) a (4):

⁴⁷ A adoção do conceito de TD permite que se adote, também, o próprio texto como unidade de análise. Em outras palavras, não é considerado o critério de quantidade de palavras para a construção do *corpus*, mas é observada, necessariamente, a mesma quantidade de textos, em cada uma das TDs analisadas, a fim de garantir as condições para a natureza comparativa do trabalho. O fato de o produto textual apresentar mais ou menos palavras ou linhas, em textos de uma ou outra TD, e, conseqüentemente, maior ou menor frequência do emprego de MJs, em uma ou outra TD, já é, pois, um resultado dessa abordagem teórico-metodológica. A quantidade de textos analisados foi definida em termos de um alinhamento com esse quantitativo em outros trabalhos, de mesma natureza, e com o universo de textos dessas tradições, na seriação selecionada, disponível no Banco de Dados.



Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____

Série/Turma: 7ª B

Proposta 1

Data: 20/03/08

- Observe a tirinha:



- A partir da tirinha acima e com base em seus próprios conhecimentos (outros textos lidos, novelas, filmes etc.), escreva uma **narrativa em terceira pessoa** que trate da mesma temática. Para essa proposta, diferentemente da tirinha, tanto o homem quanto a mulher podem "sofrer" as consequências da relação.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita.
- Dê um título a seu texto.

Josi e Jurenia

... Jurenia com medo do pai de Josi derrubou-a do cavalo e saiu correndo.

Só que depois de um tempo percebeu que não podia viver sem ela e foi atrás dela mas ela estava comprometida mas mesmo assim ele foi falar com ela, e se desculpou por que ela não queria conversar com ele porque estava com muita raiva dele por tê-la abandonado naquele dia, mas Josi ao ver Jurenia se lembrou dos bons momentos que viveu com ele e decidiu dar uma chance para ele falar com ela:

— Josi me desculpe mas eu fiquei com muito medo do seu pai aquele dia e eu te peço te desculpe me dá uma chance para voltar para você!

— Mas Jurenia você me abandonou no meio da estrada me jogou do cavalo e depois de tudo isso ainda quer voltar pra mim?

— Claro porque eu gosto muito de você e te peço desculpas por tudo e quero recomeçar com você.

— Jurenia mas eu estou muito triste com você.

mas Josi amoleceu seu coração com as desculpas e as duplicas de Jurenia e decidiu desculpa-la.

48

⁴⁸ Para identificação das ocorrências apresentadas nos Capítulos de análises do *corpus*, são especificados: (i) número do texto/escrevente; (ii) série; (iii) número da Proposta; e (iv) TD, conforme mostra o seguinte exemplo: [01/7A/1Narr], 1 para o texto 1, 7 para o 7º ano e 1Narr referente à Proposta 1 "Rompimento amoroso" (a indicação 2Narr refere-se à Proposta 2 "Vivências de mal entendido" da TD narrativa); e [02/7A/1Arg], 2 para o texto 2, 7 para o 7º ano e 1Arg referente à Proposta 1 "Carta argumentativa" (a indicação 2Arg refere-se à Proposta 2 "Uma grande conquista" da TD argumentativa).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E. E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 7ª B Nº 32

Proposta 3

Data: 24/08/10

- Nos textos apresentados, há um fator comum: em todos, há um diálogo entre as personagens e um mal entendido entre elas, o que causa algum humor. De certa forma, os sentidos esperados por uma das personagens não foram os mesmos que os da outra personagem. Isso se dá, entre outros motivos, porque as palavras, as sentenças têm mais de um sentido e as pessoas têm pensamentos, conhecimentos diferentes umas das outras e, por vezes, essas diferenças podem aparecer.
- Certamente, você já passou por alguma(s) situação(ões) parecida(s) ou conhece alguém que viveu alguma história em que havia um mal entendido. Escreva um texto relatando essa(s) história(s), quais as pessoas envolvidas e se esses mal entendidos foram resolvidos.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Se quiser, dê um título a seu texto.

Um dia estava um monte de gente, sexta-feira a noite dia de reunir os amigos, todo mundo nem ligando muito pra hora, quando agente foi ver 00:30, de repente aparece a mãe de uma colega nossa, a mãe da menina chegou batendo nela e gritando sua biscate, que que você tá fazendo aqui como uma biscate malquese. Contando da menina, ela ficou morrendo de vergonha mais mesmo assim não voltou pra casa, depois foi eu pela e outra menina na casa dela, a mãe dela não deixou nós e nem elas entrar, depois veio a polícia falando com a menina, ela abaxo a cabeça e começa a cantar "o pente, o o pente (ô)", ela voltou pra casa dela, quando foi umas 2 e pouco da manhã, todo mundo, onde agente costumava ficar, aparece a menina gritando, "Eu denubei minha mãe no chão, denubei minha mãe no chão".

Agente indo pro São Francisco, todo mundo chapado, os merinos param, se abraçam, começa dança e cantar "Desce com a mãe na xereca (ô)", agente apronta muito essa noite, com certeza foi muito boa.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 7ª B

Proposta 6

Data: 12/11/10

- Natal! Data tão gostosa que lembra nascimento de Jesus, família, alegria, presentes... confusão...
- E aí? O que você quer ganhar neste Natal? Escreva uma carta a seus pais tentando convencê-los de comprar o seu objeto de desejo. Nessa carta, insira a propaganda do seu presente. Lembre-se de ser criativo e convincente...
- Caso você e sua família não comemorem o Natal, relate o que costumam fazer nessa época.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

12 de novembro, 2010

Queridos pais, gostaria muito de ganhar nesse natal, uma câmera profissional, pois eu adoro tirar foto.

Essa câmera, ela é muito boa. Por favor, eu queria muito ganhar. Esse ano eu fui vítima alguma, não tirei muitas vermelhas, ajudei vocês um pouco.

Eu acho que deveria ganhar ela, vou uma vítima filha. É câmera é tão linda, tem todos os recursos MP4, MP3, pen drive, além de tirar foto, ela também filma! E ela não é muito cara!

Ele tira as fotos lindas, estimo muito, por favor, os seus me deem ela de presente, eu vou ficar muito feliz.

Obrigado,
amo vocês!

- Observe a foto e trechos de notícias sobre a vitória de César Cielo nos Jogos Olímpicos de Pequim e discuta com seus colegas sobre a emoção do nadador ao ganhar a medalha de ouro nas olimpíadas.



Medalhista de ouro na prova dos 50 m livre dos Jogos Olímpicos, o nadador brasileiro César Cielo não conseguiu conter a euforia pela inédita conquista da modalidade no país --primeiro ouro na história-- e disse ter vivido o melhor momento de sua vida em Pequim. (fonte: <http://olimpiadas.uol.com.br/2008>)

César Cielo não conseguiu segurar as lágrimas ao conquistar o ouro histórico nos 50 m livre, o primeiro do país em Pequim-2008 e o primeiro para o país na modalidade. (fonte: <http://olimpiadas.uol.com.br/2008>)

- Escreva um texto narrativo sobre **uma grande conquista**, alguma meta que sonha em alcançar no seu futuro, que dificuldades teria que superar para alcançar seu objetivo e qual seria sua emoção ao realizar o seu sonho.
- Seu texto deve conter de 15 a 20 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Sonho de infância

Eu sonho em ser uma grande jogadora de vôlei de praia, formar um time com minha amiga Juliana. Gosto muito de praticar esporte, principalmente vôlei de praia, é uma atividade muito gostosa de se fazer, e faz bem à saúde.

Sempre gostei de praticar vôlei, mais nunca pensei que eu iria seguir em frente, desde então eu tive um sonho: sonhei que eu estava lá na areia jogando com a minha amiga. E todo mundo grita pra mim nome. Foi muito bacana, pena que era só um sonho.

Mas mesmo assim após desse dia me dediquei mais e mais ao esporte.

E espero quando crescer eu ser uma famosa jogadora de vôlei de praia.

Os textos produzidos a partir das propostas “Rompimento amoroso” e “Vivências de mal entendido” são descritos como narrativos, porque se caracterizam como histórias tradicionais, como a dos contos de fadas, em que, conforme se vê nos textos da primeira proposta, o rapaz se separa da moça, por conflitos familiares, depois a reencontra, decidindo fugir com ela, e, no final, vivem felizes para sempre, de acordo com uma estrutura narrativa em que consta apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho, com narrador, personagens,

marcação temporal e espacial, discurso direto e indireto. Além disso, também são construídos numa rica relação entre fatos narrados que se sucedem, numa sequencialidade temporal, com pontos de simultaneidade, que indiciam uma dramaticidade maior ao enredo, e com causalidades que se sustentam na intrínseca relação entre esses mesmos fatos.

Os textos produzidos a partir das propostas “Carta argumentativa” e “Uma grande conquista” são, por sua vez, descritos como argumentativos, porque se caracterizam numa imagem de convencimento e persuasão, em que o acréscimo de novas informações se dá em prol da busca desse convencimento do outro/leitor, marcada pela ressignificação do que seria o argumento do outro e pela transformação desse argumento em seu [do sujeito escrevente] argumento.

Os textos produzidos a partir de cada uma das propostas selecionadas transitam, à sua maneira, pelo que se pode caracterizar como o repetitivo e definidor de cada tradição de falar/escrever, de modo que “esse arranjo” só vai se explicitar, totalmente, nos Capítulos de análise, porque as escolhas metodológicas, desta pesquisa, estão intrinsecamente relacionadas à teoria e, conseqüentemente, à própria análise, de acordo com o conceito de TD (conforme apresentado no Capítulo 2 - PARTE I).

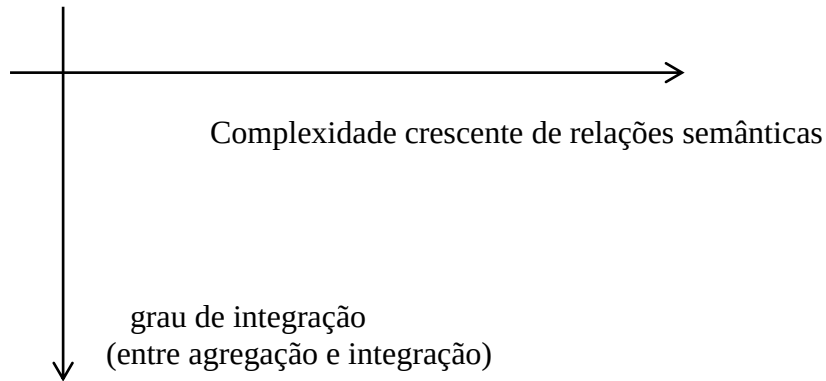
1.3 Metodologia: um olhar para os dados de escrita

Em relação ao método de análise, conjugam-se as abordagens quantitativa e qualitativa, em três etapas, de naturezas distintas, mas inter-relacionadas:

(i) para descrever a funcionalidade dos MJs em textos das TDs narrativa e argumentativa, a partir de uma abordagem bidimensional: focalizar as relações semânticas – de acordo com a escala de complexidade crescente, no eixo horizontal – e a interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa – de acordo com as arquiteturas paratática e hipotática, no eixo vertical.

Nessa direção, o Esquema 12, abaixo, apresenta tanto o eixo vertical, que mostra as técnicas classificadas de acordo com o esquema sintático, como o eixo horizontal, que mostra a escala semântica de complexidade crescente (cf. subseção 3.2 *A perspectiva funcionalista em paralelo com o modelo da Gramática Tradicional*, Capítulo 3 - PARTE I desta dissertação). Por sua vez, por meio desse Esquema, busca-se atingir o objetivo específico (i) de descrever e analisar os MJs, em textos pertencentes às TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente

entre as porções componentes da oração complexa, na perspectiva de Halliday (1985) e Raible (2001).



Esquema 12: Cruzamento dos eixos tático e semântico segundo Raible (1992, apud KABATEK, 2006, p. 517)

Em relação ao cruzamento dos eixos táticos – parataxe e hipotaxe – e à complexidade crescente das relações semânticas, Lopes-Damasio (2014), com base nos estudos tipológicos de Kortmann (1997), apresenta uma escala cognitiva de complexidade crescente que se adapta à proposta dos juntores, conforme se observa no Esquema 13 (cf. subseção 3.3 *Mecanismos de junção sob a perspectiva funcionalista*, Capítulo 3, Parte I, desta dissertação):

	Adição	Alternância	Modo	Comparação	Tempo simultâneo	Tempo anterior	Tempo posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P												
H												

Esquema 13: Análise dos mecanismos de junção segundo critério bidimensional (LOPES-DAMASIO, 2014, p. 1376)

Segundo Lopes-Damasio (2014), na mesma direção do trabalho de Longhin-Thomazi (2011b), nesse Esquema, que prevê o cruzamento dos eixos sintático e semântico, uma mesma

relação semântica pode reconhecer diferentes possibilidades de expressão táctica. Nesse sentido, destaca-se que os MJs serão tratados, metodologicamente, a partir dos trânsitos semânticos, sempre de acordo com essa escala crescente de complexidade, na direção do mais concreto para o mais abstrato, começando com o sentido mais concreto de adição, em direção ao sentido mais abstrato de concessão. Assim, o resultado da análise das relações desempenhadas pelos juntores será utilizado como argumento indicativo da circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita e da dialogia com o já falado e já escrito, de acordo com as etapas (ii) e (iii) (cf. LOPES-DAMASIO, 2020, 2019a, 2019b, 2017, 2016).

(ii) para buscar rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito, a partir de um olhar descritivo-analítico, baseado nos resultados da etapa descrita em (i): focalizar os rastros da circulação dos sujeitos por dois eixos propostos por Corrêa (1997).

Nessa etapa, propõe-se uma análise em que se defende, a partir de tendências dos funcionamentos táctico-semânticos dos MJs, descritos em (i), rastros da ancoragem dos escreventes nos eixos 1 e 2, da gênese da escrita e do código escrito institucionalizado, propostos por Corrêa (1997).

(iii) para relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, mediante um olhar descritivo-analítico, baseado nos resultados das etapas anteriores, em (i) e (ii): focalizar os rastros da circulação dos sujeitos pelo terceiro eixo proposto por Corrêa (1997) – o da dialogia com o já falado/ouvido escrito/lido, em relação com a teoria das TDs.

Nessa etapa, realiza-se a relação do funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, conforme o objetivo específico (iii), tomando como base as relações entre oral/falado e o letrado/escrito, referentes ao eixo 3 de Corrêa (1997), e a composicionalidade das TDs. Para o conjunto de textos produzidos a partir de cada uma das propostas de produção textual, serão analisadas as mesclas de TDs, no tocante à composicionalidade das TDs complexas *narrativa* e *argumentativa*, com a descrição e a quantificação de frequência de ocorrência dessas mesclas nos textos, a fim de subsidiar, primeiramente, a comparação dos resultados, em relação às TDs focalizadas, e, por fim, a discussão desses resultados.

Na análise qualitativa, propõe-se, portanto, uma complementação entre os resultados da descrição bidimensional do material linguístico e a observação dos três eixos orientadores da circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a (sua) escrita, de modo a caracterizar a heterogeneidade da escrita como um modo de delimitar TDs e mesclas de TDs. A análise quantitativa, direcionada pelos resultados da qualitativa, em suas etapas distintas, permitirá diferentes visualizações dos dados e a extração de tendências que apontem para conclusões acerca das características dos textos e das tradições em que estão inseridos.

Essa escolha metodológica segue aquela empreendida em trabalhos de Lopes-Damasio (2020, 2019a/b, 2017), mas pretende contribuir com a proposição de estratégias metodológicas para trabalhos, de mesma natureza, com ênfase *comparativa*⁴⁹. Trata-se, dessa forma, de, ao mesmo tempo, seguir os pressupostos teórico-metodológicos associados a um tipo de olhar lançado para os textos escritos (no caso deste trabalho, por alunos do 7º ano do EF II), de modo a não determinar suas experiências sobre a linguagem/língua como “erros” ou “acertos” e propor novos encaminhamentos metodológicos para a implementação da comparação de resultados descritivo-analíticos alcançados a partir da abordagem de TDs distintas, produzidas no mesmo recorte do EF II.

⁴⁹ A comparação entre as TDs *narrativa* e *argumentativa*, que está na base de cada um dos objetivos específicos deste trabalho, será realizada de acordo com as três etapas apresentadas em (i), (ii) e (iii).

PARTE III

APRESENTAÇÃO DA ABORDAGEM E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

APRESENTAÇÃO

Esta Parte III, *Análise e Discussão dos resultados*, será dividida em três Capítulos: no primeiro Capítulo, intitulado *Descrição e análise dos MJs nas TDs narrativa e argumentativa*, apresentam-se os resultados de acordo com o objetivo específico (i) da presente dissertação, a saber: descrever e analisar os MJs, em textos pertencentes às TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência entre as porções componentes da oração complexa. Nessa direção, este primeiro Capítulo apresentará a frequência dos arranjos táticos e das relações de sentido dos MJs, em contexto de seus usos prototípicos e em contexto de trânsitos semânticos, nos espaços de junção que ocupam, nos textos dessas tradições. Assim, perante esses resultados, dois aspectos serão apresentados: um de ordem geral – relacionado àqueles que aproximam as duas TDs; e um de ordem específica – relacionado àqueles que distinguem as duas TDs, tanto no que tange aos usos prototípicos, como aos usos não-prototípicos de MJs.

No segundo Capítulo, intitulado *MJs e heterogeneidade da escrita*, apresentam-se os resultados, de acordo com o objetivo específico (ii) deste trabalho: buscar rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços do oral/falado e letrado/escrito, a partir de relações entre o funcionamento dos MJs (cf. resultados do objetivo (1)) e os eixos da gênese da escrita e do código escrito institucionalizado, na perspectiva de Corrêa (1997). Para isso, baseado nos resultados do primeiro Capítulo, este segundo apresentará uma proposta de interpretação dos MJs como rastros da circulação dos sujeitos por dois eixos propostos por Corrêa (1997) – o primeiro, da gênese da escrita, e o segundo, do código escrito institucionalizado.

No Capítulo 3, intitulado *MJs e as TDs narrativa e argumentativa*, apresenta-se uma discussão dos resultados conforme os objetivos (i) e (ii), tendo como base o objetivo específico (iii): relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, numa abordagem desse funcionamento como práticas resultantes da dialogia com já falado/ouvido e escrito/lido, a partir de relações com o eixo 3 de Corrêa (1997). Em seguida, esse Capítulo apresentará uma análise dessas TDs em conformidade com a proposta de produção textual, de modo a reconhecer a composicionalidade dos textos, por meio de um levantamento das mesclas de TDs neles encontradas, para, assim, mostrar uma interpretação dos MJs, nesses espaços, como rastros da circulação dos sujeitos pelo terceiro eixo proposto por Corrêa (1997) – o da dialogia com o já falado/ouvido escrito/lido –, em relação com a teoria das TDs, especificamente no que concerne à composicionalidade das TDs.

CAPÍTULO 1

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS MJs NAS TDs NARRATIVA E ARGUMENTATIVA

1.1 Primeiras palavras

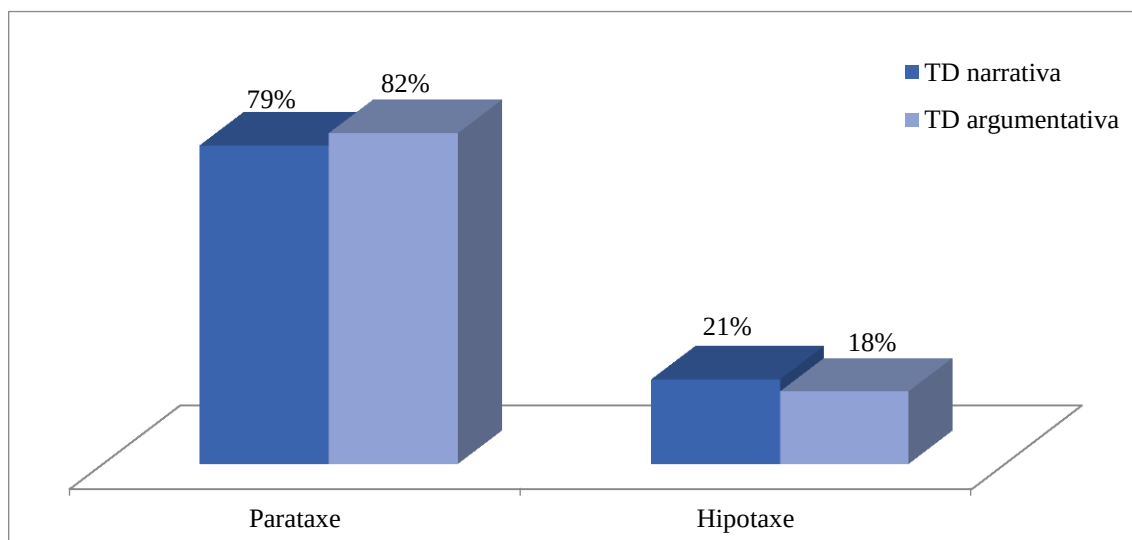
Neste Capítulo, apresentam-se os resultados da descrição e análise dos MJs nas TDs narrativa e argumentativa, produzidas por sujeitos regularmente matriculados no 7º ano do EF II, de acordo com o objetivo específico (i) do presente trabalho, apresentado há pouco.

Busca-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: qual o funcionamento táctico-semântico dos MJs nas TDs *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por alunos do 7º ano do EF II, e de que modo esse funcionamento revela-se sintomático das tradições investigadas? A hipótese é de que a noção de constituição de TDs, em contexto de aquisição de TDs do modo escrito de enunciação, pode ser pautada pelo funcionamento dos MJs, tomados como possíveis índices de TDs e de mesclas de TDs.

Sob esse viés, este Capítulo 1 encontra-se organizado em duas subseções, além desta apresentação: na primeira subseção, 1.2. *Mecanismos de junção e(m) TDs narrativa e argumentativa*, realiza-se a descrição do funcionamento dos MJs nos textos analisados; subdividindo-se em 1.2.1. *Mecanismos de junção em trânsitos semânticos*, em que se mostram os trânsitos semânticos presentes nas TDs narrativa e argumentativa, associados aos espaços preenchidos por MJs; e na segunda subseção, 1.3. *Discussão dos resultados*, apresenta-se uma discussão à luz dos resultados alcançados em consoância com esse objetivo específico. Por fim, encerra-se com a sistematização das análises apresentadas.

1.2 Mecanismos de junção e(m) TDs narrativa e argumentativa

No universo de investigação, foram constatados 1.221 ocorrências de MJs nos textos das TDs narrativa e argumentativa, sendo 673 MJs da TD narrativa e 548 MJs da TD argumentativa. Desse modo, observam-se os seguintes resultados, ilustrados, primeiramente, por meio do Gráfico 1, relativo ao eixo vertical, que corresponde aos dados da arquitetura táctica, conforme segue:

Gráfico 1: Eixo vertical: arquitetura táctica em TDs narrativa e argumentativa

Fonte: elaboração própria

Os resultados da análise do eixo vertical, conforme o Gráfico 1, mostram que a TD argumentativa apresenta uma frequência similar de MJs (82%), na parataxe, em comparação à TD narrativa (79%). Consequentemente, em relação à hipotaxe, a TD argumentativa também apresentou frequência similar de MJs (18%) em comparação com a TD narrativa (21%). De modo geral, esses resultados mostram que predomina a arquitetura paratática em ambas as TDs, apontando para os *rastros* que marcam aquilo que é fixo, nessas TDs, enquanto pistas de aspectos da circulação do sujeito pela escrita no que concerne à constituição sintática da textualização, uma vez que a parataxe é muito característica das enunciações faladas, “não por se tratar de uma sintaxe simples ou menos rica, mas por ser uma composição fundada numa forma de diálogo, com encadeamentos que favorecem a memorização” (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2011a, p. 236) e por apresentar traços de uma oralidade informal e formal nos textos dos escreventes, como, por exemplo, a oralidade letrada da professora.

De acordo com a apresentação realizada no Capítulo 3, *Mecanismos de Junção*, segundo Halliday (1985), o eixo táctico está relacionado com a interdependência entre elementos (tais como palavras, sintagmas ou cláusulas)⁵⁰, de modo que se divide em parataxe (relação entre elementos de igual estatuto) e hipotaxe (relação entre elementos de diferente estatuto). A parataxe refere-se à coordenação, citação (por exemplo, os casos de discursos direto e indireto livre) e aposição; e a hipotaxe, às orações relativas não restritivas, orações de fala reportada (por exemplo, o chamado discurso indireto) e orações subordinadas adverbiais.

⁵⁰ Denominadas, no presente trabalho, a partir da nomenclatura “orações”.

Para demonstrar os resultados, são apresentados exemplos de ocorrências, da arquitetura paratática, com maior frequência, em suas respectivas relações semânticas, extraídos das TDs narrativa e argumentativa. Esses exemplos são considerados prototípicos dos usos que ilustram. De um modo geral, de acordo com Neves (2006, p. 22), no âmbito do funcionalismo, a noção de prototípico se dá pela relação entre cognição e gramática, de modo que o membro que tem o maior número de propriedades significativas que caracterizam uma categoria, isto é, o prototípico, determina a classificação dos demais membros dessa categoria. Em outras palavras, “os membros mais representativos, ou seja, aqueles que os falantes primeiro evocam ao escutar ou ver o nome de uma categoria são os membros centrais ou prototípicos (melhores exemplos), em torno dos quais, os demais se organizam” (cf. DUQUE, 2001, p. 97). Neste trabalho, a prototipicidade será observada em relação aos aspectos táticos e, especialmente, em relação aos aspectos semânticos, a depender, portanto, da não constatação de trânsitos semânticos, no espaço de junção preenchido pelo MJ, em questão, no texto (os contextos em que os trânsitos semânticos foram constatados serão apresentados na subseção 1.2.1. *Mecanismos de junção em trânsitos semânticos*).

De modo específico, neste trabalho, destaca-se que os MJs prototípicos apresentam os seguintes traços: (i) são regulares em termos semânticos (como, por exemplo, os usos causais de *porque*) e (ii) apresentam expansão dos traços prototípicos persistentes de sua função-fonte (por exemplo, o uso temporal de “então”), de modo que não ganha traços semânticos e discursivo-pragmáticos. Já em seus usos não-prototípicos, os MJs apresentam os seguintes traços: (i) ocorrem fora do contexto linguístico sintático de dependência, em que não acompanha a oração matriz, no caso da hipotaxe; (ii) fazem um movimento de extensão, na expansão paratática, que amplia o conteúdo apresentado, acrescentando-lhe uma nova informação, porém sem configurar um contexto linguístico de integração/dependência sintática; (iii) quando, no contexto, permite inferir um sentido mais abstrato a partir da noção mais concreta, conforme a macroestrutura da escala de complexidade semântica; e (iv) quando ganha traços semânticos e discursivo-pragmáticos.

Neste ponto, em que se apresentam dados sobre a dimensão tática dos juntores, ressalta-se que, nos textos analisados, são mais frequentes aqueles MJs considerados prototípicos. Diante disso, as ocorrências de (1) e (4) exemplificam a relação paratática, porque os enunciados não são dependentes ou são minimamente dependentes sintaticamente:

- (1) Um dia eu estava no quarto **e** minha mãe me pediu para pegar o a(l)ho. [07/7A/2Narr].
- (2) Eu queria um skate **ou** um BMX do dia de natal. [13/7A/1Arg].

Em (1), extraído da TD narrativa, observa-se o emprego do MJ “e” aditivo, permitindo inferir o sentido mais abstrato de tempo simultâneo. Nesse caso, soma-se à oração 1 [Um dia eu estava no quarto], a oração 2 [e minha mãe me pediu para pegar o a(l)ho], ou seja, trata-se de orações não dependentes sintaticamente. Em (2), extraído da TD argumentativa, observa-se o emprego do MJ “ou” com sentido de alternativa. Nesse caso, alternam-se os conteúdos da oração 1 (Eu queria um skate) com o da oração 2 (ou [Eu queria] um BMX do dia de natal), em que parte da oração 1 fica elíptica, indicando, pois, que são minimamente dependentes sintaticamente.

Portanto, as ocorrências (1) e (2), com os MJs “e” e “ou”, exemplificam a relação de independência táctica entre as orações do complexo, mais frequentemente constatada nos textos analisados, ou seja, entre orações de igual estatuto, que, conforme a coordenação na Gramática Tradicional, não são dependentes ou são minimamente dependentes sintaticamente, de acordo com os traços [- dependência] semântica e [- encaixamento] sintático.

Em (3) e (4), destacam-se ocorrências dos MJs “quando” e “que”, ambas extraídas da TD argumentativa, que não correspondem ao que está sendo considerado como funcionamento prototípico de parataxe, conforme definida anteriormente, mas que, ainda assim, estão sendo tratadas, neste estudo, como casos de independência táctica:

- (3) **Cando** começa a abertura em pequim. Eu fiquei com frio na barriga antes de começar os jogos cando os jogos começa eu já fiquei famoso por que eu era um dos Brasileiros a estar em pequim [09/7A/2Arg].
- (4) Mas espero que (rasura)* nós passe um natal muit bom e um ano novo muito feliz, Ø repleto de luz. **Que** em 2011 seja melhor que em 2012. [16/7A/1Arg].

Em (3), “quando”, com seu sentido prototípico de tempo simultâneo, ocorre fora do contexto sintático de dependência, por, diferentemente do que se espera convencionalmente, não acompanhar uma oração matriz, mas situar, temporalmente, o conteúdo do que é apresentado posteriormente, num esquema em que há independência táctica, mas integração semântico-pragmática, a partir do sentido de tempo, numa espécie de “moldura temporal”.

Por sua vez, em (4), “que” com sentido de adição, funciona de acordo com o que Halliday (1985) denomina como movimento de extensão, na expansão paratáctica, que amplia o conteúdo apresentado, acrescentando-lhe uma nova informação,⁵¹ sem, no entanto, configurar um contexto de integração/dependência sintática. Assim, tanto (3) como (4)

⁵¹ Nessa ocorrência, o MJ “que” constitui o enunciado de uma TD: “Que em 2011 seja melhor que em 2012”.

caracterizam casos de parataxe pela relação de independência tática entre enunciados de igual estatuto, que, nos dados de escrita, deixa marcas também na pontuação empregada pelo escrevente (uso de ponto final em ambos os casos).

Observam-se, de (5) a (8), ocorrências que exemplificam a relação hipotática, porque, nelas, observam-se uma oração primária e uma secundária, portanto, orações com diferentes estatutos táticos, em que a secundária atua num espaço sintático de adjunto/acessório:

- (5) Ate que ele teve coragem e Lutou com o Batilhão. por causa Da Mulher, Chegou Com Seu Cavalo todo machucado. - Ø Olha Delegado eu fiz isso **por causa Da Mulher...** ØDice Juvencio. [06/7A/1Narr].
- (6) **Depois de** uma (~~semana~~) semana eu fui na aula de futebol. [13/7A/2Narr].
- (7) Nesse natal queria ganhar um computador, **para** fazer trabalhos escolares. [07/7A/1Arg].
- (8) **se** o senhor conprar eu vou fazer tudo que o senhor quiser. [11/7A/1Arg].

Em (5), extraída da TD narrativa, observa-se, no contexto de “por causa de”, a relação causa-efeito: “por causa da mulher” (causa) “Juvencio falou para o delegado que lutou com o Bastilhão” (efeito). O emprego de “por causa de” sinaliza a construção hipotática, na inserção convencional da causalidade nesse complexo. Em (6), também extraída da TD narrativa, há o emprego de “depois de” com sentido de tempo posterior, em que a oração secundária (dependente), referente à “Depois de uma (~~semana~~) semana”, marca o sentido temporal de posterioridade, em relação à primária (dominante), “eu fui na aula de futebol”.

Em (7), extraída da TD argumentativa, há o emprego de “para” com sentido de finalidade. O desejo de ganhar um computador de presente é apresentado com a explicitação de uma finalidade, na oração secundária (dependente), referente à “para fazer trabalhos escolares”, em relação à primária (dominante) “Nesse natal queria ganhar um computador”. Em (8), também extraída da TD argumentativa, há o emprego de “se” com o sentido de condição eventual. Observam-se a oração primária (dominante), referente a “eu vou fazer tudo que o senhor quiser” e a secundária (dependente), referente a “se o senhor conprar”.

Portanto, na hipotaxe, os enunciados são compostos por diferentes estatutos, de modo que há um enunciado dominante e seu dependente, os quais ocorrem, nos textos investigados, em diferentes posições, conforme mostram os exemplos apresentados de (5) a (8).⁵² Os traços

⁵² Neves (1999) aponta que as construções condicionais são classificadas a partir de três domínios, a saber: (i) conteúdo; (ii) epistêmico e (iii) conversacional ou dos atos de fala, conforme a teoria de Sweetser (1990). Para tanto, o terceiro tipo de construção direciona a condicionalidade para o terreno pragmático, isto é, para os atos de fala. Nesse viés, a autora explica o complexo hipotático por meio do falante A que apresenta uma questão em contexto em que fica implícito o consentimento de B para a validade da sua proposição. Por essa espécie de

que definem os casos de hipotaxe, portanto, são os de [+dependência] semântica e [-encaixamento] sintático, considerado o espaço sintático de adjunto/acessório, ocupado pelas hipotáticas.

Em (9) e (10), destacam-se ocorrências dos MJs “quando” e “se”, ambas extraídas da TD narrativa, que ilustram funcionamentos que não correspondem ao que está sendo considerado, neste trabalho, como prototípicos de hipotaxe, conforme definida anteriormente:

- (9) Um dia numa manhã, na sala de aula um profes-sor estava explicando a matéria. **Quando** Taynara fez uma pergunta. [29/7A/2Narr].
- (10) **se** nos formos capturado pelo o seu pai e os jagunços e o delegado e o Batalhão da guarda e o regimento de cavalaria nos vamos se encontrar de novo por que este (a) amor é proibido. [20/7A/1Narr].

Em (9), “quando”, com sentido de tempo simultâneo, preenche espaço juntivo que pode ser parafraseado por “Um dia numa manhã, na sala de aula um profes-sor estava explicando a matéria. [No momento em que] Taynara fez uma pergunta”. Nesse contexto, entre a oração primária (dominante), “Um dia numa manhã, na sala de aula um profes-sor estava explicando a matéria”, e a secundária (dependente), “quando Taynara fez uma pergunta”, atualiza-se um sentido temporal apesar da pontuação não convencional. Em outras palavras, a dependência entre as orações dominante e dependente, identificada no sentido de tempo, que se atualiza no espaço de junção, mantém-se a despeito de serem apresentadas em enunciados distintos, com o uso de ponto final ao invés de vírgula.⁵³

Em (10), observa-se o “se”, com sentido de condição, em contexto linguístico em que parte da condição fica elíptica: “se formos capturados pelo seu pai [...], [vamos nos separar/seremos separados], [mas, ainda assim, apesar disso] vamos nos encontrar de novo”. Por isso, tal uso é considerado não prototípico em relação ao funcionamento convencional da hipotaxe.

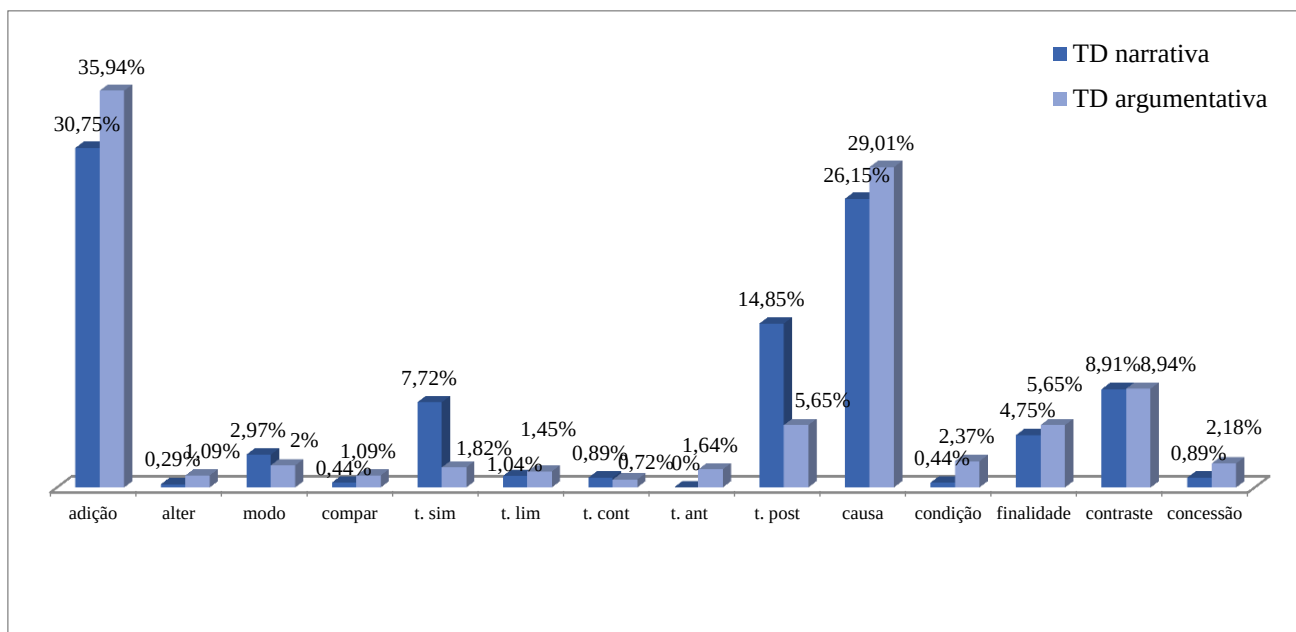
Destaca-se que, na TD argumentativa, não houve casos de MJs não prototípicos na hipotaxe, assim como, na TD narrativa, não houve casos de MJs não prototípicos na parataxe.

consentimento (obtido em silêncio), estabelece-se uma concordância sobre a validade da proposição que funciona como base para aquilo que A diz em seguida. Com isso, a contraparte declarativa da pergunta de A é constituída como um *dado* ou um *tópico*, para a declaração em seguida de A. “A partir desse raciocínio, o que a oração condicional apresenta é uma parte do conhecimento partilhado pelo falante e seu ouvinte, e, como tal, constitui o esquema selecionado pelo falante para assentar a porção seguinte de seu discurso” (cf. NEVES, 1999, p. 494). Portanto, como exemplificam essas considerações acerca dos contextos de condicionalidade, há distinções, de natureza pragmática, relacionada à ordenação das orações no complexo hipotático.

⁵³ Destaca-se que o uso de “quando” da ocorrência, em (9), está sendo analisado como dependente (hipotático) da oração matriz, e, em (3), está sendo analisado como independente (paratático), por esse motivo, na ocorrência (3), está funcionando como moldura de referência.

Em seguida, observam-se os resultados da análise do eixo horizontal, referente às relações de sentido dos MJs, conforme a escala crescente de complexidade das relações semânticas:

Gráfico 2: Eixo horizontal: escala de sentidos nas TDs narrativa e argumentativa



Fonte: elaboração própria

Quanto à frequência das relações de sentido dos MJs, destacam-se as de *adição* (30,75% - TD narr/35,94% - TD arg), *causa* (26,15% - TD narr/29,01% - TD arg), *tempo posterior* (14,85% - TD narr/5,65% - TD arg) e *contraste* (8,91% - TD narr/8,94% - TD arg). Em razão disso, serão expostas, na sequência, ocorrências que ilustram o modo como esses sentidos são atualizados nos textos investigados, começando com a exposição de ocorrências, de (11) a (14), que apresentam o sentido de *adição*:

- (11) Ela foi pra cozinha lavar a louça do almoço, e eu fui no computador mexer no msn **e** no Orkut. [14/7A/2Narr].
- (12) Essa câmera além de ser bonita, ela é filmadora, Ø pen drive, Ø MP3 e MP4, tam-bém vem com controle remoto **e** sua resolução é a melhor [14/7A/1Arg].
- (13) Essa câmera **além de** ser bonita, ela é filmadora. [14/7A/1Arg].
- (14) E também não é muito caro o presen-te que eu quero? Ø é só um nerf stampas, Ø não é muito caro, **e ainda mais** ele é muito daora, Ø vem com 60 dardos de brinde. [20/7A/1Arg].

Em (11), extraído da TD narrativa, e, em (12), da TD argumentativa, observa-se o emprego do MJ “e”, com sentido de adição, na parataxe. De acordo com Halliday (1985), trata-se do movimento de extensão, na expansão paratática, que amplia o conteúdo apresentado, acrescentando-lhe uma nova informação. Em (11), ao conteúdo da primeira oração, “eu fui no computador mexer no msn”, acrescenta-se o conteúdo da segunda, “[eu fui no computador mexer] no Orkut”. Em (12), ao conteúdo da primeira oração “tam-bém vem [essa câmera] com controle remoto” é acrescentado o conteúdo da segunda, “[e também] sua resolução é a melhor”. Assim, a adição, em (11), está relacionada ao acréscimo de novas informações a partir da sequencialidade de fatos narrados e, em (12), a partir das qualidades da câmera fotográfica como forma de convencimento do outro/leitor. Em (13) e (14), extraídos da TD argumentativa, observam-se os empregos de “além de” e “ainda mais”, com o mesmo sentido de adição, mas agora na hipotaxe. Nas duas ocorrências, os MJs inserem orações que carregam argumentos decisivos de acordo com o projeto de convencimento que caracteriza a tradição de argumentar, coerentemente com a ilusão argumentativa do sujeito.

Na TD narrativa, os MJs mais frequentes com sentido de adição foram “justaposição” (22,13%/149) e “e” (8,02%/54), na parataxe. Na hipotaxe, não foi constatado nenhum MJ com esse sentido. Por sua vez, na TD argumentativa, os MJs mais frequentes com sentido de adição foram “justaposição” (23,17%/127) e “e” (8,39%/46), na parataxe. Já na hipotaxe, o MJ mais frequente foi “além de” 0,54%/3).

Dessa forma, a alta frequência de adição, nas duas TDs (30,75% - narrativa; 35,94%-argumentativa), se justifica pelo movimento de acréscimo de novas informações nos textos, a partir do qual, no narrar, apresenta-se uma sequencialidade de fatos contados pelo sujeito e, no argumentar, uma sequencialidade de fatos, usados como argumentos, de acordo com a imagem de argumentação como convencimento e persuasão do outro/leitor. Além de atuar na progressão textual, a adição também apresenta rastros de um movimento semântico-discursivo, numa relação polissêmica, com outros significados, no contexto do que se denomina, neste trabalho, como *trânsitos semânticos*⁵⁴. Outro aspecto que se observa é o fato de os usos de adição, na hipotaxe, se apresentarem como sintomas na TD argumentativa, e não da TD narrativa, o que, de acordo com Ferrari e Lopes-Damasio (2021), pode indiciar que os sujeitos já circulam, em alguma medida, por um dos componentes fixos dessa TD, à

⁵⁴ Os *trânsitos semânticos*, na linha de Kortmann (1997), referem-se aos MJs, em contextos que, a partir de uma noção mais concreta, como a de *adição*, permitem inferir outra noção mais abstrata, sendo qualquer uma à direita de adição no eixo horizontal (cf. Capítulo 3 - Parte I, seção 3.3). Uma abordagem mais detalhada dos contextos de *trânsito semântico* será realizada na subseção seguinte.

medida que se reconhece que a presença de MJs, nesses espaços de junção, permite que se atinja a finalidade comunicativa da atividade de argumentar, a persuasão.

Em (15), extraído da TD narrativa, e, em (16), da argumentativa, observa-se o emprego do MJ “porque”, com sentido de causa, na parataxe.

(15) Mario e Maria eram dois apaixonados, mas porem suas familias eram rivais uma da outra por causa de uma divida que a familia de Mario tinha com a de Maria. Um dia Mario estava pensativo e com medo, **porque** Maria queria fugir com ele para bem longe para que eles pudesem se amar em paz mas Mario estava com medo de que o pai de Maria os achasse-os e matasse ele. [04/7A/1Narr].

(16) Eu gostaria de ganhar um celular com internet, **por que** eu vi a propaganda e achei muito interessante e muito barato. [17/7A/1Arg].

Em (15), num trecho descritivo, o estado “pensativo e com medo” de Mario é apresentado como efeito do fato de Maria querer fugir com ele para bem longe (causa). Em (16), observa-se novamente a relação efeito-causa: Eu gostaria de ganhar um celular com internet (efeito), por que eu vi a propaganda (causa). Dentro de um mesmo funcionamento tático-semântico, a causalidade é usada para estabelecer uma relação entre um estado e um fato, no caso da narração, e entre um pedido e a sua justificativa, no caso da argumentação, portanto, em papéis discursivos distintos.

Na TD narrativa, os MJs com sentido de causa mais frequentes foram “justaposição” (9,50%/64), “e” (9,06%/61), “então” (2,22%/15) e “porque” (1,78%/12). Na argumentativa, os MJs com sentido de causa mais frequentes foram: “justaposição” (13,50%/74), “e” (6,38%/35), “porque” (4,01%/22) e “pois” (1,45%/8). Nas duas TDs, destacam-se os usos de “justaposição”, “e” e “porque”, como os mais recorrentes. A frequência do sentido de causa mostrou-se, pois, similar, uma vez que, na TD narrativa, foi de 26,15% e, na argumentativa, de 29,01%.

A similaridade dos espaços de junção que habilitam o sentido causal, nessas TDs, é marcada pela mobilização do discurso do outro que, na narração, refere-se ao discurso do narrador e/ou das personagens e, na argumentação, ao discurso dos pais (aqueles que se pretende convencer). Nessa linha, observa-se que, em (15), a causalidade ocorre mediante o discurso do narrador e, em (16), ocorre mediante aos possíveis contra-argumentos do outro em relação ao presente ser caro. Assim, de acordo com Ferrari e Lopes-Damasio (2021), a causalidade, na TD argumentativa, refere-se a uma regularidade pautada na *antecipação* e

refutação, via MJs, em espaços de junção causais, de possíveis (contra-)argumentos do adulto.

Em (17), extraído da TD narrativa, e, em (18), da argumentativa, observam-se empregos de “quando”, com sentido de tempo posterior, na hipotaxe:

(17) Numa terça-feira, Ø eu fui na aula de futebol Ø fiz um golaço! **Quando** acabou o futebol eu fui beber água no bebedouro. [13/7A/2Narr].

(18) [...] Sonhei que estava lá na areia jogando com a minha amiga. E todo mundo grita_va meu nome. Ø Foi muito bacana, Ø pena que era só um sonho. Mas mesmo assim apartir desse dia me dediquei mais e mais ao esporte. E espero **quando** crescer eu ser uma famosa jogadora de volei de praia. [03/7A/2Arg].

Em (17), o sujeito narra que foi para a aula de futebol e fez um golaço e que, depois que acabou o futebol, ele foi beber água no bebedouro, conforme a seguinte paráfrase: Numa terça-feira, Ø eu fui na aula de futebol Ø fiz um golaço! [Depois que] acabou o futebol eu fui beber água no bebedouro. Em (18), a posterioridade temporal é marcada pelo juntor, em relação aos fatos narrados, na oração dominante, “E espero [...] eu ser uma famosa jogadora de volei de praia” e, na oração dependente, que marca a circunstância temporal, “quando crescer”, dando dinamicidade à narrativa conforme os fatos que se sucedem, sendo parafraseável por: E espero [depois que] crescer, ser uma famosa jogadora de volei de praia. Assim, em (18), percebe-se que essa sequencialidade de fatos está em função da construção da argumentação em defesa do “sonho” que é apresentado (ser uma jogadora de vôlei de praia famosa), ou seja, a TD narrativa se mescla com a TD argumentativa, uma vez que os fatos narrados não só estão a serviço da exposição do sonho como da construção da argumentação do sujeito em relação à aceitação desse sonho por parte do outro/leitor.

Na TD narrativa, os MJs mais frequentes, na parataxe, foram “e” (4,90/33), “justaposição” (4,01%/27) e “depois” (1,04%/7) e, na hipotaxe, foram “quando” (1,78%/12) e “depois de” (1,04%/7). Na TD argumentativa, os MJs com esse sentido mais frequentes, na parataxe, foram “e” (1,64%/9) e “justaposição” (1,45/8), já na hipotaxe, foi “quando” (1,45%/8). Com efeito, destacam-se os mesmos MJs com maior frequência, em ambas as TDs (“e”, “justaposição” e “quando”), apesar de a TD narrativa ter apresentado a maior frequência (14,85%) desse sentido, em relação à TD argumentativa (5,65%).

A distinção da relação de tempo posterior, nessas TDs, refere-se à forma de circulação do sujeito pela marcação temporal em cada uma delas, o que permite relacioná-la, mais pontualmente, à TD narrativa. Logo, destaca-se que o sentido de tempo posterior, na

argumentação, reconhece-se, prioritariamente, em contextos, como o exemplificado aqui, em (20), constitutivamente marcados pela mescla entre TDs, em que a narração é constitutiva da argumentação.

Em (19), extraído da TD narrativa, e, em (20), da argumentativa, observa-se o emprego de “mas” (ortografado “mais”, na primeira ocorrência), com sentido de contraste, na parataxe.

(19) Taynara sempre passava micos, **mais** por um segundo ela iria ser burra, en-quanto os outros iriam se a vida to-da. Ø No dia seguinte Taynara passou á fazer mais e mais perguntas e foi muito vaidoso mais nunca Ø perdeu seu espíritos de dúvidas e nunca deixo de ser inteligente. [29/7A/2Narr].

(20) Esse ano eu gostaria muito de ganhar uma Melissa \tm/ da coleção nova. ØEu sei que já ganhei esse ano duas, **mas** essa é a nova coleção. [15/7A/1Arg].

Em (19), o contraste é estabelecido entre “ser burra em um momento x ser burra durante a vida toda”. Embora marcado nessa formulação, a construção desse sentido contrastivo é realizada ao longo de todo o texto, discursivamente (No dia seguinte Taynara passou á fazer mais e mais perguntas e foi muito vaidoso mais nunca Ø nunca perdeu seu espíritos de dúvidas). Em (20), o contraste atua no convencimento do outro. No contexto linguístico, fica implícito que as Melissas que o escrevente já possui “não” são da nova coleção, o que está na base da oposição, que configura a contra-argumentação, “duas Melissas antigas x uma Melissa da nova coleção”, por meio dos movimentos de antecipação e refutação (FERRARI; LOPES-DAMASIO, 2021).

Na TD narrativa, os MJs mais frequentes, na parataxe, foram “mas” (3,12%/21), “justaposição” (1,93%/13) e “e” (1,04%/7) e, na hipotaxe, “enquanto” (0,29%/2). Na TD argumentativa, os MJs mais frequentes, na parataxe, foram “mas” (6,93%/38), “justaposição” (0,91%/5) e “e” (0,72%/4) e, na hipotaxe, “bom” (0,18%/1). Destaca-se o uso mais frequente de “mas” em ambas as TDs. Assim, na comparação entre as tradições, a frequência dessa relação de sentido mostrou-se similar (TD narrativa - 8,97% e a TD argumentativa - 8,94%), nos usos dos mesmos MJs, cujas análises, nas duas TDs, mostraram-se vinculadas a uma relação binária, por meio de um espaço preenchido por MJs, mais frequentemente por “mas”. Os MJs com sentido de contraste, além de serem tomados como usos mais concretos, na “oposição” binária, com correlatos linguísticos na superfície do texto, conforme se exemplificam nas ocorrências (19) e (20), também se apresentaram em arranjos pragmático-discursivos distintos, em cada TD. Esses usos serão destacados, de (47) a (50), na seção 1.3. *Discussão dos Resultados*.

Em seguida, serão apresentados exemplos de ocorrências que ilustram os sentidos de *finalidade* (4,75% - TD narr/5,65% - TD arg), *tempo simultâneo* (7,72% - TD narr/1,82% - TD arg), *modo* (2,97% - TD narr/2% - TD arg), *condição* (0,44% - TD narr/2,37% - TD arg) e *tempo anterior* (0% - TD narr/1,64% - TD arg):⁵⁵

Em (21), extraído da TD narrativa, e, em (22), da argumentativa, destaca-se o emprego de “para”, com sentido de finalidade, na hipotaxe:

(21) Quando Mario veio **para** (rasura)* fugir com Maria ele estava com tanto medo do pai dela que ele disse para Maria que não amava ela Ø que encontrou outra pessoa. [04/7A/1Narr].

(22) Agora é a melhor época **para** se comprar um presente, por que como é época de natal, os preços dos presentes estão baixos. [17/7A/1Arg].

Em (21), o sentido de finalidade ocorre, dentro da oração introduzida por “quando”, para mostrar o propósito da vinda de Mario: “Mario veio para fugir com Maria”. Em (22), observa-se que esse sentido ocorre quando o sujeito argumenta para os seus pais, com o objetivo de ganhar um presente, que “agora é a melhor época para comprar um presente”, pois, com a proximidade do natal, os preços estão mais baixos.

Na TD narrativa, os MJs com sentido de finalidade mais frequentes foram “para” (3,86%/26), “para que” (0,29%/2), “e” (0,29%/2) e “infinitivo” (0,29%/2). Na TD argumentativa, os MJs mais frequentes foram “para” (4,01%/22) e “justaposição” (1,45%/8). Nas duas TDs, destaca-se o uso mais frequente de “para”. A frequência do sentido de finalidade mostrou-se similar nessas tradições, uma vez que a TD narrativa apresentou frequência de 4,75% e a argumentativa de 5,65%. Os usos são, do ponto de vista sintático-semântico, similares, nas duas tradições, porque vinculam-se à marcação de uma finalidade ou um propósito, expresso na outra oração, mas se colocam a serviço do imaginário do sujeito na circunstância contextual, pois, no primeiro caso, a finalidade de “para” mostra-se no propósito de fugir das personagens Mário e Maria e, no segundo caso, no convencimento do leitor/outro a comprar um presente.

Em (23), extraído da TD narrativa, e, em (24), da argumentativa, observam-se os empregos do MJ “quando”, com sentido de tempo simultâneo, na hipotaxe:

(23) **Quando** o pai da garota ficou sabendo do assidente, ele mandou os jagunções, Ø os delegados de São Paulo, Ø o regimento de cavalaria. [13/7A/1Narr].

⁵⁵ Os sentidos de alternância, comparação, tempo limite, tempo contingente e concessão mostraram baixa frequência de MJs nas TDs narrativa e argumentativa, o que é tomado aqui como indício de uma menor circulação dos sujeitos por essas relações semânticas nos textos das TDs analisadas.

- (24) Um dia minha grande conquista é ser veterinária. Ø Adoro animais quando olho eles na rua fico triste, Ø eles são muito magros. **Quando** me formar, ficarei muito feliz porque, poder ajudar os animais é muito bom. [15/7A/2Arg].

Em (23), a simultaneidade temporal é marcada pelo *juntor*, em relação aos eventos narrados, na oração dominante, “ele mandou [chamar] os jagunços, os delegados de São Paulo, o regimento de cavalaria” e, na oração dependente, que traz a circunstância temporal, “Quando o pai da garota ficou sabendo do acidente”, dando dinamicidade à narração dos fatos que se sucedem e permitem, ao mesmo tempo, a inferência de sentidos mais abstratos, como o de causa, no caso desse contexto especificamente. Em (24), observa-se uma mescla entre as TDs narrativa e argumentativa⁵⁶; o sujeito apresenta o seu sonho de ser veterinária e, logo após, se justifica, dizendo que, quando se formar, ficará muito feliz porque poderá ajudar os animais, ou seja, expõe que deseja ser veterinária e, ao mesmo tempo, explica/justifica o motivo de querer essa profissão. Dessa forma, o tempo simultâneo é marcado, conforme a seguinte paráfrase “[no momento em que] me formar, ficarei muito feliz porque, poder ajudar os animais é muito bom”.

Na TD narrativa, os MJs mais frequentes, na parataxe, foram “e” (1,78%/12) e “justaposição” (0,89%/6), e, na hipotaxe, foram “quando” (4,01%/27) e “enquanto” (0,44%/3). Na TD argumentativa, na parataxe, foi constatado apenas “e” (0,18%/1), e, na hipotaxe, o MJ mais frequente foi “quando” (1,09%/6). Por consequência, a frequência não se mostrou similar nas tradições investigadas, uma vez que a TD narrativa apresentou frequência de 7,72% e a argumentativa, de apenas 1,82%. Essa distinção pode estar relacionada ao papel da relação de simultaneidade, na TD narrativa, em que se refere à sequencialidade de fatos narrados e às trocas de falas na transposição que o sujeito faz, em seu texto, do discurso direto entre as personagens, diferentemente da TD argumentativa, que não apresenta o discurso direto, mas apenas o acréscimo de novas informações.

Em (25), extraído da TD narrativa, e, em (26), da argumentativa, observam-se dois exemplos de gerúndio “conversando” e “pedindo” funcionando como MJ, com sentido de modo, na hipotaxe:

- (25) Eu estava no Recreio da escola **convesando** com colegas quando uma multidão se aproximou. [03.2/7A/2Narr].

⁵⁶ Essa noção de mescla, entre as TDs narrativa e argumentativa, será mais bem detalhada no Capítulo 3 desta Parte III.

- (26) Olá mãe! estou aqui **pedindo** um presente de dia do papai noel. Ø Eu queria um skate ou um BMX do dia de natal. [13/7A/1Arg].⁵⁷

Em (25), ao inserir a oração dependente “conversando com colegas”, acrescenta-se, à oração dominante “Eu estava no Recreio da escola”, o “modo” como se estava nesse recreio. Em (26), ao inserir a oração dependente “pedindo um presente de dia do papai noel”, acrescenta-se, da mesma forma, à oração dominante “estou aqui”, o “modo” como se está aqui. Assim, no primeiro caso, em (25), o sentido de modo é marcado por acrescentar uma circunstância que ajuda a descrever e completar o quadro em que se dá a cena apresentada na sequência da narração “quando uma multidão se aproximou”. No segundo caso, em (26), não há narração de fatos e, sim, uma especificação do momento da enunciação, em que se faz um pedido e se argumenta para conseguir o que é pedido.

Na TD narrativa, constatou-se somente o MJ “gerúndio” (2,97%/20) com sentido de modo, enquanto que, na argumentativa, os MJs constatados foram “gerúndio” (1,09%/6) e “como” (0,91%/5), destacando-se, em ambas as TDs, o MJ “gerúndio” como o mais recorrente. A frequência desse sentido mostrou-se similar em ambas as TDs, uma vez que a TD narrativa apresentou frequência de 2,97% e a argumentativa de 2%.

Em (27), extraído da TD narrativa, e, em (28), da argumentativa, observa-se o emprego de “se”, com o sentido de condição, na hipotaxe.

- (27) Todo mundo começou a rir afinal ela me confundiu com uma menina só pelo meu cabelo ser comprido. Ø Eu não sabia o que fazer, **se** eu corria Ø me escondi ou fingia quenão escutei. [03.1/7A/2Narr].

- (28) Faltam poucos dias para o Natal Ø eu vou falar cinco coisas que eu gostaria de ganhar no Natal, **se** eu falasse o resto vocês não iam dar conta de tudo que eu gostaria. [33/7A/1Arg].

Em (27), a condição ocorre diante da situação em que o sujeito é confundido com uma menina de cabelo comprido e não sabe o que fazer: “se eu corria”, “[se] me escondia” ou “[se] fingia que não escutei”. Em (28), a condição ocorre quando o sujeito apresenta cinco presentes que deseja ganhar de natal e diz, aos seus pais, que, caso falasse o resto [todos os presentes], seus pais não iriam dar conta de tudo o que ele gostaria de ganhar. Tal como se destacou em relação à causalidade, também aqui o funcionamento tático-semântico da hipotática condicional é o mesmo, em ambas as TDs, no entanto, a condicionalidade é usada

⁵⁷ Essa ocorrência de gerúndio “pedindo” permite inferir o sentido mais abstrato de finalidade, principalmente por ser um MJ pertencente à TD argumentativa, em que o sujeito tem por intuito convencer o outro/leitor a lhe dar um presente de natal. Os contextos, como o dessa ocorrência de gerúndio, em que há trânsitos semânticos por permitir a leitura do sentido mais abstrato, serão explorados na sequência.

para estabelecer relações entre possíveis eventos, no caso da narração, e entre possíveis formulações de argumentos, no caso da argumentação, portanto, em papéis discursivos distintos.

Na TD narrativa, os MJs com sentido de condição foram “se” (0,29%/2) e “quando” (0,14%/1), e, na TD argumentativa, foram “se” (1,48%/10), “quando” (0,36%/2) e “justaposição” (0,36%/2), destacando-se o uso de “se” nas duas TDs. A frequência mostrou-se diferente, uma vez que a TD narrativa apresentou frequência de 0,44% e a argumentativa de 2,37%, o que sinaliza para a relevância de sua funcionalidade no discurso argumentativo.

Em (29), extraído da TD argumentativa, observa-se o emprego de “desde”, com sentido de tempo anterior, na hipotaxe, em que a anterioridade pode ser reconhecida como tempo “fundador”, isto é, um tempo inicial, o que permite considerar as nuances semânticas de tempo:

- (29) O meu grande sonho é conhecer os jogadores do Santos Futebol Clube, e principalmente o Neymar. Ø Conhecer o C.T Rei Pelé, Ø a Vila Belmiro, Ø poder tirar fotos, Ø pegar autógrafo dos jogadores. Mas o meu ídolo mesmo é o Neymar. Eu já era santista **desde** pequena, e com a entrada dele no time me apaixonei mais ainda. Ø No meu computador tem fotos dele, Ø no mural de minhas fotos tem fotos dele, Ø no twitter eu fico ligado nas coisas que ele(*) faz, Ø entrenatar na televisão. [16/7A/1Arg].

Observa-se, em (29), por meio da marcação temporal, conforme Lopes-Damasio (2020), a construção de uma imagem do sujeito como aquele que conhece a realidade (o time do Santos) que está sendo apresentada ao outro/leitor. Percebe-se, a partir da construção de um espaço discursivo, marcado pelo contraste, antes da marcação de anterioridade (*Mas* o meu ídolo mesmo é o Neymar. Eu já era santista desde pequena, e com a entrada dele no time me apaixonei mais ainda), a materialização de uma estratégia argumentativa que se mecla com a narrativa, uma vez que o sujeito conta uma lembrança de criança, contra-argumentando, discursivamente, o motivo de ele ser fã do Neymar, de gostar desse jogador. Esse fazer, que mescla o narrar e o argumentar, está na base do que está sendo denominado, em relação aos textos produzidos na proposta em questão, de legitimação do sonho.

Na TD argumentativa, os MJs com esse sentido foram “desde quando” (0,36%/2), “quando” (0,18%/1), “desde” (0,18%/1), “desde então” (0,18%/1), “desde que” (0,18%/1), “antes de” (0,18%/1) e “justaposição” (0,18%/1), destacando-se a frequência maior do uso de “desde quando” (0,36%). Vale ressaltar que os usos dos MJs com sentido de tempo anterior apareceram, na TD argumentativa, em trechos de mesclas de TDs, conforme a análise de (19). Nos textos da TD narrativa, não foram constatados MJs com esse sentido.

Segundo Lopes-Damasio (2020, p. 151), “a marcação da anterioridade traz um fato, num papel discursivo de evidencialidade epistêmica, que atua na construção de uma imagem do sujeito como aquele que conhece a realidade/o caso em discussão”. Esse fato ancora um contra-argumento por meio da construção de um espaço discursivo de conteúdos articulados, via MJs, que se materializam na estratégia argumentativa. Assim, o emprego de “desde” caracteriza uma prática tradicional do argumentar, pois integra o que o sujeito imagina ser o esquema de caráter fortemente argumentativo nessa tradição.

Esse resultado aponta para o fato de que a abordagem do sentido de *tempo* deve ser bastante detalhada, de modo a permitir que se alcancem especificidades como esta. Em outras palavras, resultados como este não permitem a associação estanque entre *tempo* e TD narrativa, porque, embora se trate de uma relação recorrente nessa TD, também o é, em algumas de suas manifestações, como o caso da anterioridade temporal, mais frequente na TD argumentativa (cf. LOPES-DAMASIO, 2020).

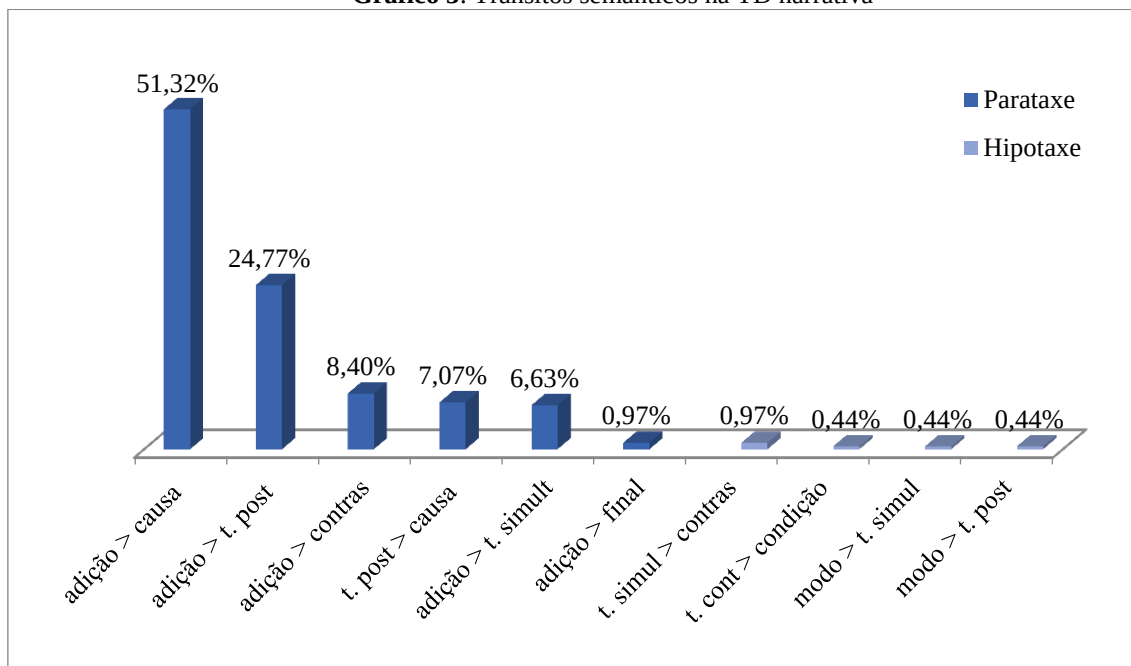
1.2.1 MJs em trânsitos semânticos

De um ponto de vista semântico, os MJs considerados prototípicos são aqueles que melhor caracterizam uma relação de sentido e que, por isso, são frequentes em práticas discursivas orais e letradas, formais e informais, mas, especialmente, em práticas discursivas orais informais. Os resultados da análise dos textos aqui investigados mostram, por exemplo, que, para o sentido de adição, o MJ “e” apresenta-se como prototípico, para o de alternância, o MJ “ou”, para o de tempo, o MJ “quando”, para o de causa, o MJ “porque”, para o de contraste, o “mas”, tal como exemplificado na seção anterior. Desse mesmo ponto de vista, os MJs não-prototípicos são aqueles que ocupam espaços, nos textos, em que são constatados trânsitos semânticos, sempre no sentido do mais concreto para o mais abstrado, conforme a macroestrutura do universo semântico das relações oracionais, em conformidade com a proposta de Kortmann (1997), apresentada na seção 3.3. *Mecanismos de junção sob a perspectiva funcionalista*, do Capítulo 3, da Parte I. Por esta apresentação inicial, explicita-se que, na presente pesquisa, a ênfase maior está nos aspectos de sentido envolvidos nos usos de MJs não-prototípicos, tomados, assim, nos contextos de trânsitos semânticos, à luz de Lopes-Damasio (2022, 2020, 2019a/b, 2017), numa abordagem linguístico-discursiva. Dessa forma, deixa-se de falar apenas de significado e consideram-se os sentidos, em processos de atualização que se dão na constituição dos textos analisados. Os espaços de junção, juntamente com o funcionamento dos MJs, que os ocupam, permitem a observação dos

trânsitos semânticos tomados como rastros da movimentação do sujeito na/para a construção dos sentidos, nos textos analisados (cf. LOPES-DAMASIO, 2022).

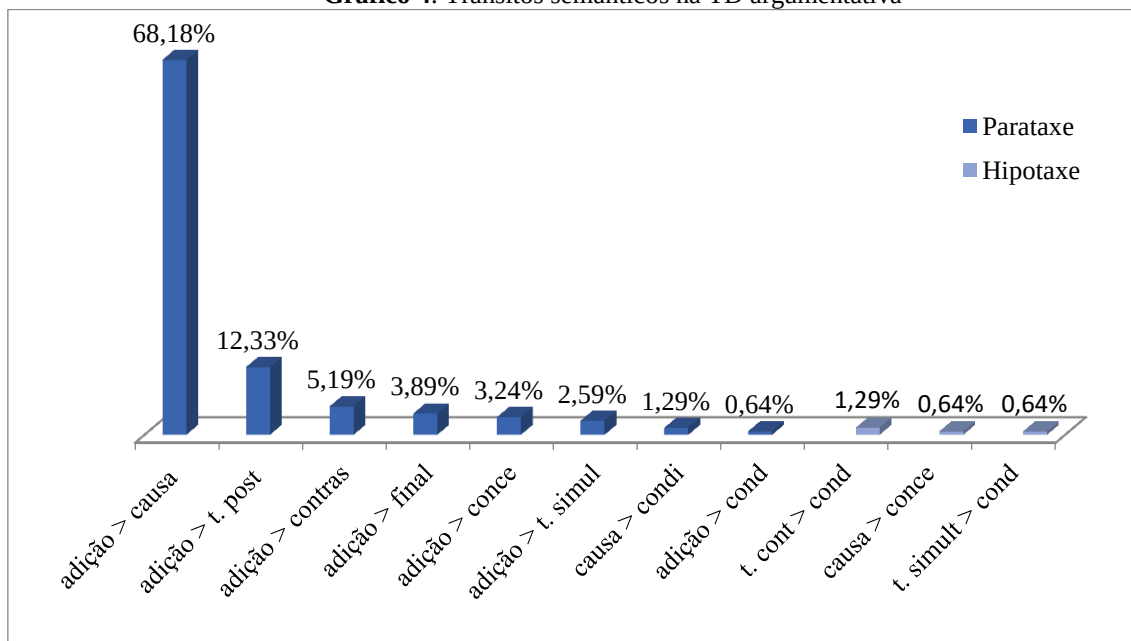
Dessa forma, os Gráficos 3 e 4, respectivamente, apresentam os trânsitos semânticos constatados nos textos das duas TDs investigadas, sempre considerando a relação entre sentido fonte (+concreto) e sentido alvo (+abstrato):

Gráfico 3: Trânsitos semânticos na TD narrativa



Fonte: elaboração própria

Gráfico 4: Trânsitos semânticos na TD argumentativa



Fonte: elaboração própria

Os Gráficos mostram que os trânsitos semânticos mais frequentes, nas duas TDs analisadas são os mesmos: *adição > causa* (51,32% - TD narr/68,18% - TD arg), *adição > tempo posterior* (24,77% - TD narr/12,33% - TD arg) e *adição > contraste* (8,84% - TD narr/5, 19% - TD arg), conforme seguem exemplificados, de (30) a (35).

Em (30), extraído da TD narrativa, e, em (31), da argumentativa, os usos de “e” e “justaposição” apresentam sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitindo inferir o sentido mais abstrato de causa:

(30) quando a empregada, ia falar para a menina o pai da menina chegou e perguntou o que tinha acontecido, aí a empregada disse que foi na-da, então a empregada avisou a meninaØ desceu corren-do. Quando se encontraram lá fora o pai dela viu e falou para ela entrar. [12/7A/1Narr].

(31) No natal eu queria ganha um celular mp13 Ø esse celular faz um monte de coisa Ø ele tira foto Ø gara Ø tem como passar foto. [11/7A/1Arg].

Tanto em (30) quanto em (31), a partir do acréscimo de uma nova informação (em (30), “falou para ela entrar” e, em (31), “esse celular faz um monte de coisa”) é possível inferir o sentido mais abstrato de causa. Em (30), observa-se a relação efeito-causa na seguinte paráfrase: [foi porque] o pai viu a menina com o menino (causa) que falou para ela entrar (efeito). Em (31), observa-se a relação de causa-efeito, conforme a seguinte paráfrase: No natal eu queria ganha um celular mp13 (efeito) [porque] esse celular faz um monte de coisa (causa 1).

Em (32), extraído da TD narrativa, e, em (33), da argumentativa, o MJ “e”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permite inferir o sentido mais abstrato de tempo posterior:

(32) Pediu ela em casamento, para o pai e ele deixou. [mudança de parágrafo] Ø Eles casaram e foram morar longe dali. [15/7A/1Narr].

(33) mais tem mais uma coisa que eu quero ganhar que é passar uma semana em Nova York por que minha prima já foi pra lá e ela disse que é lindo. [23/7A/1Arg].

Em (32), observa-se que eles se casaram [e depois] foram morar longe dali. Em (33), na argumentação, o sujeito escreve uma carta à sua mãe, dizendo que deseja ganhar uma viagem de presente para New York, pois sua prima foi para lá “[e depois] ela disse que é lindo. Ou seja, nesse contexto de mescla entre TDs (o narrar sendo usado na construção de um argumento, pois a TD narrativa se mescla com a TD argumentativa em conformidade com a composicionalidade paradigmática e sintagmática), o espaço de junção, preenchido por “e”,

habilita, a partir do sentido mais concreto de adição, na inserção de informações sobre o produto, a inferência do sentido mais abstrato de tempo.

Em (34), extraído da TD narrativa, e, em (35), da argumentativa, observam-se empregos de “justaposição” com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitindo inferir o sentido mais abstrato de contraste:

(34) só que ele ia ficar de olho, e queria o maior respeito com sua filha. Ø Juvêncio não queria que ele ficasse vigiando eles, por todos os lugares que andavam. [15/7A/1Narr].

(35) Quando me formar, ficarei muito feliz, Ø vou chorar porque, poder ajudar os animais é muito bom. Ø Quero muito estar junto com os animais, Ø são muito lindos. Se eu pudesse pegaria todos pra mim. Quero me for mar o mais rápido possível. Ø As pessoas só pensam nelas mesmas. [15/7A/2Arg].

Em (34), apesar de Carlos ter permitido o relacionamento, suas exigências contrastam com as expectativas de Juvêncio (Mas Juvêncio não queria que ele ficasse vigiando). Em (35), o contraste se dá no âmbito de uma construção discursiva que se sustenta na oposição entre o comportamento/o desejo/o sonho do sujeito, “quero me for mar o mais rápido possível para proteger os animais”, e o comportamento das outras pessoas, “as pessoas só pensam nelas mesmas e maltratam os animais”. Desse modo, no segundo caso, em (35), trata-se de uma mescla de TDs, em que a narrativa constitui a TD argumentativa, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito apresenta o seu sonho, também apresenta os motivos de querer realizá-lo. Em ambos os casos, percebe-se que a “justaposição” funciona, no espaço de junção, inicialmente, com o sentido mais concreto de adição, na parataxe, quando adiciona uma nova informação (em 34, Juvêncio não queria que ele ficasse vigiando eles, por todos os lugares que andavam; e, em 35, as pessoas só pensam nelas mesmas), a partir da qual, infere-se o sentido mais abstrato de contraste.

Ainda de acordo com o Gráfico 3, na TD narrativa, são também frequentes os trânsitos semânticos entre *tempo posterior* > *causa* (7,07%) e *adição* > *tempo simultâneo* (6,63%), conforme os exemplos (36) e (37). Em (36), observa-se o sentido mais concreto de tempo posterior, na parataxe, permitindo inferir o sentido de causa:

(36) Sempre o Eduardo acreditva nos amigos e não na Stephanie, ela sempre chorava por causa dele, ele sempre brigava com ela por causa dos amigos. Até que um dia ela cansou de ser esnobada e de não ser amada. **Então** resolveu largar dele e falou tudo o que pensava. [03/7A/1Narr].

Em (36), quando Stephanie cansa de ser esnobada e de não ser amada [depois disso] ela resolve deixar de Eduardo. É possível, pois, inferir a seguinte relação de causa-efeito: foi

porque Eduardo acreditava sempre nos amigos e brigava com a Stephanie (causa) que ela cansou de ser esnobada e resolveu largar dele (efeito).

Em (37), observa-se o sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitindo inferir o sentido mais abstrato de tempo simultâneo:

(37) Um dia Eu estava Brincando e minha mãe falou para eu Comprar uma Munhequera. [03/7A/2Narr].

Com o uso de “e”, acrescenta-se uma nova informação na história e habilita-se o sentido de tempo simultâneo (Eu estava brincando, e [quando/no momento em que] minha mãe falou para eu comprar uma munhequeira).

Por sua vez, de acordo com o Gráfico 4, na TD argumentativa, são também frequentes os trânsitos semânticos entre *adição* > *finalidade* (3,89%) e *adição* > *concessão* (3,24%), conforme os exemplos (38) e (39). Em (38), observa-se o emprego de “justaposição”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitem inferir o sentido mais abstrato de finalidade:

(38) E também não quero gastar dinheiro atoa, pois o meu grande sonho é conhecer os jogadores do Santos Futebol Clube, e principalmente o Neymar. Ø Conhecer o C.T Rei Pelé, Ø a Vila Belmiro, Ø poder tirar fotos. [16/7A/1Arg].

Na apresentação do grande sonho de conhecer os jogadores do Santos, principalmente o Neymar, faz-se o acréscimo de novas informações (conhecer o C.T Rei Pelé, a Vila Belmiro), com o uso de justaposições aditivas. Por fim, a última justaposição habilita o sentido de finalidade, conforme paráfrase “Conhecer o C.T Rei Pelé, Ø a Vila Belmiro, [para] poder tirar fotos”.

Em (39), observa-se o emprego de “justaposição” com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitindo inferir o sentido mais abstrato de concessão:

(39) Eu queria um notebook, e meu ganhar mais para come-ço de janeiro, Ø eu talvez mude de idéia, pois não está sendo necessário agora. [16/7A/1Arg].

Em sua argumentação, o sujeito afirma que deseja ganhar um notebook de presente de Natal, no começo do mês de janeiro, mas, na sequência, adiciona a informação de que pode mudar de ideia. No espaço de junção dessa nova informação, é possível inferir o sentido mais abstrato de concessão, conforme a paráfrase: Eu queria um notebook, [...] [embora] eu talvez mude de ideia.

1.3 Discussão dos resultados

No que tange aos resultados alcançados a partir do objetivo específico (i), dois aspectos precisam ser apresentados: um de ordem geral – relacionado aos resultados que aproximam as duas TDs, tanto no que diz respeito aos usos prototípicos dos MJs quanto no que diz respeito aos seus usos em espaços de trânsitos semânticos; e um de ordem específica – relacionado aos resultados que distinguem as duas TDs, novamente, no tocante aos usos prototípicos dos MJs e aos seus usos em trânsitos semânticos. Ou seja, a partir da descrição apresentada na seção 1.2, passa-se à discussão dos resultados – em que se propõe uma organização e uma abordagem específica do espaço teórico-metodológico de sua observação.

Em relação aos usos prototípicos dos MJs, o resultado de *ordem geral* está associado à frequência similar das relações de *adição* e *causa* em ambas as TDs, e é aqui analisado como rastro da circulação dos sujeitos por práticas discursivas que constituem essas tradições, tal como a introdução de informação/conteúdo para o desenvolvimento dos textos e tal como a relação entre os fatos narrados ou argumentos apresentados numa associação que, para o sujeito, se estabelece como causa-efeito/efeito-causa/asserção-explicação. Em (40) e (41), exemplificam-se o funcionamento de MJs aditivos e, em (42) e (43), o funcionamento de MJs causais, nas TDs narrativa e argumentativa, respectivamente:

(40) vamos pai eu quero pegar ele logo para ele par-ar de graça. Ø O pai disse para julia.
[09/7A/1Narr].

(41) Essa camera, ela é muito boa. Ø Por favor. [02/7A/1Arg].

(42) Até que um dia o homem ja tinha esquecido da garota, **pois** já se fazer 3 anos que eles não se encontravão. [13/7A/1Narr].

(43) [...] eu quero uma câmera Tea Pix. Essa câmera além de ser bonita, ela é filmadora, pen drive, MP3 e MP4, tam-bém vem com controle remoto e sua resolução é a melhor. Enfim espero ganhar ela, **pois** faço por merecer. [14/7A/1Arg].

Em (41), extraído da TD narrativa, e em (42), da argumentativa, as ocorrências de “justaposição” apresentam o mesmo funcionamento, acrescentando enunciados que fazem os textos progredir; no primeiro caso, um enunciado que introduz discurso direto “vamos pai eu quero pegar ele logo para ele par-ar de graça. Ø O pai disse para julia” e, no segundo caso, um enunciado que introduz uma construção apelativa “por favor”.

Em (43), extraído da TD narrativa, e em (44), da argumentativa, as ocorrências de “pois” apresentam, novamente, funcionamentos muito semelhantes, em que, “pois” causal, na

parataxe, articula enunciados com os sentidos de efeito-causa na TD narrativa: o homem já tinha esquecido da garota (efeito) pois fazia 3 anos que eles não se encontravam (causa); e asserção-explicação na TD argumentativa: espero ganhar ela, (asserção) [porque] faço por merecer (explicação).

Em relações aos usos dos MJs em espaços de trânsitos semânticos, o resultado de *ordem geral* está associado à frequência similar dos trânsitos entre as relações de *adição* > *causa*, *adição* > *tempo posterior* e *adição* > *contraste*, em ambas as TDs, o que aqui também é analisado como rastro da circulação dos sujeitos por práticas discursivas que constituem essas tradições.

Em relação aos usos prototípicos dos MJs, o resultado de *ordem específica* está associado:

- (i) à frequência muito similar, nas duas TDs investigadas, da relação de *contraste*, mas em arranjos pragmático-discursivos distintos em cada TD, e, por fim,
- (ii) à frequência distinta da relação de *tempo* (*simultâneo*, *anterior* e *posterior*), associada à forma de circulação do sujeito pela marcação temporal em cada TD, de modo que é possível relacionar os sentidos de *tempo simultâneo* e *posterior* mais pontualmente à TD narrativa e o sentido de *tempo anterior* à argumentativa.

Antes de ilustrar a especificidade apontada em (i), as ocorrências, em (45) e (46), extraídas respectivamente das TDs narrativa e argumentativa, mostram o mesmo funcionamento, relacionado à oposição, que está na base do sentido de contraste, no espaço de junção preenchido por “mas”, tal como visto nas ocorrências (19) e (20) da seção 1.2. deste Capítulo:

(45) Mario e Maria eram dois apaixonados, **mas** porem suas familias eram rivais uma da outra. [04/7A/1Narr].

(46) Na verdade quero “matar” todo mundo de raiva só no último capítulo, Ø algo que eles imaginavam ser totalmente impossível, **mas** que é totalmente óbvio. [02/7A/2Arg].

Em (45), observa-se que o contraste se instala na oposição entre “apaixonados” e “rivais”, no contexto da narração da história de “Mario e Maria que eram dois apaixonados, mas suas famílias eram rivais”. Em (46), esse mesmo MJ preenche o espaço de junção que explicita o sentido de contraste na oposição entre “fazer algo impossível para o telespectador” x “algo que é muito óbvio (possível)”. Para além desses usos, tomados aqui como mais concretos, mediante a “oposição” binária, com correlatos linguísticos na superfície do texto, a

especificidade apontada em (i) é ilustrada nas ocorrências, em (47) e (48), extraídas da TD narrativa, e (49) e (50), da argumentativa:

- (47) ...Juvêncio, viu que quem estava atrás deles eram homens importantes, então resolveu deixar sua mulher e seguir em frente. **Mas** o pai da moça, encontrou ela no meio do caminho caída. [15/7A/1Narr].
- (48) ... Juvencio com medo do pai de Josi derrubou-a do cavalo e saiu correndo. Só que depois de um tempo percebeu que não podia viver sem ela e foi atrás dela mas ela estavam comprometida **mas** mesmo assim ele foi falar com ela. [08/7A/1Narr].
- (49) Eu queria um skate ou um BMX do dia de natal. **Mas** a senhora não gosta de skate então não me da, Ø da uma BMX. [13/7A/1Arg].
- (50) Ø ainda bem que dizem que os gênios mais famosos vieram de baixo, **mas** não vou exagerar Ø tem gente muito pior. [02/7A/2Arg].

Em (47), extraído da TD narrativa, observa-se que o “mas” funciona com sentido de contraste, na parataxe. Juvêncio ter abandonado Joana faz com que se crie a expectativa de que ela ficasse perdida. É essa expectativa que se frustra (já que o pai a encontra) e sustenta, assim, o contraste marcado por “mas”. Nesse jogo, aumenta-se a dramaticidade da narração. Em (48), também extraído da TD narrativa, com o mesmo sentido, “mas” contrasta, na parataxe, “a notícia de que Josi estava comprometida” x “e mesmo assim Juvencio ir falar com ela”. Novamente, a notícia do comprometimento de Josi gera uma expectativa (a de Juvêncio não ir falar com ela), que é frustrada no enunciado seguinte, gerando o contraste.

Em (49), extraído da TD argumentativa, observa-se que o sentido de contraste de “mas”, na parataxe, ocupa espaço entre “eu queria um skate” x “a senhora não gosta de skate”, ou seja, entre o que o sujeito gosta e o que a mãe gosta, estabelece-se uma relação contrastiva, usada, discursivamente, no jogo de convencimento, que se configura na imagem do sujeito acerca do que seria a tradição de argumentar (por se mostrar um filho bastante compreensivo, a ponto de abrir mão de um desejo por respeito à vontade de sua mãe), para ganhar o BMX. Em (50), o uso de “mas” também está com sentido de contraste, na parataxe. No primeiro enunciado do complexo, a afirmação sobre “os gênios que vieram de baixo” permite que o leitor interprete que o escrevente está se aproximando e se definindo como “gênio” e “como quem veio de baixo”. É essa interpretação que contrasta com o segundo enunciado do complexo “mas não vou exagerar”.

Esses exemplos de (47) a (50) mostram a relação de *contraste* em arranjos pragmático-discursivos distintos em cada TD: na TD narrativa, associado a uma quebra de expectativas que atua, diretamente, na sequencialidade dos fatos narrados e na dramaticidade dessa

narração; já na TD argumentativa, aparece, também nos seus usos mais discursivos, associado, por exemplo, a pistas do que o sujeito reconhece como argumentar, no sentido de sua ilusão de convencimento/persuasão do outro.

A especificidade apontada em (ii), e que está relacionada à frequência distinta da relação de *tempo posterior* nas TDs investigadas, pode ser associada à forma de circulação do sujeito pela marcação temporal em cada uma dessas TDs, de modo que é possível relacioná-la mais pontualmente à TD narrativa. A esse respeito, destaca-se a ocorrência (51), extraída de texto narrativo, em que o MJ “quando”, com o sentido de tempo posterior, atua na sequencialidade da narrativa (Eu fiquei perdido dentre tantas perguntas, [depois que] para[ram] um pouco de perguntar e eu ia responder, tropecei e caí no meio de toda a escola):

(51) Eu fiquei perdido dentre tantas perguntar, **quando** param um pouco de perguntar e eu ia responder e tropecei e caí nomeio de toda a escola. [03.2/7A/2Narr].

Ainda em relação à especificidade apontada em (ii), na sequência, apresenta-se uma ocorrência do MJ “quando”, agora com sentido de tempo simultâneo (conforme paráfrase: “Eu estava no Recreio da escola convesando com colegas [no momento em que] uma multidão se aproximou era uma Briga do meu lado”), também mais recorrente na TD narrativa (7,72% - TD narr/1,82% - TD arg), caracterizada pela relação de temporalidade que permite recuperar, além da sequencialidade dos fatos narrados, tal como se viu em (51), também a simultaneidade pontual de fatos narrados, tal como se vê em (52):

(52) Eu estava no Recreio da escola convesando com colegas **quando** uma multidão se aproximou. [03.2/7A/2Narr].

Por fim, em relação à especificidade apontada em (ii), recupera-se um exemplo de tempo anterior, que, por sua vez, é característico da TD argumentativa, conforme descrição realizada na seção anterior, fundamentada em Ferrari e Lopes-Damasio (2021):

(53) Neste Natal eu quero muito ganhar um computador porque você já sabe que Ø eu tinha 09 anos. Toda vez que você chegava em casa eu falava mamãe, Ø mamãe. [18/7A/1Arg].

Em relação aos usos dos MJs em espaços de trânsitos semânticos, o resultado de *ordem específica* aponta que: (i) apesar de o trânsito semântico entre *adição* > *causa* ser o mais frequente, em ambas as TDs, sua recorrência é superior nos textos da TD argumentativa; e (ii) apesar de o trânsito semântico *adição* > *tempo posterior* ser o segundo mais recorrente em ambas as TDs, sua recorrência é superior nos textos da TD narrativa.

Na mesma linha desses resultados, pode-se destacar, ainda, que, especificamente, enquanto, na TD narrativa, os trânsitos que envolvem *tempo* são os mais frequentes (ver, por exemplo, *adição* > *tempo posterior* e *adição* > *tempo simultâneo*), quando comparados com os mesmos contextos na TD argumentativa, nesta, há uma gama maior de trânsitos envolvendo o macrossistema CCCC (ver, por exemplo, *adição* > *finalidade*, *contraste* > *condição*, *adição* > *contraste*, *adição* > *concessão*, *adição* > *condição*).

Esses resultados reforçam a afirmação de Lopes-Damasio (2019b, p. 167) de que as tradições textuais narrativas “[configuram-se], linguisticamente, enquanto espaços textuais que privilegiam a marcação temporal (não só no nível da junção, como também no da marcação do tempo e aspecto verbais [...])” e a proposta de que, na TD argumentativa, os espaços de junção são preenchidos por sentidos que, embora frequentemente mais abstratos, são também frequentemente configurados na movimentação semântica que caracteriza os contextos linguísticos de trânsitos semânticos e que, de um modo geral, caracterizam a própria aquisição dessa TD.

1.4 Sistematização

No presente Capítulo, que teve como objetivo descrever e analisar os MJs, em textos pertencentes às TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, os resultados mostraram que, na análise do eixo vertical (parataxe e hipotaxe), a TD argumentativa apresentou uma frequência similar de MJs na parataxe, em comparação à TD narrativa. Consequentemente, em relação à hipotaxe, a TD argumentativa também apresentou uma frequência similar de MJs em comparação à TD narrativa. Considerando as diferenças quantitativas pouco expressivas entre os resultados das TDs analisadas, a arquitetura paratática foi a que predominou em ambas as TDs, apontando para os *rastros* que marcam aquilo que é fixo, nas TDs narrativa e argumentativa, enquanto pistas da circulação do sujeito pela escrita no que concerne à constituição sintática da textualização. Esse resultado pode estar indicando uma tendência que caracteriza, nesse âmbito, as TDs tal como imediatamente atualizadas pelos sujeitos no EF.

No que diz respeito às relações semânticas dos MJs, observou-se que as relações de *adição* (30,75% - TD narrativa/35,94% - TD argumentativa), *causa* (26,15% - TD narrativa/29,01% - TD argumentativa), *tempo posterior* (14,85% - TD narrativa/5,65% - TD

argumentativa) e *contraste* (8,91% - TD narrativa/8,94% - TD argumentativa) foram as mais frequentes.

Os resultados alcançados de acordo com o objetivo específico (i) apontaram, pois, para dois aspectos relevantes: um de ordem geral, associado aos resultados que aproximam as TDs narrativa e argumentativa; e outro, de ordem específica, associado aos resultados que distinguem essas TDs.

O resultado de ordem geral está relacionado à frequência similar das relações de *adição* e *causa* em ambas as TDs, e foi analisado como rastro da circulação dos sujeitos por práticas discursivas de dizer/escrever que constituem essas tradições, tal como a introdução de informação/conteúdo para o desenvolvimento dos textos e tal como a relação entre os fatos narrados ou argumentos apresentados numa associação que, para o sujeito, se estabelece como causa-efeito/efeito-causa/asserção-explicação.

O resultado de ordem específica está associado: (i) à frequência muito similar, nas duas TDs investigadas, da relação de *contraste*, mas em arranjos pragmático-discursivos distintos em cada TD, e, por fim, (ii) à frequência distinta da relação de *tempo* (*simultâneo*, *anterior* e *posterior*), associada à forma de circulação do sujeito pela marcação temporal em cada TD, de modo que foi possível relacioná-la mais pontualmente à TD narrativa, no que tange aos sentidos de *tempo posterior* e *simultâneo*, e mais pontualmente à TD argumentativa, no que tange ao *tempo anterior* (cf. LOPES-DAMASIO, 2020).

No que concerne aos MJs em espaços de trânsitos semânticos, o resultado de ordem geral mostra uma frequência muito similar nos trânsitos de *adição* > *causa*, *adição* > *tempo posterior* e *adição* > *contraste*, nas TDs narrativa e argumentativa, uma vez que aponta para rastros da circulação dos sujeitos por práticas discursivas que compõem essas TDs. Por sua vez, os resultados de ordem específica, em relação a esses usos, considerados não-prototípicos, porque característicos de trânsitos semânticos, apontam para a expressividade da relação entre *adição* > *causa* nos textos da TD argumentativa e *adição* > *tempo posterior* nos textos da TD narrativa, a que se acrescenta a observação de que a movimentação relacionada ao sentido de *tempo* é mais frequente nesta TD, enquanto a relacionada aos sentidos do macrossistema CCCC é mais frequente naquela TD.

Portanto, esses dois aspectos, de ordem geral e de ordem específica, estão relacionados à heterogeneidade da composicionalidade das tradições narrativa e argumentativa, que, ao mesmo tempo, se constituem como distintas e semelhantes, uma vez que se apresentam de forma dialógica mediante o aspecto de mescla de TDs, subjacente à noção de composicionalidade das TDs, por exemplo, em trechos narrativos que constroem a

argumentação quando há uma explicação/persuasão do escrevente para o seu leitor/destinatário, conforme visto na proposta “Uma grande conquista” da TD argumentativa. Os resultados mostram, até aqui e conforme será possível observar nas descrições, análises e discussões, propostas nos próximos Capítulos, especialmente no Capítulo 3 desta Parte III, que a TD narrativa direciona a circulação dos sujeitos por (suas) outras práticas discursivas, especialmente aquela argumentativa, em aquisição.

Diante desses resultados, a pergunta referente ao objetivo específico (i) que norteou este Capítulo: qual o funcionamento táctico-semântico dos MJs nas TDs *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por alunos regularmente matriculados no 7º ano do EF II, e de que modo esse funcionamento revela-se sintomático das tradições investigadas?, pôde ser respondida, a partir da demonstração de que a noção de constituição de TDs, no modo escrito de enunciação, pode ser pautada pelo funcionamento dos MJs, tomados, ao mesmo tempo, como possíveis índices de TDs e de mescla de TDs e que permitem a associação dos resultados aqui apresentados à heterogeneidade da composicionalidade das TDs narrativa e argumentativa, que, ao mesmo tempo, se constituem como distintas e como semelhantes.

Desse modo, no próximo Capítulo, soma-se a essa análise do comportamento da junção a observação da heterogeneidade da escrita, mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito no funcionamento dos MJs.

CAPÍTULO 2

MJs E A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA

2.1 Primeiras palavras

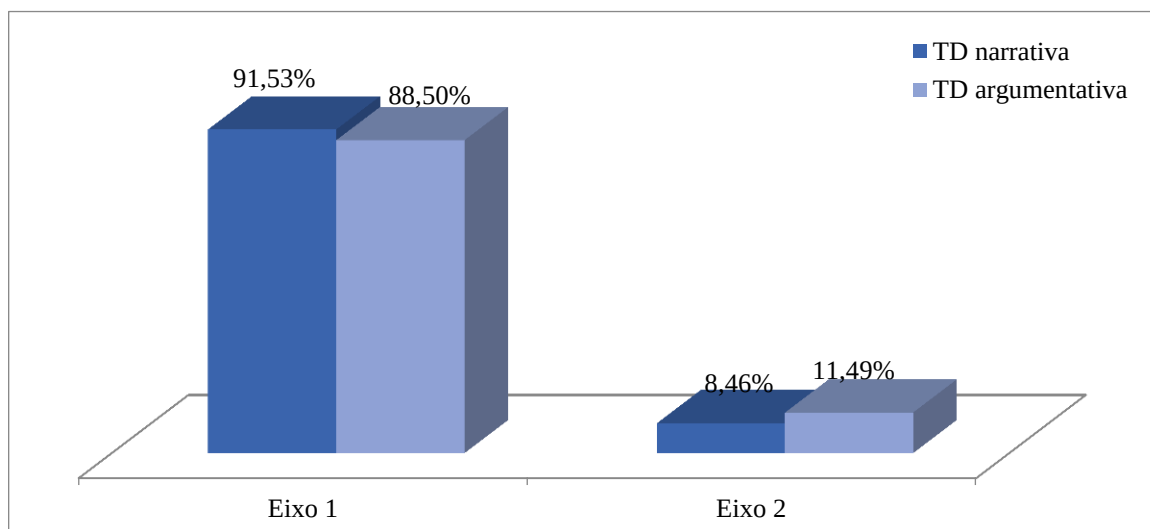
Neste Capítulo, apresentam-se os resultados da descrição e análise dos MJs, nas TDs narrativa e argumentativa, de acordo com o objetivo específico (ii) do presente trabalho: buscar rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços do oral/falado e letrado/escrito, a partir de relações entre o funcionamento dos MJs (cf. resultados do objetivo (1)) e os eixos da gênese da escrita e do código escrito institucionalizado, na perspectiva de Corrêa (1997). Nessa direção, busca-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: quais as relações entre as TDs analisadas e questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento, enquanto fatos linguísticos – fala e escrita – e práticas sociais – oralidade e letramento? Para isso, direciona-se pela seguinte hipótese: a circulação do escrevente por dois dos eixos que orientam o modo heterogêneo de constituição da escrita – o da gênese da escrita e o do código escrito institucionalizado, conforme Corrêa (1997) –, pode indiciar, em intrínseca relação aos MJs empregados, um diálogo entre as TDs analisadas e questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento.

Sob esse viés, este Capítulo 2 encontra-se organizado em duas seções, além desta apresentação: na primeira seção, 2.2. *Relações entre mecanismos de junção e heterogeneidade da escrita*, apresentam-se os resultados da análise dos MJs nas TDs narrativa e argumentativa, de acordo com o objetivo específico (ii), tal como aqui recuperado; na segunda seção, 2.3. *Discussão dos resultados*, apresenta-se uma organização e uma abordagem específica desses resultados, no espaço teórico-metodológico de observação dos dados, mediante um caráter comparativo das TDs narrativa e argumentativa, em relação aos eixos 1 e 2. Por fim, encerra-se este Capítulo com uma sistematização das análises apresentadas em relação ao objetivo específico (ii), sua pergunta e hipótese de pesquisa.

2.2 Relações entre MJs e heterogeneidade da escrita

Para alcançar o objetivo proposto, nesta subseção, focalizam-se os MJs, enquanto rastros da circulação dos sujeitos por dois eixos propostos por Corrêa (1997) – o primeiro, da gênese da escrita; e o segundo, do código escrito institucionalizado.

O Gráfico 5 mostra o quantitativo dos eixos 1 e 2, nas duas TDs focalizadas neste estudo:

Gráfico 5: MJs e os eixos 1 e 2

Fonte: elaboração própria

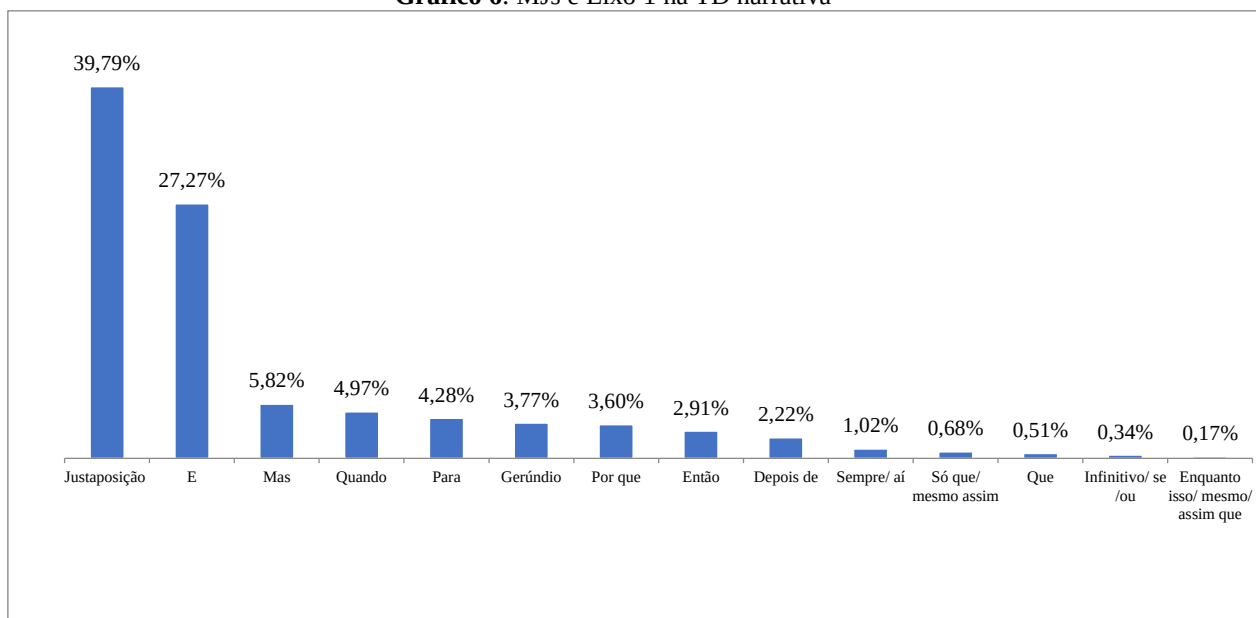
Observa-se, no Gráfico 5, que os sujeitos circulam pelos dois eixos, com frequência superior, nas duas TDs, para o eixo 1 (91,53% - TD narração /88,50% - TD argumentação). Assim, tanto na TD narrativa, quanto na argumentativa, os rastros juntivos mostram uma maior relação com o eixo da gênese da escrita, ou seja, mostram uma escrita que se constitui na circulação do sujeito por aquilo que ele imagina ser o modo escrito de enunciar, numa representação termo a termo da fala. Por sua vez, as ocorrências dos MJs associadas ao eixo 2 (8,46% - TD narração/11,49% - TD argumentação) são interpretadas como rastros de uma imagem de escrita institucionalizada. A presença de rastros de ambos os eixos, nas TDs analisadas, mostra, portanto, que, tanto em uma, quanto em outra TD, o heterogêneo se marca nos espaços de junção.

Assim, de modo geral, a diferença entre os resultados da análise dos espaços de junção e da forma como esses espaços são ocupados nos textos, no tocante aos eixos 1 e 2, em questão, tomados como eixos que permitem observar a circulação do sujeito por sua imagem de escrita, em cada TD, não permite afirmações que distingam uma da outra, mas, pelo contrário, sustenta uma aproximação, tal como apresentada acima, pois tanto as características que se detectam nos enunciados falados, como nos enunciados escritos são marcas de uma escrita constitutivamente heterogênea, sustentada, concomitantemente, “por características que provêm desses dois tipos de práticas de circulação dos atos de fala e de escrita – plasmadas na escrita, assim como ocorre com a fala” (CHACON, 2021, p. 14-15).

2.2.1 Os MJs e a gênese da escrita

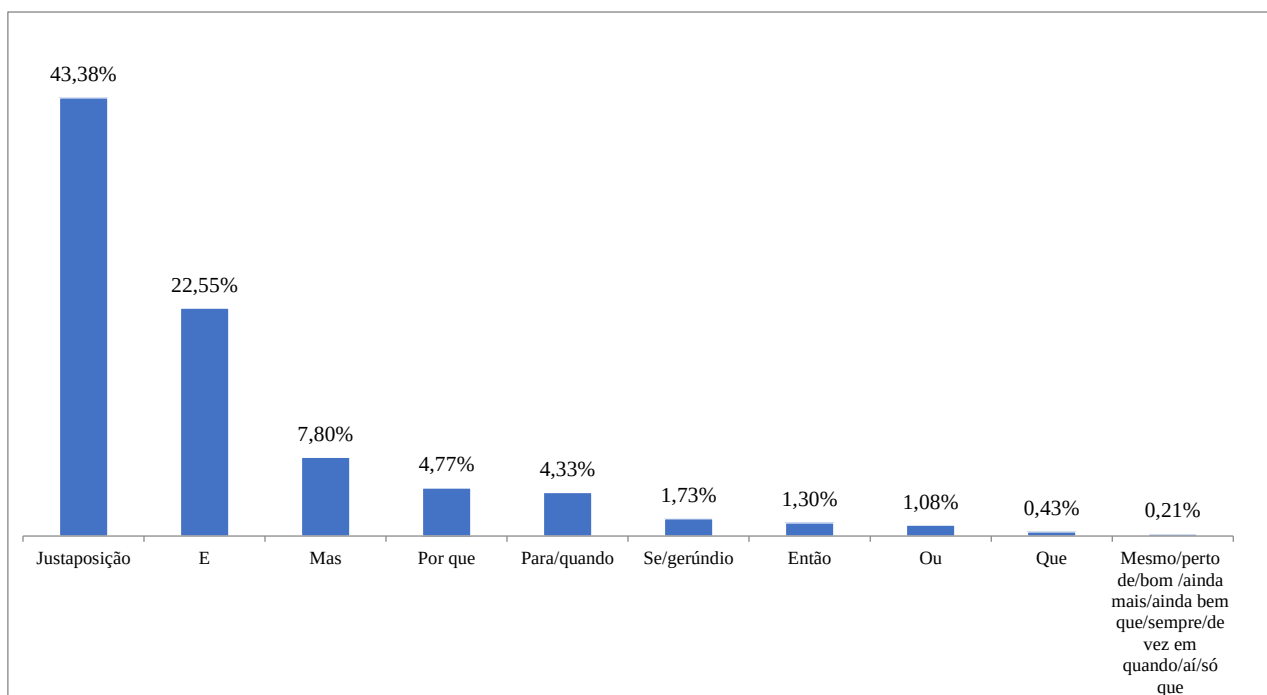
Os Gráficos 6 e 7 dão visibilidade aos MJs que, em seus usos, em cada TD, permitem relações com o eixo 1 da heterogeneidade da escrita, referente à gênese da escrita, conforme será explicitado na sequência.

Gráfico 6: MJs e Eixo 1 na TD narrativa



Fonte: elaboração própria

Gráfico 7 - MJs e Eixo 1 na TD argumentativa



Fonte: elaboração própria

Após a apresentação geral dos resultados, observa-se que, tanto nas tradições do narrar quanto do argumentar, a circulação dos sujeitos pelo eixo 1 deixa-se ver por rastros juntivos caracterizados, com maior repetibilidade, a partir da *justaposição* e de *e*, nas ocorrências de (1) a (10), e, com baixa repetibilidade, nas ocorrências de *que* e *assim que*, de (11) a (13). Esses MJs, nesses espaços de junção, em textos das duas TD complexas aqui analisadas, atuam como gestos que apontam para o contexto de enunciação. De acordo com Lopes-Damasio (2019a), o gesto enunciativo trata da dependência dos enunciados ao contexto de enunciação, como se o sujeito que escreve e o seu leitor compartilhassem a mesma situação enunciativa. O uso das “justaposições” e também o de “e” configura “um gesto da criança/escrevente que indicia o fato de que ela conta com esse conhecimento partilhado com seu outro/destinatário/leitor, no momento da enunciação” (LOPES-DAMASIO, 2019a, p. 101). Em outras palavras, o sujeito junta as orações, colocando-as uma ao lado da outra, ou usando o *e*, e com esses *rastros*, nos espaços de junção, aponta (como num gesto) para diferentes sentidos, recorrentemente mais abstratos, que vão além do sentido de adição, como se estivessem explícitos na situação de enunciação. Esses sentidos devem, entretanto, ser recuperados/construídos pelo leitor/ouvinte, com base em inferências, numa rede de trânsitos semânticos, conforme foram apresentados na seção 1.2.1. *Mecanismos de junção em trânsitos semânticos*, do Capítulo 1 - Parte III, intrinsecamente atrelada a aspectos linguístico-discursivos.

Assim, inicialmente, em (1) e (2), exemplifica-se o trânsito semântico, realizado em contexto linguístico de “justaposição”, de acordo com o que se entende como seu funcionamento enquanto gesto enunciativo, tomado, aqui como justificativa do eixo 1:

- (1) Mario e Maria eram dois apaixonados, mas porem suas familias eram rivais uma da outra por causa de uma divida que a familia de Mario tinha com a de Maria. Ø Um dia Mario estava pensativo e com medo, porque Maria queria fugir com ele para bem longe. [04/7A/1Nar].
- (2) Neste Natal eu quero muito ganhar um computador porque você já sabe que Ø eu tinha 09 anos. Toda vez que você chegava em casa eu falava mamãe, Ø mamãe. Neste Natal eu quero ganhar um computador. [18/7A/1Arg].

Em (1), extraído da TD narrativa, observa-se o emprego de “justaposição” com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitindo inferir o sentido mais abstrato de tempo posterior: na narração da história de Mario e Maria, os seus familiares são apresentados como rivais, devido a uma dívida. A narração continua com a apresentação do fato de que, em um certo dia, Mário estava pensativo e com medo, porque Maria queria fugir para bem longe com ele. Dessa forma, há uma sequência temporal entre a descrição e os fatos apresentados, com o

correlato linguístico do sintagma nominal “Um dia”. Em (2), extraído da TD argumentativa, observa-se o emprego de “justaposição”, parafraseável por “quando”, com sentido de tempo anterior. Observa-se que o tempo anterior é marcado quando o sujeito relembra a sua mãe de que, quando era mais novo (quando tinha 9 anos), pedia para ganhar um computador de presente e, por meio disso, utiliza uma marca do recurso argumentativo, insistindo para que sua mãe lhe dê o computador de presente. Portanto, as duas ocorrências de “justaposição” estão atuando como gesto enunciativo, já que seus sentidos são inferidos, diante do contexto linguístico e pragmático-discursivo.

Nas ocorrências em (3), (4), (5) e (6), ilustra-se o mesmo tipo de trânsito semântico, agora no domínio das relações CCCC, em contexto linguístico que mostra marcas sintáticas e fônico-pragmáticas da oralidade, pois uma oração não se integra na outra:

- (3) Dizi o pai E o Junvencio Viu o Batilhão correndo atraz Dele Ø ele se escondeu atraz Da árvore tremendo De Medo. [06/7A/1Narr].
- (4) Nesse natal queria ganhar um computador, para fazer trabalhos escolares Øfazer outras coisas. Ø O computador vai me ajudar muito. [07/7A/1Arg].

Em (3), a “justaposição”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permite inferir, no contexto, o sentido de causa, atuando na TD narrativa. A resposta dada pelo “pai” é responsável pela avaliação, exposta no trecho, dentro de um esquema causa-efeito (porque Junvencio Viu o Batilhão correndo atraz Dele (causa) ele se escondeu atraz Da árvore tremendo De Medo (efeito)).

Em (4), a “justaposição” novamente apresenta o sentido mais concreto de adição, na parataxe, e permite inferir o sentido mais abstrato de causa, agora dentro do esquema conclusivo, atuando na TD argumentativa: [vou] fazer trabalhos escolares Ø fazer outras coisas (causa) [Portanto, por esses motivos] o computador vai me ajudar muito (efeito). Em ambas as ocorrências, a sequencialidade de fatos narrados e a relação entre os argumentados, com o uso de “justaposição”, habilita a leitura causa-efeito entre eles.

- (5) eu sai do quarto Ø fui para a cosinha e peguei o arroz ai ela falou: Ø - Não menina Ø é para pegar o (~~arroz~~) alho para carne. [07/7A/2Narr].
- (6) Meu grande sonho é ser modelo fotografica, Ø sei que é muito dificil, pois tenho dificuldades pela frente. [04/7A/2Arg].

Em (5), extraído da TD narrativa, observa-se o emprego de “justaposição” com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitindo inferir o sentido mais abstrato de contraste,

de acordo com a seguinte possibilidade de paráfrase: “Não menina [não é para pegar arroz] mas é para pegar alho para carne”. A marca linguística que sinaliza o contraste é a negativa (Não menina), a partir da qual se infere o conteúdo explicitado nessa paráfrase.

Em (6), extraído da TD argumentativa, observa-se o emprego de “justaposição”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitindo inferir o sentido mais abstrato de concessão. O sonho é manifestado a despeito do reconhecimento do sujeito acerca das dificuldades que estão relacionadas a esse sonho (Meu grande sonho é ser modelo fotográfica apesar de que sei que é muito difícil). A exposição acerca do sonho, numa mescla com a tradição de narrar, apresenta-se intrinsecamente associada ao argumentar, dado como pano de fundo para a legitimação do “sonho” apresentado.

Para ilustrar o funcionamento de “e” como gesto que aponta para o contexto enunciativo, destacam-se as ocorrências de (7) a (10), em espaços de junção que permitem a inferência dos sentidos mais abstratos de tempo e causa, a partir do sentido mais concreto de adição⁵⁸:

- (7) Um dia eu estava no quarto e minha mãe me pediu para pegar o a(l)ho. [07/7A/2Narr].
- (8) [...] o meu ídolo mesmo é o Neymar. Eu já era santista desde pequena, e com a entrada dele no time me apaixonei mais ainda [...]. Enfim eu sou (rasura)* (~~love~~)amente apaixonada por ele, e sonho conhecer ele e tudo do Santos. [16/7A/1Arg].
- (9) eu sai do quarto Ø fui para a cosinha e peguei o arroz. [07/7A/2Narr].
- (10) Meu maior Sonho é Ser Jogadora De futebol Mais Prá isso eu Vou ter que estu-dar Bastante. E guando eu conseguir eu Vou \ficar/ Muito feliz. [06/7A/2Arg].

Em (7), extraído na TD narrativa, o uso de “e”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permite inferir o sentido de tempo simultâneo (Um dia eu estava no quarto [naquele momento] minha mãe me pediu para pegar o a(l)ho). Em (8), extraído na TD argumentativa, o emprego de “e”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permite a inferência da noção mais abstrata de causa: eu sou (rasura)* (~~love~~)amente apaixonada por ele, (causa) [por esse motivo] sonho conhecer ele (efeito 1) e [sonho conhecer] tudo do Santos (efeito 2).

Em (9), extraído da TD narrativa, e, em (10), extraído da argumentativa, os empregos de “e”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permitem inferir o sentido mais

⁵⁸ Conforme Lopes-Damasio (2022, p. 15), as relações de sentido mais abstratas, como as de tempo e causa, no caso desses exemplos, se constroem, prioritariamente, por meio de usos de MJs mais prototípicos, numa relação mais concreta, como é o caso dos usos aditivos de “e”, no trânsito ADIÇÃO > TEMPO ou ADIÇÃO > CAUSA.

abstrato de tempo posterior (“fui para a cozinha e [em seguida/depois] peguei o arroz”; “Meu maior Sonho é Ser Jogadora De futebol Mais Prá isso eu Vou ter que estu-dar Bastante. E [depois que] eu conseguir eu Vou \ficar/ Muito feliz”). Assim, observa-se que, em (9), o tempo posterior é marcado mediante a sequencialidade de fatos narrados, numa relação de iconicidade entre texto e mundo, e, em (10), a sequencialidade de fatos projeta-se num esquema de planejamento acerca daquilo que o escrevente projeta como necessário para alcançar seu sonho (Mais Prá isso eu Vou ter que estu-dar Bastante) e como consequência desse sonho (E guando eu conseguir eu Vou \ficar/ Muito feliz). A projeção desse planejamento e dessa consequência assume nuances específicas de argumentos, numa mescla entre o narrar e o argumentar. O tempo não é mais apenas icônico, mas assume papel discursivo numa interação que busca o convencimento (de acordo com a imagem do sujeito do que seja o argumentar) do outro acerca de um sonho que pode se realizar.

Embora com frequência reduzida, apresenta-se o funcionamento do MJ “que”, nas ocorrências (11), extraída da TD narrativa, e (12), da argumentativa, também como gesto enunciativo, no eixo 1, em espaços de junção que permitem a inferência dos sentidos mais abstratos de causa, a partir do sentido mais concreto de adição, na parataxe:

(11) [...] ela não acreditou como ele não acreditava nela, e resolveu ir embora para sempre e ser feliz. Porque tudo que ela queria é ter um amor sincero, **que** acredite nela. [03/7A/1Narr].

(12) Ø O primeiro é um notbook, para mim conec-tar com o mundo, e fazer os trabalhos da escola, **que** é muito importante para o meu futu-ro. [31/7A/1Arg].

Em (11), o sentido de causa, também marcado, no contexto linguístico, pelo MJ “porque”, instaura-se na relação efeito-causa entre “o amor seria considerado sincero (efeito), porque acreditaria nela (causa)”. Em (12), também se observa a relação causa-efeito: o primeiro é um notbook, para mim conec-tar com o mundo, e fazer os trabalhos da escola (efeito), que [porque] é muito importante para o meu futu-ro (causa). O uso de “que” está associado ao eixo 1, porque atua como gesto que, ao apontar para o contexto de enunciação, aponta para uma estratégia da fala/oralidade, em contextos pragmáticos. Assim, percebe-se que o uso causal de “que”, na TD narrativa, funciona como um MJ que explica os fatos narrados entre as personagens (Eduardo e Stephanie) e, na TD argumentativa, que justificativa o motivo pelo qual o sujeito deseja ganhar um notebook de presente. Observa-se, tanto em (11) como em (12), que o uso de “que” apresenta marca de uma estruturação do texto oral, atuando como um articulador muito usado na organização da conversação. Além disso, em (12), nota-se também marcas de recursos argumentativos, em que o sujeito faz o uso de “que”,

na materialidade fônico-pragmática, como uma insistência em convencer o outro/leitor, como se buscase reproduzir um diálogo com o interlocutor, uma vez que justifica três vezes o motivo de querer ganhar um notebook (conectar com o mundo, fazer trabalhos escolares e ser um objeto importante para o seu futuro), conforme aponta Corrêa (1997, p. 169).

Também com baixa frequência, destaca-se o funcionamento do MJ “assim que”, extraído da TD narrativa, como gesto que aponta para o contexto enunciativo, tomado como justificativa para a ancoragem do eixo 1:

(13) **Assim que** ela tomou um chute pelo seu traseiro, ela acabou caindo no meio da rua.
[13/7A/1Narr].

Em (13), o emprego de “assim que”, com sentido de tempo silmultâneo, relaciona duas situações, conforme a paráfrase: [No momento em que] ela tomou um chute pelo seu traseiro (situação 1), ela acabou caindo no meio da rua (situação 2). O MJ “assim que” está intrinsecamente associado à proposta de produção textual, e, assim, aponta para essa proposta (como gesto enunciativo), uma vez que o uso desse MJ mostra uma narração que já se iniciou anteriormente. O espaço de início dessa narração é a própria proposta de produção textual, em que se observam três quadrinhos da tirinha “Rompimento amoroso” e a comanda que pede ao sujeito-escrevente para dar continuidade à narrativa. O uso de “assim que” retoma o contexto mais geral da proposta, isto é, mediante a ligação entre o segundo quadrinho da tirinha “Papai, os jagunços, o delegado, o batalhão da guarda, o regime da cavalaria [...]” e o terceiro quadrinho da tirinha, em que a personagem cai do cavalo. Portanto, a narrativa inicia-se *in medias res*, conforme se nota no enunciado: “assim que ela tomou um chute pelo seu traseiro, Ø ela acabou caindo no meio da rua” (cf. Parte II, p. 92 para maiores detalhes sobre a proposta de produção textual em questão).

Nas ocorrências de “justaposição”, de (1) a (6), e de “e”, de (7) a (10) – frequentes nos textos analisados –, assim como nas de “que”, em (11) e (12), e “assim que”, em (13) – pouco frequentes nesses textos –, os MJs atuam como gesto que aponta para o contexto enunciativo e para a inferência dos sentidos mais abstratos (adição > tempo; adição > causa; adição > contraste; e adição > concessão), nos espaços de junção que ocupam. Ao apontar, no espaço gráfico, para a situação concreta de sua enunciação, o sujeito deixa *rastros*, no produto escrito, de suas experiências com as tradições mais informais da oralidade, especialmente o diálogo (LOPES-DAMASIO, 2019a, p. 101-102). Esse movimento, para a construção dos sentidos no processo de textualização, é tomado como uma primeira relação possível entre o funcionamento dos MJs destacados e o eixo 1, da gênese da escrita.

A prototipicidade dos MJs nas práticas discursivas também é tomada aqui, atrelada à consideração do espaço de junção específico em que é observada, como relação entre o funcionamento dos MJs e o eixo 1. Nos textos analisados, foram observados MJs prototípicos nas relações de sentido de alternância (MJ “ou”), tempo simultâneo (MJ “quando”), tempo contingente (MJ “quando”), tempo anterior (MJ “desde”), tempo posterior (MJ “quando”), modo (MJ “gerúndio”), causa (MJ “porque”), contraste (MJ “mas”), condição (MJ “se”), finalidade (MJ “para”) e concessão (MJ “mesmo”).⁵⁹ Portanto, devido à sua prototipicidade, são tomados aqui como rastros linguísticos da gênese da escrita, uma vez que estão presentes em práticas discursivas orais, que se materializam na fala, conforme os trabalhos de Lopes-Damasio (2022, 2020, 2019a/b, 2016), Bavaresco (2019) e Longhin-Thomazi (2011a/b).

Esses MJs, considerados prototípicos – quanto ao seu funcionamento tático e, especialmente, quanto ao sentido que constroem, nos espaços de junção que preenchem – estão presentes, com alta frequência, em práticas discursivas orais informais, mas também em práticas discursivas orais formais. No entanto, o fato de que são MJs frequentes em práticas orais informais leva a tomá-los, neste trabalho, como marca de ancoragem no eixo 1.

Na sequência, serão apresentadas, de (14) a (17), ocorrências que exemplificam usos de MJs prototípicos, que, embora com baixa frequência, nos textos analisados, indiciam, na TD narrativa, relações com o eixo da gênese da escrita:

- (14) - julia você sabe onde esta ele Ø respondeu julia Ø eu seu na onde ele fica Ø nos pode fazer uma armadilha pa-ra ele. **em canto isso** o juvenicio esta andando de cavalo na beira da estrada. [09/7A/1Narr].
- (15) Ela foi pra cozinha **lavar** a louça do almoço e eu fui no computador mexer no msn e no orkut. [14/7A/2Narr].
- (16) ... Juvencio com medo do pai de Josi derrubou-a do cavalo e saiu correndo. **Só que** depois de um tempo percebeu que não podia viver sem ela. [08/7A/1Narr].
- (17) a mãe da menina chegou batendo nela e gritano Ø sua biscate, que que você tá fazendo aque como uma biscate, maloquera. Ø Coitada da minina, Ø ela ficou morrendo de vergonha mais **mesmo assim** não voltou pra casa. [32/7A/2Narr].

Em (14), o uso de “em canto isso” é uma marcação temporal, na hipotaxe, que mostra duas situações simultaneamente, conforme se observa: “nos pode fazer uma armadilha pa-ra ele” (situação 1) “enquanto o juvenicio esta andando de carvalho na beira da estrada” (situação 2). Segundo Sperança (2008, p. 192), “o valor temporal das conjunções [Quando e Enquanto]

⁵⁹ Esses MJs prototípicos foram analisados na seção 1.2. *Mecanismos de junção e(m) TDs narrativa e argumentativa* do Capítulo 1 - Parte III.

é apreendido de construções prototípicas, e assumidos como o único [valor/significado] passível de ser veiculado por esses conectivos”. Assim, o uso de “em canto isso” está associado ao eixo 1, devido à sua prototipicidade em relação a esse sentido e a ser frequente, especialmente, em práticas discursivas orais informais⁶⁰.

Em (15), o infinitivo “lavar” é usado como estratégia juntiva com sentido de finalidade, na hipotaxe. Os rastros da identificação dessa técnica juntiva com o eixo 1, enquanto rastros do trânsito do escrevente por práticas de oralidade informal, mostram-se, não apenas na prototipicidade dessa forma de junção, mas também nos indícios de uma imagem da escrita como representação termo a termo da fala, por exemplo, na maneira informal de ortografar a preposição “pra”, no contexto em questão.⁶¹

Em (16), observa-se o emprego de “só que” com sentido de contraste, na parataxe. De acordo com Longhin-Thomazi (2003, p. 140), a perífrase “só que” é resultado “de um processo de criação linguística bastante antigo, e ainda muito produtivo, que consiste em combinar a partícula *que* com palavras de diferentes categorias, para a formação de perífrases conjuncionais”. Assim, observa-se que o contraste, mostrado por esse MJ, ocorre entre Juvêncio ter derrubado Josi do cavalo e saído corredo (ou seja, tê-la abandonado) x não poder viver sem ela (abandonar x amar). Com efeito, esse juntor é atestado como recorrente em textos que tradicionalmente circulam em tradições mediadas pelo som e/ou com baixo grau de formalidade, e tem se mostrado com crescente penetração em distintas práticas letradas informais.

Em (17), “mesmo assim” apresenta sentido de concessão, na hipotaxe. Segundo Lopes-Damasio (2013, p. 387), respaldando-se em Halliday e Hasan (1976), há uma grande flutuação, em nível semântico-pragmático, entre as construções concessivas e adversativas, uma vez que ambas são mediadas por uma relação contrastiva, em que o significado básico é a contrariedade à expectativa. Por sua vez, a autora aponta que, na oração concessiva, o locutor usa a estratégia da antecipação para anunciar de antemão que o argumento introduzido por esse juntor será anulado. A especificidade semântica aí presente – que permite a recuperação de diferentes vozes sociais na sequencialidade dos fatos narrados: em (17), observa-se o discurso direto da mãe com a filha e a voz do narrador –, marca-se, nesse uso

⁶⁰ Considera-se também o seu uso em práticas discursivas orais formais, assim como, com ortografia convencional, em práticas discursivas letradas informais.

⁶¹ O uso do infinitivo pode ser considerado também em práticas discursivas orais formais, em práticas discursivas letradas informais e, até mesmo, formais, em espaços de junção que não são acompanhados de outras marcas da gênese da escrita, como “pra” no exemplo em questão.

juntivo de “mesmo assim”, de forma mais recorrente em dados de fala, em práticas discursivas orais informais, e, por isso, está associado ao primeiro eixo.

Neste momento, serão apresentadas, de (18) a (21), ocorrências que exemplificam usos de MJs que, também com baixa frequência, no universo de investigação deste trabalho, indiciam, agora na TD argumentativa, relações com o eixo da gênese da escrita:

- (18) E também não é muito caro o presen-te que eu quero?, Ø é só um nef stampas, Ø não é muito caro e **ainda mais** ele é muito daora, Ø vem com 60 dardos de brinde. [20/7A/1Arg].
- (19) Pra conseguir isso teria que estudar muito, Ø superar à distância e a minha atual circunstância econômica, **ainda bem que** dizem que os gênios mais famosos vieram de baixo. [02/7A/2Arg].
- (20) Meu sonho é ser um ator pornô e ter um bilau de 38 cm, porque **de vez em qu-ando** eu penso como é ser um ator pôrno. [38/7A/2Arg].
- (21) O natal já está chegando, então vou lhe pedir o meu presente, Ø serão apenas 3 ta! Ø O primeiro é um notbook, para mim conec-tar com o mundo, e fazer os trabalhos da escola , que é muito importante para o meu futu-ro. Ø O segundo é um cd, **bom** não é qualquer cd, Ø é o cd do filme eclipse da saga crepús-culo pois você sabe que sou fanática pelo crepúsculo. Ø O terceiro é simples, Ø quero que o ano que vem seja melhor do que este que todos sejamos felizes e que não passemos dificul-dades. [31/7A/1Arg].

Em (18), o emprego de “ainda mais”, com sentido de adição, na hipotaxe, além de acrescentar novas informações e fazer o texto progredir, insere mais um contra-argumento em uma lista de contra-argumentos associados às qualidades do presente (ele é muito daora, Ø vem com 60 dardos de brinde). Assim, a relação entre o uso de “ainda mais”, que, segundo Lopes-Damasio (2020, p. 148), se refere “à introdução de informação nova, tomada, discursivamente, como argumento forte para o convencimento acerca do ponto de vista do sujeito”, na mesma direção do que se observa, em (19), com o uso de “ainda bem que”, e o eixo 1 está pautada no reconhecimento desse MJ como um rastro da gênese da escrita, no sentido de que se mostra, no texto, como marca de práticas orais informais, em que está em jogo a inserção de argumentos para o convencimento do outro. Em ambas as ocorrências, apresentam-se marcas de recursos argumentativos, que registram traços da materialidade fônico-pragmática.

Em (20), “de vez em qu-ando”, com sentido de tempo contingente, na hipotaxe, marcando, portanto, a habitualidade temporal, caracteriza-se como um emprego que sinaliza a circulação do escrevente por tradições da fala, por ser altamente frequente em práticas discursivas orais informais, relacionadas a esse sentido, conforme observado na presente pesquisa e nos trabalhos de Bavaresco (2019) e Lopes-Damasio (2022).

Em (21), o emprego de “bom” pode se associar ao sentido de contraste, na parataxe. Nesse contexto, a marcação de contraste decorre de uma *correção/retificação*, em que a segunda oração corrige (retifica) a informação contida na primeira oração. Como se vê, o marcador “bom” apresenta esse esquema de refutação/retificação, “sendo que o primeiro argumento de um enunciado, P, é negado explicitamente e substituído pelo segundo argumento, Q [...]” (BOTARO, 2010, p. 23). Assim, “bom” trata-se, especificamente, de um marcador discursivo que assume função juntiva, assegurando a ancoragem pragmático-discursiva do conteúdo, ao assumir um espaço em que se habilita o sentido contrastivo. Dessa forma, é característico de textos que circulam em práticas discursivas orais informais, por meio da fala, indiciando, pois, a gênese da escrita.

Por sua vez, a não-prototipicidade do funcionamento dos MJs, aqui considerada especialmente em seus aspectos semânticos (a esse respeito, cf. seção 1.2.1. *Mecanismos de junção em trânsitos semânticos* do Capítulo 1 - Parte III), também pode ser tomada como relação entre MJs e o eixo 1. Esses MJs se mostraram recorrentes nos textos das TDs investigadas, enquanto rastros do trânsito do escrevente por práticas discursivas orais informais. É o caso dos MJs “então” e “aí”⁶², exemplificados de (22) a (25):

(22) Ø Eu estava escrevendo um texto e errei, **então** pedi o corretivo emprestado para o Beirão (Rafael). [01/7A/2Narr].

(23) O natal já está chegando, **então** vou lhe pedir o meu presente, Ø serão apenas 3 ta!. [31/7A/1Arg].

Em (22), atuando na TD narrativa, e, em (23), na argumentativa, “então”, na parataxe, é resultado de um processo de mudança associado à alta frequência de seus usos para marcar sequencialidade temporal em contextos que permitem inferir o sentido causal. Essa frequência, que justifica a mudança semântica aqui apontada, é consequência de sua alta

⁶² Chiarelli (2010, p. 132-133), ao citar os trabalhos de Tavares (1999, 2003), Martelotta e Silva (1996), Pezatti (2001) e Risso (1996), aponta que esses autores mostraram que “então” é um item multifuncional que atua em funções distintas, desde a mais básica e concreta (por exemplo, a de advérbio temporal) até uma função mais abstrata (por exemplo, a de marcador discursivo). A autora, ao respaldar-se em Pezatti (2001), apresenta reflexões importantes ao observar que “então” está a caminho de gramaticalizar-se como uma conjunção coordenativa conclusiva, no sentido de que não assimilou todos os traços para ser considerado uma conjunção prototípica, uma vez que mantém ainda características de advérbio, tal como a conservação do sentido anafórico, a posição móvel na sentença e a possibilidade de ser precedido por outra conjunção. Na mesma direção, Tavares e Freitag (2010) afirmam que o controle dos traços semântico-pragmático de “aí” e “então” tem se mostrado influentes em fenômenos de GR em domínios funcionais complexos e que o uso de “aí” destaca-se na introdução de orações cujo verbo principal apresenta traços mais concretos e então predomina em contextos de verbos mais abstratos, mais distante, portanto, de seu significado original, ligado a nuances espaço-temporais” (cf. TAVARES e FREITAG, 2010, p. 118). Com efeito, a multifuncionalidade desses itens, inclusive de seus aspectos semânticos, permite reconhecê-los em caminhos de mudanças linguísticas, que justificam, ao mesmo tempo, a não prototipicidade aqui considerada e a frequência significativa de seus usos na fala/oralidade, como via para sua absorção em práticas letradas, na escrita.

ocorrência em práticas discursivas orais informais, e, neste trabalho, à associação de seu uso ao eixo da gênese da escrita. Por sua vez, à medida que o processo de mudança se efetua, os usos com sentido mais abstrato desse MJ podem aparecer também em práticas discursivas orais formais, o que, no entanto, não deve apagar o fato de que a movimentação dos sentidos inicia-se em práticas discursivas orais informais, como o diálogo, a conversação espontânea etc. Nessas ocorrências, observa-se a relação de causa-efeito, em (22): “Eu estava escrevendo um texto e errei, (causa) [por esse motivo] pedi o corretivo emprestado para o Beijo (Rafael) (efeito)”; e, em (23): “o Natal está chegando (causa) [por esse motivo] eu vou lhe pedir o meu presente (efeito)”. Desse modo, o uso de “então”, na TD narrativa, funciona como uma explicação dos fatos narrados, que justifica uma situação em que o sujeito precisou pedir o corretivo emprestado, enquanto, na TD argumentativa, instaura um movimento conclusivo em consonância com o reconhecimento de um argumento tomado como premissa: a época do Natal é a época para ganhar presentes.

Em (24), extraído da TD narrativa, e, em (25), da argumentativa, observa-se o emprego de “aí”, com sentido de tempo posterior, na parataxe:

(24) Um certo-dia vindo embora o Pedro fa_lou pra Andressa que ele precisava conversar com ela e ela disse: Ø tabom, **aí** ele falou: Ø Andressa preciso terminar com você. [19/7A/1Narr].

(25) Meu sonho é ser um ator pronô e ter um bilau de 38 cm, porque de vez em qu-ando eu penso como é ser um ator pôrno e **ai** eu pensei comigo quando crescer eu vou ser um ator pôrno para ir na Alemanha, Ø Estados Unidos etc. Ø Eu vou ser um artista sem porque é meu sonho e eu vou ser sim porque eu vou lutar muito para conseguir isso. [38/7A/2Arg].

Em (24), a posterioridade temporal é marcada na apresentação do diálogo entre Pedro, primeiramente, em discurso indireto (o Pedro fa_lou pra Andressa que ele precisava conversar com ela), e, em seguida, em discurso direto (Ø tabom, **aí**/em seguida/depois disso ele falou: Ø Andressa preciso terminar com você), e Andressa, em discurso direto (ela disse: Ø tabom), de modo que se articula a TD diálogo na configuração da narrativa. Em (25), o tempo posterior é marcado na exposição da imagem do escrevente em relação a ser um ator pornô e depois desejar ser um ator pornô quando crescer. Nesse contexto, a TD narrativa se mescla com a argumentativa, uma vez que o sonho de ser um ator pornô é justificado com a apresentação de uma sequencialidade de fatos narrados, como forma de persuasão do outro/leitor, em relação à legitimidade desse sonho. Assim, o uso de “aí”, sinaliza a circulação do escrevente por tradições orais, porque parte, conforme Tavares e Freitag (2010), de um sentido mais concreto de local/espço, para um mais abstrato de tempo. O trânsito semântico identificado – reconhecido como rastro da movimentação para a construção dos sentidos no texto –

caracteriza a não-prototipicidade, tomada, neste trabalho, como marca de ancoragem no eixo 1, uma vez que se trata de espaços de junção materializados em tradições informais, mais frequentemente orais. No caso desse MJ, a absorção desses usos em práticas letradas, na escrita, se mostra também limitada aos contextos de informalidade. Além disso, o emprego de “aí” é uma marca da estruturação do texto oral, usada frequentemente na organização da conversação (cf. CORRÊA, 1997).

De modo geral, os resultados relacionados ao eixo 1 apontam que, nas TDs narrativa e argumentativa, os sujeitos deixam rastros juntivos caracterizados, com maior repetibilidade, por meio da *justaposição* e de *e*, que atuam como gestos que apontam para o contexto de enunciação, conforme as ocorrências que exemplificaram diferentes contextos de trânsitos semânticos. Observaram-se, ainda, MJs prototípicos (cf. os usos analisados de alternância “ou”, tempo simultâneo “quando”, tempo contingente “sempre”, modo “gerúndio”, causa “por que”, condição “se”, finalidade “para” e concessão “mesmo”) que, por causa de sua prototipicidade, foram tomados como rastro linguístico da gênese da escrita. Por sua vez, os MJs não-prototípicos (cf. os usos analisados de “então” e “aí”) foram tomados como rastros, de mesma natureza, da gênese da escrita, porque se caracterizam em processo de mudança semântica, relacionada à alta frequência de seus usos em práticas discursivas orais informais.

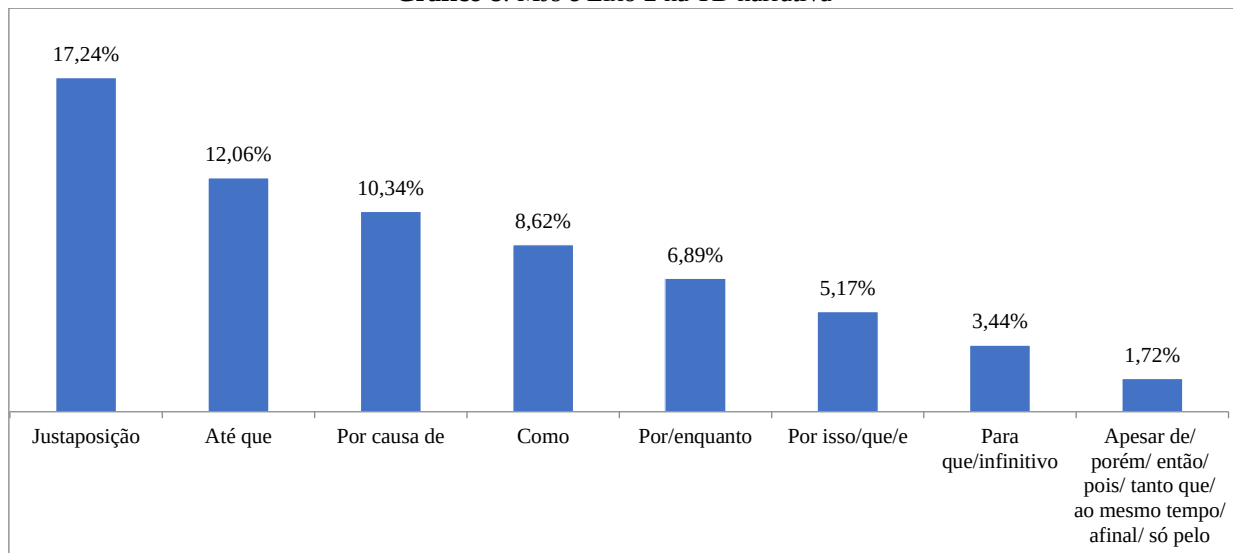
Diante disso, na análise apresentada neste Capítulo, as marcas juntivas de ancoragem no eixo 1, nas duas TDs investigadas, são: (i) MJs que funcionam como gestos enunciativos, associados a trânsitos semânticos; (ii) MJs prototípicos, em termos de suas relações táticas e semânticas; e (iii) MJs não-prototípicos, que se caracterizam em trânsitos semânticos, associados a processos de mudança linguística. Em (i), (ii) e (iii), o funcionamento desses MJs está intrinsecamente associado à informalidade de práticas discursivas orais, podendo, a partir delas, ocupar espaços também em práticas discursivas orais formais e práticas letradas informais.

Por fim, os resultados também apontaram diferenças entre os MJs que apresentaram baixa frequência em relação ao eixo da gênese da escrita nas tradições investigadas, uma vez que, na TD narrativa, os MJs menos frequentes foram “enquanto isso”, “lavar” (infinitivo), “só que” e “mesmo assim”, já na TD argumentativa, foram “ainda mais”, “ainda bem que”, “de vez em quando” e “bom”.

2.2.2 Os MJs e o código escrito institucionalizado

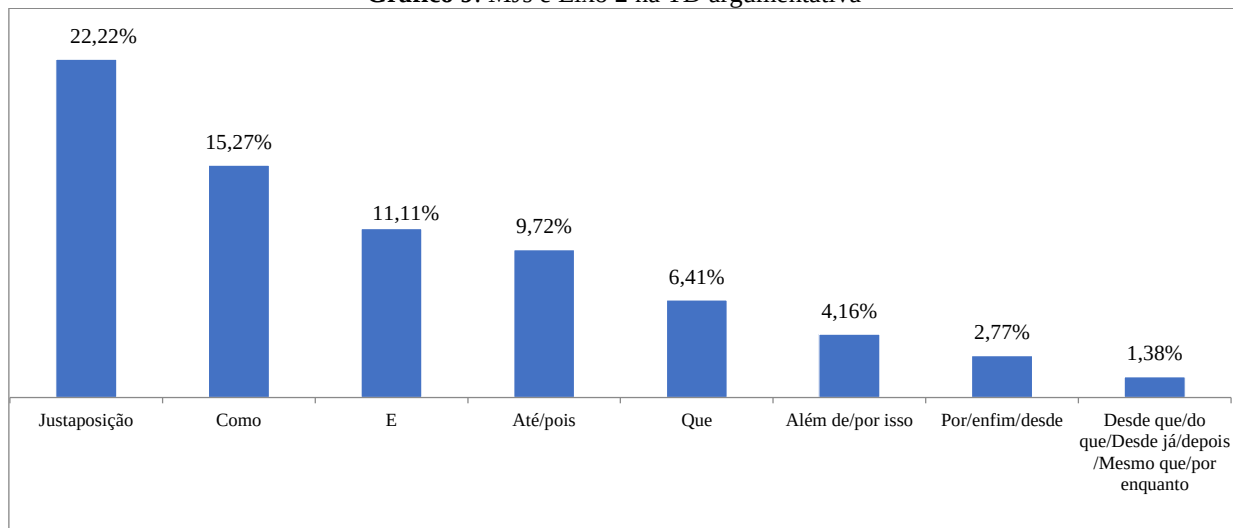
Os Gráficos 8 e 9 dão visibilidade aos MJs que, em seus usos, em cada TD, permitem relações com o eixo 2, referente ao código escrito institucionalizado, conforme será explicitado na sequência.

Gráfico 8: MJs e Eixo 2 na TD narrativa



Fonte: elaboração própria

Gráfico 9: MJs e Eixo 2 na TD argumentativa



Fonte: elaboração própria

Quando circulam pelo eixo 2 (8,46% - TD narrativa/11,49% - TD argumentativa), os MJs configuram rastros que se caracterizam de formas específicas, em cada TD, de acordo com arranjos sintático-semânticos mais variáveis, porque: (i) na TD narrativa, mostram-se nos modos de dizer/escrever dos sujeitos, em que se apresentam cenas narradas entre as personagens, o uso do discurso indireto e a relação de causalidade construída por meio do arranjo sintático que recupera a sequencialidade dos fatos; e (ii) na TD argumentativa,

mostram-se nos modos de dizer/escrever dos sujeitos, em que se apresentam o acréscimo de novas informações, numa listagem, e uma imagem de argumentação, associada ao convencimento, à persuasão do seu leitor.

De início, apresentam-se, em (26) e (27), extraídas da TD narrativa, e, em (28) e (29), da TD argumentativa, exemplos em que a “justaposição” é usada com sentido de adição, na parataxe, numa relação forma-sentido (paralelismo sintático + sentido de adição) dentro de listagem fechada convencional, tomada como uma primeira relação possível entre o funcionamento dos MJs destacados e o eixo 2, do código escrito institucionalizado:

(26) enquanto fugiam pela velha cidade pai de Maria foi chamando cavalaria, Ø polícia, Ø delegado, Ø o guarda, Ø o jagunço e tudo mais. [17/7A/1Narr].

(27) Uma vez, estava eu, Ø o Heitor, Ø o Rafael e o Marco na sala de aula. [19/7A/3Narr].

(28) A camera é tão linda, Ø tem todas as tecnologias Ø MP4, Ø Mp3, Ø pen drive, além de tirar fotos ela também filma! E ela não é muito cara!. [02/7A/1Arg].

(29) [...] e o meu nome (entras-)abrisse a abertura da novela das “8” da “Rede Globo de televisão”, Ø há, quan--do acontecer , Ø sei lá, Ø é algo inimaginável pra mim, Ø talvez: determinação, Øsatisfação e felicidade... [02/7A/2Arg].

De acordo com Halliday (1985), o que se vê, nessas ocorrências, corresponde ao movimento de extensão, na expansão paratática, que amplia o conteúdo apresentado, acrescentando-lhe uma nova informação. A relação entre o uso de “justaposição” e o segundo eixo, embora se trate da acepção mais concreta de adição, está associada à forma como os enunciados são acrescentados, obedecendo a um paralelismo sintático, bastante regular, que caracteriza uma listagem fechada, cujo último elemento é inserido por “e”, de forma convencional. Diante dessa proposta analítica, é importante destacar que, em trabalhos como Longhin-Thomazi (2011a), Taura (2019) e Lopes-Damasio (2019a/b), a justaposição, com sentido de adição, é relacionada ao eixo 1, porque esse MJ é comum nos textos infantis, tendo em vista que se caracteriza como marca das tradições da oralidade, especialmente de uma oralidade informal, que recupera gêneros primários, como diálogo cotidiano familiar. Assim, a justaposição aditiva é assumida como um rastro da circulação do escrevente pela escrita, em sua suposta gênese, isto é, como representação direta da fala, em práticas de oralidade, conforme aponta Taura (2019, p. 133). Nessa mesma direção, neste trabalho, os usos de “justaposição” também foram apresentados como rastros do eixo 1 e especialmente vinculados à definição de gestos enunciativos, em contextos de trânsito semântico, e a seus usos prototipicamente aditivos, na parataxe. No entanto, no *corpus* do presente trabalho, o

espaço de junção, considerado em seus aspectos também formais (paralelismo sintático em estrutura convencional de listagem fechada), permite que a mesma técnica junctiva, com o mesmo sentido aditivo, seja considerada como rastro do eixo 2.

Observa-se que, na TD narrativa, o acréscimo de novas informações, numa listagem, caracteriza o momento em que o pai de Maria chama várias pessoas da autoridade para encontrar Juvêncio e Maria (em (26)) e o momento em que o narrador apresenta o nome dos seus colegas de classe, logo no início da narrativa (em (27)). Já em (28) e (29), na TD argumentativa, o acréscimo de novas informações, numa listagem, caracteriza a apresentação das qualidades da câmera fotográfica (em (28)) e das emoções do escrevente ao realizar o seu sonho (em (29)), em ambos os casos de acordo com a imagem de argumentação do sujeito, associada ao convencimento, à persuasão do seu leitor. Assim, o que se lista, na TD narrativa, e o que se lista, na TD argumentativa, configura-se de acordo com a especificidade dos projetos de dizer/escrever, com a imagem e com a circulação dos escreventes por essas tradições, numa mesma relação forma-sentido que se repete.

A maior dependência tático-semântica também é tomada aqui, atrelada à consideração do espaço de junção específico em que é observada, como relação entre o funcionamento dos MJs e o eixo 2. Nas ocorrências de (30) a (36), apresentam-se alguns exemplos de MJs, na hipotaxe, extraídos das TDs narrativa e argumentativa, em que se explicita essa maior dependência tático-semântica, como critério que caracteriza a circulação desses usos por práticas discursivas letradas formais:

- (30) Quando Mario veio para (rasura)* fugir com Maria ele estava com **tanto** medo do pai dela **que** ele disse para Maria que não amava ela **que** encontrou outra pessoa. [04/7A/1Narr].
- (31) Sempre o Eduardo acreditava nos amigos e não na Stephanie, ela sempre chorava por causa dele, ele sempre brigava com ela por causa dos amigos. [...] Mas ela não acreditou **como** ele não acreditava nela, e resolveu ir embora para-sempre. [03/7A/1Narr].
- (32) Eu sei que esses dias eu não estou merecendo um presente mas **como** todo mundo merece ganhar um presente. Ø Eu gostaria de ganhar um celular com internet, por que eu vi a propaganda. [17/7A/1Arg].
- (33) No dia seguinte Taynara passou á fazer mais e mais perguntas e foi muito vaiado mais nunca Ø nunca perdeu seu espíritos de dúvidas e nunca deixo de ser inteligente, **equanto** os outros, ficavam sim saber a vida toda, Ø sem tirar suas dúvidas. [29/7A/2Narr].
- (34) Um dia vai chegar a minha hora e eu vou poder ajudar os animais, **en-quanto** tem pessoas judiando eu estarei cui-dando. [22/7A/2Arg].
- (35) Marieta Cassini, Ø uma filha de Italianos apaixonada **por** um negro atual escravo do analfabetismo. [02/7A/1Narr].

(36) Quando crescer meu sonho é ser um ator pornô Ø fazer filmes róticos mas não por sevegonhiss, **por** prazer. [36/7A/2Arg].

Em (30), extraído da TD narrativa, “tanto...que...que...” apresenta-se, num espaço de integração tático-semântica, com sentido de causa: “ele estava com tanto medo do pai dela (causa) que ele disse para Maria que não amava ela (efeito) que encontrou outra pessoa (efeito)”. O MJ apresenta as cenas narradas entre as personagens, o discurso indireto e a relação de causalidade construída por meio do arranjo sintático que recupera a sequencialidade dos fatos.

Em (31), extraído da TD narrativa, e, em (32), da argumentativa, o MJ “como” apresenta o sentido de comparação. Em (31), em que a história de Eduardo e Stephanie é narrada, esse MJ estabelece uma articulação entre os enunciados, fazendo uma comparação entre os comportamentos das personagens (Mas ela não acreditou (oração 1) como [do mesmo modo que] ele não acreditava nela (oração 2)). Em (32), em que o sujeito escreve uma carta argumentativa aos seus pais, pedindo para ganhar de presente de Natal um celular, o uso de “como” se dá na construção da argumentação do pedido do presente: Eu sei que esses dias eu não estou merecendo um presente (oração 1) mas como todo mundo merece ganhar um presente (oração 2). Vale ressaltar sobre o MJ “como”, em (32), reconhecido como contexto linguístico não convencional, devido à ausência da oração matriz, a possibilidade da inferência, no sentido comparativo (explicitado em paráfrase do tipo: “mas, assim como todo mundo merece ganhar um presente [eu também mereço]”), do sentido de causa (explicitado na paráfrase: “mas, uma vez que todo mundo merece ganhar um presente [eu também mereço]”).

Em (33), o emprego de “enquanto”, com sentido mais concreto de tempo silmultâneo, permite inferir o sentido mais abstrato de contraste, parafraseável por “[...] nunca perdeu seu espíritos de dúvidas e nunca deixo de ser inteligente, [mas] os outros, fica-vam sim saber a vida toda, Ø sem tirar suas dúvidas”, ou seja, o contraste é marcado entre “ser burra por um segundo” x “ser burra a vida toda”, e, em (34), por “en-quanto tem pessoas judiando” (situação 1) “eu estarei cui-dando” (situação 2), com oposição relacionada a “judiar” x “cuidar”.

Em (35), extraída da TD narrativa, e, em (36), da argumentativa, “por” estabelece uma relação de efeito-causa, em (35), “uma filha de Italianos apaixonada (efeito) por um negro atual escravo do analfabetismo (causa)”, e, em (36), “fazer filmes róticos mas não por sevegonhiss (efeito) [e, sim,] por prazer (causa)”.

Nas ocorrências de (37) a (38), apresentam-se exemplos de MJs, extraídos das TDs narrativa e argumentativa, em que, embora paratáticos, há uma dependência sintática – se se compara esses usos com aqueles de “justaposição” e “e”, por exemplo –, reconhecível na recuperação anafórica dos enunciados articulados, além da própria dependência semântica na/para a configuração do sentido de causa entre esses enunciados. É esse o critério que está na base do entendimento desses MJs, nos espaços que ocupam, como rastros da circulação dos sujeitos por práticas discursivas letradas formais:

(37) Queria neste Natal uma Câmera fotografica digital nova, **pois** a minha está ruim, Ø ela está velha Ø com a resolução embassada. [14/7A/1Arg].

(38) - ØEu estou Vendo Juvencio então **por isso** eu Do a (~~mão~~) Minha filha prá Você... ØDice Delegado. [06/7A/1Narr].

(39) Queria neste Natal uma Câmera fotografica digital nova, pois a minha está ruim, Ø ela está velha Ø com a resolução embassada. **Por isso** quero outra. [14/7A/1Arg].

Em (37), extraído da TD argumentativa, “pois” apresenta o seu sentido prototípico de causa (Queria neste Natal uma Câmera fotografica digital nova, (efeito) pois a minha está ruim, Ø ela está velha Ø com a resolução embassada (causa)). Em (38), na TD narrativa, e, em (37), na argumentativa, “por isso”, também com seu sentido prototípico de causa, estabelece a relação causa-efeito, em (38), [porque] o delegado viu Juvencio lutando com o Bastilhão (causa) ele deu a mão de sua filha para Juvencio casar com ela (efeito), e, em (39), “Queria neste Natal uma Câmera fotografica digital nova, pois a minha está ruim, Ø ela está velha Ø com a resolução embassada (causa). Por isso quero outra (efeito)”.⁶³

Neste momento, serão apresentadas, de (40) a (42), ocorrências que exemplificam usos de MJs que indiciam, na TD narrativa, relações com o eixo do código escrito institucionalizado, por serem presentes em texto que circulam por práticas discursivas letradas formais, em espaços de junção que se caracterizam pela (inter)dependência sintática e semântica:

(40) Então resolveu largar dele e falou tudo o que pensava, mas ele **apesar de** fazer tudo o que fez com ela, Ø ele amava ela de verdade. [03/7A/1Narr].

⁶³ Esses MJs (“pois” e “por isso”) estão presentes aqui mesmo se tratando de casos de parataxe, porque o seu sentido causal exibe-se em contexto de maior integração sintática. Trata-se, pois, de uma ilustração, nesta análise, daquilo que foi apresentado como critério para o reconhecimento das arquiteturas sintáticas fora de qualquer dicotomização ou relação estanque, na linha, por exemplo, de Carvalho (2004, p. 16), Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993), segundo os quais “os processos de articulação de cláusulas não podem ser descritos através das dicotomias coordenação/ subordinação e parataxe/hipotaxe, [...] [mas] a partir de *continua* que levem em conta níveis de maior ou menor vinculação sintática entre cláusulas”.

(41) **ao levantarmos** uma menina da mesa ao lado levantou aos gritos. [03.1/7A/2Narr].

(42) porque Maria queria fugir com ele para bem longe **para que** eles pudessem se amar em paz mas Mario estava com medo de que o pai de Maria os achasse-os e matasse ele. [04/7A/1Narr].

Em (40), observa-se a concessão com o uso de “apesar de”, de acordo com a paráfrase “[embora] ele tivesse feito tudo o que fez com ela, ele ainda a amava de verdade”. Em (41), observa-se o emprego de “ao + inf” com acepção de tempo posterior: ([depois que] levantamos, uma menina da mesa ao lado levantou aos gritos). Em (42), “para que” apresenta a finalidade do desejo da fuga de Maria, em contexto convencional, marcado pelo uso do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (para que eles “pudessem”).

Por fim, serão apresentadas, de (43) a (45), ocorrências que exemplificam usos de MJs, agora nos textos da TD argumentativa, que indiciam relações com o eixo do código escrito institucionalizado, conforme o mesmo critério, a saber, a (inter)dependência sintática e semântica:

(43) Os modelos são todos inspirado na Amazônia, Ø em especial a floresta e os rios. Se vocês me derem, **além de** eu ficar feliz voês estarão contribuindo com a natureza. [15/7A/1Arg].

(44) Querida Mamãe, o que eu quero de presente de natal é uma camera digital e um notebook, por que eu quero muito esses presentes, Ø estou te pedindo parar comprar isso pra mim, por que eu quero muito mais muito mesmo esses presentes, Ø quase todas as minhas amigas tem e eu tambem quero ter, **mesmo que** seja os unicos presentes que eu ganhar. [23/7A/1Arg].

(45) [...] ainda bem que para sonhar não precisamos pagar impostos, Ø com o Brasil desse jeito cada um de nós brasileiros tenhamos que ter oportunidade e viver, vamos passar por dificuldades mas nossas emoções seriam maior **do que** esperamos. [36/7A/2Arg].

Em (43), apresentam-se todas as qualidades da sapatilha e complementa-se com o uso de “além de”, com sentido de adição na hipotaxe (além de eu ficar feliz, vocês estarão contribuindo com a natureza), buscando, assim, o convencimento do outro/leitor. Em (44), “mesmo que”, parafraseável por “embora”, com sentido de concessão, na hipotaxe, introduz um argumento, de acordo com a imagem de argumentação enquanto convencimento do outro/leitor, em contexto linguístico em que ocorre a flexão do verbo “ser” no subjuntivo, reforçando, pois, a relação com o eixo do código escrito institucionalizado. Em (45), o emprego de “do que”, com sentido de modo, em um arranjo de maior dependência entre as orações, dentro de um esquema comparativo, materializa rastros desse alçamento ao que se imagina ser o código escrito institucionalizado, embora em contexto de escrita não convencional.

De modo geral, os resultados apontam a *justaposição* como MJ mais frequente, em ambas as tradições (narrativa e argumentativa), associado ao eixo 2. Essa associação justifica-se, especificamente, pela forma como os enunciados são acrescentados, obedecendo a um paralelismo sintático, bastante regular, que caracteriza uma listagem fechada e convencional. Além disso, os resultados também apontam MJs que configuram rastros desse eixo, caracterizando-se de formas específicas, em cada TD, de acordo com arranjos sintático-semânticos mais variáveis. Esses arranjos são, pois, tanto paratáticos quanto hipotáticos, mas sempre explicitam algum grau de (inter)dependência, o que significa, por exemplo, que envolvem a retomada anafórica explícita, nos casos de parataxe. Configuram-se, ainda, como MJs presentes e recorrentes em textos que circulam por práticas discursivas letradas e formais.

A partir da descrição apresentada na seção 2.2, passa-se à discussão dos resultados, em que se propõe uma organização e uma abordagem específica no espaço teórico-metodológico de observação dos dados.

2.3 Discussão dos resultados

Os resultados apresentados mostram que os sujeitos circulam pelos dois eixos – o eixo 1, da gênese da escrita, e o eixo 2, do código escrito institucionalizado –, tendo uma frequência superior, nas duas TDs, para o eixo 1 (91,53% - TD narrativa/88,50% - TD argumentativa). Em ambas as TDs, os rastros juntivos apresentam, pois, uma relação maior com o eixo da gênese da escrita, uma vez que mostram uma escrita que se constitui na circulação do sujeito, a partir de seu imaginário sobre o modo escrito de enunciar, numa representação termo a termo da fala. Por sua vez, as ocorrências de MJs analisadas como indícios do eixo 2 (8,46% - TD narrativa/11,49% - TD argumentativa) configuram-se como rastros da circulação do sujeito, em seu imaginário sobre o modo escrito de enunciar, numa representação do código escrito institucionalizado. Os resultados, portanto, configuram um retrato da heterogeneidade constitutiva da escrita, isto é, mostram que o heterognêneo se marca nos espaços de junção nas duas TDs. Desse modo, não é possível diferenciá-los, em cada uma das TDs, mediante afirmações que distanciem uma da outra, dado que, pelo contrário, respaldam-se em uma aproximação na análise dos espaços de junção e da maneira como esses espaços são ocupados nos textos e indiciam a representação da escrita.

Nas TDs narrativa e argumentativa, a circulação dos sujeitos pelo eixo 1 apresentou rastros juntivos marcados, com maior repetibilidade, nos usos de *justaposição* e *e*, atuando como gestos que apontam para o contexto de enunciação. Além disso, os MJs prototípicos das

relações de sentido de alternância, tempo simultâneo, tempo contingente, modo, causa, finalidade, condição e concessão, também foram tomados como rastro linguístico da gênese da escrita, ou seja, como indícios de práticas discursivas orais que se materializam na fala. Esses MJs, apontados como prototípicos, nos espaços de junção que preenchem, estão presentes nas práticas discursivas orais informais e também nas orais formais. No entanto, como são MJs recorrentes em práticas discursivas orais informais, neste trabalho, eles são tomados como marca de ancoragem pelo eixo 1. Por outro lado, MJs não-prototípicos, como “então” e “aí”, descritos em seus trânsitos semânticos, também foram tomados como rastros do primeiro eixo, porque são bastante frequentes em textos que se materializam na fala, em práticas discursivas orais, especialmente aquelas menos formais.⁶⁴

Quando circulam pelo eixo 2, os MJs configuram rastros que se caracterizam de maneiras específicas em cada TD, conforme os arranjos sintático-semânticos mais variáveis que foram apresentados na seção 2.2.2. Em outras palavras, os MJs funcionam como rastros linguístico-discursivos que se mostram de maneiras específicas em cada TD, porque: (i) na TD narrativa, apresentam-se nos modos de dizer/escrever, que mostram cenas entre as personagens, o uso dos discursos direto e indireto, e a relação de causalidade construída por meio do arranjo sintático que recupera a sequencialidade dos fatos; e (ii) na TD argumentativa, mostram-se nos modos de dizer/escrever, que apresentam o acréscimo de novas informações, em listagens e numa sequencialidade de fatos que é tomada como argumento para o convencimento do outro/leitor, em conformidade com uma imagem de argumentação, associada ao convencimento/à persuasão.

Nessa direção, considerando-se o fator da repetibilidade dos usos, nas duas TDs analisadas, MJs (cf., por exemplo, “como”, “por” e “por isso”) em arranjos discursivos distintos, mas em contexto tático-semântico de maior (inter)dependência entre as orações, foram tomados como rastros, no texto escrito, da circulação do sujeito por práticas discursivas letradas formais.

Por outro lado, também MJs, que apresentaram baixa frequência de uso, nos textos do *corpus* investigado, foram tomados como rastros da imagem de escrita institucionalizada, na TD narrativa (como “apesar de”; “ao + inf” e “para”), e na TD argumentativa (como “além de”, “mesmo que”, “do que”), por circularem por práticas discursivas letradas formais, mediadas pela escrita, em espaços de junção que se caracterizam pela (inter)dependência sintática e semântica.

⁶⁴ Devido a essa frequência, configuram-se como itens que experimentam processos de mudança linguística por GR.

2.4 Sistematização

Neste Capítulo, que teve como objetivo buscar rastros da relação entre o comportamento da junção e a heterogeneidade da escrita, mediante traços do oral/falado e do letrado/escrito, a partir de relações entre o funcionamento dos MJs (cf. resultados do objetivo (1)) e os eixos da gênese da escrita e do código escrito institucionalizado, na perspectiva de Corrêa (1997), buscou-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: quais as relações entre as TDs analisadas e questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento, enquanto fatos linguísticos – fala e escrita – e práticas sociais – oralidade e letramento? Direcionada pela hipótese de que a circulação do escrevente por dois dos eixos que determinam o modo heterogêneo de constituição da escrita (o da gênese da escrita e o do código escrito institucionalizado) pode indiciar, em intrínseca relação aos MJs empregados, um diálogo entre as TDs analisadas e questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento, a descrição dos dados, sua análise e discussão, confirmaram que, em ambas as tradições (narrativa e argumentativa), os rastros da heterogeneidade se deixam ver também no funcionamento dos MJs, em espaços de junção que se configuram como aspectos linguísticos que, na superfície do texto, indiciam a heterogeneidade constitutiva da escrita, enquanto aspectos voltados à fala/oralidade e escrita/letramento e em intrínseca associação à composicionalidade das TDs.

Em relação à ancoragem dos MJs nos eixos 1 e 2, os MJs ancoram-se no eixo 1 quando: (i) funcionam como gesto enunciativo; (ii) funcionam prototipicamente e (iii) funcionam não-prototipicamente, caracterizando trânsitos semânticos em contexto de mudança linguística. Os três funcionamentos estão frequentemente (embora não exclusivamente) associados aos contextos de menor dependência tático-semântica, mais recorrentemente constatados em práticas discursivas orais informais, embora não sejam exclusivos dessas práticas, se se considera a complexidade das práticas discursivas fora da dicotomização comum às suas bases semióticas. Por sua vez, os MJs ancoram-se no eixo 2 quando: (i) funcionam em relação forma-sentido (especificamente descrita em termos de: paralelismo sintático + sentido de adição), dentro da listagem fechada convencional; e (ii) funcionam em espaços configurados por maior dependência tático-semântica. Esses dois funcionamentos estão intrinsecamente associados às práticas discursivas letradas formais, embora também não sejam exclusivos dessas práticas (ver, por exemplo, sua ocorrência em práticas discursivas orais formais).

As relações entre fala/oralidade e escrita/letramento mostram como os sujeitos narram – com quebra de expectativas para a construção da dramaticidade e com sequencialidade dos

fatos narrados – e argumentam – a partir da ilusão de que argumentar é convencer/persuadir o outro. Em relação à composicionalidade das tradições investigadas, na TD argumentativa, observou-se que a circulação do sujeito, para a construção do que imagina ser a argumentação, revela uma composicionalidade fortemente apoiada no narrar e, conseqüentemente, os espaços de junção refletem, sintática e semanticamente, essa composicionalidade. Já na TD narrativa, o sujeito circula por textos tradicionais do narrar, uma vez que apresentam, nesses textos, cenas entre as personagens, o uso dos discursos direto e indireto, e a relação de causalidade construída por meio do arranjo sintático que recupera a sequencialidade dos fatos narrados.

Diante disso, no próximo Capítulo, essa análise será complementada pela relação do uso e funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, a partir dos traços de repetibilidade e composicionalidade das tradições de escrever em articulação com o terceiro eixo da heterogeneidade da escrita (cf. CORRÊA, 1997), o da dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido.

CAPÍTULO 3

MJs E AS TDs NARRATIVA E ARGUMENTATIVA

3.1 Primeiras palavras

Neste Capítulo, apresentam-se os resultados alcançados de acordo com o objetivo específico (iii), a saber: relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, numa abordagem desse funcionamento como práticas resultantes da dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido, a partir de relações com o eixo 3 de Corrêa (1997). Diante disso, busca-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: o que os resultados descritivo-analíticos do funcionamento dos MJs podem revelar acerca das tradições narrativa e argumentativa, considerando-se as relações entre o sujeito e a linguagem a partir das (suas) imagens do modo escrito de enunciação? Essa pergunta sustenta-se na seguinte hipótese: a circulação do escrevente pelo terceiro eixo que determina o modo heterogêneo de constituição da escrita (o da relação com o já falado/escrito e já ouvido/lido), conforme Corrêa (1997), pode indiciar um diálogo com a constituição das tradições narrativa e argumentativa, à luz das condições de produção de TDs distintas, a partir do funcionamento dos elementos juntivos no âmbito textual e das relações entre esse funcionamento e as mesclas de TDs para a composicionalidade das TDs focalizadas.

Sob esse viés, este Capítulo 3 encontra-se organizado em duas seções, além desta apresentação: na primeira seção, *3.2 Análise das TDs narrativa e argumentativa: da proposta de produção à composicionalidade dos textos*, apresentam-se os rastros da circulação dos sujeitos pelo terceiro eixo proposto por Corrêa (1997) – o da dialogia com o já falado/ouvido escrito/lido –, em relação com a teoria das TDs, especificamente no que concerne às mesclas de TDs para apreensão da composicionalidade das TDs complexas investigadas; na segunda seção, *3.3 Discussão dos resultados*, apresenta-se uma organização específica desses resultados, no espaço teórico-metodológico de observação dos textos analisados, sob um viés comparativo das TDs narrativa e argumentativa, em relação ao eixo 3. Por fim, encerra-se este Capítulo com uma sistematização das análises e da discussão apresentadas.

3.2 Análise das TDs narrativa e argumentativa: da proposta de produção à composicionalidade dos textos

Para relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, mediante um olhar descritivo-analítico, baseado nos resultados dos objetivos específicos (i) e (ii), conforme os Capítulos 1 e 2 - Parte III, nesta subseção, focalizam-se os

rastros da circulação dos sujeitos pelo terceiro eixo proposto por Corrêa (1997) – o da dialogia com o já falado/ouvido escrito/lido –, em relação com a teoria das TDs, especificamente no tocante às mesclas de TDs, no âmbito da composicionalidade das TDs complexas focalizadas.

Diante disso, os Gráficos de (8) a (11), conforme serão apresentados na sequência, mostram as mesclas de TDs presentes nos textos produzidos em cada uma das propostas de produção textual. Para que os sujeitos realizassem as atividades solicitadas pelo pesquisador, eles precisariam, inicialmente, aprender o tipo relativamente estável de enunciado solicitado⁶⁵. De acordo com Capristano e Oliveira (2014, p. 351), “essa tarefa pode ser considerada complexa, uma vez que é difícil definir com exatidão, a partir da instrução para produção descrita, o gênero discursivo solicitado pelo pesquisador [...]”.

Conforme apresentado na PARTE II desta dissertação, os gêneros escolares solicitados pelo pesquisador e os enunciados infantis que se constituíram dessa solicitação são: (i) o conto sobre um rompimento amoroso, (ii) a narrativa de uma história em que houve um mal entendido, (iii) a carta argumentativa com o pedido de presente de Natal que o sujeito desejava ganhar e (iv) o relato de uma grande conquista. Embora seja válida e necessária, a classificação do gênero escolar⁶⁶, por si mesmo, não consegue atingir as especificidades das propostas de produção textual apresentadas, nem mesmo dos enunciados infantis dela originados. Por esse motivo, optou-se por fazer conjecturas no que concerne ao tipo relativamente estável de enunciado escolar, ou, nos termos deste trabalho, à tradição textual que o constitui, com intuito de circunscrever características que podem (ou não) estar associadas à imagem dos sujeitos/escreventes acerca desses textos.

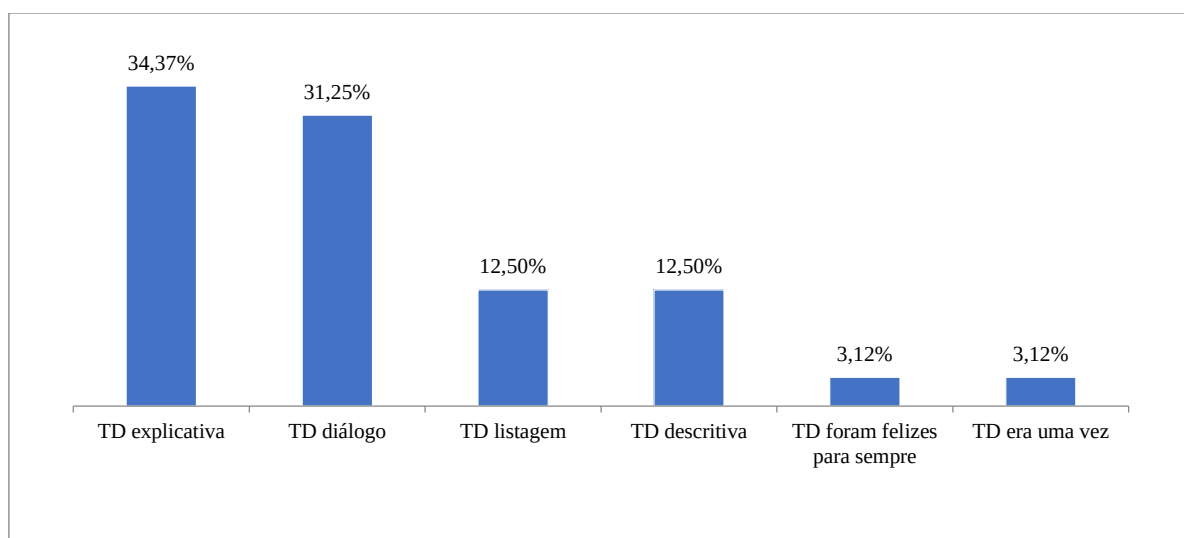
A primeira proposta, denominada “Rompimento amoroso”, solicitou aos sujeitos que escrevessem uma narrativa em terceira pessoa, tendo como base uma tirinha de um casal de namorados, fugindo do pai da moça. Nessa proposta, diferentemente da tirinha, habilitava-se a possibilidade de que tanto o homem quanto a mulher poderiam “sofrer” as consequências do fim do relacionamento amoroso. Os textos referentes a essa proposta foram caracterizados

⁶⁵ Segundo Capristano e Oliveira (2014, p. 349), respaldando-se em Bakhtin (2000, p. 301), os gêneros discursivos são enunciados que sempre se direcionam a “alguém”, ou, mais especificamente, a composição e o estilo do enunciado dependem e estão intrinsecamente entrelaçados ao modo como o falante e/ou o escrevente observa e representa para si os seus destinatários. Esse “alguém” ou “destinatários” pode ser o participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano ou um outro totalmente indefinido, não concretizado. Considerando os pressupostos teóricos deste trabalho, conforme apresentados no Capítulo 1 - Parte I, se os gêneros discursivos correspondem a uma TD complexa, porque todo gênero é uma TD, conforme aponta Kabatek (2012, p. 587), pode-se assumir, aqui, também essa fundamentação em relação ao direcionamento dos textos, enquanto TDs complexas/gêneros, e, conseqüentemente, as possíveis marcas disso na materialidade linguística e nas mesclas de TDs também relacionadas à composicionalidade dos textos.

⁶⁶ De acordo com Capristano e Oliveira (2014, p. 349), o gênero escolar está inserido nas diversas práticas sociais orais e letradas das quais as crianças participam, de maneira direta ou indireta. Esse contato possibilita a aquisição de uma série de saberes sobre gêneros, ampliados com a inserção da criança na escola.

como pertencentes à TD narrativa⁶⁷, uma vez que, levando em conta o princípio de composicionalidade paradigmática e sintagmática, identificou-se que os sujeitos escreveram textos que apresentaram uma estrutura narrativa (apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho), narrador, personagens, marcação temporal e espacial, discurso direto e indireto, sequencialidade entre os fatos narrados e enredo. Diante disso, a análise, que será apresentada na sequência, mostrará como essa tradição complexa se constrói, na relação entre experiência/tradicionalidade e acontecimento/atualidade, nos textos analisados, em conformidade com a observação das mesclas de TDs que a constituem e do funcionamento dos MJs nesses contextos. Assim, o Gráfico 10 mostra o total de TDs encontradas nos textos produzidos a partir da proposta “Rompimento amoroso”, definidos como pertencentes à TD complexa narrativa:

Gráfico 10: Proposta “Rompimento Amoroso”



Fonte: elaboração própria

Os textos produzidos a partir da proposta “Rompimento amoroso” apresentaram mesclas com as seguintes tradições: (i) tradições que são denominadas TD diálogo (31,25%/10) e que correspondem a ocorrências, convencionais e não convencionais, de discurso direto e indireto; (ii) tradições que correspondem a tipos textuais, tais como as TDs explicativa (34,37%/11) e descritiva (12,50%/4); (iii) tradições que correspondem a gêneros discursivos, como a TD listagem (12,50%/4); e, por fim, (iv) tradições que correspondem a

⁶⁷ Segundo Chacon (1993, p. 49), com base em Ricoeur (1980), “a construção da narrativa [...] é resultado de um conjunto de acontecimentos (envolvendo personagens, ações, tempo, cenário etc.) considerados como uma totalidade, num texto que tem a forma de uma história”. Por conseguinte, o autor aponta que as produções narrativas devem ser analisadas mediante a sua macrototalidade, em que se direciona para a detecção de totalidades menores (cenas narrativas) e depois a detecção e interpretação de eventos isolados, como as ações verbais.

atos de fala fundamentais, como as TDs “foram felizes para sempre” (3,12%/1) e “era uma vez” (3,12%/1), que, por sua vez, são tomadas enquanto TDs que constituem a TD narrativa, em contos de fada. A TD explicativa e a TD diálogo apresentaram frequências mais altas, uma vez que os sujeitos contaram uma história, em que as personagens dialogavam entre si, e explicaram o motivo da fuga das personagens, conforme mostram os textos (1) e (2):

Texto 1

Fidelidade Coletiva

“Eram dois jovens apaixonados, Ø o amor à flor da pouca idade, Ø o sentimento da quase liberdade”, Ø era mesmo um lindo amor separado pela diferença racial.

Ø Marieta Cassini, uma filha de Italianos apaixonada por um negro atual escravo do analfabetismo, pra ela, Ø o mais bonito dos cobradores de ônibus, qual a forçou pisar em um coletivo, e passar horas a fio admirando o “deus-grego” que veio parar acidentalmente num subúrbio carioca para transportar com classe seus nobres e pobres passageiros.

Depois de meses mantendo essa quase inútil rotina, ela toma coragem e pergunta ao moço seu nome Ø – Gabriel Ø – casado Ø – solteiro, Ø ah Ø – quer sair comigo? Ø – não.

Ø Foi seu fim, porque não? – Ø O que ouvi de errado?

Ø Errado, Ø é isso um homem deselegante, Ø talvez não mereça minha nobre admiração, Ø talvez os brancos raquíticos da Itália, sirvam!

- Ø Que decepção, Ø uma atração tão verdadeira!

Ø Ela estava triste, Ø desanimada, Ø coitada. enquanto ele continuava sua vida, simplória e rotineira a ignorar a mulher rejeitada. Ø Não satisfeita Ø ela arruma coragem e pergunta pra ele no coletivo, Ø no ônibus – porque não quis sair comigo? – Ø Sou casado!

Ø Estava resolvido o problema, Ø o negro era mesmo fiel, Ø que lástima, Ø tudo bem, Ø tinha que aceitar, Ø pensou.

Ø Ela voltou pra Itália, mas jamais esqueceu, do cobrador do subúrbio carioca.

[02/7A/1Narr]

Observa-se que a narrativa é iniciada com a história de um jovem casal apaixonado e a apresentação do sentimento de um pelo outro, a partir do uso de “justaposição” com sentido de adição, numa listagem, na parataxe, em que se acrescentam novas informações que fazem o texto progredir. A TD narrativa configura-se na TD conto, em conformidade com a proposta de produção textual, especialmente com o uso de “Eram dois jovens apaixonados” que remete à composicionalidade dos contos de fadas, que se iniciam com “Era uma vez”. Em destaque amarelo, a TD narrativa é mesclada com a descritiva (Eram dois jovens apaixonados, Ø o

amor à flor da pouca idade, Ø o sentimento da quase liberdade, Ø era mesmo um lindo amor separado pela diferença racial), em que se descrevem os sentimentos do jovem casal apaixonado. Em destaque amarelo, as três ocorrências de “justaposição” estão atuando com sentido de adição, na parataxe, em que o sujeito faz o acréscimo de novas informações e apresenta, numa listagem, o amor de dois jovens apaixonados. De acordo com Halliday (1985), trata-se, nesse caso, do movimento de extensão, na expansão paratática, que amplia o conteúdo apresentado, acrescentando-lhe uma nova informação.

No segundo parágrafo, em destaque turquesa, a narrativa se constrói com a apresentação da personagem Marieta Cassini, filha de italianos, que se apaixona por um rapaz negro, analfabeto e cobrador de ônibus. Observa-se que as duas primeiras ocorrências de “justaposição” e o primeiro uso de “e” estão atuando com sentido de adição, na parataxe. De acordo com Halliday (1985), trata-se, nesse caso, do movimento de extensão, na expansão paratática, que amplia o conteúdo apresentado, acrescentando-lhe uma nova informação. O uso de “por” está atuando com sentido de causa, na hipotaxe, numa relação de efeito “uma filha de Italianos apaixonada” e causa “um negro atual escravo do analfabetismo”. O último “e”, com sentido de contraste, na parataxe, ocorre no contexto de um “deus-grego”, que veio parar acidentalmente num subúrbio carioca para transportar “com classe seus nobres, mas [ao mesmo tempo] pobres passageiros”. Nesse enunciado, representa-se a voz do outro, na voz do próprio sujeito, de acordo com o seu projeto de dizer. Como nada disso está explícito, na materialidade linguística do texto, e precisa, portanto, ser inferido discursivamente, trata-se de um uso que caracteriza um gesto enunciativo (cf. 2.2.1. Relação dos MJs referente ao Eixo 1, no Capítulo 2 - Parte III).

No terceiro parágrafo, a TD narrativa, em destaque turquesa, mescla-se com a TD diálogo, em destaque vermelho: “Ø – Gabriel Ø – casado Ø – solteiro, Ø ah Ø – quer sair comigo? Ø – não. Ø Foi seu fim, porque não? – Ø O que ouve de errado?”. Nesse trecho, a “justaposição” com sentido de adição, na parataxe, apresenta o discurso direto entre Marieta e Gabriel e faz o texto progredir. Desse modo, a sequência de “justaposição” lista os pensamentos da personagem ao saber que Gabriel não queria sair com ela “Ø Errado, Ø é isso um homem deseleguante, Ø talvez não mereça minha nobre admiração, Ø talvez os brancos raquíticos da Itália, sirvam!”, ou seja, a TD narrativa se mescla, também, com a TD listagem, em destaque sublinhado.

Em destaque amarelo, figuram os sentimentos de Marieta ao saber que Gabriel era casado “Ø Ela estava triste, Ø desanparada, Ø coitada”, na composicionalidade da TD narrativa com a descritiva, em que as duas primeiras ocorrências de “justaposição” estão

atuando com sentido de adição, na parataxe, e a terceira com sentido de causa, pois a avaliação que o narrador faz é resultado daquilo que foi expresso anteriormente (estar triste e desamparada), permitindo inferir que, porque ela estava triste e desamparada (causa), ficou com uma expressão de coitada (efeito). Em destaque turquesa, o emprego de “enquanto” está atuando com sentido de tempo simultâneo, na hipotaxe, parafraseável por: “Ela estava triste, Ø desamparada, Ø coitada. [ao mesmo tempo em que] ele continuava sua vida, simplória e rotineira a ignorar à mulher rejeitada”. Além disso, o sujeito faz o uso de “e” com sentido de adição para adicionar uma nova informação “rotineira a ignorar à mulher rejeitada”.

Em destaque turquesa, a quarta e a quinta ocorrência de “justaposição” estão atuando com sentido de causal: “[Portanto] [depois de tudo o que foi narrado] não [estando] satisfeita (causa), ela arruma coragem e pergunta (efeito)”. Com isso, apresenta-se novamente o diálogo entre as personagens, na TD narrativa, em destaque vermelho: “porque não quis sair comigo? – Ø Sou casado!”. Percebe-se, nesse trecho, que o emprego de “porque” e a última ocorrência de “justaposição” estão funcionando com sentido de causa, na parataxe, pois se observa que a filha de italianos pergunta para Gabriel o motivo de ele não querer sair com ela e ele responde que é casado. Por fim, a narrativa é finalizada com uma quebra de expectativa, pois Marieta não fica com Gabriel e volta para a Itália.

De modo geral, a “justaposição” com sentido de adição e de causa, na parataxe, corresponde ao uso juntivo que mais se repete no texto do escrevente, marcando, assim, o seu desenvolvimento de acordo com uma maior dramaticidade na construção da narrativa. Percebe-se também que o texto do escrevente está todo construído numa rica relação de fatos narrados que se sucedem, numa sequencialidade temporal, com pontos de simultaneidade, que indiciam tal dramaticidade, e com relações causais que se sustentam na intrínseca associação entre esses mesmos fatos, a partir de trânsitos semânticos do tipo tempo > causa.

No texto (2), observa-se o mesmo tipo de movimentação do sujeito para a construção dos sentidos do texto, com destaque, neste momento, para a mescla com a TD explicativa, destacada em verde:

Texto 2

Então a Mulher Saiu Vuando pra fora
Do Cavalo **e** gritando.

Ate que ela caiu No chão Se **machu-**
cando tudo **E** o Juvencio saiu com
Seu cavalo **correndo fugindo** Do
Delegado, **e** o Batilhão.

Até que o pai Da mulher chegou
perto Ø Deceu. Do cavalo **correndo**

Levantando a Mulher Do Chão.

- Ø Dice Ø Batilhão Vai pegar o Juven-
cio... Ø Dici o pai

E o Junvencio Viu o Batilhão
correndo atraz Dele Ø ele se escondeu
atrás Da árvore **tremendo** De Medo.

Ate que ele teve coragem e Lutou
com o Batilhão.

por causa Da Mulher, Chegou Com Seu
Cavalo todo machucado.

- Ø Olha Delegado eu fiz isso **por causa**
Da Mulher... ØDice Juvencio.

- ØEu estou Vendo Juvencio **então por isso**
eu Do a (mãe) Minha filha prá Você... ØDice
Delegado.

E voutou prá Casa Com a Mulher
todo feliz.

[06/7A/1Narr]

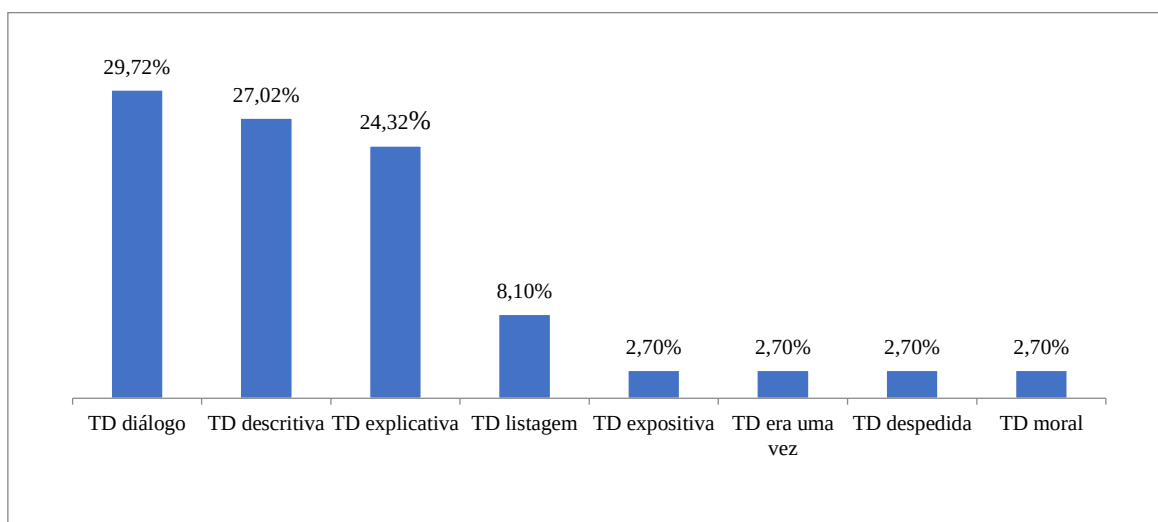
Observa-se, em destaque verde, a TD narrativa mesclada com a TD explicativa, em: “Ate que ele teve coragem e Lutou com o Batilhão. por causa Da Mulher”, em que, à sequência dos eventos narrados, o MJ “por causa de” insere uma explicação para o fato anterior. O mesmo pode ser observado em: “- Ø Olha Delegado eu fiz isso por causa Da Mulher... ØDice Juvencio. - ØEu estou Vendo Juvencio então por isso eu Do a (mãe) Minha filha prá Você... ØDice Delegado”, em que os MJs “por causa de”, “então” e “por isso”, com sentido de causa, ocupam espaços de junção que conferem, aos enunciados que introduzem, o papel discursivo de explicação para o que é narrado anteriormente.

Contudo, conforme o Gráfico 8, as TDs diálogo (31,25%/10) e explicativa (31,25%/10) apresentaram frequências mais altas na proposta “Rompimento amoroso”, uma vez que os sujeitos, ao narrar, apresentaram o discurso direto e indireto entre as personagens e a justificativa de determinada ação narrada na apresentação da sequencialidade dos fatos.

A segunda proposta, denominada “Vivências de mal entendido”, foi solicitada a partir de alguns textos, apresentados aos sujeitos/escritores, que tiveram como fator comum um diálogo entre as personagens e um mal entendido entre elas. Nesses textos, solicitou-se aos sujeitos que escrevessem um outro texto, contanto alguma situação parecida, que tivessem vivido ou que tivesse sido vivida por alguém, em que houvesse um mal entendido. Os textos

referentes a essa proposta foram caracterizados como pertencentes à TD complexa narrativa, pois apresentaram os mesmos traços gerais já expostos em relação aos textos produzidos na proposta anterior (estrutura narrativa, contendo narrador, personagens, apresentação, desenvolvimento, clímax, desfecho, marcação temporal, discurso direto e indireto e enredo). Por meio disso, a análise a seguir mostrará, também para esses textos, como a TD complexa narrativa se constrói, tendo em vista a relação entre experiência/tradicionalidade e acontecimento/atualidade, na observação das mesclas de TDs que a constituem e do funcionamento dos MJs nesses contextos. Para isso, os resultados do Gráfico 11 mostram, inicialmente, o total de TDs encontradas nos textos produzidos a partir da proposta em questão:

Gráfico 11: Proposta “Vivências de mal entendido”



Fonte: elaboração própria

Os textos produzidos a partir da proposta “Vivências de mal entendido” apresentaram mesclas com as seguintes tradições: (i) tradições que são denominadas TD diálogo (29,72%/11) e que correspondem a ocorrências, convencionais e não convencionais, de discurso direto e indireto; (ii) tradições que correspondem a tipos textuais, tais como as TDs descritiva (27,02%/10), explicativa (24,32%/9) e expositiva (2,70%/1); (iii) tradições que correspondem a gêneros discursivos, como a TD listagem (8,10%/3); e, por fim, (iv) tradições que correspondem a atos de fala fundamentais, como as TDs “era uma vez” (2,70%/1), despedida (2,70%/1) e moral (2,70%/1). Tal como mostraram os resultados da análise dos textos da proposta anterior, a TD diálogo apresentou frequência mais alta, seguida pela TD descritiva, uma vez que os sujeitos, ao narrar, descrevem o cenário da narrativa e apresentam

diálogos entre as personagens da história para aproximar o leitor/outro do contexto de enunciação, conforme mostra o texto (3):

Texto 3

Um dia numa manhã, na sala de aula um professor estava explicando a matéria. Quando Taynara fez uma pergunta e foi vaiada.

Ø A explicação do professor era a resposta de uma pergunta, e a pergunta era:

Ø - Quantos triângulos tem aqui? Ø vamos contar, Ø um, Ø dois, Ø três....

Ø - Taynara disse:

Ø Professor quantos triângulos tem?

Ø A classe: Ø l

Ø - uuuuuuhhhhhhhh....

Taynara sempre passava micos, mais por um segundo ela iria ser burra, enquanto os outros iriam se a vida toda.

Ø No dia seguinte Taynara passou á fazer mais e mais perguntas e foi muito vaiado mais nunca Ø nunca perdeu seu espíritos de dúvidas e nunca deixou de ser inteligente, enquanto os outros, ficavam sem saber a vida toda Ø se tirar suas dúvidas. Por isso saiba de uma coisa, mesmo passando miquinhas, Ø micos ou micões, perguntei sem ter medo de ser feliz, eé isso! Ø Beijos, Ø tchau.

[29/7A/2Narr]

Em destaque amarelo, o texto inicia-se com a TD “Um dia”, que pode ser caracterizada no mesmo eixo paradigmático da TD “Era uma vez”, de modo a indicar uma localização temporal indefinida, típica de textos narrativos do universo dos contos. Nesse universo, a TD narrativa mescla-se com a descritiva: “numa manhã, na sala de aula um professor estava explicando a matéria”. Em destaque turquesa, o MJ “quando”, na TD narrativa, com sentido de tempo simultâneo, na hipotaxe, admite a seguinte paráfrase: “Um dia numa manhã, na sala de aula um professor estava explicando a matéria. [No momento em que] Taynara fez uma pergunta e foi vaiada”, caracterizando a dinamicidade dos eventos

narrados, numa sequencialidade que habilita o sentido de causalidade, como se vê na ocorrência de “e” (Taynara fez uma pergunta (causa) [por esse motivo] foi vaiada (efeito)).

No segundo parágrafo, em destaque verde, a TD narrativa mescla-se, agora, com a TD explicativa e com a TD diálogo. Nesse contexto, tanto a “justaposição” como “e” funcionam com o sentido de adição, na parataxe. De acordo com Halliday (1985), trata-se, nesse caso, do movimento de extensão, na expansão paratática, que amplia o conteúdo apresentado, acrescentando-lhe uma nova informação: a explicação do professor era a resposta de uma pergunta, seguida da explicitação da pergunta propriamente dita, assim como da fala do professor que acarreta essa pergunta, em discurso direto que caracteriza, pois, mescla com a TD diálogo, em que os usos de “justaposição” funcionam com sentido de adição, na parataxe, introduzindo o discurso direto: “Ø - Quantos triângulos tem aqui? Ø vamos contar, Ø um, Ø dois, Ø três.... Ø - Taynara disse: Ø Professor quantos triângulos tem? Ø A classe: Ø l Ø - uuuuuuhhhhhhhhh...”.

No trecho em turquesa, o uso de “sempre” atua, na TD narrativa, com o sentido de tempo contingente (habitual) na hipotaxe, ou seja, há uma recorrência de vezes que Taynara “passava micos”. Em destaque rosa, marca-se todo um trecho em que se configura uma mescla com a TD expositiva⁶⁸, inaugurada pelo uso de “mais” com sentido de contraste, na parataxe. Esse contraste ocorre no momento em que Taynara faz uma pergunta e “passa mico”, porém é só por esse momento que ela é considerada burra, ou seja, o contraste é estabelecido entre ser burra em um momento e ser burra durante a vida toda. Embora o contraste esteja marcado na formulação linguisticamente destacada, a sua construção é realizada ao longo de todo o texto, discursivamente. Com efeito, também o uso de “enquanto”, com sentido mais concreto de tempo simultâneo, na hipotaxe, mas permitindo inferir o sentido mais abstrato de contraste (entre ser burra por um segundo e a vida toda) reforça esta análise.

No último parágrafo, em destaque turquesa, a “justaposição” insere um trecho novamente da TD narrativa, com o sentido de tempo posterior, conforme se nota em: “No dia seguinte Taynara passou a fazer mais e mais perguntas e foi muito vaiada”. A primeira ocorrência de “e” funciona com o sentido de adição, na parataxe, e reforça, nesse trecho, a intensidade de fazer várias perguntas ao professor, por meio de uma estrutura que se mescla

⁶⁸ Essa TD é marcada, na proposta “Vivências de mal entendido”, porque há a exposição da situação de Taynara – de que ela nunca perdeu seu espírito de tirar dúvidas e de ser inteligente, mesmo com os outros colegas chamando-a de burra – ao mesmo tempo em que a narrativa é construída. Dessa mesma forma, a TD expositiva também aparece nos textos da TD argumentativa, conforme será observado nesta subseção. Essa exposição é, pois, a base para a contra-argumentação, como forma de convencer/persuadir o outro, assim como é a base para a própria narração.

com a TD listagem, via repetição de “e mais”. Já a segunda ocorrência de “e”, com sentido mais concreto de adição, na parataxe, permite inferir o sentido mais abstrato de causa, conforme a seguinte paráfrase: “No dia seguinte Taynara passou á fazer mais e mais perguntas (causa) [e/por esse motivo] foi muito vaiada (efeito)”.

Em destaque rosa, novamente, o MJ “mais” insere a mescla com a TD expositiva, a partir do sentido de contraste, na parataxe (em que o contraste se dá entre ser vaiada por fazer perguntas e continuar fazendo perguntas mesmo assim). Aqui há uma quebra de expectativas, caracterizada pela conduta da personagem, que está na base desse contraste. Nesse trecho, a primeira ocorrência de “justaposição”, com sentido de adição, na parataxe, funciona novamente de acordo com a TD listagem, na construção da intensidade por meio da repetição (mais nunca Ø nuca perdeu seu espíritos de dúvidas e nunca deixo de ser inteligente). Ainda constituindo a mescla entre o narrar e o expor, o uso de “equanto” funciona com o sentido de tempo simultâneo, na hipotaxe, permitindo novamente a inferência do sentido mais abstrato de contraste, conforme a seguinte paráfrase: “nunca deixou de ser inteligente, [mas] os outros ficaram sem saber a vida toda”. Nessa linha, a segunda ocorrência de “justaposição”, com sentido de adição, na parataxe, de acordo com Halliday (1985), caracteriza-se pelo movimento de elaboração, que especifica o conteúdo anterior, na paráfrase: “equanto os outros, fica-vam sim saber a vida toda [ou seja] se[m] tirar suas dúvidas”.

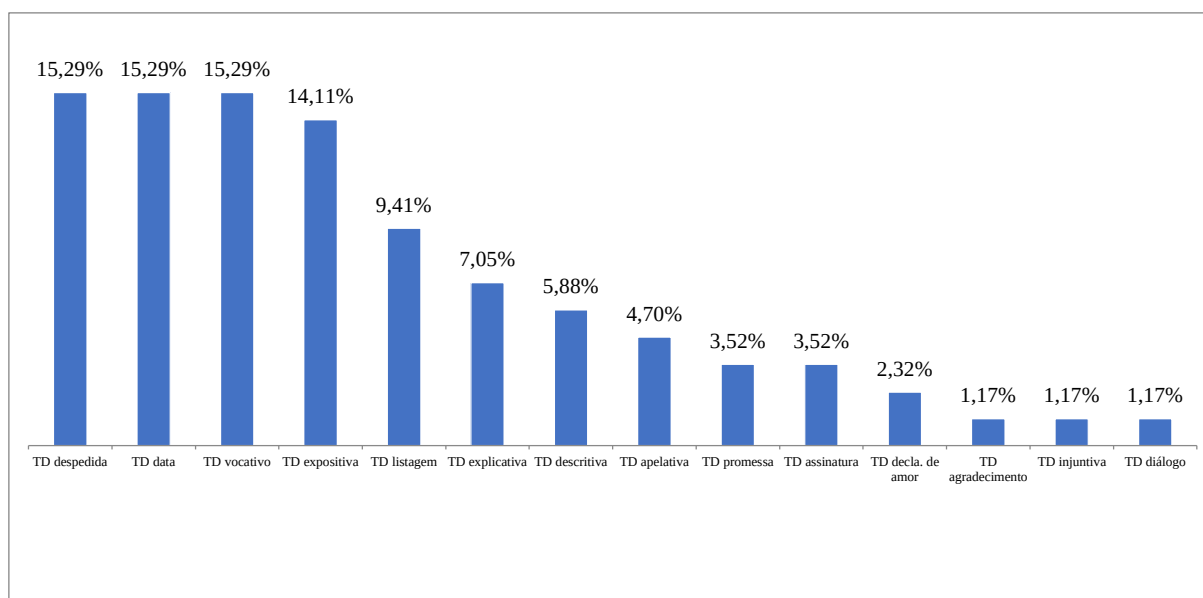
Em destaque cinza, a TD expositiva, que se mescla ao narrar, assume forma e conteúdo da TD moral: “por isso saiba de uma coisa, mesmo passando miquinhos. Ø micos ou micões, pergunte[i] sem ter medo de ser feliz eé isso!”. O MJ “por isso”, com o sentido de causa, na parataxe, junta os enunciados, ao estabelecer uma sinalização anafórica, configurando a tradicionalidade desse trecho em seu diálogo consecutivo em relação à narração/exposição realizadas anteriormente no texto, assim como ocorre no funcionamento de “e”, que, a partir de seu sentido aditivo, mais concreto, assume espaço de junção em que se habilita o sentido mais abstrato de causa, dentro do esquema conclusivo, fundado de forma encapsuladora, em conformidade com tudo o que foi dito/escrito no texto, de acordo com a paráfrase: “[...] [portanto], é isso!”. Por fim, em destaque azul, a TD narrativa mescla-se com a TD despedida: “Ø Beijos, Ø tchau”, estruturada nos dois usos aditivos de justaposições.

Essa análise, como a anterior, também mostra que o texto do escrevente está todo construído numa rica relação entre fatos narrados que se sucedem, numa sequencialidade temporal, com pontos de simultaneidade, que indiciam uma dramaticidade maior ao narrado, e com relações causais que se sustentam na intrínseca associação entre esses mesmos fatos. Assim, essa rica relação entre fatos narrados, além de gerar esquemas de causalidade,

subsidiar a exposição daquilo que se apresenta como “o ponto de vista do sujeito que escreve”, em enunciados que permitem o comparecimento dos sentidos de contraste.

A terceira proposta, denominada “Carta argumentativa”, solicitou aos sujeitos que escrevessem uma carta a seus pais, tentando convencê-los de comprar o seu presente de Natal. De acordo com a proposta, nessa carta, era preciso inserir uma propaganda do presente e ser criativo. Os textos referentes a essa proposta foram caracterizados como pertencentes à TD complexa argumentativa, uma vez que, levando em conta o princípio de composicionalidade paradigmática e sintagmática, identificou-se que os sujeitos escreveram textos que apresentam uma imagem de argumentação alinhada à ideia de convencimento e persuasão. Esses textos, caracterizados como argumentativos, também se construíram de acordo com o que se (re)conhece como uma carta (data, vocativo, despedida e assinatura), conforme solicitado na proposta. Por meio disso, a análise, que será apresentada na sequência, mostrará como essa tradição se constrói, no que concerne à relação entre a experiência e acontecimento, na proposta analisada, a partir da observação das mesclas de TDs que a constituem e do funcionamento dos MJs nesses contextos. Assim, o Gráfico 12 mostra o total de TDs encontradas nos textos produzidos a partir da proposta em questão:

Gráfico 12: Proposta “Carta argumentativa”



Fonte: elaboração própria

Os textos produzidos a partir da proposta “Carta argumentativa” apresentaram mesclas com as seguintes tradições: (i) tradições denominadas TD diálogo (1,17%/1), que correspondem a ocorrências não convencionais de discurso indireto; (ii) tradições que correspondem a tipos textuais, tais como as TDs expositiva (14,11%/12), explicativa

(7,05%/6), descritiva (5,88%/5) e injuntiva (1,17%/1); (iii) tradições que correspondem a gêneros discursivos, tais como a TD listagem (9,41%/8); (iv) tradições que correspondem a construções linguísticas que compõem outras TDs, tais como a despedida (15,29%/13), a data (15,29%/13), o vocativo (15,29%/13) e a assinatura (3,52%/3); e, por fim, (iv) tradições que correspondem a atos de fala fundamentais, como as TDs apelativa (4,70%/4), promessa (3,52%/3), declaração de amor (2,32%/2) e agradecimento (1,17%/1). As TDs despedida, data e vocativo, que apresentaram frequência mais alta, juntamente com a TD assinatura, caracterizam a TD complexa carta. Por sua vez, as demais TDs estão todas relacionadas à circulação dos sujeitos pelo que imaginam ser a natureza argumentativa da carta, conforme proposta de produção. Dentre essas TDs, destacam-se as de maior recorrência; as TDs expositiva, listagem, explicativa e descritiva, conforme mostra a análise do texto (4):

Texto 4

Bom dia! São José do Rio Preto, 20 de dezembro de 2010.

Queridos pais

Faltam poucos dias para o Natal **Ø** eu vou falar cinco coisas que eu gostaria de ganhar no Natal, **se** eu falasse o resto vocês não iam dar conta de tudo que eu gostaria.

Ø O primeiro presente é um cachorrinho da raça Chytus. **Porque** eu e meu irmão adoramos cachorro e nós ficamos sabendo que esse é de raça mais quietinha, **Ø** mais domesticado.

Ø O segundo presente é pagar uma escola de música, **porque** eu adoro cantar, **Ø** tocar instrumento. **Ø** A música é a minha paixão, **então** eu gostaria de tocar algum instrumento **ou** cantar.

Ø O terceiro é a família toda viajar para São Paulo e passar o Natal com os parentes de lá. **Ø** O quarto é ganhar uma máquina fotográfica **para** mim tirar fotos dos meus amigos, **Ø** da minha família e das minhas viagens, **Ø** etc.

Ø O quinto é ganhar um computador **ou** um notebook, **porque** meus dois irmãos tem computador menos eu, e eles não deixam eu entrar **pra** mim mexer, **Ø** falar com meus amigos, **Ø** etc.

Ø Obrigado!

Ø Beijos

Ø De sua filha *

[33/7A/1Arg]

Destacam-se, inicialmente, as TDs que constituem a tradição complexa carta: a TD data, “São José do Rio Preto, 20 de dezembro de 2010”, mesclada com a saudação “Bom dia!”, a TD vocativo “Queridos pais”, a TD despedida “Ø obrigado! Ø Beijos” e, por fim, a assinatura “De sua filha”.

A circulação do sujeito pelo que imagina ser a carta argumentativa marca-se na composicionalidade desse texto também com as TDs expositiva, explicativa e listagem. No primeiro parágrafo, em destaque amarelo, a TD argumentativa inicia-se mediante mescla com a TD expositiva, em “Faltam poucos dias para o Natal Ø eu vou falar cinco coisas que eu gostaria de ganhar no Natal”, na qual o uso da “justaposição”, com sentido causal, conforme a seguinte paráfrase: “Faltam poucos dias para o Natal (causa) [por esse motivo] eu vou falar cinco coisas que eu gostaria de ganhar no Natal (efeito)”, justifica o fazer que se projeta e se realiza na continuidade do texto. Em destaque cinza, a TD argumentativa mescla-se, agora, com a inserção de uma explicação para a quantidade mencionada de presentes: “se eu falasse o resto vocês não iam dar conta de tudo que eu gostaria”. A condição contrafactual, marcada, no espaço de junção preenchido por “se”, indicia essa relação constitutiva entre o explicar e o argumentar, na imagem de argumentação do sujeito/escritor, pautada pela ilusória necessidade de convencimento do outro.

No segundo parágrafo, em destaque amarelo, a TD argumentativa mescla-se, novamente, com a TD expositiva: “Ø O primeiro presente é um cachorrinho da raça Chytus”, a partir da “justaposição” que adiciona a informação nova, referente ao primeiro presente que o sujeito deseja ganhar. Na sequência, em destaque cinza, a TD argumentativa mescla-se com a TD explicativa: “Porque eu e meu irmão adoramos cachorro e nós ficamos sabendo que esse é de raça mais quietinha, Ø mais domesticado”. Essa explicação configura-se no sentido de causa, presente nos dois espaços de junção preenchidos pelos enunciados introduzidos por “porque” e “e” na parataxe, conforme: “[O primeiro presente é um cachorrinho da raça Chytus (efeito)] Porque eu e meu irmão adoramos cachorro (causa 1) e nós ficamos sabendo que esse é de raça mais quietinha Ø mais domesticado (causa 2)”. Na segunda causa, a “justaposição”, com sentido de adição, na parataxe, realiza o movimento de elaboração, conforme descrito por Halliday (1985), por meio do qual se configura a seguinte paráfrase: “raça mais quietinha Ø [ou seja/em outras palavras] mais domesticado”.

Em toda a continuidade do texto, observa-se a mesma organização, com a inserção, sempre a partir de justaposição aditiva, de cada um dos cinco presentes solicitados, na configuração caracterizada pela mescla entre as TDs argumentativa e expositiva: “Ø o segundo presente é pagar uma escola de música”; “Ø o terceiro é a família toda viajar para

São Paulo”; “Ø o quarto é ganhar uma máquinha fotográfica”; e “o quinto é ganhar um computador ou um notebook”.

A cada uma das solicitações de presentes, expostas no texto, segue-se uma mescla com a TD explicativa:

- ora marcada pelo sentido de causalidade, como em: (i) “por-que eu adoro cantar, Ø tocar instrumento. ØA musica é a minha paixão, então eu gostaria de tocar algum instrumento ou cantar”⁶⁹; (ii) “porque meus dois irmãos tem computador menos eu, e eles não deixam eu entrar”, conforme a relação efeito-causa: “o quinto é ganhar um computador ou um notebook (efeito), porque meus dois irmãos tem computador menos eu (causa 1) e eles não deixam eu entrar pra mim mexer (causa 2)”;

- ora marcada pelo sentido de finalidade: (i) “e passar o Natal com os parentes de lá”, em que se explica que o pedido se dá para passar o Natal com os parentes de São Paulo, a partir do sentido de finalidade inferido no espaço de junção preenchido pelo MJ “e”; (ii) “para eu tirar fotos” dos meus amigos, Ø da minha família e das minhas viagens, Ø etc”⁷⁰.

Na constituição da argumentação, a repetibilidade das mesclas entre as TDs expositivas e explicativas ocorre de acordo com um paralelismo que se configura, por sua vez, em si mesmo, de acordo com uma listagem do tipo: TD argumentativa = [Ø TD expositiva] [se/porque/para TD explicativa].

No final do texto, em relação à TD despedida, que constitui a carta: “Ø Obrigado!Ø Beijos. Ø [De sua filha]”, destaca-se seu funcionamento também relacionado à argumentação, porque está ligado ao “bajular”, associado ao processo mais amplo de convencimento.

No texto (5), observa-se o mesmo tipo de movimentação do sujeito para a construção dos sentidos do texto, com destaque para as mesclas com as TDs promessa e apelativa, em verde e turquesa, respectivamente:

Texto 5

São José do Rio preto SP, 12 de novembro de 2010

⁶⁹ Na configuração da explicação, observa-se o uso causal de “porque” e da primeira ocorrência de “justaposição”, conforme a seguinte relação de efeito-causa: “o segundo presente é pagar uma escola de música (efeito), por-que eu adoro cantar (causa 1), tocar instrumento (causa 2)”. Na sequência, a segunda ocorrência de “justaposição” e o uso de “então” também preenchem espaços juntivos com sentido de causa, conforme a seguinte paráfrase: “a música é a minha paixão (causa) [por esse motivo] eu gostaria de tocar algum instrumento (efeito)”. Observa-se que o uso de “ou” está fazendo alternância entre tocar um instrumento e cantar.

⁷⁰ Destaca-se que a forma da explicação do sujeito mescla-se com a TD listagem, em que as quatro ocorrências de “justaposição” e o uso de “e” apresentam o sentido de adição, em esquema paratático, adicionando novas informações que fazem o texto progredir (cf. HALLIDAY, 1985).

Queridos Pai e Mãe

Por favor Ø vocês podem me dar um presente de natal, Ø por favor, Ø eu sei que o dinheiro tá indo **pra** casa que está sendo construída, **mas** eu prometo que eu vou me comportar na escola.

E **também** não é muito caro o presente que eu quero?, Ø é só um nerf stampas, Ø não é muito caro, **e ainda mais** ele é muito daora, Ø vem com 60 dardos de brinde **e** ela vem com um escudo embutido Ø é muito legal.

Se vocês comprarem eu prometo e eu só vou tirar nas minhas notas para cima de 8.

E se comprarem mais de um, vamos brincar eu **e** o Vi (meu irmão) **e** nós não vamos brigar mais. Ø Por favor!

Ø [Com amor]

[20/7A/1Arg]

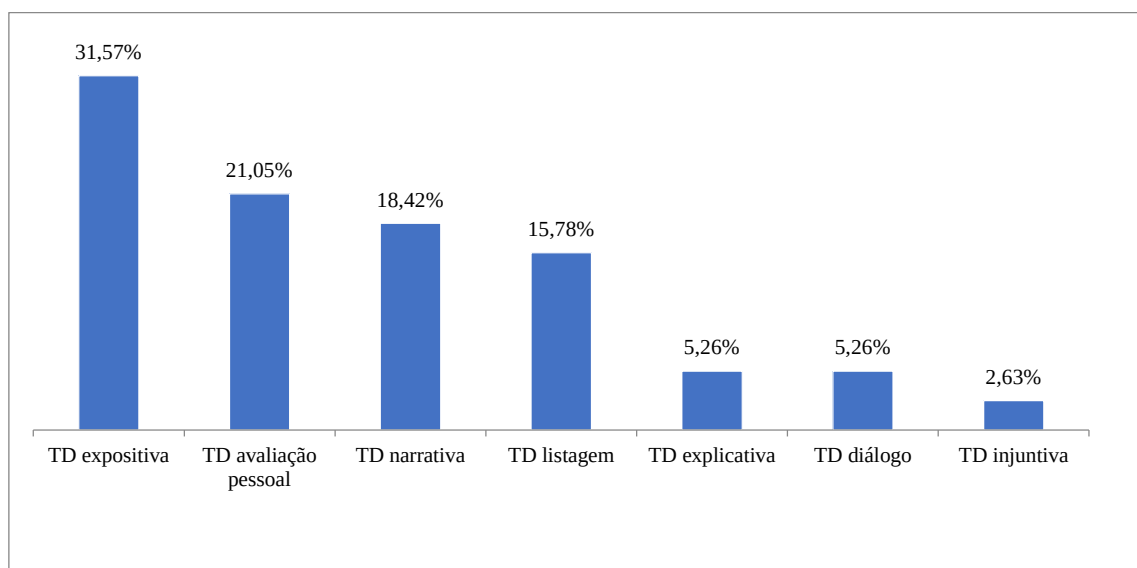
Em destaque verde, a TD argumentativa se mescla com a TD apelativa: “Por favor Ø vocês podem me dar um presente de natal, Ø por favor”, em contexto de uso de “justaposição”, adicionando novas informações, para o convencimento do leitor (pais do escrevente).

Em destaque turquesa, a TD argumentativa mescla-se com a TD promessa: “se vocês comprarem eu prometo e eu só vou tirar nas minhas notas para cima de 8. E se comprarem mais de um, vamos brincar eu e o Vi (meu irmão) e nós não vamos brigar mais”, em contexto marcado pelo uso de “se” com sentido de condição eventual, na hipotaxe.

A quarta proposta, denominada “Uma grande conquista”, apresentou uma foto e trechos de notícias sobre a vitória de César Cielo nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008) e solicitou aos alunos um texto narrativo sobre uma grande conquista, alguma meta que sonhavam alcançar no futuro, sobre as dificuldades que teriam que superar para atingir esse objetivo e as emoções ao realizar esse sonho. Os textos referentes a essa proposta foram caracterizados, no entanto, como pertencentes à TD complexa argumentativa, uma vez que, considerando o princípio de composicionalidade paradigmática e sintagmática, identificou-se que os sujeitos escreveram textos que apresentaram uma imagem de argumentação alinhada à ideia de convencimento e persuasão. Esses textos foram caracterizados como argumentativos por se tratar de relatos/exposições sobre uma grande conquista em que o sujeito, ao mesmo tempo em que apresentava o seu sonho, justificava o motivo de querer realizá-lo. Por sua vez,

a análise a seguir apresentará como a TD complexa argumentativa se desenvolve, na relação entre tradicionalidade e atualidade, na proposta analisada, em conformidade com a observação das mesclas de TDs que a constituem e do funcionamento dos MJs nesses contextos. Desse modo, o Gráfico 13 mostra o total de TDs encontradas nos textos produzidos a partir dessa proposta:

Gráfico 13: Proposta “Uma grande conquista”



Fonte: elaboração própria

Os textos produzidos a partir da proposta “Uma grande conquista” apresentaram mesclas com as seguintes tradições: (i) tradições que são denominadas TD diálogo (5,26%/2), que correspondem a ocorrências, convencionais ou não convencionais de discurso indireto; (ii) tradições que correspondem a tipos textuais, tais como as TDs expositiva (31,57%/12), narrativa (18,42%/7), explicativa (5,26%/2) e injuntiva (2,63%/1); e, por fim, (iii) tradições que correspondem a gêneros discursivos, tais como as TDs avaliação pessoal (21,05%/8) e listagem (15,78%/6). A TD “expositiva” e a TD “avaliação pessoal” apresentaram frequência mais alta, nesses textos, uma vez que os sujeitos, em atendimento à proposta, expuseram seus sonhos, suas emoções e, para isso, fizeram uma avaliação pessoal. Destaca-se, de início, a presença, nesses textos, por um lado, das TDs expositiva, explicativa e listagem, também constatadas na análise dos textos da proposta “Carta argumentativa”, e, por outro lado, das TDs “narrativa” e “diálogo”, constatadas, por sua vez, na análise dos textos das propostas “Rompimento amoroso” e “Vivência de mal entendido”⁷¹, conforme mostra o texto (6):

⁷¹ No caso dos textos da TD complexa argumentativa, a TD narrativa ocupa o espaço de uma mescla – tal como todas as outras observadas – para a constituição/composição da argumentação, de acordo com a definição de TD como produto e matéria da linguagem. Em outras palavras, na análise da TD complexa narrativa, não foram

Texto 6

Plim Plim

Sonho... Ø não sei a certo, **mas** carrego ele desde que assisti minha primeira tele-novela. **Ø É, Ø eu sei, Ø é o que todos pensam... mas** não quero ser atriz, Ø quer dirigir as novelas. Ø Na verdade quero “matar” todo mundo de raiva só no último capítulo, Ø algo que eles imaginavam ser totalmente impossível,

mas que é totalmente óbvio.

Pra conseguir isso teria que estudar muito, Ø superar à distância e a minha atual circunstância econômica, **ainda bem que** dizem que os gênios mais famosos vieram de baixo, **mas** não vou exagerar, Ø tem gente muito pior: Ø eu garanto...

O que eu poderia dizer **quando** isso se realizasse, e o meu nome (entras-) abrisse a abertura da novela das “8” da “Rede Globo de televisão”, Ø há, **quando** acontecer, Ø sei lá, Ø é algo inimaginável pra mim, Ø talvez: determinação, Ø satisfação e felicidade... resumiriam muito bem isso.

Ø Parece coisa boba Ø eu sei, mas por enquanto sonhar não paga imposto e eu me acho no direito de dizer que (q)eu vou conseguir, **porque eu** luto e busco tudo o que eu quero.

[02/7A/2Arg]

Em primeira pessoa, o texto inicia-se, com o trecho destacado em amarelo, com uma mescla entre as TDs narrativa – construída como um relato pessoal – e expositiva: “Sonho... Ø não sei a certo, mas carrego ele desde que assisti minha primeira tele-novela”. Nesse trecho, a “justaposição” adiciona a nova informação (Ø não sei a certo), após a demarcação do tópico “Sonho”, em torno do qual o texto se desenvolve. Na sequência, em “Ø É, Ø eu sei, Ø é o que todos pensam”, a TD diálogo toma espaço, no texto, por meio dos usos de “justaposição” aditiva, que, introduzindo uma espécie de discurso direto, instaura um diálogo entre autor/sujeito/escrivente-leitor, que se estende, no MJ “mas”, contrastivo, numa escrita que permite constatar a construção de uma argumentação, em que o sujeito, antes de apresentar o seu sonho de ser diretor de novelas, contra-argumenta com aquilo que, de acordo com a sua imagem, é a avaliação do outro (uma avaliação que deslegitima seu sonho), dizendo que não quer ser atriz, conforme muitas pessoas desejam ser. Nesse fio discursivo, o contraste, explicitado pelo MJ “mas”, ocorre entre ser atriz (pensamento de várias pessoas) x querer dirigir novelas. As ocorrências de “justaposição” adicionam novas informações (mas não quero ser atriz, Ø quer dirigir as novelas) e (Ø Na verdade quero “matar” todo mundo de raiva só no último capítulo), num movimento que, de acordo com Halliday (1985),

constatadas mesclas com a TD argumentativa, mas o contrário é verdadeiro para o conjunto de textos analisados. Esse resultado permite afirmar que a TD narrativa está presente, na materialidade dos textos, como rastro da relação dialógica que se estabelece para a construção da argumentação.

caracteriza-se como de elaboração, com função de introduzir uma paráfrase (o que é sinalizado também por “na verdade”) que especifica o sentido do enunciado anterior. Na construção dessa argumentação, baseada na quebra de expectativas que pode gerar o convencimento do outro acerca da legitimidade do sonho que o sujeito apresenta, a “justaposição” seguinte instaura o sentido de causa, no espaço que ocupa, conforme a seguinte paráfrase: “[...] quer matar todo mundo de raiva só no último capítulo [por conta de/por causa de] algo que eles imaginavam ser totalmente impossível”, sendo seguida pela articulação de “mas”, que, mais uma vez, instala o contraste, linguisticamente marcado, entre “ser totalmente impossível” e “ser totalmente óbvio”.

Essa construção se mantém, no segundo parágrafo, no uso do MJ “pra” que introduz os meios para se alcançar o sonho apresentado, o que funciona favoravelmente ao movimento de legitimação do sonho. Destaca-se o MJ “ainda bem que”, que, além de acrescentar uma nova informação e fazer o texto progredir (ainda bem que dizem que os gênios mais famosos vieram de baixo), marca o conteúdo de modo favorável aos objetivos da argumentação, numa articulação imediata com “mas” que, no espaço que ocupa, permite, num primeiro momento, que o leitor interprete que o escrevente não está se aproximando e se definindo como “gênio”, mas, logo na sequência,⁷² permite que o leitor reinterprete que o sujeito está se afastando da aproximação “com quem veio de baixo” (ainda bem que dizem que os gênios mais famosos vieram de baixo, mas não vou exagerar, Ø tem gente muito pior: Ø eu garanto).

No terceiro parágrafo, em destaque amarelo, a TD argumentativa mescla-se com a TD expositiva, em que o sujeito expõe as suas emoções se realizasse o seu sonho. Nesse trecho, os espaços de junção são preenchidos por mecanismos com sentido temporal (“quando” com sentido de tempo posterior), aditivo (usos de “justaposição” que adicionam informações no texto) e causal (como no caso da “justaposição” em “quan-do acontecer, Ø sei lá (efeito) [porque] é algo inimaginável pra mim (causa)”). Constituindo essa exposição, os usos aditivos de “justaposição” obedecem a um paralelismo sintático, que configura formalmente uma listagem fechada que traz o último elemento inserido por “e”, de forma convencional (talvez: determinação, Ø satisfação e felicidade... resumiriam muito bem isso), dentro de uma construção que não deixa de lado a sua natureza discursiva ao mesmo tempo de exposição e de relato, em função do objetivo maior de convencer o outro acerca da legitimidade do sonho

⁷² Essa interpretação do contraste depende daquela que se segue dos dois enunciados articulados por justaposição, em que o primeiro apresenta-se com sentido de causa, conforme a seguinte paráfrase: “não vou exagerar (efeito) [porque] tem gente muito pior (causa)”. A “justaposição” seguinte, com sentido de adição, introduz um enunciado em que há um comprometimento com o valor de verdade daquilo que está sendo dito/escrito. Assim, trata-se, pois, de um enunciado com valor de modalizador asseverativo (Ø eu garanto...).

apresentado, aqui relacionado ao objetivo do que se reconhece tradicionalmente como argumentação.

O último parágrafo do texto retoma a mescla com a TD diálogo: “Ø Parece coisa boba Ø eu sei”, tal como já destacada. A inserção desse enunciado, com o sentido de concessão (“[embora] pareça coisa boba [...] eu me caho no direto de dizer que vou conseguir”), materializa, nessa voz, em discurso direto, a contra-argumentação, que se sustenta, novamente, com o emprego de “mas” (mesmo parecendo ser uma coisa boba, o sujeito ainda assim continua sonhando) e também com o uso de “por enquanto” apresentando duas situações simultaneamente: “por enquanto sonhar não paga imposto” (situação 1) “[por enquanto/e] eu me acho no direito de dizer que (q)eu vou conseguir” (situação 2), em enunciados que se constituem também com sentido de causa.

De modo geral, o texto 6 mostra como uma proposta de texto que solicitou o relato de uma grande conquista resulta num texto em que, para a legitimação do seu sonho, o sujeito circula por práticas discursivas que, apoiadas na exposição e no diálogo, procuram o convencimento do outro, numa relação que se estabelece entre MJs com sentido temporal (“e”, “justaposição” e “quando), causal (“e”, “porque”, “justaposição”, “por enquanto”), e, principalmente, contrastivo (“mas”) e aditivos (“justaposição”, “e” e “ainda bem que”).

No texto (7), é possível observar o mesmo tipo de movimentação do sujeito para a construção dos sentidos do texto, com destaque, neste momento, para as mesclas com as TDs avaliação pessoal, narrativa e explicativa, destacadas em amarelo, azul e rosa, respectivamente:

Texto 7

Meu grande sonho

Desde criança gosto de animais , **sempre quando** vejo algum animal doente tenho vontade de ajudar **mas como** não sei não posso né?! **Mas** um dia ainda vou realizar esse sonho **e, quando** realizar, vou ficar muito feliz, **por que** adoro animais **portanto** eu tinha dois, **mais** tive que dar embora, **porque** eles eram muito sapecas Ø eram filhotes **então** é normal fazerem arte. Ø Ah! **Mais** um dia vai chegar a minha hora **e** eu vou poder ajudar animais, **enquanto** tem pessoas judiando eu estarei cuidando, Ø meu sonho se realizará **e** os animais serão felizes também!

[22/7A/2Arg]

Esse texto inicia-se e finaliza-se com o mesmo tipo de movimentação, conforme explicitado na análise do texto anterior, em que a TD expositiva torna-se a base para a legitimação do sonho do sujeito. Em destaque amarelo, ressalta-se a mescla entre essa forma de construir a TD argumentativa e a TD avaliação pessoal: “e, quando realizar, vou ficar muito feliz”,⁷³ seguida da TD explicativa, a partir de “porque”, com sentido de causa, conforme a relação efeito-causa: “vou ficar muito feliz (efeito), por que adoro animais (causa)”. Em destaque turquesa, a TD narrativa: “portanto eu tinha dois, mais tive que dar embora” toma espaço, após o emprego causal de “portanto”, aproximando-se do sentido explicativo, que poderia ser parafraseado por “por isso” (adora animais [por isso] eu tinha dois). É exatamente a TD explicativa que segue, após o enunciado introduzido por “mais”: “porque eles eram muito sapecas Ø eram filhotes então é normal fazerem arte”.

De modo geral, em termos de mesclas de TDs que constituem a argumentação, os textos produzidos a partir da proposta “Uma grande conquista” se diferem daqueles produzidos a partir da proposta “Carta argumentativa”, não apenas no que toca à circulação destes pela TD complexa carta, mas, mais especificamente, pela forma como, naqueles, os sujeitos constroem seus textos, enquanto espaço não apenas para apresentarem seus sonhos, mas para legitimá-los, conforme sustentado nas análises apresentadas até aqui.

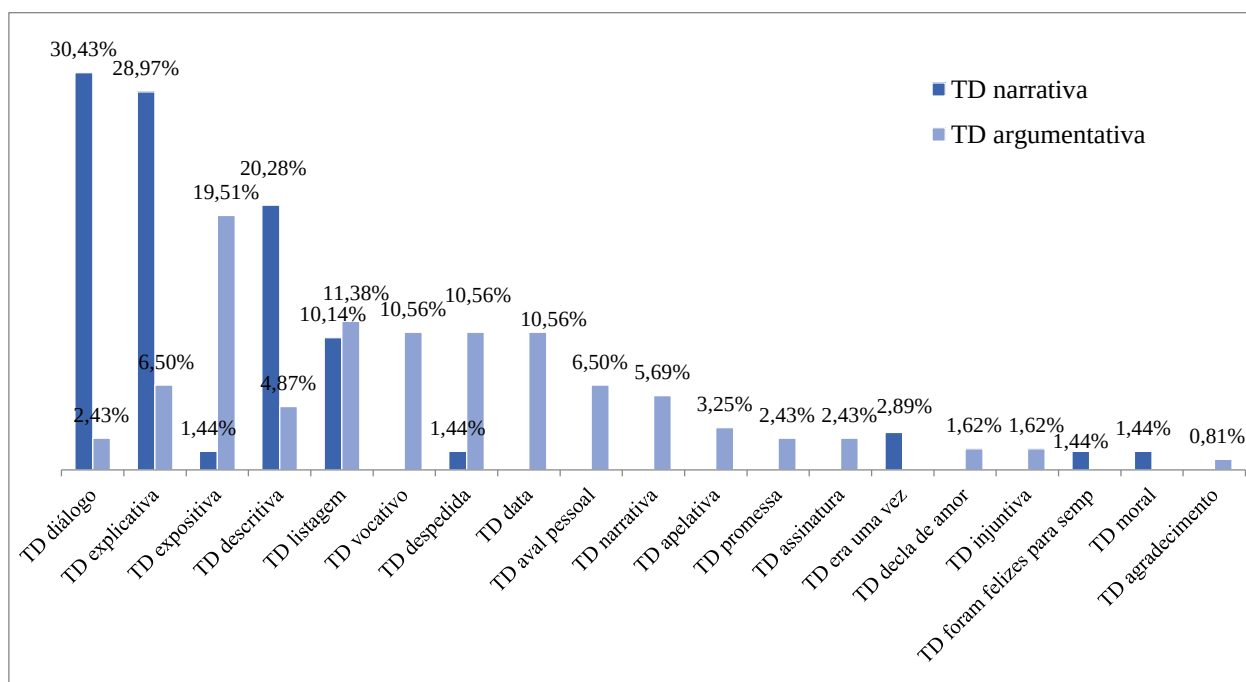
A partir da descrição apresentada nesta seção, passa-se à discussão dos resultados, em que se propõe uma organização e uma abordagem específica do espaço teórico-metodológico deste estudo.

3.3 Discussão dos resultados

Nesta seção, apresenta-se o levantamento geral das mesclas de TDs encontradas nos textos analisados, a fim de subsidiar a proposição de uma discussão acerca da composicionalidade das TDs narrativa e argumentativa em sua relação com a circulação do sujeito pela dialogia com o já falado/ouvido escrito/lido. Para isso, parte-se, portanto, do entendimento de que TDs narrativa e argumentativa são TDs complexas, uma vez que se constituem, composicionalmente, mediante mesclas com diferentes TDs, por meio da dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido, conforme mostra o Gráfico 14.

Diante disso, observa-se, no Gráfico 14, a frequência de cada uma dessas mesclas encontradas nos textos analisados das TDs narrativa e argumentativa:

⁷³ Em que o MJ “e” adiciona uma nova informação (e quando realizar, vou ficar muito feliz), na qual toma espaço o MJ “quando” com sentido de tempo simultâneo: “[no momento em que] se realizar, vou ficar muito feliz”.

Gráfico 14: Composicionalidade das TDs narrativa e argumentativa

Fonte: elaboração própria

Na TD narrativa, os resultados mostram, conforme o Gráfico 14, que as frequências mais altas foram com as mesclas das TDs diálogo (30,43%), explicativa (28,97%) e descritiva de (20,28%). Como se explicitou na análise apresentada na seção anterior, a TD diálogo constituiu os textos produzidos a partir da proposta “Rompimento amoroso” e “Vivências de mal entendido”, tomando espaço nos discursos direto e/ou indireto (de forma convencional ou não) entre as personagens, de acordo com o que se espera nessa tradição.⁷⁴

A TD explicativa, nos textos produzidos das duas propostas em questão, mostrou-se intimamente articulada à relação entre os fatos narrados que se sucedem, numa sequencialidade temporal, e que indiciam uma dramaticidade maior ao narrado, com base na causalidade que se sustenta na intrínseca relação entre esses mesmos fatos – o que, na materialidade dos textos, comprova-se a inferência deste sentido (o causal) a partir daquele (o temporal).

Por sua vez, a TD descritiva toma seu espaço numa concomitância expressiva com o próprio narrar, seja na explicitação das características dos sentimentos entre as personagens

⁷⁴ Nos textos da proposta “Vivência de mal entendido”, destaca-se a construção do humor na narrativa, em mescla com a TD diálogo, como se vê em: “Ø Eu estava escrevendo um texto e errei, então pedi o corretivo emprestado para o Beijo (Rafael), Ø o corretivo dele era daqueles tipo caneta e estava meio seco. Ø Eu apertava, Ø apertava e o corretivo não saía Ø Teve uma hora que me estressei e gritei: Ø - *Ah carambaa!* Ø *O negócio to Beijo tá duro e não sai!!! @#?!?* Ai o pessoal lá do fundo olharam para minha ca-ra e começaram a rir e não paravam” [01/7A/2Narr].

(conforme se nota em: “Eram dois jovens apaixonados, Ø o amor à flor da pouca idade, Ø o sentimento da quase liberdade [...] Ø era mesmo um lindo amor separado pela diferença racial” [02/7A/1Narr]; “Era amor. Ø Parecia ser dois pombinhos apaixonados, Ø tanto amor, Ø tanta alegria, Ø comprição, Ø amizade, Ø parecia que tudo estava dando certo” [03/7A/1Narr]), seja na explicitação da caracterização de nomes dos personagens, de ações e locais (conforme se observa em: “Um dia estava eu e minha irmã estava mexendo no computador e ela tava vendo receita de batidas alcoólica [...] Ø Ela foi pra cozinha lavar a louça do almoço, e eu fui no computador mexer no msn e no orkut” [14/7A/2Narr]; “Uma vez, estava eu, Ø o Heitor, Ø o Rafael e o Marco na sala de aula, Ø na aula de Artes, e tinha um desenho pra pintar” [19/7A/2Narr]; “Um dia numa manhã, na sala de aula um professor estava explicando a matéria” [29/7A/2Narr]).

Destaca-se que as mesclas mais expressivas – com as TDs diálogo, explicativa e descritiva –, em termos de repetibilidade do que se observou nos textos da TD narrativa, são consideradas TDs esperadas no espaço discursivo do narrar⁷⁵, o que indicia que a circulação do sujeito por essa prática discursiva é marcada por aquilo que se espera dela.

Os resultados da TD argumentativa, conforme o Gráfico 14, mostram dois aspectos distintos, mas intrinsecamente relacionados, a saber:

- (i) dentre as mesclas constatadas, estão as que caracterizam a TD argumentativa propriamente dita (como aquelas com as TDs expositiva (19,51%), listagem (11,38%), explicativa (6,50%), avaliação pessoal (6,50%), descritiva (4,87%), apelativa (3,25%) e promessa (2,43%)) e as que caracterizam a TD carta (como aquelas com as TDs vocativo (10,56%), despedida (10,56%), data (10,56%), assinatura (10,56%)), intrinsecamente relacionadas à proposta “Carta argumentativa”⁷⁶;
- (ii) há, ainda, a mescla com a TD narrativa (5,69%), intrinsecamente relacionada à proposta “Uma grande conquista”⁷⁷.

⁷⁵ Trata-se de mesclas que constituem textos escritos por sujeitos experientes, ou seja, já fora do contexto de escolarização (como escritores, por exemplo).

⁷⁶ As TDs vocativo, data e despedida apareceram somente na proposta “Carta argumentativa”, devido serem constitutivas da TD carta e a proposta ter solicitado aos alunos que escrevessem uma carta argumentativa a seus pais, tentando convencê-los de comprar um presente de Natal. A proposta “Uma grande conquista” não apresentou mesclas com essas TDs, pois o intuito da proposta era de que os alunos escrevessem um texto sobre uma grande conquista, alguma meta que sonhavam alcançar no futuro, apresentando as dificuldades que teriam que superar para alcançar seus objetivos e emoções ao realizar o sonho.

⁷⁷ Essa mescla ocupa o espaço de constituição/composição da argumentação, conforme o conceito de TD enquanto produto e matéria da linguagem, numa relação dialógica constitutiva da argumentar. Em outras palavras, a narração é usada para a construção da argumentação.

Consideram-se, aqui, apenas as frequências mais altas das mesclas características da argumentação, ou seja, com as TDs expositiva (19,51%), listagem (11,38%), avaliação pessoal e explicativa (ambas com 6,5%) e narrativa (5,69%).

A TD expositiva assume papel importante na circulação do sujeito por sua imagem de argumentação, funcionando como base para a sua construção: nos textos produzidos a partir da proposta “Carta argumentativa”, por meio da exposição, são apresentados os presentes que o escrevente deseja ganhar de Natal e que pede a seus pais, no jogo de convencimento que caracteriza a sua argumentação; nos textos produzidos a partir da proposta “Uma grande conquista”, por meio da exposição, são apresentados os sonhos que o sujeito busca alcançar, numa estreita relação de convencimento do outro/leitor, associada à legitimação desse sonho, como condição para que possa se tornar realidade.

A TD listagem aparece na recursividade que atinge os usos causais, na relação causa-efeito, ao longo dos textos, e também se constitui num movimento de inserção de conteúdo novo, que, ao mesmo tempo, faz o texto progredir e viabiliza a argumentação, por meio do acréscimo de argumentos e contra-argumentos. Observou-se, na TD narrativa e argumentativa, que a listagem toma espaço quando há descrições, referentes à nomeação e às emoções dos personagens, à conquista da realização do sonho, ao cenário, às próprias qualidades, ao falar de si mesmo na carta para convencer o outro, e às qualidades do presente de Natal, sempre mediante a repetibilidade de sua forma. Com efeito, o fato de a listagem atuar de maneira similar em ambas as TDs, narrativa (10,14%) e argumentativa (11,38%), é explicado nessa repetibilidade formal, que a torna um recurso disponível a preenchimentos que se mostram possíveis em quaisquer das tradições investigadas, como se vê nos resultados das análises apresentados neste Capítulo.

As TDs explicativa e avaliação pessoal apresentaram frequência similar, nos textos analisados. Naqueles resultantes da proposta “Carta argumentativa”, à apresentação dos presentes de Natal desejados, seguiram-se explicações, frequentemente relacionadas às qualidades desses presentes, tomadas como uma forma de convencer e persuadir o outro. Nos textos da proposta “Uma grande conquista”, à apresentação dos sonhos, seguiram-se as explicações de querer realizá-los, em relação com avaliações pessoais, em que se demonstravam as emoções relativas às possíveis conquistas, direcionando, portanto, esses argumentos também como uma forma de convencer e persuadir o outro.

Nos textos produzidos a partir da proposta “Uma grande conquista”, observou-se a mescla com a TD narrativa na composição da argumentação, com frequência de 5,69%. Essa mescla é resultado do próprio projeto de dizer/escrever que se estabelece à luz do que é

proposto, em que a narração se apresenta como um recurso para o convencimento do outro acerca da legitimidade do sonho que é apresentado pelo sujeito, o que permite reconhecer, na linha de Chacon (1993), com base em Recoeur (1980), uma relação intrínseca que ocorre entre a prática narrativa e um outro tipo de prática, designada, genericamente, como a da ação cotidiana. Com isso, a narração, na TD argumentativa, mostra aspectos da ação cotidiana dos sujeitos, que circulam por práticas discursivas orais informais e formais, mas que também circulam por práticas discursivas letradas informais e formais.

Esse resultado, somado àquele da análise dos textos que foram, neste estudo, tomados como característicos da TD narrativa propriamente dita, reforça as considerações de Longhin e Soncin (2014, p. 536), segundo as quais a narração é uma propriedade da linguagem que ultrapassa diferentes gêneros e, portanto, diferentes TDs. Benveniste (1976, p. 64), ao apresentar pontos de semelhanças entre a comunicação das abelhas e a linguagem humana, aponta que “o sistema [de comunicação das abelhas] é válido no interior de uma comunidade determinada e [...] que cada membro dessa comunidade tem aptidões para empregá-lo ou compreendê-lo nos mesmos termos”. Nessa direção, o autor considera que cada enunciado da linguagem humana se reduz a elementos que se combinam livremente conforme regras definidas, em que um número bastante reduzido de morfemas possibilita um número considerável de combinações que é capaz de dizer tudo. Assim, a narração conduz o interlocutor a um fato que ele diretamente não experienciou, de modo que é uma das propriedades que identifica a linguagem como fenômeno, portanto, ultrapassando diferentes gêneros, e, portanto, diferentes TDs, justamente por ser uma propriedade essencial da própria linguagem.

Diante disso, na direção do que postulam Longhin e Soncin (2014), tomar a “narrativa” como ponto de apoio, considerando a natureza escolar dos textos [do *corpus* do trabalho dessas autoras e também deste trabalho], se constitui como um procedimento possível e produtivo para a discussão. Longhin e Soncin (2014, p. 543) apontam que a narrativa é muito versátil quando atua, de forma maciça, nas relações entre gêneros/TDs, tal como se constatou, aqui, no caso dos textos da proposta “Uma grande conquista”. Considerar a narração, ao mesmo tempo, como produto de linguagem e ferramenta para a produção de linguagem, em textos materiais, é possível porque se concebe o funcionamento da linguagem do ponto de vista discursivo, isto é, a linguagem vista como um todo complexo, o qual condiciona modos de dizer/escrever por meio da atuação do sujeito, também constituído por esse complexo discursivo.

Vale ressaltar que os textos, na TD narrativa, circulam desde muito cedo, entre as crianças da Educação Infantil e das séries iniciais, nas atividades de leitura, promovidas em contexto formal de ensino, e que, portanto, no próprio universo escolar, ocupam papel de destaque em atividades pedagógicas. Chacon (1993) faz duas colocações a respeito das condições de produção do texto narrativo produzido por crianças: (i) o texto remete a uma tradição de produzir textos (a de narrar) que apresenta regras próprias e, de certa forma, conhecidas por quem o narra; e (ii) a prática de narrar e seu produto final, a narrativa, compõem-se de outras fontes além da tradição de narrar e que estão mais associadas com o próprio vivido, de onde o produtor real do texto extrai os elementos que formam a figura textual do narrador e os elementos que interpretará as ações verbais das personagens. Complementando (ii), propõe-se que as TDs que se mesclam, para a constituição dessa tradição complexa do narrar, podem ser tomadas como parte dessas “outras fontes”, associadas à dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido. Assim, os textos narrativos apresentam um papel fundamental nas práticas pedagógicas, porque os textos que narram eventos do cotidiano ou que reproduzem histórias populares, de acordo com Chacon (1993), são facilmente compreensíveis e que, muitas vezes, as histórias são conhecidas apenas por meio da tradição oral, o que aproxima sua linguagem daquela mais usada nas situações que esses textos vêm relatar, isto é, as do cotidiano, o que ajuda a explicar a presença dessa tradição em outras, como a da argumentação, observada também nessa relação dialógica.

De modo geral, as mesclas de TDs aqui destacadas são fatores que mostraram a circulação dialógica do sujeito e a imagem que faz da (sua) escrita, considerada como parte de um imaginário socialmente partilhado (cf. CORRÊA, 2004).

3.4 Sistematização

Neste Capítulo, que teve como objetivo relacionar o funcionamento dos MJs às características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, a partir de uma abordagem desse funcionamento como práticas resultantes da dialogia com já falado/ouvido e escrito/lido, buscou-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: o que os resultados descritivo-analíticos do funcionamento dos MJs podem revelar acerca das tradições narrativa e argumentativa, considerando-se as relações entre o sujeito e a linguagem a partir da (sua) imagem do modo escrito de enunciação? Direcionada pela hipótese de que a circulação do escrevente pelo terceiro eixo que determina o modo heterogêneo de constituição da escrita (o da relação com o já falado/escrito) pode indiciar um diálogo com a constituição das tradições narrativa e argumentativa, à luz das condições de produção de TDs distintas, a partir do funcionamento

dos elementos juntivos no âmbito textual e das relações entre esse funcionamento e as mesclas de TDs para a composicionalidade das TDs focalizadas, a descrição dos dados, sua análise e discussão, confirmaram que, na TD narrativa, os sujeitos circulam por textos tradicionais para eles, ou seja, constituem o que é tradicionalmente esperado nos textos do narrar, e, na TD argumentativa, que as mesclas entre TDs constituem a argumentação, em intrínseca relação de dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido e com as condições de produção dos textos, especialmente aqui, aquelas associadas às propostas de produção textual.

Observou-se, nos textos produzidos a partir das propostas “Rompimento amoroso” e “Vivências de mal entendido”, no espaço da tradição narrativa, que os sujeitos apresentaram marcas de fatos ligados à enunciação oral informal/formal, presentes na escrita, de acordo com o que Corrêa (2004) define como indícios do modo heterogêneo de constituição da escrita, numa rica relação de fatos narrados que se sucedem, numa sequencialidade temporal, com pontos de simultaneidade, que indiciam uma dramaticidade maior ao narrado, e com relações causais que se sustentam na intrínseca associação entre esses mesmos fatos, num espaço discursivo que deixa ver mesclas, mais recorrentes, entre a TD diálogo (com espaços de junção preenchidos por “justaposição” e “e”, com sentido de adição, e “para”, com sentido de finalidade), a TD explicativa (com espaços de junção preenchidos por “justaposição”, “porque”, “por” e “por causa de”, com sentido causal), a TD descritiva (com espaços de junção preenchidos por “justaposição”, com sentido de adição, e “quando”, com sentido temporal) e a TD listagem (com espaços de junção preenchidos por “justaposição” e “e”, com sentido de adição).

Nos textos produzidos a partir da proposta “Carta argumentativa”, observaram-se, além de mesclas (como aquelas com as TDs data, vocativo, despedida e assinatura), que constituem a TD carta, uma frequência significativa de mesclas com a TD expositiva (com espaços juntivos preenchidos por “justaposição” e “e”, com sentido de adição e causa, “quando”, com sentido temporal, “mas”, com sentido de contraste, e “para”, com sentido de finalidade), a TD listagem (com espaços juntivos preenchidos por “justaposição” e “e”, com sentido de adição e causa), a TD apelativa (com espaços juntivos preenchidos por “justaposição”, com sentido de adição e causa) e a TD promessa (com espaços preenchidos por “se”, com sentido de condição, “justaposição”, com sentido de adição, e “e” com sentido de adição e causa). Nos textos produzidos a partir da proposta “Uma grande conquista”, observaram-se, além das mesclas com TDs que caracterizam o argumentar, como, por exemplo, com a TD expositiva (com espaços juntivos preenchidos por “justaposição”, com sentido de adição e causa, e “quando”, com sentido temporal), também aquelas que marcam

as condições em que se dão a produção desses textos, como, por exemplo, com a TD narrativa (com espaços preenchidos por “justaposição” e “e”, com sentido de adição, causal e temporal, e “quando”, com sentido temporal).

Nessa direção, na TD narrativa, os sujeitos circulam por textos tradicionais para eles, ou seja, as mesclas de TDs mais expressivas, em termos de repetibilidade (tais como, as TDs diálogo, explicativa e descritiva), na TD narrativa, são esperadas no espaço discursivo do narrar, pois são TDs também recorrentes em textos dessa tradição, considerados convencionais. Na TD argumentativa, por sua vez, as mesclas de TDs constatadas e a forma como elas ocorrem, nos textos, caracterizam marcas que indiciam a aquisição de uma tradição, apoiada numa imagem de argumentação que se alinha às ideias de convencimento e persuasão e que ganham contornos discursivos distintos a depender das condições de sua produção, ou seja, como parte de cartas (nos textos da proposta “Carta argumentativa”) ou como parte de relatos/exposições (nos textos da proposta “Uma grande conquista”).

Dessa forma, de modos específicos, a tendência é que as mesclas de TDs, construídas na relação entre os eixos sintagmático e paradigmático, no espaço da composicionalidade das TDs, indiciam, invariavelmente – ou seja, sempre de modo heterogêneo –, as relações com a dialogia entre o já falado/ouvido e escrito lido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou responder a três perguntas de pesquisa direcionadas por três hipóteses. Para responder à primeira pergunta: qual o funcionamento táctico-semântico dos MJs nas TDs *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por alunos regularmente matriculados no 7º ano do EF II, e de que modo esse funcionamento revela-se sintomático das tradições investigadas?, partiu-se da hipótese de que os elementos juntivos podem ser tomados como “sintomáticos” de diferentes TDs.

Conforme o Capítulo 1 - Parte III, a descrição e análise dos MJs a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, nas TDs *narrativa* e *argumentativa*, no modo escrito de enunciação, mostrou que a arquitetura paratáctica se apresenta com frequência mais alta nas TDs investigadas, o que foi tomado como *rastro* daquilo que é fixo, nessas tradições, em relação à constituição sintática da textualização.

No que concerne à escala de complexidade das relações semânticas, as de *adição* e *causa*, de modo geral, apresentaram frequência similar nas duas TDs, o que foi tomado enquanto *rastro* da circulação dos sujeitos por práticas discursivas que constituem essas tradições, como, por exemplo, a introdução de informação/conteúdo para o desenvolvimento dos textos e a relação entre os fatos narrados ou argumentos apresentados. De modo específico, a relação de *contraste* mostrou uma frequência muito similar nas TDs investigadas e apontou especificidades em arranjos pragmático-discursivos distintos em cada TD, uma vez que, na TD narrativa, o contraste apareceu, em seus usos mais discursivos, relacionado a uma quebra de expectativas que atua, diretamente, na sequencialidade dos fatos narrados e na dramaticidade dessa narração, e, na TD argumentativa, também em seus usos mais discursivos, porém relacionado a rastros do que o sujeito reconhece como argumentar, no que concerne a sua ilusão de convencimento/persuasão do outro. Já o sentido de *tempo* (*simultâneo*, *anterior* e *posterior*) mostrou-se com uma frequência distinta em cada TD, sendo mais possível relacionar o sentido de tempo *simultâneo* e *posterior* à TD narrativa e o sentido de tempo *anterior* à TD argumentativa, tomado na junção de contra-argumentos a partir da construção de um espaço discursivo, via MJs. Desse modo, esses dois resultados, que aproximam e distanciam as TDs narrativa e argumentativa, estão relacionados, ao mesmo tempo, à relação entre MJs e TDs e à heterogeneidade da composicionalidade de cada TD analisada, pois as produções textuais se apresentam de forma dialógica, mediante o aspecto de mescla de TDs, subjacente à noção de composicionalidade das TDs.

Em relação aos resultados dos MJs em espaços de trânsitos semânticos, o resultado de ordem geral mostrou que os trânsitos de *adição* > *causa*, *adição* > *tempo posterior* e *adição* > *contraste* apresentaram uma frequência muito similar, nas TDs narrativa e argumentativa, uma vez que os sujeitos circularam por práticas discursivas, que as constituem. O resultado de ordem específica, associado aos MJs não-prototípicos, mostrou uma expressividade da relação entre *adição* > *causa* nos textos da TD argumentativa e *adição* > *tempo posterior* nos textos da TD narrativa, de modo que a movimentação relacionada ao sentido de *tempo* foi mais recorrente na TD narrativa e a relacionada aos sentidos do macrossistema CCCC foi mais recorrente na TD argumentativa.

No Capítulo 2 - Parte III, buscou-se responder à segunda pergunta de pesquisa: quais as relações entre as TDs analisadas e questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento, enquanto fatos linguísticos – fala e escrita – e práticas sociais – oralidade e letramento? Direcionada pela hipótese de que a circulação do escrevente por dois dos eixos que determinam o modo heterogêneo de constituição da escrita – o da gênese da escrita e o do código escrito institucionalizado – pode indiciar, em intrínseca relação aos MJs empregados, um diálogo entre as TDs analisadas e questões referentes à fala/oralidade e escrita/letramento, a descrição dos dados, sua análise e discussão confirmaram que, em ambas as tradições investigadas, os rastros da heterogeneidade se deixam ver também no funcionamento dos MJs, em espaços de junção que se configuram como aspectos linguísticos que, na superfície do texto, mostram a heterogeneidade constitutiva da escrita, enquanto aspectos voltados à fala/oralidade e escrita/letramento e em intrínseca associação à composicionalidade das TDs.

Diante disso, os resultados apontaram que sujeitos circulam pelos eixos da gênese da escrita (eixo 1) e do código escrito institucionalizado (eixo 2), conforme Corrêa (1997), com maior frequência para o eixo 1, numa escrita que se constitui no imaginário dos sujeitos sobre o (seu) modo escrito de enunciar, numa representação termo a termo da fala, em práticas de oralidade.

Assim, os resultados mostraram que os MJs ancoram o eixo 1 quando: (i) funcionam como gesto enunciativo, que apontam para o contexto de enunciação, com maior repetibilidade para os usos de *justaposição* e *e*; (ii) funcionam prototipicamente, nas relações de alternância, tempo simultâneo, tempo contingente, modo, causa, condição, finalidade e concessão (respectivamente: “ou”, “quando”, “sempre”, “gerúndio”, “por que”, “se”, “para” e “mesmo”); e (iii) funcionam não-prototipicamente, caracterizando trânsitos semânticos em contexto de mudança linguística, com referência aos usos de “então” e “ai”. Os três funcionamentos estão frequentemente associados a práticas discursivas orais informais,

embora não sejam exclusivos dessas práticas, se se considera sua complexidade fora da dicotomização comum às suas bases semióticas.

Por sua vez, os MJs ancoram o eixo 2 quando: (i) funcionam em relação forma-sentido (especificamente descrita em termos de: paralelismo sintático + sentido de adição), dentro da listagem fechada convencional; e (ii) funcionam em espaços configurados por maior dependência tático-semântica. Esses dois funcionamentos estão intrinsecamente associados às práticas discursivas letradas formais, embora também não sejam exclusivos dessas práticas.

Portanto, esses resultados, referentes aos eixos 1 e 2, mostraram um retrato da heterogeneidade constitutiva da escrita, uma vez que o heterogêneo é marcado nos espaços de junção, nas duas tradições investigadas, e apontaram que não é possível diferenciar os resultados de cada uma das TDs, mediante afirmações que distanciem uma da outra, mas respaldar uma aproximação a partir da análise dos espaços de junção e da maneira como esses espaços ocupam os textos e indiciam a representação da escrita.

No Capítulo 3 - Parte III, buscou-se responder à terceira pergunta de pesquisa: o que os resultados descritivo-analíticos do funcionamento dos MJs podem revelar acerca das tradições narrativa e argumentativa, considerando-se as relações entre o sujeito e a linguagem a partir da (sua) imagem do modo escrito de enunciação? Direcionada pela hipótese de que a circulação do escrevente pelo terceiro eixo que determina o modo heterogêneo de constituição da escrita (o da relação com o já falado/escrito) pode indiciar um diálogo com a constituição das tradições narrativa e argumentativa, à luz das condições de produção de TDs distintas, a partir do funcionamento dos elementos juntivos no âmbito textual e das relações entre esse funcionamento e as mesclas de TDs para a composicionalidade das TDs focalizadas, a descrição dos dados, sua análise e discussão, confirmaram que, na TD narrativa, os sujeitos circulam por textos tradicionais para eles, ou seja, constituem o que é tradicionalmente esperado nos textos do narrar, e, na TD argumentativa, que as mesclas entre TDs constituem a argumentação, em intrínseca dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido e com as condições de produção dos textos, especialmente aqui, aquelas associadas às propostas de produção textual.

Assim, na relação entre o funcionamento dos MJs e as características das TDs *narrativa* e *argumentativa*, mediante os traços de repetibilidade e composicionalidade das tradições de escrever, em articulação com o terceiro eixo da heterogeneidade da escrita (cf. CORRÊA, 1997), o da dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, as mesclas mais expressivas, em termos de repetibilidade, nos textos produzidos a partir das propostas “Rompimento amoroso” e “Vivências de mal entendido”, tomados, aqui, como textos da TD

complexa narrativa, foram com as TDs diálogo, explicativa e descritiva. Essas mesclas são esperadas, no espaço discursivo do narrar, pois são características de narrativas convencionais, escritas por sujeitos fora do contexto de escolarização (como escritores, por exemplo).

Em comparação, as mesclas mais expressivas, no sentido de repetibilidade, observadas nos textos produzidos a partir das propostas “Carta argumentativa” e “Uma grande conquista”, tomados, aqui, como textos da TD complexa argumentativa, foram com as TDs expositiva, listagem, avaliação pessoal, explicativa e narrativa. A TD expositiva, nos textos produzidos a partir da proposta “Carta argumentativa”, expõe os presentes que os escreventes desejam ganhar de Natal, no jogo de convencimento que caracteriza a sua argumentação, e, na proposta “Uma grande conquista”, expõe os sonhos que os sujeitos buscam alcançar, numa estreita relação de convencimento do outro/leitor, associada à legitimação desse sonho, como condição para que possa se tornar realidade. A TD listagem, nos textos produzidos a partir das duas propostas da TD argumentativa, apresenta-se na recursividade que atinge os usos causais, na relação causa-efeito, e na progressão textual, de forma que viabiliza a argumentação a partir do acréscimo de argumentos e contra-argumentos. As TDs explicativa e avaliação pessoal foram tomadas como forma de convencer e persuadir o outro. Por fim, a TD narrativa apareceu somente na proposta “Uma grande conquista”, em intrínseca composição com a argumentação, de acordo com um projeto de dizer/escrever que se estabelece à luz do que é proposto.

Esse resultado fortalece as considerações de Longhin e Soncin (2014, p. 536), em que a narração refere-se a uma propriedade da linguagem que vai além dos diferentes gêneros e das diferentes TDs e corrobora também trabalhos de Alvares (2020) e Bavaresco (2019), voltados à TD argumentativa, que apontam para o fato de que a narração é impositiva, na relação entre sujeito e linguagem, ou seja, o narrar assume papel estruturante, constitutivo da composicionalidade de outras TD, podendo, portanto, ser considerado de forma intimamente associada à TD argumentativa, no caso dos dados analisados neste trabalho. Da mesma forma, esse resultado também fortalece considerações de Chacon (1993), no tocante ao papel das tradições narrativas em atividades pedagógicas, no universo escolar.

De modo geral, na TD narrativa, as mesclas se constituem de acordo com o que é tradicionalmente esperado na narração, e, na TD argumentativa, recuperam as condições de produção dos textos, principalmente, aquelas associadas às propostas de produção textual e à própria aquisição dessa TD.

Os resultados deste trabalho ilustram, pois, a simultaneidade dos eixos da gênese da escrita, do código escrito institucionalizado e o da dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido, conforme a proposta de Corrêa (1997), tomados em articulação teórico-metodológica com o conceito de TD (cf. KABATEK, 2008, 2006), à luz da observação dos MJs, num enfoque linguístico-discursivo naquilo que há de novidade/atualização e experiência/tradição, na materialização textual.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, M. L. **Heterogeneidade da escrita e letramento**: o desenvolvimento da tradição discursiva argumentativa via mecanismos de junção. 2020. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAVARESCO, S. R. C. **Tradição discursiva, junção e ensino**: uma proposta de análise à luz da heterogeneidade da escrita. 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BOTARO, T. C. **Uma abordagem do funcionamento discursivo das construções adversativas sob a ótica da gramaticalização**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2010.
- BRITO, A. R. M. T. **Junção e tradições discursivas**: uma abordagem no domínio da aquisição de escrita. 2014. 159 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2014.
- BYBEE, J. Mechanisms of Change Grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (Ed.). **The Handbook of historical linguistics**. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2003. p. 602-623.
- CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 667-694, set./dez. 2013.
- CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de educação FaE/PPGE/UFPel**, Pelotas, n. 35, p. 171-193, 2010.
- CAPRISTANO, C. C.; OLIVEIRA, E. C. Escrita infantil: a circulação da criança por representações sobre gêneros discursivos. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 58, p. 347-370, 2014.
- CARVALHO, C. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. **Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p.9-27, jan./dez. 2004.
- CHACON, L. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-17, 2021.
- CHACON, L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Linguísticos**, n. XXXIV, p. 77-86, 2005.

CHACON, L. Tradição narrativa e ação cotidiana na explicitação de atos em narrativas de escolares. **Alfa**, São Paulo, v. 37, p. 43-57, 1993.

CHIARELLI, G. A. A relevância do contexto na mudança por gramaticalização tempo>conclusão do juntor *então*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 39, n. 1, p.132-141, 2010.

CORRÊA, M. L. G. Epistemologias na introdução e no desenvolvimento de práticas escritas: identidades em jogo. **D.E.L.T.A.**, 31-especial, p. 127-167, 2015.

CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 13, n. 3, p. 481-513, 2013.

CORRÊA, M. L. G. Arranjos referenciais de tempo em textos de pré-universitários: letramento e oralidade. **Gragoatá**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 75-93, jul./dez, 2008.

CORRÊA, M. L. G. Pressupostos teóricos para o ensino da escrita: entre a adequação e o acontecimento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 9, p. 201-211, 2007.

CORRÊA, M. L. G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n.45 (2), p. 205-224, 2006.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da linguagem, Campinas, 1997.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CUNHA, M. A.; TAVRES, M. A. Linguística funcional e ensino de gramática. In: **Funcionalismo e ensino de gramática**. Orgs. Maria Angélica Furtado da Cunha e Maria Alice Tavares. 1. ed., Natal, RN: EDUFRRN, 2016.

DUQUE, P. H. Teoria dos Protótipos: categoria e sentido lexical. Revista **Philologus**, Ano 7, Nº 21. Rio de Janeiro : CiFEFiL, set./dez. 2001.

FERRARI, L.; LOPES-DAMASIO, L. R. Aquisição da escrita argumentativa: a ressignificação do discurso do outro pela ilusão da argumentação. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 2021.

FERES, B.; COELHO, F. A. Ingedore e Marcuschi na “virada textual” das aulas de Língua Portuguesa. **SEDA - Revista de Letras da Rural-RJ**, v. 5, n. 12, p. 12-26, 14 jan. 2021.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Edward Arnold, 1985.

KABATEK, J. **Tradição discursiva e gramática**. Palestra proferida no YouTube pela ABRALIN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=26b14iQ81WY>. Acesso em: 15 de jun de 2020.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. **In:** LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, p. 579-588, 2012.

KABATEK, J. Introduccion. Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid: **Iberoamericana**; 2008.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. *In:* LOBO, T. et al. (org.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2006. Tomo II.

KABATEK, J. Sobre a historicidade dos textos. Tradução de José da Silva Simões. **Linha d'água**. 17. São Paulo: USP/APLL, 2005.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas jurídicas y elaboración lingüística en la España medieval. *In:* **Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales**. N°27, p. 249-261, 2004.

KOCH, I. V. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 30, p. 31-38, 1997.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. *In:* FRANK, B., HAYE, T., TOPHINKE, D. (Hrsg.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p. 43-79. Tradições discursivas: de seu status linguístico teórico e de sua dinâmica. Tradução: Alessandra Castilho da Costa. **Pandaemonium Germanicum**, v. 24, p. 360-401, 2021.

KORTMANN, B. **Adverbial Subordination**: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages. Berlin-New York, Mouton de Gruyter; 1997.

LEMOES, C. T. G. de. Sobre a aquisição da escrita. Algumas questões. *In:* ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Junção e(m) aquisição: aspectos morfossintáticos e cognitivos. **Gragoatá**, Niterói, n. 30, p. 221-238, 2011a.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. **Alfa**, São Paulo, 55 (1), p. 225-248, 2011b.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Uma proposta semântica para a combinação de orações: resgatando os critérios de Bally. **ANPOLL**, São Paulo, v. 16, p. 321-348, 2004.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. A perífrase conjuncional só que: invariância e variantes. **ALFA**: Revista de Linguística, v. 47, n. 2, 2003.

LONGHIN, S. R.; LOPES-DAMASIO, L. R. Construções relativas com traços circunstanciais: causa, condição e contraste. **Veredas** (UFJF. Online), v. 18, p. 136-155, 2014.

LONGHIN, S. R.; SONCIN, G. A causalidade de porque em textos escolares: domínios de atuação, gêneros de produção. **Revista Linguagem & Ensino** (Online), v. 17, p. 525-549, 2014.

LOPES, C. R. S. Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, M. A; TAVARES, M. A. (Org.). **História do Português brasileiro no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2012. p. 17-54.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Ed. da UFF, 2008. v.2. p.55-71.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para argumentar, basta começar: mecanismos de junção e tradição discursiva em aquisição. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 64, n. 00, 2022.

LOPES-DAMASIO, L. R. Junção e tradição discursiva na escrita infantil. **(Con)textos linguísticos**, v. 14, p. 136-156, 2020.

LOPES-DAMASIO, L. R. A justaposição oracional em dados de aquisição da escrita. **Revista todas as letras**. (MACKENZIE, online), v. 21, p. 88-104, 2019a.

LOPES-DAMASIO, L. R. O movimento linguístico-discursivo na aquisição da escrita: uma abordagem dos mecanismos de junção aditivos na construção de sentidos no texto. **Filologia e Linguística Portuguesa**. (USP), v. 21, n.2, p. 147-170, 2019b.

LOPES-DAMASIO, L. R. Uma abordagem da circulação do sujeito pelo universo da escrita via mecanismos de junção. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 46 (3), p. 1041-1057, 2017.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para uma abordagem linguístico-discursiva da justaposição oracional: oral e escrito em praticas de letramento. **Alfa**, São Paulo, 60 (2), p. 287-317, 2016.

LOPES-DAMASIO, L. R. Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.43, n.3, p.1371-1386, 2014.

LOPES-DAMASIO, L. R. Um enfoque no domínio da junção: a gramaticalização de mesmo assim. **Estudos Linguísticos**. São Paulo. 2013, 42(1), 385–400.

LOPES-DAMASIO, L. R. **Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim**: um novo enfoque da gramaticalização. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SILVA, P. C. S. A produção textual escrita: junção e(m) aquisição. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.60 n.3 p. 723-742 - set./dez. 2018.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SILVA, P. C. S. Causa em aquisição da escrita: processos juntivos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 27, n. 55, p. 109-133, 2017.

MARCUSCHI, L. **Da fala para a escrita**: Atividades de textualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MARCUSCHI, L. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia, 9, p. 119-145, jan-dez 1997.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. **As construções condicionais**. In: Maria Helena de Moura Neves. (Org.). Gramática do Português Falado. 1ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, v. VII, p. 497-544.

RAIBLE, W. Linking clauses. In: Haspelmath M. et al. (Ed). **Language typology and language universals**: an international handbook. Berlin: Walter de Gruyter; 2001. p. 590-617.

RODRIGUES, A. M. **Tradição discursiva argumentativa**: uma abordagem dos mecanismos juntivos via heterogeneidade da escrita. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org.) **Gramática do Português Falado**. Vol VII: Novos Estudos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1999, pp. 259-296.

SANTOS, Z. B. dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: Algumas considerações: **SOLETRAS**, v. 1, p. 164, 2014.

SARTRE, J. P. **Huis clos, suivi de Les Mouches**. Paris, ed. Gallimard, 1947, p. 90.

SAUSSURE, F, **Curso de linguística geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (org). Trad. Antônio ehelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SILVA, J. Q. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2002.

SILVA, P. C. S. **Processos juntivos de causa em aquisição da escrita**: uma abordagem de tradições discursivas. 2016. 206 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2016.

SILVA, S. S. **O percurso socio-histórico de uma tradição discursiva**: da carta ao editorial. 2011. 220 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2011.

SPERANÇA, A. C. Os valores dos conectivos QUANDO e ENQUANTO na gramática tradicional e no uso efetivo da língua. *In*: XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL), 2008, Uberlândia/MG. **Múltiplas Perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. v. 1. p. 186-193.

TAURA, L. G. **Tradição discursiva, variedade linguística e ensino**: uma abordagem da heterogeneidade da escrita. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista Linguística**, 2010, 6(1), 103-119.

TFOUNI, L. V. Perspectivas históricas e a-histórica do letramento. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, (26): 49-62, Jan./Jun, 1994.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. (s/d [1926]). **Discurso na vida e Discurso na arte (Sobre poética sociológica)**. Tradução para o português feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, feita a partir da tradução inglesa de I. R. Titunik (Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics), publicada em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.

ZAVAM, A. S. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva**: um estudo com editoriais de jornal. 2009. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.